



MATTIAS  
EDVARDSSON

Autor do  
**BESTSELLER**  
Uma Família  
Quase Normal

# BONS VIZINHOS

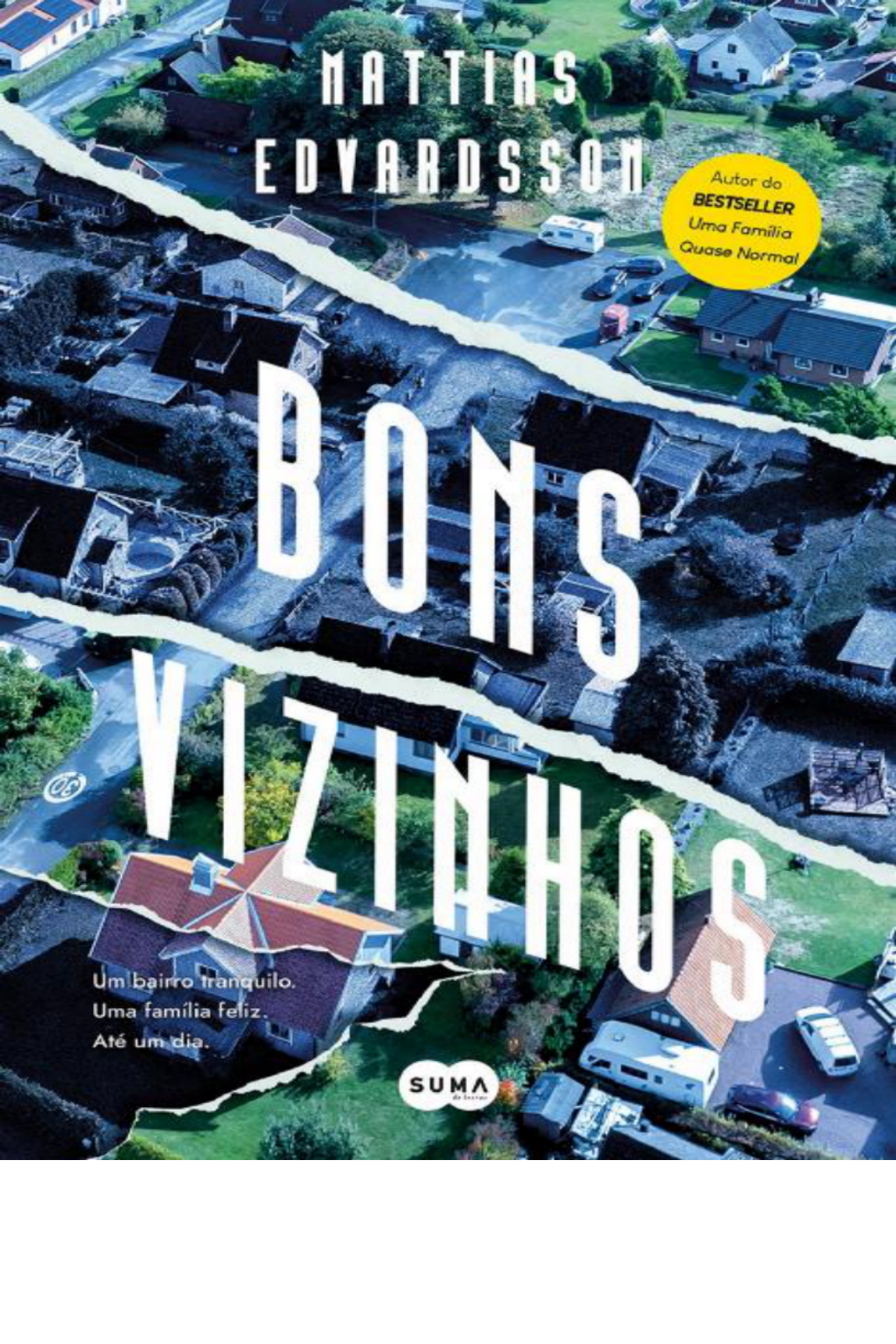
Um bairro tranquilo.  
Uma família feliz.  
Até um dia.

SUMA  
de letras

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM





MATTIAS  
EDVARDSSON

Autor do  
**BESTSELLER**  
*Uma Família  
Quase Normal*

# BONS VIZINHOS

Um bairro tranquilo.  
Uma família feliz.  
Até um dia.

SUMA  
de livros

Mattias Edvardsson

# BONS VIZINHOS

Tradução de  
INÊS GUERREIRO



# Índice

Bons Vizinhos

Créditos

Nota e Epígrafe

Bons Vizinhos

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre Mattias Edvardsson



Edição em formato digital: maio de 2024

BONS VIZINHOS

Título original: *Goda Grannar*

© 2020, Mattias Edvardsson

Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2024, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Este livro é publicado por acordo com Ahlander Agency

Suma de Letras é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

[correio@penguinrandomhouse.com](mailto:correio@penguinrandomhouse.com)

Penguin Random House Grupo Editorial apoia a proteção do *copyright*.

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Tradução do original para italiano (ed. Rizzoli): Samanta K. Milton Knowles

Tradução do italiano: Inês Guerreiro

Revisão: Manuela Duarte

Capa: Duarte Lázaro

ISBN: 978-989-583-075-6

Composição digital: [Simon and Sons ITES Services Private Limited](#)

Site: [penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)

Twitter: [@PenguinLivrosPT](#)  
Facebook: [topseller.editora](#)  
Instagram: [topseller.suma](#)

Este livro é um romance. Qualquer semelhança com vizinhos ou bairros reais é mera coincidência.

*Boas vedações fazem bons vizinhos.*

ROBERT FROST



## MIKAEL

## DEPOIS DO ACIDENTE

*Sexta-feira, 13 de outubro de 2017*

Mal abro a porta, ouço as sirenes. Um pequeno grupo de alunos que se encontrava no recreio da escola olha para mim e acena.

— Bom fim de semana.

Coloco o saco de ginástica no porta-bagagens da bicicleta e a mala do portátil no cesto do guiador. Quando viro para entrar na passagem subterrânea por baixo da rua principal, tiro os pés dos pedais e aproveito o vento na cara. Sentadas no passeio, estão duas meninas que reconheço do jardim de infância da Bella. Põem as mãos em concha à volta da boca e imitam o som de uma coruja. O som ecoa pelo túnel e as meninas riem-se.

Na subida, sinto os músculos das coxas encherem-se de ácido láctico, mas não paro de pedalar, apesar de estar encharcado de suor. No relvado do jardim público encontra-se uma bola de couro meio podre, abandonada, e no parque infantil os baloiços balançam para trás e para a frente, empurrados pelo vento. Cumprimento uma mulher cujo caniche acaba de alçar a pata contra um poste de iluminação.

O som das sirenes aproxima-se cada vez mais. Olho por cima do ombro, mas não vejo as luzes azuis a piscar. Aqui não há ruas abertas ao trânsito, o espaço verde está rodeado de caminhos pedonais e ciclovias. Uma das razões pelas quais nos mudámos para Köpinge. Aqui, os nossos filhos podem ir de bicicleta para a escola e para casa dos amigos sem terem de pedalar no meio dos carros.

Abro bem a boca e inalo o ar fresco do outono. Que sensação de liberdade: espera-nos um fim de semana inteiro sem obrigações. Estava ansioso por poder largar tudo e simplesmente existir. Estar com a minha família. Talvez consiga arranjar algumas horas para aparar a sebe, como prometi, mas também posso esperar pela primavera para o fazer.

Quando apanho a ciclovia que leva ao pequeno aglomerado de casas com pátio onde vivemos, avisto os nossos vizinhos Åke e Gun-Britt a caminhar na minha direção. Em passo rápido, de braço dado.

Já se passaram alguns dias desde a última vez que os vi. É assim que as coisas são por cá. Desde o início do outono até ao fim da primavera toda a gente se fecha em casa e desaparece. Só no final de abril acontece alguma coisa. Quando o gelo derrete e o ar se enche de pólen, os pátios são invadidos por crianças a andar de trotineta ou a jogar à bola, cheias de protetor solar e munidas de bonés com pala. O primeiro cortador de relva motorizado começa a tossir, alguém puxa de um escadote para limpar os algerozes, e então tudo começa. Nos jardins, uma após outra, aparecem mães com óculos de sol da moda absortas nos telemóveis e pais de barriga flácida vestindo calções demasiado pequenos. Durante três meses, o espaço transforma-se num parque de diversões de verão, com trampolins e piscinas insufláveis. O volume de som aumenta, e os dias tornam-se mais longos. Até ao final de agosto, quando as aulas recomeçam. Vento e folhas de outono. Escuridão, chuva e silêncio. Esquece-se tudo o que floresceu e viveu, e é difícil acreditar que a luz voltará, mais cedo ou mais tarde.

Até os vizinhos já reformados fecham as portas à medida que a escuridão se vai instalando. O Åke faz as limpezas de outono do jardim, lava os azulejos com um jato de água, tira todas as teias de aranha dos cantos e cobre os móveis com película de plástico, com um cuidado que faria inveja a um restaurador. E, pouco depois, a Gun-Britt é apenas um rosto curioso à janela da cozinha. A guardiã do pátio. Nada lhe escapa, nem um saco de plástico levado pelo vento.

— Ah, olá — diz a Gun-Britt quando já estou perto deles.

Hesito um pouco, indeciso entre parar para trocar algumas palavras e continuar a pedalar. Acima de tudo, quero ir para casa ter com a minha família. Contudo, quando estou prestes a passar por eles, o Åke entra na ciclovía, obrigando-me a travar.

— Ouviste o estrondo? — pergunta ele.

— Achamos que foi um acidente — diz a Gun-Britt.

Ponho os pés no chão.

— Um acidente? — inquirio.

— Não estás a ouvir as sirenes? — pergunta o Åke.

A Gun-Britt aponta para o ar com o dedo, como se o som estivesse a rodopiar por cima das nossas cabeças.

— Foi aqui perto? — pergunto.

— É difícil de dizer.

O Åke acena com a cabeça na direção da nossa casa.

— Vinha dali.

— Provavelmente da rua principal — acrescenta a Gun-Britt.

É esse o nome que todos dão à estrada municipal com limite de velocidade de 60 que circunda Köpinge como um anel, passando pelo supermercado Ica e pela loja de bebidas Systembolaget e continuando em direção à E6, onde a vastidão da Escânia se abre com o Turning

Torso a oeste e os campanários da Catedral de Lund a leste.

— Estão a aproximar-se — diz o Åke.

Pomo-nos os três à escuta. Ele tem razão, as sirenes ouvem-se cada vez melhor.

— Não é surpresa nenhuma. As pessoas conduzem como loucos — diz a Gun-Britt. — Mas tem calma. A Bianca e os miúdos voltaram há meia hora.

A Bianca. Os miúdos.

Sinto o coração a bater com mais força.

— Está bem — digo, ansioso por voltar a subir para o selim.

— Bom fim de semana — diz a Gun-Britt.

Recomeço a pedalar.

Ao longo da última subida, os meus pensamentos ensandecem. Depois de ir buscar os miúdos, a Bianca tinha de ir às compras para o fim de semana, mas já estão em casa. Em casa, em segurança. O William deve estar no sofá com o *iPad*, a Bella na cozinha, a ajudar a Bianca.

Entre as casas, ouvem-se as sirenes cada vez mais alto.

Tenho as coxas pesadas e as pernas com câibras. Faltam vinte metros até ao nosso pátio. Um cão ladra atrás de uma vedação e, no mesmo instante, apercebo-me de que as sirenes foram desligadas.

Dobro a esquina para entrar no acesso a casa e sou atingido por luzes azuis. O asfalto, as sebes e as pequenas vedações, tudo está banhado por um azul intermitente.

Não respiro. Pedalo. Ponho-me de pé na bicicleta e olho diretamente para as luzes azuis ofuscantes.

No chão encontra-se uma bicicleta vermelha. Destruída, as rodas deformadas, o guiador a apontar para cima. Ao lado dela está a nossa vizinha do número 15, a Jacqueline Selander. Está pálida. Um grito ficou-lhe congelado nos lábios.

A ambulância parou em frente à nossa sebe de tuia, onde vejo dois profissionais de saúde vestidos de verde, de joelhos. Deitada à frente deles, no alcatrão, está a Bianca. A minha querida mulher.

## MIKAEL

## ANTES DO ACIDENTE

*Verão de 2015*

Quando conheci o Fabian e a Jacqueline Selander, tínhamos acabado de nos mudar para cá. A Bella fizera três anos nesse fim de semana, e eu estava a equipar o carro com uma nova cadeira de criança que encontrara em saldos na blocket.se. O sol queimava-me a nuca, e eu parecia um *croissant* com queijo transpirado, enfiado dentro do carro, a puxar o cinto de segurança, que era vários centímetros mais largo do que a mísera abertura por onde deveria passar, de acordo com o manual de instruções. Sibilava imprecações pelo nariz e pelos cantos da boca. Não tinha reparado que alguém se aproximara sorrateiramente por trás de mim.

— É o novo *R-design*, não é?

O cinto escorregou-me dos dedos, e o raio da cadeira tombou para o lado. Depois de sair do banco de trás e de limpar a maior parte do suor da testa, vi um rapaz de jardineiras-calção e um boné com o logótipo da *BMW*. Estava parado no acesso à nossa garagem, a estudar o carro.

— É o modelo desportivo — respondi.

— Eu sabia — disse o rapaz. — *R-design*.

Que idade poderia ele ter? Doze, treze?

— Motor a gasóleo — disse ele. — Híbrido *plug-in*, certo?

— Acho que tens razão.

O rapaz sorriu.

— Tenho razão, sim.

Na verdade, eu não tinha tempo para aquilo, mas não queria parecer mal-educado.

— Chamo-me Fabian — anunciou o rapaz. — Também moro neste pátio.

A área residencial nos arredores de Köpinge estava dividida em pequenos grupos de quatro casas com pátio da primeira metade dos anos 1970, mais ou menos iguais umas às outras, cada uma delas com o seu próprio jardim, posicionadas à volta de um quadrado de asfalto. Cada pátio tinha um nome engraçado retirado dos livros de Astrid

Lindgren: Bullerby, Lönneberga, Ilha das Gaivotas e Vale das Cerejeiras. Vivíamos na rua Combinaguai. Como *Lotta Combinaguai*, dissera eu aos nossos filhos, que olharam para mim sem perceber.

— Então vamos ser vizinhos — disse eu ao rapaz chamado Fabian.

— Está bem — respondeu ele, acariciando o para-choques do *Volvo*, como se o carro fosse um animal. — Devias ter comprado um *BMW* em vez deste. Tem uma melhor relação qualidade/preço.

Desatei a rir, mas ele parecia muito sério.

— *BMW 530 Touring* — disse ele. — Tem 272 cavalos de potência. Quantos tem este?

— Não sei.

Para mim, um carro é um meio de transporte. Para além de uma carroçaria numa cor bastante neutra e de uma bagageira suficientemente espaçosa, não exijo mais nada.

— Duzentos e quinze — disse o rapaz.

Parecia saber do que falava.

Estava prestes a enfiar-me de novo no carro com a cadeirinha quando uma mulher atravessou a pequena praça central.

— Ah, estás aí, Fabian!

Exalava uma aura peculiar. Pernas compridas, calções muito curtos, tão bronzeada que o branco publicitário dos seus dentes resplandecia, e com uns olhos da cor do céu.

— Ele gosta de carros — disse ela.

— Já tinha percebido.

— Gosto de *BMW* — corrigiu-a o Fabian.

A mulher, aparentemente mãe do rapaz, riu-se e estendeu a mão com unhas compridas pintadas de cor-de-rosa.

— Então vocês são os recém-chegados? Os «zero-oitinos», não é?

*Zero-oitinos?* Será que as pessoas ainda continuavam a dar esse nome aos habitantes de Estocolmo? Eu não conhecia ninguém que ainda tivesse telefone fixo, e os prefixos telefónicos estavam prestes a tornar-se tão obsoletos como os discos rotativos de marcação e os aparelhos de baquelite.

— Hum... bem... sim — disse eu, esfregando a palma da mão nos calções antes de me apresentar. — Micke.

— Sou a Jacqueline. Eu e o Fabian vivemos ali, no número 15.

Apontou para uma casa. A relva brotava entre os ladrilhos do caminho de acesso à casa, e a vedação, com cerca de um metro de altura, parecia precisar de uma boa pintura. Na parede ao lado da porta da frente havia uma ferradura, um espanta-espíritos de madeira, um 1 prateado e um 5 meio torto.

Os números de metal da nossa casa já tinham sido retirados da fachada. A pedido da Bianca. Concordara em mudar-se para o 13 apenas com a condição de eliminarmos imediatamente aquele



lembrete de má sorte da parede.

— Espero que se sintam bem aqui — disse a nossa nova vizinha, a Jacqueline. — Também têm filhos, não é?

Acenei com a cabeça. O suor escorria-me da testa, e a *t-shirt* agarrava-se-me às axilas.

— A Bella acabou de fazer três anos, e o William tem seis.

O Fabian e a mãe trocaram um olhar.

— Temos de ir — disse a Jacqueline, acenando rapidamente. — Até logo!

Atravessou a estrada de asfalto estugando o passo, e, na pressa de a seguir, o Fabian tropeçou. No caminho de acesso ao número 15, virou-se para me lançar uma olhadela. Respondi-lhe com um sorriso.

Assim que consegui instalar a cadeirinha no carro, voltei a entrar em casa e falei à Bianca dos vizinhos.

— Jacqueline Selander? É uma ex-modelo. Viveu nos Estados Unidos.

— Como é que sabes? — perguntei.

A Bianca inclinou a cabeça para o lado. A sua expressão levou-me de volta a uma daquelas noites de verão, oito anos antes, em que me apaixonara perdidamente pelas suas sardas e covinhas.

— Chama-se Internet, amor.

— Já andaste a investigar os vizinhos?

A Bianca desatou a rir.

— Claro, o que é que achavas? Não te mudas para um sítio a 600 quilómetros de distância sem te informares acerca dos teus futuros vizinhos.

Não dava tréguas. Beijei-lhe a nuca.

— Então, Lisbeth Selander, e que mais sabes?

— Não muito. No 12, vive um casal: o Åke e a Gun-Britt. Têm um aspeto bastante normal, diria que são os típicos septuagenários. A Gun-Britt tem uma flor como fotografia de perfil no Facebook e gosta de danças de salão. O Åke, aparentemente, não tem perfis nas redes sociais.

— OK.

Eu, que sempre vivera em apartamentos, tinha dificuldade em compreender esta necessidade de saber tudo acerca dos vizinhos, mas, segundo a Bianca, nos subúrbios a história era diferente. Ali não podíamos evitar os vizinhos, como fazíamos na cidade.

— Encontrei algumas fotografias da Jacqueline Selander, mas ela era mais famosa no estrangeiro do que na Suécia. Em todo o caso, acho que vive sozinha com o filho no 15.

— E no 14? Quem vive?

— Vive lá o Ola Nilsson, da minha idade. Parece que é bastante reservado. No entanto... — Fez uma breve pausa, antes de pestanejar

como se quisesse dizer que tinha descoberto algo sensacional. — Está na Lexbase!

— Hem? Na base de dados de criminosos? É um delinquente?

Porque só se ia parar à Lexbase se se fosse um criminoso, certo?

— Esperemos que não — disse a Bianca. — Mas tem uma condenação por agressão.

— Leste a sentença?

— Claro. Temos de viver muito perto desta gente. Tu és filho do betão, amor, não compreendes como as coisas funcionam em sítios como este.

— Talvez fosse melhor ter escolhido uma casinha na Lapónia — comentei.

— Bem gostava. Se não fizesse tanto frio.

Suspirei. Era mesmo típico da Bianca ter paranoias desnecessárias, obcecada como era com a segurança. E não era de admirar que se preocupasse ainda mais agora, uma vez que estávamos prestes a ser catapultados para um contexto totalmente novo onde não conhecíamos vivalma.

Em muitos aspetos, tínhamos sido obrigados a mudar-nos, e era meu dever manter o moral elevado. Devia-o à Bianca. E às crianças.

A Escânia seria um recomeço, e nada o poderia estragar, muito menos os vizinhos.

— Vai correr tudo bem — disse a Bianca, pousando a mão na minha. — Não quero assustar-te, mas rua Combinaguai, número 13... O que poderia correr mal?

## MIKAEL

## DEPOIS DO ACIDENTE

*Sexta-feira, 13 de outubro de 2017*

A ambulância faz inversão de marcha na praceta e, mal entra na rua principal, volta a ligar as sirenes a todo o gás.

Fico ali, no silêncio imenso, no meio de um buraco gigantesco onde o espaço e o tempo desaparecem. O som estridente das sirenes rouba toda a luz, e o céu torna-se inexplicavelmente escuro. Tudo pára. A única coisa que vejo são os olhares dos vizinhos, esculpidos pelo horror. Depois, o pânico instala-se.

— Mãe! Mãe!

A Bella e o William chegam ao portão a correr, descalços. Baixo-me e pego neles ao colo.

— O que é que aconteceu? — pergunta o William. — Onde está a mamã?

Está tudo virado do avesso. Não sei a que me agarrar.

— A mamã foi atropelada — digo.

— O quê?

A Bella chora, desesperada.

— Estão a levá-la para o hospital — digo, abraçando os meus filhos com força.

Sinto o peito a explodir e tento recuperar o fôlego.

À nossa frente, na rua, encontram-se a Jacqueline e o Fabian, petrificados e em absoluto choque. Atrás deles, o Ola também vem a correr.

— Mãe... — soluça a Bella. — Ela não pode morrer.

— Ela não vai morrer, pois não, pai? — pergunta o William.

A consternação deles é como uma punhalada. Nada disto pode ser verdade.

— Porque é que ela foi de bicicleta?

— Tinha de ir ao supermercado — diz o William. — Disse que estaria de volta em dez minutos, no máximo. Eu prometi tomar conta da Bella.

— Pensei que já tivessem ido às compras.

— Sim, mas a mãe esqueceu-se do feta.

Quando me levanto, o mundo balança. Seguro as crianças pela mão e cambaleio, às cegas.

— Vamos seguir a ambulância de carro. — No meu bolso está a chave do *Volvo*.

— Não devias levar as crianças — diz a Jacqueline.

O que ela devia era calar a boca. Acabou de atropelar a Bianca. Nem consigo olhar para ela.

— Deixa-as aqui — diz o Ola.

Já está a pegar na mão da Bella quando me precipito para a frente e lhe arranco os meus filhos.

— Nem morto.

O rosto da Bella está lavado em lágrimas.

— Nós também queremos ir — diz o William.

Hesito. Já fui às Urgências de Lund. É um sítio onde se deve ir o menos possível, especialmente com crianças.

— Adoro-vos — sussurro contra as suas faces. — Mas acho que é melhor esperarem em casa.

Estou dividido entre o desejo de estar perto deles para os consolar e a consciência de que é melhor para eles não irem.

— Vou telefonar à Gun-Britt — digo. — Ela e o Åke podem ficar convosco enquanto eu estiver fora. Não demoro.

— Está bem — diz o William, pegando na mão da irmã.

— A mamã vai voltar mais tarde? — pergunta a Bella, num tom preocupado.

Abraço-os e tento acalmá-los.

Enquanto me sento ao volante, a Jacqueline aproxima-se. Cada movimento demora tempo. Pestaneja, engole em seco, leva a mão à boca.

— Eu... eu... foi tudo tão rápido. Ela apareceu do nada.

Fecho a porta do carro e ligo o motor. Não tenho nada para lhe dizer.

Faço marcha-atrás, obrigando o Ola a desviar-se num salto. Inverto a marcha na praceta central e pelo espelho retrovisor vejo os meus queridos filhos com um ar completamente perdido. Quando o *Volvo* vira para a rua principal, atrás da sebe de tuia, estão a acenar-me.

Carrego no acelerador.

Os meus braços e pernas tremem. O asfalto à frente do carro é a única coisa que vejo, tudo o resto está desfocado e estranho. Mas aquela imagem aterradora não me sai da cabeça. A Bianca de olhos fechados, o tom azulado dos lábios, as feridas, as protuberâncias.

Inclinado sobre o volante, precipito-me com o *Volvo* para a autoestrada. Buzino desesperadamente a um *Fiat* que ocupa a faixa de ultrapassagem avançando a velocidade reduzida e depois passo-o pela direita.

Tiro o telemóvel e ligo à Gun-Britt. Não sei como, mas consigo explicar-lhe o que aconteceu. O silêncio instala-se.

— Estou? Estás aí?

— Espera — diz a Gun-Britt.

Chama o Åke. Deve ter posto a mão sobre o microfone, porque ouço tudo abafado. Diz qualquer coisa como «eu sabia».

Mas que raio é que ela sabia?

— De certeza que a Jacqueline estava bêbeda — diz ela ao meu ouvido.

— Achas?

— Devia ir demasiado depressa.

Todos os residentes do nosso bloco de moradias entram na praceta bem lentamente. Todos exceto a Jacqueline.

— Meu Deus — diz a Gun-Britt. — Bianca!

Peço-lhe que volte depressa para casa para olhar pelos meus filhos e digo-lhe que tem de os manter afastados da Jacqueline e do Ola. Prometo entrar em contacto com ela assim que souber de alguma coisa.

— Vou rezar pela Bianca — diz a Gun-Britt.

Entro em Lund pela rotunda junto ao Centro Comercial Nova e continuo pela circunvalação norte. À minha volta, as pessoas param, perguntando-se o que se estará a passar. Um momento de tensão, um interlúdio dramático na sua rotina diária. Cinco segundos depois, continuam como de costume, enquanto a minha vida foi interrompida.

Como é que a Jacqueline não viu a Bianca? Deveria ser impossível atropelar alguém naquela praceta, mesmo para a Jacqueline.

Um segundo depois, eu próprio vou demasiado depressa, perco o controlo do carro e embato no lancil. O sensor de estacionamento apita, e amaldiçoo-o.

À minha frente, o letreiro das URGÊNCIAS.

Desvio-me no último segundo e entro acidentalmente em contramão. Um tipo com um gorro de lã e patilhas tem de saltar para cima de um separador de faixas para me evitar.

Começa a gesticular, todo agitado, mas eu não tenho tempo para aquilo agora. Estaciono o *Volvo* e tiro o cinto de segurança.

Um acidente.

Deve ter sido um acidente.

## MIKAEL

## ANTES DO ACIDENTE

*Verão de 2015*

Eu e a Bianca partilhávamos o sonho de ter uma casa. Quando a Bella nasceu, o apartamento de Kungsholmen tornou-se rapidamente demasiado pequeno. A cidade perdera o seu encanto. O que antes nos tentava (o burburinho das pessoas, a noite e o ritmo) agora dava-nos cabo do juízo e enervava-nos. A Bianca gostava que os nossos filhos crescessem num bairro residencial tranquilo, com casas de campo, numa pequena cidade fora da capital, como aquela.

Tínhamos ponderado os subúrbios na zona urbana de Estocolmo. Nacka, Bromma, Sundbyberg. Mas em todos os sítios precisávamos de um capital inicial de milhões de coroas e não queríamos investir setenta por cento dos nossos futuros salários em habitação.

Por isso, começámos a falar da Escânia. Nenhum de nós tinha qualquer ligação com a região, mas a vasta paisagem rural inspirou-nos, bem como a proximidade face ao resto do mundo. Eu estava convencido de que no sul da Suécia tudo se passava a um ritmo mais lento. Ali, a realização pessoal e a carreira não eram assim tão importantes, aproveitava-se o tempo para gozar a vida.

— A Escânia? — disse Bianca. — Sempre gostei da Escânia.

O facto de a escolha ter recaído sobre a pequena Köpinge deveu-se a fatores económicos e profissionais. Os preços das casas ainda eram acessíveis, pelo menos nos antigos bairros dos anos 1970, e na altura em que fiquei desempregado surgiu um lugar como professor de Educação Física na Escola Secundária de Köpinge.

Não havia nada que nos prendesse a Estocolmo. Não havia pais ainda vivos, não havia empregos. Os meus amigos mais antigos continuavam a viver em Gotemburgo e a Bianca não tinha qualquer relação com a irmã há muito tempo. Enquanto pais com filhos pequenos, a necessidade de mudança era palpável: estávamos a entrar numa nova fase. Porque não fazê-lo num sítio novo?

Era uma espécie de aventura. Queimar o que é velho, dar lugar a algo novo.

Depois fomos ver uma casa naquele recanto da Escânia, a oeste de

Lund, cuja existência eu ignorara durante quarenta anos. A casa tinha todas as características que procurávamos e muito mais. A Bianca dizia sempre que o importante era a disposição das divisões, não os metros quadrados. Depois de dez anos como agente imobiliária, era óbvio que sabia o que estava a fazer.

— Talvez seja necessário substituir as vigas estragadas — dissera o agente imobiliário que nos estava a vender a casa. — Mas não acham que tem todos os ingredientes para ser a vossa casa de sonho?

A Bianca concordara.

— E os vizinhos? — perguntara.

— Tranquilo — respondera o agente, rindo-se, talvez pensando que ela estava a brincar. — As pessoas de Köpinge são simples e descontraídas.

No carro, a Bianca aflorara a minha coxa.

— Fazemos uma oferta?

Ela adorava aquela casa. Claro, a cozinha tinha de ser mudada, as paredes precisavam de uma pintura e o chão de soalho em espinha tinha de ser lixado. O septuagenário que lá vivera antes tivera um *dachshund* de pelo duro que estragara o chão. Agora, o cão estava enterrado debaixo de uma cruz de madeira pouco visível, no canto afastado do jardim. O dono morrera alguns meses depois do cão, de uma queda de uma escada, mas o agente garantira-nos que não estava sepultado no jardim.

No primeiro fim de semana depois do solstício de verão, as caixas da mudança foram empilhadas ao longo das paredes da sala de estar. As crianças dormiam nos seus novos quartos, em cujas janelas eu prendera lençóis com fita-cola, enquanto aguardávamos pela instalação de *blackouts*.

— Vamos ficar bem aqui — disse a Bianca, abraçando-me no deque de madeira do lado de fora da porta de vidro.

— Que silêncio — comentei eu. — Escuta.

Sem ruído de carros ou de vozes, apenas o restolhar cauteloso do vento entre as folhas.

Quando nos deitámos nessa noite, fizemos amor como não fazíamos há uma eternidade, como antes da chegada das crianças. Uma nova era estava prestes a começar. Nova casa, novo sítio, novos ares.

Quando atingiu o orgasmo, a Bianca gritou a plenos pulmões. Os seus olhos verde-esmeralda desapareceram por trás das pálpebras.

— Ainda acordas os miúdos — sussurrei-lhe ao pescoço, completamente transpirado.

— Não quero saber — disse ela, arquejante.

— E os vizinhos? — perguntei, rindo-me.

No dia seguinte, enquanto brincávamos à apanhada no jardim, a Bella tropeçou e caiu. Soprei-lhe para o joelho e limpei a sujidade verde de relva com o polegar.

— Quero um penso — pediu a Bella, chorando.

Entrei em casa para remexer nas caixas, enquanto a Bianca continuava a brincar no relvado. Depois de ter vasculhado em vão metade dos nossos pertences, regressei ao jardim um pouco enervado.

Do outro lado do portão estavam os nossos novos vizinhos. A Jacqueline e o filho.

— Desculpem o incómodo. Só queríamos dar-vos as boas-vindas.

Nesse preciso momento, a Bella e o William apareceram a correr, com a Bianca a ser perseguida.

— Vais apanhar-me! — gritou a minha mulher. — O William vai apanhar-me!

Só quando pigarreei é que ela reparou nas visitas.

— Oh, meu Deus — disse ela com um sorriso, parando ao meu lado para que o William a pudesse apanhar.

— São a Jacqueline e o Fabian — disse eu. — Moram no número 15.

A Bianca apresentou-se, e a Jacqueline entregou-lhe um saco com bolos de canela.

— Do supermercado. Infelizmente, sou péssima a cozinhar.

— Não devia ter-se incomodado — disse a Bianca.

A Jacqueline sorriu.

— Por que razão é que dizem «apanhar-me»? — perguntou o Fabian.

Trazia os mesmos calções da última vez, a mesma *t-shirt* desbotada e o mesmo boné da *BMW*. O contraste com o pequeno vestido de verão da Jacqueline, de um tecido rosa-velho quase transparente, era forte.

— Porque se diz assim — respondeu o William. — É um jogo chamado «apanhada».

O Fabian olhou para o William como se ele fosse burro.

— Diz-se «pegar», e o jogo chama-se «pega-pega».

— Acho que tem muitos nomes diferentes — explicou a Jacqueline. Confirmei.

— Quando eu era miúdo, costumávamos dizer «pique».

O Fabian dirigiu-me o mesmo olhar que acabara de lançar ao William.

— Não vos queremos incomodar mais — disse a Jacqueline.

Assegurei-lhe que não estavam a incomodar nada.

— Vão fazer remodelações? — perguntou ela, deixando o olhar percorrer o jardim.

— Acho que sim — respondi. — Mas só para o ano.



— Claro. Devem ter muito em que pensar, já que acabaram de chegar.

— É a nossa primeira moradia — explicou a Bianca. — Vivíamos num apartamento, por isso o jardim é uma grande novidade. Mas é óbvio que cada um tem o seu próprio estilo e gosto.

O Fabian apontou, esticando o braço todo.

— Não se pode cortar a macieira — disse.

Eu e a Bianca virámo-nos para a árvore de fruto nodosa no canto que dava para a rua.

— Era a árvore preferida do Bengt — disse o Fabian. — Plantou-a quando construiu a casa, em 1976. Tem a idade da minha mãe.

As faces da Jacqueline enrubesceram. Eu desviei o olhar. Ela era tão bonita que só olhar para ela na presença da Bianca me fazia sentir desconfortável. Era como se o seu corpo não tivesse um ponto neutro onde se pudesse pousar os olhos.

— O Fabian era muito próximo do Bengt, o antigo dono — explicou a Jacqueline. — Era como um avô para ele.

— Estou a ver — disse a Bianca.

O Fabian lançou-nos um olhar desconfiado.

— Porque é que se mudaram para aqui? — perguntou.

— Fabian! — exclamou a mãe, e depois pediu desculpa. — Às vezes ele é demasiado curioso.

— Não faz mal ser curioso — disse eu. — É assim que se aprendem coisas novas.

— Exatamente — corroborou a Bianca, dando-me uma cotovelada ligeira.

Eu gozava frequentemente com ela por causa das suas bisbilhotices indiscretas.

— Então, porque se mudaram para cá? — repetiu o Fabian com impaciência.

— Vou começar a trabalhar na Secundária de Köpinge.

A Jacqueline animou-se.

— És professor?

— De Educação Física.

— Ah.

A Bella voltou a pedir um penso com grande insistência, e afinal a Bianca sabia exatamente onde eles estavam, no meio do caos das caixas.

— Fazes muito exercício? — perguntou a Jacqueline.

Mirou-me da cabeça aos pés até eu corar, desviando depois o olhar.

— Não tanto quanto gostaria. É difícil arranjar tempo.

— A sério? — perguntou a Jacqueline.

— Então, talvez venhas a ser meu professor — disse o Fabian. —

Espero que sim.

— Quem sabe?

— O Fabian vai começar a frequentar a Escola Secundária de Köpinge no outono. Vai para o 7.º ano. Imaginem o meu filho, já no 7.º ano. — Os seus olhos brilharam.

Havia algo na forma como ela e o Fabian se olhavam, algo que eu não conseguia descodificar.

— Agora temos mesmo de ir — disse a Jacqueline, abrindo o portão que dava para a praça comum.

— Tenham um bom dia — desejei-lhes.

— E obrigada pelos bolos — agradeceu a Bianca, que encontrara finalmente a caixa com os pensos do urso Bamse.

— De nada. Até logo!

A Jacqueline acenou do outro lado da vedação.

— Parecem simpáticos — disse a Bianca.

Dei-lhe um beijo na face.

— Claro. Mas espero não ficar com a turma do Fabian. Ser professor de um vizinho não é propriamente um sonho.

A Bianca riu-se.

— Eu avisei-te. É assim que as coisas se passam nestes sítios. Nunca mais serás invisível.

— Não pintes o diabo mais feio do que ele é — respondi.

— Nunca se sabe. Em contrapartida, temos de pintar as paredes. De branco. Três quartos e uma cozinha.

A tinta já estava pronta.

— Podemos continuar a brincar à apanhada? — perguntou o William, vindo a correr das traseiras da casa.

— Eu e o pai agora temos de pintar — disse a Bianca. — Brinquem um bocadinho sozinhos.

Eu estava prestes a pegar nos dois baldes de tinta quando o portão atrás de mim se abriu novamente.

— Olá, olá.

Uma mulher na casa dos setenta anos entrou no jardim e olhou em volta com curiosidade.

— Só queria dar-vos as boas-vindas à rua Combinaguai — disse. — Chamo-me Gun-Britt e vivo na casa em frente. — Apertou a mão da Bianca e baixou o tom de voz. — Achei melhor conhecerem mais alguém daqui. Não somos todos como eles. — Acenou impercetivelmente com a cabeça na direção da casa da Jacqueline e do Fabian. — Mas é uma zona maravilhosa — acrescentou. — Um sentido de comunidade extraordinário. Todos damos uma mãozinha e cuidamos uns dos outros. Tenho a certeza de que irão ficar bem aqui.

Olhei para a Bianca, que estava a fazer um esforço para fazer boa cara. Ela não gostava daquelas coisas. O problema dos vizinhos,

costumava dizer, é que são uma roleta-russa: nunca se sabe o que nos vai calhar. Antes da mudança, tinha-me dito que gostava de não estar à vista de todos, de ficar um pouco isolada. Dois dos maiores trunfos da casa eram a sebe alta de tuia e o portão.

— Ficámos com uma boa impressão — disse eu, sorrindo mais do que devia.

— Bem, agora vou-me embora — retorquiu a Gun-Britt. — Devem ter muito que fazer.

No entanto, não deu qualquer sinal de querer ir-se embora. Até que peguei nos baldes de tinta e lhe virei as costas.

— Muito bem, ficamos então assim — disse ela por fim, afastando-se lentamente. — Por enquanto.

Mal tinha fechado o portão, e a Bianca já lá estava, a verificar o trinco.

— Achas que podemos pôr um cadeado?

## MIKAEL

## DEPOIS DO ACIDENTE

*Sexta-feira, 13 de outubro de 2017*

A sala de espera das Urgências vibra de frustração contida. Olhares de soslaio e um pé a bater no chão, um ataque de tosse que se transforma em soluços dilacerados, um choro silencioso atrás de um guardanapo.

Uma enfermeira vestida de branco abre-me a porta.

— É o marido da Bianca Andersson?

— Sim, onde é que ela está? O que se passa?

— Siga-me — diz a enfermeira, abrindo caminho por um corredor até uma sala apertada com duas cadeiras.

— Quando posso ver a minha mulher?

— Os médicos estão a tratar dela. Virão falar consigo logo que possam.

A incerteza ferve dentro de mim, as minhas pernas formigam. Como estará a Bianca? Não quero ficar de braços cruzados.

— Entretanto, sente-se — diz a enfermeira. — Quer beber alguma coisa?

A sua voz é doce, mas não tem rosto. Não vejo nada além das suas roupas brancas quando ela sai do quarto como um fantasma.

Pouco tempo depois, regressa com um copo de água.

— Beba, por favor.

A minha mão treme tanto que metade da água acaba por se entornar no chão. A boca está anestesiada, não consigo controlar os lábios.

— Ela vai ficar bem, não vai? — pergunto.

Mas não é bem uma pergunta.

A enfermeira recupera o fôlego, e, pela primeira vez, olho-a nos olhos. Brilham de preocupação.

Uma hora antes, a Bianca era tão imortal como todas as outras pessoas à minha volta. A ideia de que poderia deixar de existir era absolutamente remota, quase inexistente. Agora já não é assim: num instante, tudo mudou.

— Por favor, alguém tem de me dizer o que se está a passar! —

Levanto-me e cambaleio pelo quarto.

— Venha — diz a enfermeira. — É melhor sentar-se.

Tenho de me apoiar, porque perco as forças.

— Ela foi de bicicleta comprar feta — digo, quando me volto a sentar.

A enfermeira parece surpreendida.

— Não se põe feta nos *tacos* — exclamo. — Já lhe disse isso não sei quantas vezes.

Sinto-me um pouco idiota.

O que se passou entre nós?

— Para ser sincera, também gosto de feta nos *tacos* — diz a enfermeira com a sua voz doce.

Esfrego as têmporas e tento sorrir.

Costumava adorar cada pequena peculiaridade da Bianca. O feta nos *tacos*, o candeeiro da mesa de cabeceira que tem de estar ligado quando dormimos e desligado quando fazemos amor, o seu medo irracional de pássaros, o facto de meter mantas, lanternas, coletes salva-vidas e uma pá no carro sempre que temos de conduzir durante mais de trinta quilómetros, a forma como fecha os olhos num túnel ou numa ponte alta. Andar sempre com o telemóvel na mão. O seu mau hábito de pesquisar no Google para saber a resposta antes mesmo de ter acabado de formular a pergunta.

Quando é que todas estas características encantadoras me começaram a incomodar?

Nunca nos devíamos ter mudado para Köpinge.

Em retrospectiva, há algumas das neuroses da Bianca que me parecem assustadoramente premonitórias. Ela dizia que os vizinhos deviam ser mantidos à distância, que não se devia confiar neles, que nos devíamos limitar a esvaziar as caixas de correio uns dos outros quando algum estava de férias.

— Quer telefonar a alguém? — pergunta a enfermeira. — Tem o telemóvel consigo?

Tiro-o do bolso.

Para a Sienna, claro, a irmã mais velha da Bianca. Tenho de a informar. Mas como se faz uma chamada destas? Para uma irmã que não vejo há anos. Que deixámos em Estocolmo e com quem já não falamos.

— E se for demasiado tarde? — sussurro.

A enfermeira olha-me com seriedade.

Que injustiça terrível. A Bianca não merece isto. Eu sempre acreditei na justiça. Quem faz o bem recebe o bem.

A minha respiração acelera e levo as mãos ao rosto, envolto em escuridão. Lampejos de luz na minha cabeça. A imagem do rosto da Bianca no asfalto, os olhos fechados e o cabelo como um *bouquet*

dourado contra o negro do pavimento.

Varro a imagem com um pestanejar, tento substituí-la. Os seus lábios em forma de coração e a alegria no seu olhar. As *Vespas* que alugámos para percorrer as praias da Sardenha, todas as noites passadas sob as estrelas. O seu hábito de roubar as minhas camisas e camisolas, e o cheiro que tinham quando as devolia. As alianças que comprámos e as palavras que gravámos nelas: *para sempre*. Quanto tempo dura *para sempre*?

## MIKAEL

## ANTES DO ACIDENTE

*Verão de 2015*

Há semanas que não chovia. Sol quente e temperaturas mediterrânicas. Eu e a Bianca estávamos em cima de dois escadotes articulados a pintar as paredes do quarto enquanto as crianças brincavam no jardim.

— Mãe, pai! Quando é que acabam?

Sugeri que lhes comprássemos uma piscina insuflável.

— Não sei — disse a Bianca. — A maior parte dos afogamentos de crianças acontece em águas pouco profundas.

Não consegui evitar pesquisar no Google, e ela tinha razão, embora na realidade as crianças que se afogam sejam poucas, normalmente trata-se de homens na casa dos setenta anos.

— Têm de beber muita água. O corpo precisa de muito mais líquidos do que se pensa — disse a Bianca, enquanto passava protetor solar nas crianças até elas parecerem duas pequenas gueixas.

— Só mais umas horas e depois vamos à praia.

A Bella e o William rejubilaram, e a Bianca deu-me uma palmada no rabo que me fez balançar na escada.

— Vamos lá, Rembrandt. Acelera, *sprint* final. — Ela estava verdadeiramente irresistível, com as jardineiras sujas de tinta e a camisola de alças demasiado larga. Tive uma sensação palpável de que tudo iria correr bem. Enquanto limpávamos o diluente com a mangueira de jardim, um véu de tristeza caiu sobre os olhos da Bianca. — O meu pai teria adorado isto. Se ao menos nos pudesse ter ajudado.

Perdera o pai havia apenas um ano. Até ao fim, enquanto o cancro lhe destruíra lentamente o corpo, ele trabalhara no jardim da casa de verão, subindo ao telhado, martelando, aparafusando e pintando.

Com ele, toda uma geração partira para o descanso eterno. Tanto os meus pais como os da Bianca tinham morrido, e já não podíamos ignorar o facto de o tempo não ser infinito.

Uma noite, estávamos sentados lá fora a apreciar o pôr do sol,

refrescando-nos com um pouco de espumante depois de termos posto as crianças na cama, quando o portão se abriu e os reformados da casa em frente entraram.

— Olá — disse a Gun-Britt. — Que ambiente tão agradável!

— Bom — disse o Åke —, não me parece lá  *muito* bem.

— O quê?

Ele olhou para mim como se eu estivesse a brincar.

— A relva está morta!

Estendi o olhar sobre o jardim amarelo que mais parecia uma pradaria. Tinha coisas melhores para fazer do que tentar manter a relva verde.

— É proibido regar devido à falta de água — disse eu.

— Sim, sim, têm de mandar fazer um poço — retorquiu o Åke. — Disse ao Bengt não sei quantas vezes, mas era sempre a mesma história. Ele nunca me deu ouvidos.

— Pensaremos nisso mais tarde — disse a Bianca. — Neste verão daremos prioridade à cozinha e aos quartos.

— É compreensível — retorquiu o Åke. — Digamos que vão estar ocupados durante algum tempo. O Bengt era um homem bom em muitos sentidos, mas era muito preguiçoso.

— Eh — disse a mulher. — Não se fala mal dos mortos.

— Ouvi dizer que já conheceram a Jacqueline e o rapaz — prosseguiu o Åke, enquanto caminhava à volta da garagem, batendo nas tábuas de madeira da fachada. — Não quisemos dizer-vos nada sobre eles. É melhor chegarem lá sozinhos.

— É mais do que justo — afirmou a Gun-Britt.

— Mas aquele rapaz — disse o Åke — não tem os parafusos todos no sítio.

A Bianca quase se engasgou. O Åke tinha decididamente uma maneira especial de não dizer nada.

— Já conhecem o Ola? — perguntou a Gun-Britt. — Vive no número 14. É um jovem muito simpático.

O mais provável era ela não ter lido a condenação que constava da Lexbase.

— Mas vão ter de as substituir — disse o Åke com a mão na parede da garagem. — A todas.

Era a mim que se dirigia.

— Tínhamos pensado em dar-lhe uma demão, para já — respondeu a Bianca.

O Åke resmungou.

— É como maquilhar uma porca.

— Mas não foi por isso que viemos — interveio a Gun-Britt. — Queríamos convidar-vos para a festa anual dos vizinhos.

O Åke esqueceu-se imediatamente da garagem. Avançou para o



pátio.

— Deixem-me explicar. Todos os anos, eu e a Gun-Britt organizamos uma pequena festa para todos os habitantes deste bloco de moradias. É sempre um prazer dar as boas-vindas aos novos moradores da rua Combinaguaí. Somos muito próximos, por aqui.

— Obrigada pelo convite — disse a Bianca. — Parece divertido.

— Vai ser de certeza — respondeu o Åke.

Quando saíram pelo portão, eu e a Bianca acenámos-lhes num silêncio absoluto.

— Que bom ter vizinhos — disse a Bianca, voltando a encher os copos.

— Proponho não irmos a essa festa, o que achas?

— Estás doido? Seria um suicídio social. Seríamos obrigados a mudar de casa.

— Mas disseste...

— Não fazes mesmo ideia de como isto funciona, amor — disse a Bianca. — Tens de manter os vizinhos à distância, mas nunca parecer antissocial ou ingrato. Iremos a essa festa de bairro e tentaremos divertir-nos à grande.

Deitei a cabeça no colo dela, rindo-me.

— Sem ti não teria sobrevivido uma semana por aqui.

Ela passou os dedos pelo meu cabelo.

— Sem mim, não terias sobrevivido em lado nenhum, querido.

— Estás arrependida de te teres mudado para cá?

O tom era de brincadeira, mas havia uma seriedade subjacente.

A Bianca esperou um pouco antes de responder. Os seus dedos enredaram-se no meu cabelo.

— Não me arrependo de nada. Acho que ficaremos muito bem aqui.

Soltei um suspiro de alívio, mas ainda sentia o peso nos meus ombros.

Alguns dias mais tarde, nessa semana, estava eu deitado na espreguiçadeira, à sombra, a tentar tirar as manchas de tinta do peito, quando o William e a Bella vieram a correr da praceta asfaltada.

— Papá, papá! Podemos brincar com o Fabian? — Saltavam à minha frente, com os olhos brilhantes.

— Sim, claro.

— Ele tem um trampolim — disse o William.

— Trampolim? — repetiu a Bianca, que tinha acabado de sair para o pátio.

Cerca de seis meses antes, o William quisera ir a um parque de trampolins, mas a Bianca cancelara o programa depois de ter lido acerca do número de fraturas causadas por trampolins todos os anos

na Suécia.

Desta vez, porém, o William não tencionava ceder.

— É um trampolim pequeno — disse ele, implorando.

A Bianca olhou para mim. Ela já sabia o que eu estava a pensar. Este tipo de decisão matava-a, mas sabia que seria obrigada a anuir.

— É melhor ires e ficares de olho neles — disse ela, virando-se para mim.

— Está bem.

O trampolim não me incomodava. Já o Fabian... Era decididamente demasiado crescido para brincar com a Bella e o William.

— Vá lá, pai — disse a Bella. — Despacha-te.

— Estou a ir.

Vesti uma *t-shirt* e acompanhei as crianças até ao jardim da família Selander. O Fabian já estava no trampolim, e a Bella e o William descalçaram as sandálias, prontos para subir. Era realmente um dos trampolins mais pequenos que alguma vez tinha visto. Para poderem saltar, tinham de se revezar.

— Olá!

A Jacqueline saía pela porta envidraçada e quase chocara comigo. Tinha o cabelo comprido preso num carrapito e os olhos escondidos por uns óculos de sol. Nua, à exceção de um biquíni vermelho flamejante.

— Olá — disse eu, com o olhar a vaguear em redor.

Tanta pele, por todo o lado.

— Ainda bem que vieste. Queres tomar uma bebida?

Sem o menor constrangimento, a Jacqueline puxou os óculos para cima da cabeça, expondo mais uma parte do seu corpo bronzeado.

Eu já não sabia para onde olhar.

— Obrigada, mas estou a pintar — respondi, mostrando as manchas de tinta nos braços.

A Jacqueline sorriu e olhou para mim.

— Coitadinhos. Só sabem trabalhar.

— Posso deixar os miúdos aqui?

Ela riu-se e acenou com a cabeça.

— Vai lá pintar. Nós ficamos bem.

Passou por mim, graciosa, tão perto que o cheiro a óleo de coco me fez cócegas nas narinas. Quando chegou ao relvado, tirou os chinelos, sentou-se numa espreguiçadeira e esticou o corpo oleado com os braços atrás da cabeça. Não devia ter olhado, mas não consegui evitar.

— Venho buscar-vos daqui a uma hora — disse aos meus filhos. — Caso contrário, sabem o caminho.

Nem lhes dei tempo para me responderem.

Voltei a atravessar a praceta, com o sol já a incidir nos telhados

das casas, uma bola de fogo gigante a ocupar o céu. Com o suor a escorrer pela testa, via poeira estelar e nuvens vermelhas e amarelas. Cego pela luz, desviei o olhar e pousei-o por acaso no chalé à esquerda. O número 14, onde vivia o Ola Nilsson, o homem condenado por agressão.

Tudo isto não durou mais de dois segundos. Semicerrei os olhos e olhei na direção da cumeeira do telhado. Através da janela do lado mais baixo da casa, ele estava a olhar para mim. Um olhar penetrante e intenso.

Mal se apercebeu de que eu o tinha visto, desapareceu.

JACQUELINE  
DEPOIS DO ACIDENTE

*Sexta-feira, 13 de outubro de 2017*

Quando o Micke vai atrás da ambulância, fico na entrada da garagem. À minha frente, no asfalto, está a bicicleta vermelha da Bianca, com o guidador dobrado e a roda deformada.

— Por favor — digo ao Fabian. — Não consigo olhar para ela.

Ele pega na bicicleta, e o Ola ajuda-o a levá-la para o jardim do número 13.

Lentamente, um silêncio sombrio cai sobre o pátio. O frio é cortante.

— O que fazemos? — pergunta o Fabian.

Só me apetece gritar. Logo agora que tudo se estava a compor. À minha frente está o *BMW* com o para-choques amolgado. Mas porque é que comprei este maldito carro?

O William e a Bella olham para mim. Quero abraçá-los e sussurrar palavras de conforto, mas eles esquivam-se, permanecendo juntos, alerta.

— A mamã vai morrer? — pergunta a Bella.

— Porque é que foste contra ela? — pergunta o William.

Balbucio, mal tendo forças para responder.

— Foi um acidente... batemos... não tive tempo de travar.

O William puxa a irmãzinha pelo braço, e eu apresso-me a segui-los até casa.

— Anda! — grito ao Fabian, que ficou com o Ola no acesso, a olhar para o vazio.

— Quero ir para casa.

A sua voz é fraca, um sussurro.

— Temos só de esperar que a Gun-Britt e o Åke cheguem — digo, virando-me para o ir buscar. — Anda cá, já!

— Se calhar eu também devia ir — diz o Ola.

— Não é preciso.

Não quero voltar a vê-lo. Não quero ter nada que ver com ele.

— Tens a certeza?

Quando dá um passo na minha direção, agarro o Fabian pelo braço

e dirijo-me rapidamente para a casa. O William está na soleira da porta a tentar consolar a irmãzinha desesperada.

O Ola permanece no acesso à garagem, a olhar fixamente.

Cinco minutos depois — os cinco minutos mais longos da minha vida —, a Gun-Britt e o Åke entram de rompante em casa dos Anderssons.

— O que é que aconteceu?

A Gun-Britt embala as crianças nos braços. O William soluça e funga, e o choro da Bella entranha-se-me nos ossos.

— A polícia está aqui — diz o Åke.

Espreito pela janela e vejo dois jovens fardados. Falam um com o outro, apontam para a área pavimentada e alongam o pescoço.

— Já estava à espera de algo assim — diz a Gun-Britt. Acaricia os cabelos das crianças. As mãos são reconfortantes, mas o seu rosto emana reprovação.

— Pára com isso — peço-lhe. — Agora não.

— Tinham mesmo de chegar a este ponto? — pergunta ela.

Mordo a língua para evitar responder. Pelas crianças. Pelo Fabian.

Junto à porta, o Åke faz entrar os polícias, que nos cumprimentam educadamente. Botas pretas e cintos pesados com cassetete e pistola.

A Gun-Britt e o Åke apresentam-se.

— Somos vizinhos. O Micke pediu-nos para tomarmos conta das crianças.

Um dos agentes examina-me.

— E quem é a senhora?

— Também sou vizinha.

O Fabian está sentado numa poltrona da sala de estar, a contorcer as mãos uma na outra, como faz sempre que está nervoso. Freneticamente.

Devagar, agacho-me à frente dele. Com cuidado, não demasiado perto.

— Vai correr tudo bem, querido.

— E se ela não sobreviver? — pergunta ele.

Respiro lentamente.

— Não penses assim.

Da porta chegam as vozes dos agentes. As solas de borracha rangem na soleira da porta.

— Jacqueline? — diz um deles. — Precisamos de falar consigo.

Olham para o Fabian, na poltrona. O outro agente inclina-se.

— Está tudo bem?

O Fabian não responde. As mãos continuam a contorcer-se.

— É o meu filho — explico. — Está em estado de choque. Estava comigo, no carro.

— Precisa de cuidados médicos?

O agente estende a mão para o Fabian.

— Não lhe toque! — digo-lhe. Com a mão suspensa no ar, o polícia olha para mim. — Ele não gosta de contacto físico.

O agente hesita e depois recolhe a mão.

— Compreendo. Demore o tempo que for preciso, falamos daqui a pouco.

Deixam-nos sozinhos na sala de estar, e o Fabian respira com cada vez mais dificuldade. As mãos movem-se sem descanso.

— É a polícia! — sibila.

— Eu sei. Não te preocupes.

Treme de alto a baixo.

— Podes ir parar à cadeia.

Por fim, é obrigado a sentar-se em cima das mãos para as manter quietas.

— Não — afirmo. — Foi um acidente.

O polícia anota os meus dados. Estamos sentados frente a frente na mesa da cozinha dos Anderssons.

— Infelizmente, temos de apreender o carro.

— OK. Porquê? O que precisam de verificar?

— Procedimentos de rotina. A equipa forense precisa de conduzir um inquérito.

Fico a olhar para ele durante muito tempo. Tem uma cara simpática, uns olhos amáveis.

Do outro lado da porta, ouve-se a voz embargada da Bella, as perguntas desesperadas do William e as não respostas da Gun-Britt.

De repente, tudo se abate sobre mim: emoções e pensamentos colidem, explodem, e as lágrimas brotam.

— Sabe como está a Bianca? É grave?

— Infelizmente, não tenho notícias dela — diz o agente.

— Oh, raios. O que fui eu fazer!

Ele dá-me um copo de água e uma mão-cheia de lenços de papel.

— Compreendo que seja difícil, mas tenho de lhe fazer algumas perguntas. O que é que aconteceu? Do que se lembra, Sra. Selander?

Fecho os olhos e cravo o dedo indicador direito na pele fina do centro da palma da mão esquerda.

— Não a vi.

— Ela ia de bicicleta, certo? Estava a sair do acesso à garagem no momento exato em que a senhora estava a entrar na praceta comum?

— Sim.

Deve ter sido assim.

— Mas não a viu?

— Não. — Não é verdade. — Quero dizer, sim, vi-a, vi a bicicleta,

algo vermelho, mas já era demasiado tarde. Quando travei, era demasiado tarde. — O estrondo ecoa na minha cabeça. — Gritei. Lembro-me de ter gritado. E depois travei.

O agente tira notas.

— Estava com pressa?

— Não, de todo.

— A que velocidade ia? É uma curva bastante apertada para entrar na praceta.

— Não olhei para o... o...

— Velocímetro?

— Não, não sei.

O suor frio escorre-me por baixo da blusa. É como se me tivesse desligado do meu corpo e estivesse a flutuar no teto, a olhar para tudo. A pessoa que está ali sentada a responder às perguntas da polícia não sou eu.

— Não percebo. Como é que a atropelou?

O polícia anota outra coisa. Tento controlar a respiração, mas sempre que recupero o fôlego o meu peito começa a arder.

— O seu filho estava consigo no carro. O Fabian, certo?

— Sim.

— Que idade tem ele?

— Quinze.

O agente acena com a cabeça e escreve. Penso no que hei de dizer sobre o Fabian.

— Não tem de falar com ele, pois não? Não sei se ele conseguiria. Está em estado de choque.

— Não é necessário — diz o agente.

Fecho os olhos e vejo a Bianca a andar de bicicleta outra vez, ouço o chiar dos travões e o estrondo.

— E se a Bianca...?

Sou acometida pelo pânico.

— Ouça — diz o agente.

— A culpa foi minha — soluço.

— Às vezes acontecem coisas terríveis sem que ninguém tenha culpa.

Pergunto-me se acreditará naquilo.

— Já podemos ir para casa?

Ele remexe-se na cadeira.

— Só mais umas perguntas. Consegue?

Anuo com a cabeça. Mais vale despachar aquilo.

— Qual é a sua relação com a Bianca Andersson? — pergunta o agente.

— Relação? Somos vizinhas.

— E dão-se, entre vizinhos?

— Bem, um pouco. Em bairros como este, é inevitável.

O agente acena com a cabeça, compreensivo.

— Então, *dá-se* com os Anderssons?

Diz aquilo como se quisesse insinuar outra coisa.

— Às vezes — respondo-lhe com brusquidão.

Qual é o objetivo?

— Como descreveria a vossa relação? — pergunta ele.

— Não sei.

Como se descreve uma relação? Dois anos antes, teria respondido que os Anderssons eram os melhores vizinhos do mundo. Tanto que mudou desde então.

— A senhora e a Bianca eram amigas?

Olho para ele. Pergunto-me que boatos terá ouvido.

— Não diria isso.

— E o marido da Bianca? O Mikael.

Estremeço. Só um bocadinho, quase impercetivelmente. Mas a minha reação não pode ter escapado ao olhar treinado de um agente.

— O que tem o Micke que ver com isto?

De uma forma adequadamente sensual, deixo uma madeixa de cabelo deslizar diante do rosto.

— Que relação tem com ele? Veem-se com frequência?

Hesito antes de responder. Deve ter estado a falar com a Gun-Britt.

— Para ser sincera, não percebo o que é que isto tem que ver com o acidente. Já confessei que fui eu que atropelei a Bianca. Fui descuidada, ia de certeza demasiado depressa.

— Sim, claro, estou só a tentar reconstituir a cena. Para perceber o contexto em que tudo aconteceu.

— Não há contexto nenhum. Foi um acidente.

Um momento de desatenção, uma fração de segundo. É o suficiente para destruir uma vida.

— Compreende que foi um acidente, não compreende? — pergunto.

O agente não responde. Coloca um dispositivo preto em cima da mesa.

— Quero fazer-lhe um teste de alcoolemia.

É um etilómetro.

Volto a tremer e, desta vez, não há dúvida: o agente percebe.



## JACQUELINE

### ANTES DO ACIDENTE

Antes de a família Andersson se mudar para a rua Combinaguai, eu e o Fabian tínhamos visto o agente imobiliário chegar num *Porsche* preto e colocar uma placa laranja a dizer VENDE-SE no canteiro em frente ao número 13. O Fabian ainda estava muito abatido com a morte do Bengt, e aquele letreiro não facilitava nada as coisas. Quem sabe quantas casas à venda escondem de facto uma tragédia. Que deselegante, ir ali de fato e gravata com um *Porsche* para colocar um letreiro laranja no canteiro. Como se se tratasse apenas de telhas e madeira. Como se aquela casa não tivesse sido construída e habitada por pessoas de carne e osso, mais concretamente por um homem que morreu ao cair de uma escada. E ali, abandonado, ficou um rapaz que perdera o seu melhor amigo, que era como um avô para ele.

Quando o Micke e a Bianca foram para ali viver com os filhos, o Fabian começou a mudar rapidamente. O seu apetite e a cor das faces voltaram. Saía cada vez mais do quarto para o calor do verão. Em breve, reacendeu-se em mim a esperança de que as coisas pudessem melhorar.

É fácil desistir de uma vida, muito mais fácil do que se pensa. Largar tudo e recomeçar. Já o fiz muitas vezes. Basta não atender o telefone, recusar convites. O mundo esquece-se muito depressa. Há sempre muitas outras pessoas com que nos ocuparmos.

Quando deixei os Estados Unidos, ao fim de dez anos, no início fui viver com a minha família em Tidaholm. Foi um pesadelo. No resto do mundo tinha-se passado uma década, mas em Tidaholm o tempo parara. O grupo de raparigas ainda se encontrava em Frasses, com um pouco mais de gordura e rugas, rodeadas de carrinhos de bebé em vez de rapazes, com a mesma atitude que tinham na escola secundária: *Raios, não venhas para aqui armar-te em boa!* As queixas da minha mãe eram as mesmas, e o silêncio do meu pai também não mudara.

Peguei no Fabian e embarquei numa odisseia, rumo ao Sul. Paragens intermédias em Jönköping (demasiados pentecostais), Landskrona (demasiados delinquentes) e Sölvesborg (demasiados racistas).

Quando o Fabian fez quatro anos, comprei a casa na rua Combinaguai. Fui obrigada a procurar Köpinge no Google, mas acabou por ser a melhor decisão de sempre. Um especialista fizera uma avaliação irrealista da casa, e foi por isso que a comprei a bom preço.

Seria Köpinge, então. Este lugarzinho idílico que parece saído de um livro de Astrid Lindgren, onde o sol brilha sempre e toda a gente deixa as portas destrancadas.

E o Bengt. Um homem maravilhoso que gostava muito do Fabian, que tinha sempre tempo para ele e que nunca nos desiludia. Ao lado do Bengt, o Fabian floresceu, e quando o Fabian está feliz eu também estou.

Mas faltava-me o contexto. Não conseguia encontrar trabalho, não havia pontos de encontro e estava presa ao Fabian vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

Através do centro de aconselhamento, puseram-me num grupo pós-parto. Uma enfermeira de franja demasiado comprida e olhos de avó explicou-me que havia um grupo de mães com filhos nascidos em 2002, como o Fabian, que ainda se reunia regularmente.

— Vou tentar falar com elas. De certeza que também haverá lugar para si.

Exatamente como quando a professora obrigava as raparigas mais populares da escola a porem-me a saltar à corda com elas. Mas isso foi antes de as minhas pernas crescerem e de os meus seios ficarem maiores, e de as raparigas da minha turma me quererem morta por alguma razão.

Durante quase um ano, eu e o Fabian encontrámo-nos com o grupo de mães todas as sextas-feiras. A mãe dos gémeos Keanan e Kit até inventara um nome para si: *Glup e nham*. Seis mulheres na casa dos vinte e trinta anos gabavam-se dos filhos e falavam mal dos maridos. Revezavam-se como anfitriãs, seguindo uma lista simples, embora a comida nunca fosse simples. Pão caseiro com massa fermentada, *croutons* importados de Itália, *cupcakes* com coberturas extravagantes. Do café passava-se sempre rapidamente ao vinho. As crianças, quatro rapazes e três raparigas, brincavam quase sempre sem conflitos em casas onde as pessoas estavam mais dispostas a investir em brinquedos do que no pagamento das hipotecas.

Após cada reunião, prometia a mim própria que não voltaria. Não suportava aquelas pessoas, as suas casas, as suas roupas, as coisas que diziam e a forma como as diziam. No entanto, de cada vez que recebia uma mensagem de texto a convidar-me para a reunião seguinte, o meu coração aquecia. Era como se estivesse outra vez no secundário. Era novamente a menina sentada ao lado do telemóvel, à espera.

Quando as SMS pararam, primeiro senti-me vazia. Depois, irritada. Por fim, disse a mim própria que aquele tipo de coisas está sempre

destinado a acabar. A *Glup e nham* já pertencia ao passado.

Mas sentia falta das mães com bigodes de vinho, sentia falta das almôndegas de legumes e das crianças que varriam as salas de estar de Köpinge como furacões. De cada vez que a sexta-feira se aproximava, sentia um buraco no fundo do peito, e, por fim, enviei um convite a todas. Não era a minha vez, mas encarei-o como a minha última oportunidade de salvar o grupo. Nenhuma respondeu.

Dois dias depois, a mãe das gémeas telefonou-me.

— Olá! — disse eu, um pouco entusiasmada demais.

— Hum, olá.

— Tudo bem?

A pergunta ficou em suspenso.

— Ora bem...

Provavelmente tinham andado a fazer um-dó-li-tá para escolher a felizarda. Era assim que tomavam decisões.

— Já temos uma reunião marcada para a próxima sexta-feira. Algumas de nós acham que a coisa já não está a funcionar muito bem, com o Fabian. Foi por isso que não te convidámos mais.

— Já não está a... *funcionar*?

A palavra não queria sair dos seus lábios.

— O Fabian é... um desafio — disse a mãe dos gémeos. — Tentei que as outras mudassem de ideias, mas não consegui. Lamento imenso. Havemos de nos encontrar de certeza na sala de jogos ou noutro sítio qualquer.

De repente, o telefone pareceu-me extremamente pesado. A mãe das gémeas desligou.

Servi-me de um copo de vinho e voltei para junto do Fabian, que estava deitado no chão a fazer uma torre com construções de madeira.

— És o melhor bebé que uma mãe pode desejar — disse-lhe, sentando-me ao lado dele.

O Fabian olhou para mim com surpresa. Quando pus o braço à volta dos seus ombros, ele afastou-o.

O que tinha eu a lamentar? A verdade é que as odiava. Só por milagre permanecera tanto tempo com aquelas mães ansiosas que acreditavam que os seus bebés eram criaturas enviadas pelo céu, os eleitos para salvar a humanidade, que tinham nascido de concepções imaculadas e de cesarianas, amamentados entre goles de *prosecco*. Já conhecera muitas mães assim, nos Estados Unidos.

Quem dera o problema se tivesse limitado à *Glup e nham*.

Quem dera tudo tivesse terminado ali.

JACQUELINE  
ANTES DO ACIDENTE

*Verão de 2015*

Pela primeira vez, mal podia esperar pela chegada do dia da festa anual dos vizinhos da rua Combinaguai. A Bianca e o Micke pareciam muito simpáticos, e esperava conhecê-los melhor. Também pelo Fabian. Há uma semana que o meu filho não parava de falar do William e da Bella.

— Eles não vêm? — perguntou o Fabian quando estávamos no pátio do Åke e da Gun-Britt, um minuto depois da hora marcada.

— Devem estar mesmo a chegar — sussurrei.

De facto, lá vinham eles, trazendo flores e bombons. O Fabian arrastou imediatamente o William para o jardim, enquanto o Åke fazia tilintar o copo.

— Bem-vindos ao número 12 — disse ele. — É maravilhoso que toda a vizinhança participe neste evento que agora se tornou uma tradição importante. Eu e a Gun-Britt somos um pouco românticos nesse sentido, certamente revivalistas como poucos, mas gostamos de honrar certas tradições. O próximo ano será o quadragésimo verão consecutivo em que organizamos esta festa.

Um murmúrio espalhou-se pelo pátio, e o Ola bateu palmas timidamente.

— Pois, sim — disse a Gun-Britt. — Dos habitantes originais deste bloco de moradias, só restamos nós os dois.

O Åke desatou a rir.

— Os mais velhos e cansados bateram a bota — comentou.

Típico do Åke. No entanto, ele sabia como o Bengt fora importante para o Fabian.

— Talvez devêssemos fazer uma ronda de apresentações, agora que temos vizinhos novos no grupo — propôs a Gun-Britt.

— Boa ideia — disse o Ola, que acabara de apertar a mão ao Micke e à Bianca. Era a primeira vez que se viam.

— Vou começar — disse o Åke, começando de supetão. — Nasci em 1946, no mesmo ano que Sua Majestade, trabalhei quarenta e sete anos nos caminhos de ferro e agora estou reformado. Dois filhos

exilados na capital, cinco netos, uma mulher. Aquela.

Apontou para a Gun-Britt.

— Aquela? — retorquiu ela, rindo-se. — Parece que essa sou eu. Então, vejamos. Fiquei em casa com os miúdos durante muitos anos. Mudámo-nos de Malmö para cá quando eles foram para a escola. Foi o Åke quem construiu a casa.

Virou-se para o marido, que cresceu alguns centímetros.

— Impressionante — disse o Micke.

Logo a seguir, avisou a pequena Bella para ter cuidado quando corresse entre plantas e bibelôs. Eu tinha-os avisado: a casa do Åke e da Gun-Britt era como um museu. Olha-se, mas não se toca. Tudo obsessivamente arrumado. O Fabian aprendera isso à sua custa.

— Em suma — continuou a Gun-Britt —, quando os miúdos cresceram, arranjei um emprego no supermercado Ica e fiquei lá até me reformar. Eu e o Åke estamos muito contentes por viver aqui e pelas boas relações que temos com a vizinhança.

— Não há nada mais importante — confirmou o Åke. — Os agentes imobiliários elogiam os metros quadrados, a localização, os espaços abertos e coisas do género. Mas nada pode competir com o facto de se ter bons vizinhos. E tu, Bianca? És agente imobiliária, certo?

A Bianca provavelmente não sabia para onde se virar.

— Acho que o que diz é verdade. Não se pode negar que os vizinhos são importantes.

Olhámos uns para os outros, todos a acenar com a cabeça, a sorrir e a erguer os copos num brinde. Era tudo tão falso, uma verdadeira encenação. Perguntei-me se a Bianca e o Micke o teriam percebido.

— Agora é a tua vez — disse o Åke, apontando para mim com o copo.

— Ah, sim? OK.

O que se dizemos para evitarmos parecer irremediavelmente ridículos?

— Bem, chamo-me Jacqueline, mas isso já sabem.

— Há quanto tempo vives aqui? — perguntou o Micke.

— Comprámos a casa há oito anos, quando o Fabian tinha cinco. Vivi nos Estados Unidos durante dez anos, mas regresssei à Suécia para o nascimento do Fabian.

— Ela era modelo — disse o Åke.

Bebi um gole e desviei o olhar. Devia estar orgulhosa da minha carreira, mas sabia o que as pessoas pensavam.

Claro que muitos ficavam impressionados, mas o fascínio inicial depressa dava lugar ao desprezo.

*Modelo? Toda a gente sabe que tipo de mulheres elas são.*

— Já não trabalhas como modelo? — perguntou a Bianca.

Parecia acima de tudo uma constatação realista.

— Não — respondi, rindo-me. — Já estou demasiado velha e feia para esse mundo agora.

Todos protestaram ruidosamente, mas eu apontei para o Ola.

— Agora é a tua vez.

Ele mordeu o lábio, movendo-se um pouco desconfortavelmente no lugar.

— Bem, sou o Ola. Mudei-me para cá... vejamos... há dois anos. Vivo no número 14, na porta ao lado e, bem, trabalho num banco.

O Åke deu-lhe uma palmadinha no ombro.

— Por isso, se precisarem de um empréstimo, é ao Ola que devem recorrer.

O Ola fitou-me de relance, com os olhos cautelosamente virados para o céu.

— Que mais posso dizer? Fui casado, mas já não sou. Agora vivo com dois gatos, o *Hugin* e o *Munin*. Na minha opinião, são muito mais fáceis do que as mulheres.

O Micke e a Bianca desataram a rir.

— O Ola tem alguma dificuldade em lidar com seres pensantes — disse eu.

— Bah! Os meus gatos têm um QI superior ao da maioria das pessoas que conheço.

Por coincidência, a Bianca soltou um espirro. Limpou o nariz com a mão, pestanejando várias vezes.

— São gatos de interior, não te preocupes — acrescentou o Ola, rindo-se.

— Pronto, ouviram bem? — disse eu. — Ele gosta de prender os seus companheiros de existência.

Sei como o Ola funciona. Nem pensar em dar-lhe hipótese de se armar em homem de bom coração.

Ele ia responder-me, mas a Gun-Britt interrompeu-o.

— Agora, Mikael e Bianca, queremos saber tudo sobre vocês. Estamos muito curiosos.

A Bianca olhou em volta à procura do Micke, que estava ocupado a correr atrás da Bella no jardim de rosas da Gun-Britt. Tentou chamar a sua atenção, mas teve de se render à evidência de ter sido abandonada à sua sorte.

— Não sei em que medida poderemos ser interessantes — respondeu. — Como já sabem, somos de Estocolmo.

— A grande aldeia — disse o Åke, desatando a rir.

— Então porquê Köpinge? — perguntou o Ola. — E como conseguiram encontrar o caminho para cá?

— Vivíamos no centro da cidade. Não achámos que fosse um lugar seguro para as crianças. Acontecem demasiadas coisas em Estocolmo.

— Demasiadas coisas más — disse o Åke com confiança.

O Ola esfregou o queixo com a mão.

— Então mudaram-se para aqui, para a Escânia?

— Sempre gostámos da Escânia.

— E a relação qualidade-preço das casas é melhor — acrescentou o Åke.

— Sem dúvida. Depois o Micke arranhou um emprego na escola secundária, e gostámos da casa. E da zona também. Foi tudo muito rápido.

— Muito corajoso — disse a Gun-Britt.

Concordei, sei o que significa mudar para um sítio novo.

Também sei que muitas vezes há algo por trás disso. Algo de que se foge.

— Então, és agente imobiliária? — perguntou a Gun-Britt.

— É isso mesmo — disse a Bianca. — Agora terei de arranjar lugar para mim no mercado da Escânia.

— Há uma pequena agência imobiliária em Köpinge — informou-a o Åke. — Aquelas mulheres precisam mesmo de um pouco de espírito de capital.

Os lábios da Bianca esboçaram um sorriso, mas li desconforto nos seus olhos. Quando os nossos olhares se cruzaram, acenei rapidamente com a cabeça para mostrar a minha compreensão. A Bianca não parecia ser do tipo que se contentava em vender casas de mortos numa cidadezinha do interior.

Quando a Gun-Britt deu uma palmadinha de lado no Åke, este olhou para a mulher e pigarreou.

— Então, proponho um brinde aos nossos novos vizinhos — disse, levantando novamente o copo. — Mikael e Bianca, William e... Bella. Bem-vindos à rua Combinaguai!

Pouco depois, sentámo-nos todos nas cadeiras do jardim, e o Åke pôs a carne no grelhador.

— Chamamos-lhe entrecosto — disse ele.

Eu fiz uma careta.

— Carne de porco soa melhor.

O Åke cantou a famosa canção para brindar intitulada *Bota Abaixo*, e os restantes convidados imitaram-no. Não foi preciso muito tempo até a Gun-Britt desatar a rir e entornar o café na toalha. O Ola serviu *whisky* ao Micke e depois veio a sobremesa, que era um espetáculo de *chantilly*, chocolate e gelado.

Ao anoitecer, a Bella adormeceu no braço da Bianca enquanto eu observava alegremente o Fabian a brincar no relvado com o William. Ele sentira mesmo falta de um amiguinho no bairro. Claro que o William era alguns anos mais novo, mas desde que se dessem bem pouco importava. No entanto, eu dissera ao Fabian que a Bella era

demasiado nova. Não fazia tenção de o deixar sozinho com ela.

Enquanto o Micke e o Ola discutiam empréstimos e taxas de juro, o Åke enchia copos. Eu e a Bianca estávamos a conversar sobre a qualidade razoável das várias escolas de Köpinge quando o seu olhar se desviou, distraído. Como se tivesse deixado de ouvir. Lançava olhares para o jardim, por cima do meu ombro.

— O que se passa? — perguntei.

Ela levantou-se, olhando em volta para o pátio.

— Onde está o William? Viste para onde foram?

À volta da mesa, tudo parou.

— Pensei que estavas a controlá-los — disse o Micke.

A Bianca bufou.

— William! — chamou em voz alta.

— Deve estar com o Fabian — disse eu. — Não te preocupes.

Mas a Bianca já andava a correr pelo jardim, a procurar por todo o lado.

— Vamos dar uma olhadela em casa — sugeriu a Gun-Britt, abrindo-lhe a porta.

Olhei para o Micke, do outro lado da mesa.

— Provavelmente foram para a nossa casa — disse eu. — Vou lá dar um salto e ver o que se passa.

Quando me levantei, senti o mundo a andar à roda. Teria mesmo bebido assim tanto?

— Vou contigo — disse o Ola.

Nem tive tempo de protestar.

O único lampião do pátio, posicionado no meio da praça, estava aceso. O céu estava pontilhado de estrelas. Ouvia-se apenas o barulho dos meus saltos no asfalto.

— Espera — disse o Ola.

Alcançou-me no acesso a casa. A sua respiração era ofegante, na minha nuca, enquanto eu levava a mão à maçaneta da porta.

Segui-me até à entrada. Era estreita e escura. Coloquei o dedo no interruptor, mas não carreguei. Estremeci ao sentir o cheiro dele, o calor do seu corpo a roçar no meu ombro, pele com pele. Estávamos mesmo demasiado próximos. A sua respiração nos meus lábios e a sua mão a tocar-me na anca com circunspeção.

— Pára — disse eu.

Mas, pelo tom, não devo ter parecido muito convencida.

A mão do Ola no meu traseiro. Comprimia-se contra o meu corpo.

— Vá lá!

— Vai para casa — disse-lhe. — Estás bêbedo.

Ele escarneceu.

O beijo foi intenso e faminto.

Um segundo depois, fomos interrompidos pelo candeeiro aceso no



corredor. Sob a luz forte, virados para nós, estavam o Fabian e o William.

## MIKAEL

## DEPOIS DO ACIDENTE

*Sexta-feira, 13 de outubro de 2017*

As paredes da sala reservada aos familiares na Unidade de Cuidados Intensivos estão nuas. Ouve-se um barulho vindo da janela e a cadeira range quando me sento e começo a folhear o folheto informativo. Não consigo lê-lo; no que me diz respeito, poderia estar escrito em grego.

— Onde está a minha mulher? — pergunto.

A jovem enfermeira que me acompanhou desde as Urgências, pelas escadas e pelos corredores labirínticos, olha para mim com ternura.

— Logo que os médicos tenham notícias, virão falar consigo.

O meu dedo contorce-se enquanto procuro o número da Sienna no telemóvel. Mal a conheço. Há cinco anos e 600 quilómetros de distância entre as duas irmãs, e, pelo que sei, nunca foram muito chegadas.

A última vez que nos vimos? Deve ter sido no funeral do pai dela. A Sienna, com um companheiro novo, lábios novos e dois filhos adolescentes. Mal chorou durante a cerimónia. É mesmo dela, dissera depois a Bianca.

— Estou — digo, quando ouço o som da ligação do outro lado da linha. — Sienna?

— Micke? Aconteceu alguma coisa?

Caso contrário, que razão teria eu para telefonar?

— A Bianca foi atropelada. Ia de bicicleta.

A Sienna fica em silêncio.

— Está ferida?

— Não sei muita coisa. Os médicos estão a examiná-la. Acabei de chegar ao hospital.

— Mas o que é que aconteceu?

— Um dos vizinhos atropelou-a. Ela estava inconsciente quando a ambulância a levou.

A Sienna inspira por entre os dentes.

— E as crianças?

— Estão bem. A Bianca ia só dar um salto ao supermercado.

— Eu... eu vou.

No início não percebo o que ela quer dizer.

— Vou apanhar o primeiro avião.

— Não queres esperar? Ouvir o que os médicos dizem?

Faz-se um momento de silêncio.

— Estou a caminho — diz ela.

De vez em quando, a enfermeira olha para mim. Pergunta-me como estou, se pode fazer alguma coisa por mim. Digo que só quero saber como está a minha mulher.

Passados um, dez ou cem minutos, altura em que já perdi a noção do tempo, o telemóvel vibra na minha mão e aparece uma nova mensagem no ecrã. Tudo o resto se transforma num borrão.

«Desculpa!!! Sei que *não serve de muito*, mas não sei que mais escrever. Por favor, desculpa!!! Não sei como é que isto pode ter acontecido. De repente dei por mim com ela *à frente*. Preferia ter sido eu no lugar dela. Nunca me vou perdoar. Como é que isto pôde acontecer?»

Clico na mensagem e leio-a novamente. Começo a responder, mas depois apago. Escrevo de novo e apago outra vez. Por fim, guardo o telemóvel. Que mais haverá para dizer?

— Está aqui o médico — diz a enfermeira.

O médico é um homem da minha idade com um nariz de pugilista, que parece ter sido partido pelo menos uma vez. Quando apertamos as mãos, olha-me diretamente nos olhos. Apresenta-se como Arif.

— Infelizmente, a Bianca tem uma hemorragia cerebral. É muito grave.

Tudo fica negro. As palavras ressoam na minha cabeça, e não consigo sentir os pés.

— Estão a levá-la agora para o bloco operatório — diz o médico.

Lentamente, as minhas pernas perdem a sensibilidade. Estou quase a desfalecer.

— O quê, para o bloco operatório? Ela vai ficar bem, certo?

O Dr. Arif desvia os seus amáveis olhos castanhos. Inspira profundamente, pestaneja e, quando solta o ar dos pulmões, é como se o seu corpanzil se estivesse a esvaziar.

— Lamento, mas não posso dizer mais nada neste momento. Agora temos de tentar estancar a hemorragia.

Ele olha para além de mim, para a parede.

Não sei bem o que acontece a seguir, mas acho que a enfermeira me agarra pelo braço para evitar que eu caia para trás.

Ainda estou no meio do nevoeiro, a tremer e com tonturas, quando o telemóvel volta a vibrar. É a Gun-Britt.

Explico-lhe que a Bianca tem de ser operada.

— Oh, não! Querida, doce Bianca.

— Como estão as crianças? — pergunto.

— Estão em choque. Preocupadas.

Apesar de mal conseguir falar, tenho de lhes dizer uma coisa.

— Pode pô-los em alta-voz?

A Gun-Britt suspira do outro lado do telemóvel. Parece abrir uma porta.

— A polícia dispensou a Jacqueline — diz ela. — Ouviram-na rapidamente aqui, na cozinha, mas depois deixaram-na ir para casa. No entanto, apreenderam o carro.

Não digo nada sobre isso, não tenho forças.

— O importante é a Bianca recuperar.

— Sim, claro.

Ouçõ um murmúrio, e o ruído de fundo muda quando a Gun-Britt põe o telemóvel em alta-voz. Tento recompor-me.

— Pai? — diz o William.

— Fofinho. — Sinto um nó na garganta e tento afastar as lágrimas.

— A tua irmã também está aí?

A Bella responde sozinha.

— Vens para casa agora? O médico curou a mamã?

— Em breve — sussurro com a garganta apertada. — Têm de a operar primeiro. Depois poderá ir para casa.

— Demora assim tanto tempo? — pergunta a Bella.

— Não sei.

O William parece nervoso.

— Onde é que têm de a operar?

— Na cabeça — respondo. Não quero esconder-lhes nada, mas até onde conseguirão aguentar? — É um médico extraordinário. Irá fazer a mamã melhorar.

— Prometes? — pergunta a Bella.

— Prometo. — Prometo e juro. É tudo o que posso fazer. — Vou voltar para casa agora. — Não quero ficar nem mais um momento sem eles. — Adoro-vos.

A Gun-Britt desativa o altifalante e fecha a porta.

— Isto é um pesadelo, Micke.

— Eu sei. Não há nada que eu possa fazer aqui. Vou voltar para junto das crianças.

— Eu e o Åke estamos aqui. Sabes disso.

— A irmã da Bianca também vem — digo.

— A Sienna? Pensei que não se falavam.

Também eu. Mas como é que a Gun-Britt sabe o nome dela?

— Ouve — diz ela num sussurro.

— Sim?

— A culpa é toda tua — diz. — Percebes isso, certo?

## MIKAEL

## ANTES DO ACIDENTE

*Verão de 2015*

Numa das últimas manhãs de verão, fui acordado por uma voz no andar de baixo.

— Eh! Está aí alguém?

A Bianca desceu as escadas de roupa interior e camisola de alças, enquanto eu me debruçava sobre a balaustrada para espreitar. À porta estava o Fabian, com uma *t-shirt* desbotada e umas bermudas, o cabelo curto mais desgrenhado do que o habitual.

— O que estão a fazer? — perguntou ele, a olhar para mim.

— Estávamos a dormir — respondeu a Bianca.

— Ainda? Posso entrar?

Como se não o tivesse já feito.

Suspirei, enquanto a Bianca enrolava uma toalha à volta das ancas e passava por ele, em direção à cozinha.

— Mas que horas são?

— Não sei — disse o Fabian.

— Como é que entraste? — gritei das escadas.

O Fabian levantou a cabeça e esboçou um sorriso tão rasgado que lhe podia ter visto as amígdalas.

— Pela porta, por onde haveria de ser?

— Não estava trancada? — perguntou a Bianca.

Os dois viraram-se para mim.

— Já sei, já sei. Vou ter mais cuidado.

Desde que nos mudáramos para Köpinge, eu tinha adquirido o mau hábito de não trancar a porta da frente. Em Estocolmo teria sido impensável, mas ali era outra coisa.

Parecia uma perda de tempo ter de a trancar e depois voltar a abri-la com uma chave.

— Não havia campainha — disse o Fabian.

— Pois — suspirei.

Ainda estava embalada na sala de estar, numa das caixas de bananas que tínhamos reutilizado. Estava a ficar com dores de cabeça só de pensar nisso.

— Posso ficar? — perguntou o Fabian. — Posso ajudar na pintura. Ou então brinco com o William.

A Bianca lançou um olhar de súplica na minha direção.

Concordávamos que o Fabian era demasiado velho para brincar com o William, mas não tínhamos coragem de lho dizer.

— Tens de esperar um pouco — disse a Bianca, e consultou o telemóvel. — São apenas 8h15.

— Está bem — concordou o Fabian. — A que horas posso voltar?

— Volta daqui a umas horas.

— Daqui a umas horas? Pode ser mais específica?

A Bianca conteve um suspiro.

— Daqui a *duas* horas — disse ela. — Volta daqui a duas horas.

O Fabian voltou. Voltava sempre.

Aparecia muitas vezes no nosso jardim, no acesso à casa, na garagem, nas traseiras. Era como o palhaço de mola da caixa. Virava-se as costas por um segundo e tinha-se a certeza de que, um segundo depois, o tipo estaria lá a pigarrear, a centímetros do nosso ouvido.

— Parece o raio de um fantasma — disse eu à Bianca. — Aparece do nada.

— Nem parece muito interessado em brincar com o William — respondeu ela.

— Não, na verdade, quem ele quer somos *nós*.

Desatámos a rir, e a tinta pingou do rolo para o chão.

— Bolas! Tinta por todo o lado.

— Achas que lhe diagnosticaram algum distúrbio? — perguntou a Bianca.

— De certeza. Hoje em dia é mais fácil receber um diagnóstico do que uma carta pelo correio.

Ela riu-se e pintou-me com o pincel.

— As coisas nem sempre são a preto-e-branco. É ótimo as pessoas terem ajuda. Poderem saber porque são como são.

— Claro. Mas, por vezes, corre-se o risco de se tornar demasiado complicado. Teremos mesmo de rotular todos os tipos de personalidade?

— Talvez não — refletiu a Bianca. — Mas o que achas que o Fabian tem? Síndrome de Asperger?

— Sei lá.

— Ele é muito informado acerca de alguns assuntos — disse a Bianca.

— Acho que também é inteligente. Fala mais como um adulto do que como um rapaz de treze anos.

— De facto, inteligência não lhe falta — concordei.

— Então o que é que achas? — pressionou a Bianca. — Se tivesses

de adivinhar?

Fiquei em silêncio por um momento.

— Temos muitos alunos que sofrem de AQNBC.

A Bianca ficou a pensar naquilo.

— AQNBC?

Sorri, um pouco envergonhado.

— Algo Que Não Bate Certo.

\*

Naquela segunda-feira, comecei no meu novo emprego: professor de Educação Física na Escola Secundária de Köpinge. A manhã alongava-se suavemente sobre os telhados das casas, e o sol brilhava por trás de um fino véu de nuvens enquanto eu pedalava para leste junto ao rio.

Já tinha mudado de emprego muitas vezes, mas sempre na zona urbana de Estocolmo, e sem qualquer nervosismo em especial. Desta vez, no entanto, o meu estômago estava em frangalhos enquanto trancava a bicicleta e me dirigia para a entrada.

Tudo era novo. Só me encontrara com o diretor uma vez, no verão. Um homem simpático, na casa dos cinquenta, apaixonado pela poesia de Tranströmer, mas também pelo Tottenham Hotspur. Nesse dia, quando entrei na sala de reuniões, encontrei o corpo docente completo. Olhavam-me fixamente. O recém-chegado. O *zero-oitino*.

Uma semana depois, chegaram os alunos. Amáveis, bem-educados e, de modo geral, maravilhosos, embora por vezes os seus sotaques carregados me impedissem de compreender realmente o que diziam. Na sua maioria, eram miúdos da classe média, com camisolas da *Gant* e calças de ganga justas, mas para quem vinha do campo Köpinge era «a cidade». De *Crocs* e bonés com a pala virada para trás, chegavam de autocarro das aldeias vizinhas, como Ålstorp e Hosterup, e de outros lugares tão pequenos que se podia atravessá-los de um fôlego só.

O nervosismo inicial foi-se rapidamente dissipando. Gostava da escola de Köpinge. Detetei um grande sentido de solidariedade, embora fosse difícil livrar-me da sensação de ser o recém-chegado a um mundo fechado onde todos pareciam saber tudo acerca de todos. Os professores sabiam perfeitamente quem eram os alunos.

*Aquele e aquele vivem ali e ali.*

*Aquele outro é neto de fulano e joga na mesma equipa de futebol que sicrano, e eu cresci com a mãe daquele.*

— Nos sítios pequenos, muitas vezes é assim que funciona — disse-me um dia a Majros, a professora de Inglês, enquanto tomávamos um *cappuccino* da máquina na sala dos professores.

O professor de Música, que se chamava Roine e que tinha um

bigode de morsa, explicou-me que se tratava mesmo de uma estratégia assumida.

— O diretor só contrata professores que vivam em Köpinge.

Por isso não queria que eu fosse viver para Lund ou Malmö.

Tínhamos um grande ginásio para as aulas de Educação Física, além de um campo de futebol e outro de hóquei, um campo de basquetebol, uma pista de atletismo e um fosso com areia para saltos em comprimento. O armazém estava cheio de equipamento moderno e muitos alunos praticavam diferentes modalidades desportivas: futebol, andebol, natação de competição, equitação, golfe. Era muito diferente das escolas suburbanas onde eu tinha trabalhado em Estocolmo.

Numa sexta-feira de setembro, terminei a aula do 9.º A com um jogo de perseguição que consistia em prender uma espécie de «cauda» atrás das costas e tentar arrancar a dos colegas, ao mesmo tempo que se protegia a sua.

Estava aflito para urinar desde a hora do almoço e não conseguia aguentar mais. Deixei duas raparigas de confiança, mas demasiado finas para fazer educação física, a tomar conta da turma.

— Demoro no máximo cinco minutos.

Entrei no balneário dos rapazes, o mais próximo, entre *boxers* suados e odores corporais de adolescente. Sustive a respiração assim que abri a porta.

— Mas que raio...

Estava alguém lá dentro.

— Fabian!

Estava ao fundo da grande divisão, perto dos chuveiros, com a mão enfiada no bolso de um casaco prateado pendurado num dos cabides.

— O que andas a aprontar?

Quando corri para ele, o Fabian permaneceu imóvel.

— Não é o que está a pensar — disse ele. — Eu... Eu...

Sem pensar, agarrei-lhe o braço e, da mão que saiu do bolso do blusão de marca brilhante, caiu uma tesoura ao chão.

— O que é que fizeste?

Bastou puxar o blusão. Ele tinha-o cortado. Um grande corte atravessava o tecido caro.

— Não fui eu que comecei — disse o Fabian. — Estou só a vingar-me.

Fiquei tão chocado que me esqueci completamente das minhas necessidades fisiológicas.

— O que queres dizer? Alguém estragou a *tua* roupa?

Olhei para ele da cabeça aos pés. O boné *BMW*, as jardineiras, os sapatos brancos sujos e gastos.

— Fizeram muitas outras coisas — respondeu-me ele.

— Como por exemplo?



Todo o seu rosto se contraiu, em sinal de reticência. Mesmo que lhe tivessem feito alguma coisa, não o revelaria.

— O que quer que te tenham feito, Fabian, isto não é correto. Se alguém te fizer mal, tens de nos contar a nós, professores, ou à tua mãe. A vingança nunca é a solução. Desencadeia um círculo vicioso.

— Desculpe — disse ele. — Fiquei mesmo zangado.

— De quem é o blusão? — perguntei, puxando o tecido cortado. — Vais ter de pedir desculpa. Depois temos de telefonar à tua mãe. Vais ter de pagar os estragos.

— Não! A minha mãe não. Eu posso pagar sozinho o blusão — suplicou com as mãos unidas. — Por favor, Micke. A minha mãe não pode saber. Ela já não tem muito dinheiro.

Doía-me o coração vê-lo assim, mas não tinha hipótese.

Ou teria?

Que diabo, ele cortara um blusão com uma tesoura.

— Vou confessar e pedir desculpa — disse o Fabian. — Na segunda-feira arranjo o dinheiro. Mas não envolva a minha mãe.

Tive muita pena dele, mas mesmo assim contei-lhe o que se passara.

## FABIAN

## ANTES DO ACIDENTE

*Outono de 2015*

As pessoas são como enigmas, e eu nunca gostei de enigmas. As soluções são sempre forçadas e ridículas. *Ando para a frente, ando para trás, arranco e paro, mas nunca mudo de lugar. Quem sou eu? Ahahah.*

Vômito.

Nunca gostei das coisas de que os rapazes da minha idade gostam. Quando eles brincavam às famílias, eu ficava ali sentado, a pensar se não seria de outro planeta.

Na escola primária, todos os rapazes jogavam futebol. Odeio desportos. São ridículos. Enquanto as raparigas saltavam à corda ou faziam trabalhos manuais, eu sentava-me no meu cantinho, concentrado num livro.

Odeio o Melodifestivalen e o Musical.ly. Odeio todas as parvoíces que circulam nas redes sociais. Gosto de ler e de aprender coisas. Não de histórias inventadas, gosto da realidade.

Gosto de carros e de computadores. De *BMW* e de *Counter-Strike*.

Não gosto muito de emoções e dessas coisas todas. As pessoas falam demasiado. Têm sempre de falar e de discutir e de desabafar. Qual é o problema do silêncio e da solidão?

A maioria das pessoas pensa que sou idiota. Que sou tão estúpido que não me apercebo de que sou diferente. Na realidade, os idiotas são eles. Cretinos que dizem que gostam de coisas diferentes e que todos têm o direito de ser exatamente como são. Só conversa. Palavras vazias.

Prefiro carros e computadores.

E animais.

Se a minha mãe não tivesse tanto medo de cães e se tivéssemos mais dinheiro, arranjava um. Um *boxer* ou um labrador. Dizem que o cão é o melhor amigo do homem. Fiel e leal.

O pior castigo que se pode infligir a um cão é excluí-lo da matilha. Não repreendê-lo, não bater-lhe, não deixarem-no passar fome. O pior é fechá-lo fora de casa. Não o deixarem participar.

Em muitos aspetos, os seres humanos também são animais.

Achamos apenas que somos especiais.

Já vivi em muitos sítios, mas não me lembro de nenhum. Isso não me incomoda. Nasci na Califórnia, nos Estados Unidos, do outro lado do oceano Atlântico. Um dia hei de voltar para lá.

Köpinge é um buraco de merda. Uma manada de dez mil pessoas. Como ratos. A minha mãe já viveu em muitos outros sítios como este. Diz que são todos iguais.

Pelo menos dantes eu tinha o Bengt, mas agora Köpinge está vazio. Desprovido de significado.

Faltam-me menos de cinco anos para tirar a carta de condução. Depois vou-me embora, imediatamente. Vou voltar para a Califórnia, para a oficina do meu pai. Vou trabalhar na garagem, e a minha mãe vai sentar-se lá fora, na varanda, em frente à porta de tela, a beber *root beer*.

Não vou ter saudades de Köpinge. Nunca mais me irei lembrar deste buraco.

No início, pensei que as coisas iriam melhorar depois da chegada do Micke e dos outros. Ouvia as ideias esperançosas da minha mãe, apesar de saber perfeitamente o que ela andava a tentar fazer.

E, sim, o Micke parecia boa pessoa. Raramente me engano nestas coisas; de modo geral, desmascaro logo as pessoas falsas. Mas depois da história do blusão prateado do Ruben, pu-lo na minha mira.

Quando cheguei a casa, a minha mãe estava a chorar, sentada à mesa da cozinha. Mil e duzentas coroas por um casaco. Fora obrigada a pedir o dinheiro emprestado.

Porque é que eu tinha feito aquilo? Estava muito triste. *Desiludida*.

Não gostava de a ver assim.

Se ao menos o Micke tivesse ficado de boca fechada. Eu próprio teria arranjado o dinheiro, de uma forma ou de outra.

— Porque é que as coisas acabam sempre assim, Fabian? — pergunta a minha mãe.

Gostava de ter a resposta. Queria prometer-lhe que não voltaria a acontecer, mas nunca prometo nada se não tiver cem por cento de certeza de que posso cumprir a promessa.

Mais tarde, nessa sexta-feira, fiz uma descoberta louca.

Ouvi a minha mãe no quarto. A porta estava fechada. Lá fora estava escuro como breu. Eu tinha estado no computador a noite inteira.

No início não percebi. Algo estava diferente. Dirigi-me lentamente para a porta para ouvir. A minha mãe estava a sussurrar e a rir. Estaria a falar ao telefone?

Foram os ruídos que revelaram a sua presença. A voz baixa e profunda, embora estivesse a sussurrar. Um homem não consegue sussurrar como uma mulher. Até o riso era diferente.

Senti todo o corpo quente, e o sangue fervilhava-me nas veias.

Reconheci a sua voz. Estava na minha cabeça desde que tínhamos saído da Califórnia. Até um feto consegue identificar as vozes dos pais.

Viera para nos levar para casa.

JACQUELINE  
ANTES DO ACIDENTE

*Outono de 2015*

O que se faz quando se percebe que um filho tem algo estranho, algo errado?

Fechamos os olhos. Esperamos que não seja nada, que seja apenas uma impressão, uma fase, algo que desapareça por si só. Tentamos convencer-nos de que cada pessoa é diferente e única, de que não há uma forma certa de estar no mundo.

Mas ele é meu filho. Queremos sempre o melhor para os nossos filhos, e muitas vezes o melhor é ser como toda a gente, e não ser estranho ou diferente.

Mas quando é que eu comecei a perceber? Muito mais cedo do que gostaria de reconhecer. Eu já sabia quando comprámos a casa. Quando nos mudámos para Köpinge.

O Fabian tinha cinco anos, e eu queria dar-lhe o melhor ambiente possível. Não podia imaginar sítio mais adequado para ele crescer. Köpinge, onde todos se cumprimentam, onde se pode andar de bicicleta de um lado para o outro da cidade sem atravessar uma única rua, onde as escolas estão no topo dos *rankings* das classificações e onde todos os recantos são belos e limpos. Uma cidadezinha idílica, quase como Bullerby.

O agente imobiliário tinha-me descrito a casa como *o sonho de qualquer família*. Claro que era um pouco grande demais para nós, mas na altura não pensei que fôssemos ficar sozinhos durante dez anos.

Quando o Bengt caiu da escada e partiu o pescoço, foi como se uma parte do Fabian também tivesse morrido. Refugiou-se no seu silêncio e ficou lá durante dias a fio. Não chorou, mas recusou-se a falar sobre o assunto. Quando lhe sugeri consultarmos um psicólogo, esmurrou a ombreira da porta com tal força que os nós dos dedos sangraram.

Lentamente, as coisas foram melhorando, mas nunca voltaram ao normal. O Fabian sorria muito pouco. Ficava em frente ao computador ou com o nariz enfiado num livro e só respondia em monossílabos quando era questionado.

Não há nada pior do que ver o nosso filho sofrer.

Só no verão, com a chegada do Micke e da Bianca, é que as coisas começaram a mudar.

Numa sexta-feira de setembro, depois de ir à loja de bebidas Systembolaget, em Lund, carreguei acidentalmente no acelerador com demasiada força. Levava o sistema de som do carro ligado, por isso só vi o *Volvo* preto quando ele fez uma ultrapassagem louca para me barrar o caminho. Que idiota do caraças. Estava prestes a pressionar a buzina quando se acenderam as luzes azuis intermitentes.

Havia espaço para parar na berma da estrada. Quando o polícia se aproximou, procurei uma pastilha no saco e baixei o vidro.

— Um pouco depressa demais, diria eu. Está atrasada? — O polícia enfiou metade da cabeça pela janela.

— Desculpe, senhor agente — disse eu.

Ele fixou os olhos no meu decote. Claro que podia ter ficado irritada, mas optei por tirar partido da situação.

— Peter.

— Desculpe?

— O meu nome é Peter. Não precisa de me chamar agente. A carta de condução, por favor.

Pus a mala no colo e curvei-me mais do que o necessário. Demorei algum tempo a procurar a carteira.

— Jacqueline Eva Selander — leu ele na carta de condução. Olhou para mim como os homens fazem sempre.

— Jacqueline é suficiente — disse eu.

— Ali à frente há uma escola, *Jacqueline É Suficiente*. É melhor moderar a velocidade.

Fiz-me pequena e pestanejei.

— Desculpe... Peter. — O polícia recuou um passo. Há mesmo qualquer coisa nas fardas que não consigo explicar. Além disso, este Peter parecia ter passado várias horas no ginásio. — Quero dizer, a sério, não costumo ter o pé particularmente pesado.

Era uma frase roubada de um filme, mas teve o condão de dissolver toda a severidade do Peter. Um sorriso iluminou-lhe o rosto enquanto me devolvia a carta.

Que homem. Um único feixe de músculos contraído sob a camisa.

— Receio que tenha de me dar o seu número de telemóvel — disse ele.

Mais uma prova de que eu não perdera o meu poder de sedução. De vez em quando, é preciso este tipo de confirmação.

Em vinte e quatro horas, o Peter começou a enviar-me mensagens de texto e fotografias. Nem quarenta e oito horas depois, acabámos na cama juntos.

JACQUELINE  
DEPOIS DO ACIDENTE

*Sexta-feira, 13 de outubro de 2017*

À porta da cozinha da Bianca e do Micke, a temperatura parece estar uns graus mais baixa. O Åke está sentado no sofá a ver as notícias no teletexto e a Gun-Britt levou as crianças para cima. O silêncio está cheio de armadilhas escondidas.

Enfio o casaco de malha e aproximo-me do Fabian, que está sentado no cadeirão.

— Anda, vamos para casa.

Ele nem sequer olha para mim. Gostava de o agarrar, de o abanar, de o acariciar, de o abraçar. De fazer o que uma mãe deveria fazer.

Em vez disso, digo:

— Anda, vamos embora.

O polícia à porta fica a olhar para nós. Tal como o Åke.

— Não a vão prender? — pergunta a Gun-Britt. Está a meio das escadas e agarra-se ao corrimão com tal força que este vibra. — É uma alcoólica — escapa-se-lhe da boca. A Gun-Britt nunca escondeu o desprezo que sente por mim, mas isto é demasiado. — Só causaste problemas desde que te mudaste para cá. E agora vê bem o que foste arranjar! Era isto que querias?

Os polícias olham para mim. Tenho de manter a boca fechada, de me controlar. Tudo o que eu disser poderá ser usado contra mim.

— Agora acalma-te — diz o Åke à mulher.

— Mas não percebes? A Bianca pode não voltar a acordar!

Esconde o pior cenário com aquelas palavras.

Tentei manter a realidade afastada, mas agora sinto-a a esmagar-me. A Gun-Britt tem razão. A culpa é toda minha.

— É um choque para toda a gente — diz o Åke.

Mas a Gun-Britt continua a atacar-me.

— E se a tiveres matado! Como foste capaz?

Quero gritar-lhe *Cala a boca!*, mas contenho-me. Viro-lhe as costas.

— Foi um acidente. — É tudo o que consigo murmurar.

A Gun-Britt não desiste.

— *Tu é que és um acidente, Jacqueline.*

Choraminga melodramaticamente, e o Åke apressa-se a pôr-lhe um braço à volta dos ombros.

— Vá lá, vá lá.

Sinto-me como se me estivesse a afogar. Só quero soltar-me e desaparecer no abismo até isto acabar. Agarro na mão do Fabian e levanto-o da cadeira. Ele não tem tempo para resistir porque arrasto-o para o corredor.

— Estamos tão destroçados como vocês — digo.

A Gun-Britt liberta-se do abraço do marido e faz um gesto na direção dos agentes.

— Porque é que não fazem nada? Detenham-na!

O polícia que me interrogou tenta acalmá-la. Explica que me fez um teste de alcoolemia e que o resultado foi negativo; a minha taxa estava dentro dos valores normais.

— Não bebo desde o dia 22 de agosto — digo-lhe.

A promessa que fiz ao Fabian é como um círculo que me aperta a cabeça. Não posso voltar a fazer-lhe mal.



JACQUELINE  
ANTES DO ACIDENTE

Certamente acontece o mesmo com a maioria das raparigas. Toda a gente nos diz que somos belas. Faça o que fizeres, onde quer que estejas, tens de ser bela, linda. Os pais, os educadores de infância, os professores, os instrutores de natação, os vários familiares, conhecidos e vizinhos dizem-nos isso. No fim de contas, é a única coisa que se sabe.

Mesmo entre amigos. É assim que cuidamos da amizade.

*Hoje estás linda.*

*Olha para o teu cabelo! E as unhas!*

*ADORO a tua blusa nova!*

E os rapazes? Deixamo-los julgar-nos com base nesse parâmetro.

*És mesmo sexy. Que belo rabo!*

*Aquela é feiosa.*

*Jacqueline, a mamalhuda.*

Essa é a diferença entre a felicidade e a devastação, entre o sucesso e o fracasso. Querida, és bonita ou feia?

Uma fronteira muito ténue. Uma palavra, e tudo muda. Devo muito ao meu corpo, eu sei. Não me devia queixar. Para mim, a aparência física sempre foi mais importante do que um diploma. Quanto pesava, as minhas medidas, a fenda entre as coxas: estas coisas eram o meu currículo. Tenho de agradecer à minha aparência por tudo o que tive. Pelas pessoas que conheci, pela comida que engoli, pelas bebidas que tomei. Por todas as noites em que dancei e fiz amor.

Tinha dezassete anos quando troquei a Suécia por uma proposta irrecusável: uma das melhores agências do mundo ofereceu-me centenas de milhares de coroas para me fotografar com roupas fabulosas, para pôr a minha cara nas revistas e na televisão. Durante anos, desfilei de um lado para o outro nas *passerelles* de Nova Iorque e Los Angeles.

Tinha uma carreira; porém, antes de cumprir trinta anos o trabalho acabou e dei por mim num quarto de hotel em Manhattan, com um bebé nos braços e muitas saudades de casa.

Na verdade, sempre tive saudades de casa.

— O que sabe fazer? — perguntou-me a mulher do centro de

emprego de Tidaholm.

Não percebia como é que ela, tão comum, com a sua pele oleosa e o cabelo estragado, conseguia sorrir com tanta alegria.

— Não sei — respondi, desanimada. — Não sei fazer nada.

Posar de forma sensual, ficar em bicos de pés e foder a câmara com o olhar: eram estes os meus talentos.

— Não acredito — disse a funcionária, que claramente não era de Labbås.

Nos meus braços, o Fabian guinchava como um animal selvagem.

— Que bebé tão bonito — disse a mulher.

Se já não tivesse o nariz torto, ter-lhe-ia dado um murro com a direita.

Três semanas depois, eu e o Fabian partimos para Jönköping. A enésima repreensão da minha mãe, a dizer-me quão pouco eu valia como progenitora, foi a gota de água. Mande-i-a a ela e ao meu pai — «o mudo» — àquela parte e mudei-me para casa de um trabalhador das obras com quem tinha falado no Spraydate: era cinco anos mais novo do que eu e vivia num apartamento de uma divisão com uma *kitchenette*.

Na verdade, quando deixara os Estados Unidos, prometera a mim própria nunca mais me meter em relações de merda, nunca mais me envolver em casos amorosos desprezíveis. Estava farta daquelas coisas. Qualquer relação com o género masculino seria rápida e indolor, de preferência sem troca de nomes. Ou então deixaria a relação crescer lentamente. Imaginava uma amizade calorosa e verdadeira com uma alma gémea, alguém com quem envelhecer, alguém que me compreendesse a mim e ao Fabian.

O trabalhador das obras era muito dotado entre as pernas, mas decididamente menos talentoso a nível do cérebro. Quando encontrei seringas de esteroides anabolizantes no frigorífico, ao lado do leite para bebé, comecei a procurar algo melhor.

Dessa vez, porém, a casa não deveria conter mais cromossomas y do que aquele que amaldiçoara o pequeno Fabian.

De um modo geral, a minha vida não correu como eu pensava.

Imagino que seja assim para muita gente.

## MIKAEL

## ANTES DO ACIDENTE

*Outono de 2015*

Por esta altura, o outono mantinha a Escânia sob controlo. A rádio falava de avisos meteorológicos laranja, as tempestades faziam a casa ranger e as telhas voavam do telhado. O relvado transformou-se num mar castanho de folhas secas.

De semana para semana, os dias tornavam-se mais curtos. Chuva intensa. Eu ia para o trabalho às escuras e regressava a casa às escuras.

Uma noite, deitámos as crianças cedo, acendi velas e abri uma garrafa de vinho.

— Sabes o que penso disso — disse a Bianca, apontando para as chamas ondulantes com a cabeça.

Os seus pensamentos catastróficos nunca iam de férias.

— Prometo apagá-las antes de adormecermos — assegurei-lhe, agachando-me mais perto dela no sofá.

— Quando damos a última demão? — perguntou ela.

Só faltava o nosso quarto.

— Este fim de semana? — propus.

Só pensar nisso cansava-me. O trabalho na escola esgotava-me as energias. A maioria dos meus alunos era autossuficiente, mas em todas as turmas há sempre casos difíceis. Crianças que, por alguma razão, se opunham à atividade física e ao conceito de boa saúde. Pessoas que se esqueciam sempre do saco com a roupa de treino, que se queixavam de dores menstruais uma vez por semana, que fumavam secretamente atrás de um monte durante os exercícios de orientação. Era para elas que eu apontava. Eram elas que eu queria inspirar. E mudar. Se eu conseguisse fazer que um só daqueles miúdos fosse melhor, todo o meu esforço e preocupação teriam valido a pena.

— Não tens de salvar o mundo — disse-me a Bianca, no sofá.

Ela não conseguia tirar os olhos das velas a arder. Acabei por as apagar.

— Vou a uma entrevista de emprego — anunciou ela.

— O quê? Isso são ótimas notícias! Que bom, querida!

— Não é a agência dos meus sonhos, mas parece-me decente. Claro, o salário é só à comissão, mas pelo menos vou ficar com um distrito de Lund que não precisa de rodagem.

Excelente. Todas as posições de agente imobiliário assentavam em comissões, e, afinal, não podia almejar um emprego de topo quando ainda não estava familiarizada com o mercado da nossa nova região.

— É só que preferia ficar em casa mais algum tempo com as crianças. Agora que é tudo novo. Vou andar sempre com dores de barriga.

— Pelos vistos, o infantário aqui é ótimo — disse-lhe.

— É mesmo. Mas não é essa a questão.

— Vais sair-te muito bem, querida.

Quando ela voltou ao trabalho depois da licença de maternidade, o caos instalou-se. Eu e o pequeno William não conseguíamos ter um momento de sossego. A Bianca telefonava de dois em dois minutos, vinha a casa entre visitas, até eu me ter irritado, sentindo-me posto em causa no meu papel de pai. Ela teve um colapso, e, passadas algumas semanas, as piores ansiedades haviam-se dissipado. Até ao momento em que o William começou a frequentar o infantário. A Bianca não o queria deixar, ficava à porta do edifício e espreitava pelas janelas. Marcava todos os compromissos de trabalho ao fim de semana para o poder ir buscar cedo aos dias de semana. E pouco tempo depois começou a falar em ter outro filho.

Olhei para ela, ali no sofá, e fui invadido por uma onda de ternura.

— Sei que é difícil para ti, mas vamos conseguir — disse eu.

Ela puxou o elástico do seu cabelo louro, que caiu para trás sobre a almofada do sofá.

— Estou muito farta de estar sempre em casa. Seria bom conhecer alguém de cá.

— Bem, há a... como é que ela se chama...? A Lisa?

Uma amiga dos tempos do curso de agente imobiliário que se tinha mudado para a zona um ano antes.

— Mas ela vive em Malmö. Referia-me aqui, em Köpinge. No verão, pelo menos, havia gente por cá. Mas agora parece uma cidade-fantasma.

Tinha razão. Assim que o outono chegou à Escânia, as ruas e os pátios esvaziaram-se; por trás das persianas descidas, as televisões brilhavam, e as pessoas passavam do carro para a porta da frente em passo apressado, carregadas de sacos de compras ou pastas, com crianças a gritar. Quando muito, havia uma troca de sinais com a mão por cima do ombro ou um aceno de cabeça da janela da cozinha. Os dias de semana eram cheios de trabalho; os fins de semana, repletos de atividade. Ginástica, aulas de natação, aniversários de família.

— Acho que te vais sair bem — disse-lhe. — Vais certamente fazer

muitos amigos novos na agência.

Ela fez figas com as duas mãos.

— Mas ainda não consegui o emprego.

— Como se eles não te quisessem — retorqui, dando-lhe um beijo.

— Obrigado pelo apoio, amor. És um querido.

Dois dias depois, assinou o contrato. Era uma agência imobiliária pequena e independente de que nunca ouvíamos falar, situada num edifício degradado nos arredores de Lund. A Bianca ainda não sabia o que pensar daquilo, mas tentei encorajá-la. Ia correr tudo bem, tinha a certeza disso. Köpinge podia ser o recomeço que tínhamos em mente e que esperávamos que viesse a ser. Não iria acontecer de um dia para o outro, mas no futuro, sim.

## MIKAEL

## ANTES DO ACIDENTE

*Outono de 2015*

Numa sexta-feira à noite, decidi voltar a correr. Vesti com dificuldade as calças de treino justas e demorei pelo menos meia hora a equipar-me com uma lanterna de cabeça, um monitor de ritmo cardíaco de pulso e um boné respirável. Quando fiquei pronto, a chuva batia forte e insistentemente nos vidros da janela da sala.

— Raios, vou sair agora — disse eu. — Correndo o risco de ter uma sessão de natação completamente vestido.

No sofá, a Bianca desatou a rir.

— Ainda vais a tempo de te inscreveres no ginásio.

— Não, não vou. Gastei o crédito que tinha para comprar esta porcaria de equipamento. — Apontei com a mão para tudo o que tinha vestido, todas as coisas que me haviam parecido essenciais na altura da compra. — Um pouco de chuva nunca matou ninguém — disse, dando palmadinhas nas coxas.

— Isto não é *um pouco de chuva*, querido. Parece as cataratas do Niágara.

Abri a porta da frente e dei um passo hesitante em direção ao jardim. A água estava a cair como uma parede em movimento, mas eu não tinha intenções de desistir. Dei mais dois passos e depois saltei de volta para casa.

— Desculpa.

Do outro lado da porta, o Fabian observava a chuva torrencial com as mãos nos bolsos e o boné enterrado na cabeça.

— O que fazes aqui? — gritei-lhe no meio do dilúvio.

Contorcia as mãos uma na outra.

— Toquei à campainha. Fiz o que me disseste: toquei à campainha. Tentei tocar à campainha. Nada.

E eu que tinha passado meio dia a montar aquela coisa.

— Deve estar avariada — disse-lhe, depois de tentar várias vezes.

— Aonde vais? — perguntou o Fabian, observando-me sem tentar esconder o seu ceticismo. Virou-se para a chuva que caía.

— Correr — respondi.

— Porquê?

Era uma pergunta pertinente, para a qual eu não tinha uma boa resposta.

— A Bianca está em casa? E o William e a Bella? — perguntou ele.

— Posso entrar?

— Agora não — respondi. — É demasiado tarde.

— Vá lá.

Fez beicinho.

— E tu? O que fazes na rua com este tempo? — perguntei.

— Não quero estar em casa. A minha mãe está insuportável.

— Anda — disse-lhe, abrindo o portão. — Eu levo-te a casa.

Corremos lado a lado, saltando sobre as poças de água na praça. Quanto à condição física, eu estava em pior forma do que esperava. A minha pulsação estava prestes a atingir os três dígitos, e eu debatia-me para acompanhar o ritmo do Fabian.

Quando chegámos ao número 15, encontrámos a porta trancada. O Fabian bateu nervosamente, e, passado algum tempo, alguém abriu, mas não a Jacqueline. Era um homem. Alto, de ombros largos.

— Que raio andas tu a fazer? — perguntou ele ao Fabian, que baixou a cabeça e entrou a correr no calor do espaço.

— Olá — disse eu. — Sou o vizinho do número 13.

O homem olhou para mim como se eu tivesse fugido do manicómio mais próximo.

— O que andam a fazer na rua com este tempo de merda?

— O Fabian foi tocar à campainha da nossa porta — respondi. — Mas a campainha não estava a funcionar.

O homem grande olhou para as comportas do céu.

— Vou fechar agora — disse ele. — Vai ficar tudo molhado.

Fiquei ali como um ponto de interrogação, encharcado, com um boné de corrida muito caro na cabeça, um boné que devia ser respirável, mas que acima de tudo me apertava.

Ia a meio do túnel pedonal, depois de passar pelo parque infantil e pelo relvado do jardim público, quando distendi o músculo da coxa, e fui obrigado a coxear até casa.

Atravessei a soleira da porta a bater com os pés. Lesionado e encharcado. O símbolo do desportista falhado.

Na sala de estar, a televisão estava ligada.

— Olá, querida! — gritei.

Não obtive resposta.

Entrei na lavandaria e mudei de roupa como se fosse uma cobra. Despi as calças e a *t-shirt* de corrida e vesti umas calças de fato de treino secas. No corredor, ouvi uma voz que não conseguia identificar.

— Olá — gritei de novo. — Querida?

Olhei para a sala de estar: a Bianca estava a rir, sentada no sofá.

— Olá — tentei de novo.

Ela deu um salto e endireitou-se.

— Olá, amor! Molhaste-te muito?

Na poltrona à sua frente encontrava-se o Ola, o vizinho do número 14. Tinha tirado os óculos e estava sentado com as pernas dobradas debaixo do rabo.

— Aconteceu uma coisa terrível — disse a Bianca.

Agora já não se estavam a rir, trocavam acenos de cabeça preocupados.

— O Ola foi roubado.

— O quê? No banco?

— Não — disse o Ola. — À porta do Gerdahallen, o ginásio, em Lund.

— Agora?

— Ontem à noite.

— Ele tinha acabado o treino — disse a Bianca. — Dois rapazes atacaram-no.

O Ola acenou com a cabeça.

— De rosto descoberto. Levaram-me a carteira e o telemóvel.

— Estavam armados? — perguntei.

— Tanto quanto pude ver, não. Mas podiam ter uma faca, uma arma, não sei. Não pude fazer nada a não ser entregar tudo.

— Isto é uma treta. É incrível como as coisas mudaram.

Dei-lhe uma palmadinha no ombro. Compreendia perfeitamente o que ele sentia. Um aluno meu, em Estocolmo, fora limpo e humilhado por um par de rapazes mais velhos. O pobre rapaz tinha ficado meses sem ir à escola.

— O médico deu-me baixa — disse o Ola. — E receitou-me calmantes. — Murmurou as últimas palavras, como se lhe custasse admiti-lo. — Quando anoitecia, sentia-me desconfortável — declarou. — E com estes medicamentos não posso conduzir. Por isso decidi vir conversar convosco.

— Para que mais servem os vizinhos? — perguntou a Bianca.

O Ola sorriu. Se ele ao menos soubesse o que a Bianca pensava realmente dele.

— Vou tomar um duche quente — disse eu.

— E eu vou para casa — anunciou o Ola, levantando-se. — Estou a sentir-me melhor. Obrigado pela companhia.

A Bianca aflorou-lhe o braço.

— Espero que consigas dormir esta noite.

Acompanhei-os até à porta. O Ola calçou as botas e pôs o casaco e o chapéu.

— Fica bem — disse-lhe.

Ele acenou com a cabeça, agradecido, e a Bianca abraçou-o.



— Tenho tanta pena dele — disse ela quando o Ola se foi embora.  
— Parece muito solitário.

Teria preferido que outra pessoa se preocupasse com o Ola, mas seria algo cínico de se dizer. Depois de me despir, voltei para junto da Bianca com uma toalha à volta das ancas.

— Queres tomar um duche comigo?

Ela sorriu e enfiou a mão por baixo da toalha. Beijou-me, provocadoramente.

— Vamos lá, então.

Juntámo-nos no chuveiro, debaixo do jato de água quente.

— Sabes uma coisa? Estava um homem em casa da Jacqueline — contei-lhe. — Quando levei o Fabian a casa, um homem veio abrir a porta.

— E depois? — perguntou a Bianca. — Pensaste que a Jacqueline era uma freira?

— Não, mas...

Eu também não sabia qual era o problema. Mas o homem parecera-me insensível.

— Sabias que o Ola conviveu com a Jacqueline durante algum tempo? — perguntou a Bianca.

— O que queres dizer com *conviveu*?

Não pareciam um casal que combinasse.

— O que é que achas? — respondeu ela com um sorriso. — O Ola disse-me que podia ter havido algo sério entre eles, não fosse o Fabian.

— Hem?

— O Ola não consegue lidar com ele.

Soou fraco, como uma desculpa. O mais provável era a Jacqueline não estar interessada em alguém como ele.

— Aparentemente, o Fabian tratava mal os gatos do Ola — disse a Bianca. — Costumava dar-lhes pontapés e puxar-lhes a cauda. Aqueles gatos são como filhos para o Ola.

Desatei a rir, de tal forma que me entrou água pela boca e dei por mim a tossir.

— Um homem adulto com filhos gatos.

A Bianca deu-me um beliscão na barriga, e eu escorreguei, agarrando-me aos ombros dela para me manter equilibrado. A ponta do nariz dela fez-me cócegas no queixo.

— Espero mesmo que não comece a aparecer cá de vez em quando — afirmei.

— Acho que não há perigo — disse a Bianca. — Ele parece-me simpático. Além disso, não foi nada mau ter companhia.

— A companhia de um *vizinho*?

Ela sorriu.

— Bem, se puder, evito. Mas o Ola parece um tipo porreiro.

— Sai já deste corpo! — exclamei. — Quem és tu? O que fizeste à minha mulher?

## MIKAEL

## DEPOIS DO ACIDENTE

*Sexta-feira, 13 de outubro de 2017*

Conduzo como um louco, do hospital até casa. Saio da E6 e faço uma ultrapassagem muito perigosa mesmo antes da rotunda que conduz a Köpinge. Quando estaciono, o Ola aparece na praceta.

— Como estás?

Fecho as portas do *Volvo* sem me dignar a olhá-lo. Apresso-me em direção ao portão.

— Ei! — grita ele. — Preciso de saber como ela está.

Fecho o portão atrás de mim, mas o Ola fica ali, a espreitar pelo espaço entre as tábuas.

— Está a ser operada — digo. — É tudo o que sabemos.

Ele arregala os olhos por trás das lentes dos óculos.

— Então é grave.

Viro costas e vou-me embora. Não quero ter nada que ver com ele.

Mal entro em casa, os miúdos atiram-se a mim, e quando dou por isso estamos a chorar, abraçados, no sofá.

— Quando podemos ver a mãe?

— Ela vai ficar com uma cicatriz na cabeça? Vão rapar-lhe o cabelo?

A Bella e o William não param de disparar perguntas, e bem tento acalmá-los, mas não tenho respostas concretas.

— Podem ir para casa — digo à Gun-Britt e ao Åke. — Muito obrigado pela vossa ajuda.

— Teremos todo o gosto em ficar, se precisarem de nós — diz a Gun-Britt.

Não precisamos. Não quero ouvir as suas acusações estúpidas. Tenho de tomar conta dos meus filhos. A mãe deles está deitada numa mesa de operações, e o futuro é uma enorme confusão.

— A irmã da Bianca está a chegar — digo. — Vamos comer qualquer coisa e voltar para o hospital.

— Quanto tempo vai durar a operação? — pergunta o Åke.

— Não sabem. Várias horas, acho. Depois vai demorar algum tempo até ela acordar.

Pergunto às crianças se se lembram da tia Sienna.

O William abana a cabeça.

— Que nome estranho — diz a Bella. — Ela tem filhos?

— Sim, mas já são crescidos. Têm pelo menos quinze anos.

— Como o Fabian — comenta a Bella.

Sim. Bem. Mas se calhar não são mesmo como o Fabian. Isso, claro, não digo.

— Acho que já me lembro dela — diz o William. — Porque é que ela vem para cá?

— Porque é irmã da mamã. Está preocupada com ela.

— Eu também — acrescenta a Bella.

Dou-lhe um abraço.

— Estamos todos, querida.

Vou para o corredor. A Gun-Britt está a vestir o casaco.

— Como pudeste permitir que isto acontecesse? — sibila ela.

Quando sai pela porta, o Åke deixa entrar o vento gelado.

— Pare com isso — digo.

Não devia descer ao nível dela, mas tenho comichão nas mãos e vejo-me obrigado a cerrar os punhos.

— A Bianca sabia mais do que pensas — diz a Gun-Britt. — Era como se pressentisse que algo ia acontecer. Este verão, ela disse...

— Cale-se!

Não vou falar sobre o assunto. A Bianca está sempre preocupada. Desde que a conheço, sempre foi neurótica. Não tem nada que ver com a Jacqueline.

— Foi um acidente — digo baixinho.

A Gun-Britt abotoa o último botão do casaco. Dá dois passos em frente e olha-me nos olhos.

— Acreditas mesmo nisso?

## FABIAN

## ANTES DO ACIDENTE

*Outono de 2015*

Não era o meu pai que estava escondido no quarto da minha mãe naquela noite. Às vezes penso demasiado nele e tenho tantas saudades que imagino coisas. Parece que o vejo, que reconheço a sua voz. Uma vez fui ter com um homem ao Ikea, com a certeza absoluta de que era ele. Quando o homem se virou e olhou para mim com uma cara que não me era familiar, fiquei tão magoado que gritei a plenos pulmões até aparecerem os seguranças.

O Peter é igual a tantos outros homens que a minha mãe escondeu no quarto. Muitos músculos e algo perigoso nos olhos. Como se não percebessem que a vida seria muito mais fácil se tivessem uma atitude mais simpática.

A minha mãe só os esconde durante a primeira semana, mais ou menos. Diz que não se quer precipitar. Mas depois as emoções tomam conta dela. *Desta vez vai ser diferente.* Sente-o em todo o corpo.

Devia pensar mais e seguir menos as suas emoções.

É fácil transformarmo-nos em vítimas se não controlarmos as nossas emoções.

Não sei o que pensar do Peter. Provavelmente não é melhor do que os outros.

Pouco depois, há duas estrelas amarelas a pender do teto do vestíbulo. Não se pode passar sem baixar a cabeça. Foi o Peter que as colocou lá.

— Porque vocês são as minhas estrelas.

É bastante assustador, mas a minha mãe está como que enfeitiçada e acha *romântico* tudo o que o Peter faz.

Ele é polícia: deixa-me pegar na arma. É mais pesada do que eu pensava.

— Alguma vez disparaste contra alguém? — pergunto.

— Só numa perna.

— O que é que a pessoa tinha feito?

— Estava a ameaçar uma criança com uma faca. — O Peter lança-me um olhar sério. — Depois descobri que era um caso do foro

psiquiátrico.

Sinto o peso da arma na mão.

— Eras capaz de matar alguém?

— Se tivesse de o fazer — diz o Peter. — Em algumas situações, não temos escolha.

Acho que ele não hesitaria. Sou bom a ler as pessoas.

Pergunto-me se a minha mãe vê o que eu vejo.

Em todo o caso, ela não gosta que o Peter venha a nossa casa fardado e com uma arma. Os vizinhos podem pensar que a minha mãe é uma criminosa.

O Peter desata a rir.

— A minha estrelinha — diz ele, beijando-lhe o pescoço.

Depois imagino que ele é o meu pai. Troco o rosto áspero e o olhar duro pelas faces rechonchudas e pelo grande sorriso do meu pai. Óleo de motor nos dedos, uma chave Allen na mão e joelhos cheios de nódoas. O meu pai passa metade do tempo debaixo de um carro elevado ou com a cabeça dentro do capô de um *Chevrolet* ou de um *Studebaker*.

Tenho duas fotografias dele dentro de uma caixa fechada, no meu quarto.

— O teu pai adora descapotáveis — diz a minha mãe uma noite quando se vem despedir de mim à cama. Ficamos sentados na beira da cama a analisar as fotografias. — Mesmo quando estava a chover, ele queria andar com a capota aberta.

Vejo a cena à minha frente. A minha mãe com o cabelo ao vento e uma mão sobre os dedos do meu pai, a segurar a alavanca das mudanças. A Highway One sob o sol escaldante da Califórnia.

— Porque é que ele não veio connosco para a Suécia? — pergunto.

A minha mãe fica sempre triste quando falo demasiado sobre isso.

— Ele tinha a sua própria oficina. E a mãe dele era velha.

Ficou lá a tomar conta da avó. A minha mãe diz que herdei dela o jeito para a música.

— Ela estava sempre sentada numa cadeira de baloiço no alpendre a tocar harmónica e a cantar músicas *country*.

Eu também gosto de *country*. E de *synth pop* alemão.

O Peter só gosta de *hard rock*. Põe sempre o som alto quando vem cá à noite. O Åke e a Gun-Britt já se queixaram.

— Eles têm de aguentar um bocadinho — diz o Peter. — Não é como se isto fosse um lar de idosos.

Concordo.

O Åke e a Gun-Britt queixam-se de tudo. Acham que são donos da porcaria do bairro só porque vivem aqui há mais tempo. O Bengt gozava com eles, chamava-lhes *velhos xexés*. Era engraçado, porque o Bengt tinha a mesma idade que o Åke. *Mas só no papel*, dizia ele.

O Peter não me convence, mas a minha mãe diz que tenho de lhe dar uma oportunidade. O facto de ele ser polícia é fixe. Mete-me no carro da polícia, um V70 com 245 cavalos de potência.

Numa quarta-feira, quando chego a casa da escola, ouço a minha mãe a gritar e a berrar. As estrelas estão penduradas na porta, mas o carro do Peter não está no acesso. Talvez estejam a falar ao telemóvel. Normalmente, passadas algumas semanas, é assim.

— Não podes aceitar um não como resposta? Não quero ter nada que ver contigo. Já segui em frente!

Em silêncio, dispo o casaco e entro em casa. Assim que me vê, a minha mãe fica em silêncio. À sua frente, de braços cruzados, não está o Peter, mas o nosso vizinho. O Ola.

— Olá, fofinho — diz a minha mãe.

— Olá — diz o Ola.

Lanço-lhe um olhar de reprovação.

Será que ele ainda não percebeu que tem de se afastar da minha mãe?

— O Ola já estava de saída — diz ela.

Eu, por outro lado, não abro a boca. Sigo-o com os olhos enquanto ele sai. Detém-se à porta por um momento e acena para a minha mãe antes de sair.

— Onde está o Peter? — pergunto.

Só para que a minha mãe não se esqueça dele.

Porque, se tiver de escolher entre o Peter e o Ola, não tenho dúvidas.

O Ola é um idiota.

JACQUELINE  
ANTES DO ACIDENTE

*Outono de 2015*

Os meus pais ensinaram-me de fio a pavio como ser uma boa menina: temos de estar caladas e quietas, fazer vénias e sorrir. Ensinaram-me que é importante ser simpática e meiga e não discutir. Mas não me ensinaram nada sobre o amor.

— Como se sabe se se está apaixonado por alguém? — perguntei à minha mãe no 3.º ano.

A minha mãe tinha a sua própria maneira de olhar para mim, com surpresa absoluta, como se nunca tivesse percebido quem eu era ou o que estava ali a fazer.

— Notas — disse ela. — Não te preocupes.

Até àquele momento, não me tinha preocupado, estava mais curiosa do que qualquer outra coisa, mas agora via que era algo com que devia preocupar-me. Por isso, reservei a última metade do 3.º ano a tentar apaixonar-me.

A primeira vez que me apaixonei foi aos dez anos. Foi como uma doença. Uma vez infetada, nunca passava mais de uma semana sem que aquele formigueiro maravilhoso percorresse o meu corpo. Um olhar, uma palavra, uma forma de passar a mão pelo cabelo. Até a coisa mais insignificante desencadeava uma tempestade dentro de mim.

Depressa aprendi a gostar de me apaixonar. Mas nunca ninguém me ensinou nada sobre o verdadeiro amor.

E ali estava eu, no limiar dos quarenta, apaixonada outra vez.

O Peter tinha chegado como um tornado e mudara tudo.

— O que queres dizer com não queres ir demasiado depressa? — perguntara ele. — Não se pode planear sempre tudo. Uma pessoa apaixona-se, ponto final.

Ele bombardeava-me com mensagens de texto: palavras importantes e milhares de corações. Convidou-me para jantar num restaurante grego em Lund e deu-me a mão desde a praça Mårtenstorget até chegarmos à estação. Beijou-me como se me quisesse devorar.



— Mas se não sentes o mesmo por mim...

— Sinto — respondi, com as suas mãos nas minhas ancas. — Sinto exatamente o mesmo.

Era uma situação inebriante. O Peter fazia-me sentir viva, e eu não sentia isso há anos. Precisava de soltar os travões, de recuperar a coragem e de me lançar de novo de cabeça. Para redescobrir o meu verdadeiro eu, aquele que está escrito no meu ADN. Algumas pessoas precisam de certos estímulos para se sentirem vivas. Eu preciso de tudo.

O Peter levou-me até à praia. Jogámos minigolfe e partilhámos um gelado de máquina. Eu gostava da forma como ele segurava a minha mão, um pouco apertada demais, como se tivesse medo de me perder. A forma como punha o braço na minha cintura mal outro homem me mirava.

O Fabian e o Peter pareciam estar a dar-se bastante bem. Ainda era muito cedo para o dizer, mas era promissor.

— Mãe — disse o Fabian numa manhã. — Não gosto do Ola. — Assim, sem mais nem menos, do nada.

— Porque é que te lembraste do Ola?

Estávamos sentados à mesa da cozinha, de onde se pode ver o jardim do Ola. Teria sido por isso?

— Lembrei-me porque não gosto dele. É difícil não pensar nas pessoas de quem não gostamos.

Às vezes, o raciocínio dele estava um pouco acima do meu.

— Eu também não gosto muito do Ola — disse com sinceridade. — Não precisas de pensar nele.

Estabelecer certo tipo de relação com um vizinho fora um erro desde o início. O Ola e o Fabian entraram imediatamente em conflito.

— O Peter é melhor — disse o Fabian.

Aquelas palavras aqueceram-me o coração. Havia esperança.

— A sério?

O Fabian acabou o pequeno-almoço, pôs a mochila ao ombro e partiu para a escola na sua bicicleta.

No final dessa tarde, recebi um telefonema do diretor da escola.

Ao longo dos anos, tinha recebido tantos telefonemas, cartas e convocatórias que perdera mesmo a esperança. Era terrível ser apontada e questionada como mãe.

— Um conflito com uma rapariga da turma — disse o diretor da escola ao telefone.

Bem, não é *a si* que compete resolver essas coisas?, quis responder.

— Eu também vou — disse o Peter, vendo que eu estava abalada. Pedi a opinião do Fabian, e ele encolheu os ombros.

— Está bem — disse eu ao Peter. — Vens fardado?

Veio de casaco e camisa. Era a primeira vez que o via assim vestido. Para ser sincera, apetecia-me arrancar-lhe a roupa, mas limitei-me a enfiar-lhe a língua no ouvido quando estacionámos em frente à escola.

O Peter virou-se para olhar para o Fabian, sentado no banco de trás.

— Estás nervoso?

— Nem por isso — respondeu o Fabian.

— Calma. Nós resolvemos isto.

Lá fora começava a anoitecer, e o Peter cheirava a homem. Agarrei-me ao seu braço ao longo dos corredores da escola.

— Boa noite, Jacqueline — disse o diretor, dando-me um aperto de mão.

Fazia-me lembrar o Brad Pitt em *Doze Anos Escravo*. Cabelo comprido e barba, mas com charme. Não o diretor comum.

— Muito prazer. Peter — disse o Peter, apertando-lhe a mão.

O diretor conduziu-nos à sala de reuniões. Num cartaz estava escrito *Conhecimento & Amor*. Micke Andersson, sentado à mesa, clicava no botão de uma esferográfica.

— Olá — disse ele.

O Fabian tinha-me dito que a discussão acontecera durante a aula de Educação Física, mas eu não esperava que o Micke estivesse presente na conversa.

— Se calhar já nos conhecemos — disse ele, quando o Peter se apresentou.

— Ah, não me digas que já te meti dentro?

O Peter e o Fabian foram os únicos a rir.

— Ele é polícia — explico.

— Sim, claro, vi o carro — disse o Micke. — Vivo em frente à Jacqueline e ao Fabian.

O Peter puxou-me para junto de si. Afastou uma madeixa do meu cabelo e deu-me um beijo na cara. Um gesto inadequado, demasiado íntimo, mas eu não disse nada.

— Esta é a Lilly, e estes são os pais dela — disse o diretor.

Cumprimentámo-nos educadamente.

A rapariga trazia um *top* tão curto que parecia um *soutien*, um blusão *Fila* colorido e calças rasgadas nos joelhos.

— Sentem-se — pediu o diretor.

Sentaram-se nas cadeiras. Os pais da Lilly pareciam pessoas que tivessem trabalhado dez horas por dia, cinco dias em cada sete, durante os últimos vinte e cinco anos.

— Hoje, durante a aula de Educação Física, aconteceu uma coisa entre a Lilly e o Fabian — disse o diretor. — É melhor abordar logo estas coisas.

Nunca o tinha visto tão carrancudo. Senti-me como uma criança à espera de uma bronca. Como se *eu* tivesse feito algo de errado.

— Estamos a falar de algo completamente inaceitável — continuou o diretor.

Aquele esclarecimento chocou-me. Segundo o Fabian, não tinha acontecido nada de grave. A Lilly tinha-o feito passar um mau bocado, provocara-o, e ele acabara por retaliar.

— Se não me engano, foi a Lilly que começou — disse o Peter. — Ela atacou verbalmente o Fabian. De forma totalmente gratuita.

O diretor encheu o peito e impediu-o de falar.

— Acho que devíamos ouvir primeiro o que estes jovens têm a dizer.

Apertei a mão do Peter por baixo da mesa. Ele estava tenso. Percebi que não tinha gostado da atitude do diretor. Provavelmente estava habituado a ser a autoridade máxima.

— Sim, confesso — disse a Lilly. — Foi mau da minha parte dizer ao Fabian que ele era gordo, horrível e atrasado. Mas toda a gente o diz. Só que são quase todos uns falsos e não têm coragem de lho dizer na cara.

— Mas porquê? — exclamou o pai da Lilly, levantando-se ligeiramente. — Porque dizes essas coisas a um colega?

— Eu pedi desculpa, não pedi? Foi uma estupidez. Mas isso não lhe dá o direito de fazer o que fez. O que é que as pessoas vão dizer agora?

O Peter olhou para o Fabian.

— O que é que fizeste?

Só então me apercebi da gravidade da situação.

— Ela mereceu-o — respondeu o Fabian.

Captei o olhar do Micke sobre mim e senti-me envergonhada. Ele devia pensar que eu era um fracasso como mãe.

— Diz o que fizeste — disse o diretor ao Fabian.

— Tirei-lhe fotografias com o meu telemóvel. Mas foi ela que fez as caras, não a obriguei.

— Então agora já não podemos fazer o que quisermos? — perguntou a Lilly, passando a mão pelos olhos.

— Devias ter vergonha — disse o pai ao Fabian.

— Está a ver o que ele fez? — acusou a mãe da rapariga.

A mão do Peter saiu de debaixo da mesa, mas empurrei-a de novo para lá e lancei-lhe um olhar de aviso.

— Então o Fabian tirou fotografias da Lilly numa pose provocante — disse o diretor. — E depois publicou-as num fórum pornográfico online.

Não, isso não! Apetecia-me esconder-me debaixo da mesa.

— Fabian!

Como é que eu podia ter falhado em toda a linha? Tentara sempre, desesperadamente, ensiná-lo a respeitar as raparigas. De onde vinha aquilo?

O Fabian podia perfeitamente ser diferente. Eu aceitava-o e amava-o incondicionalmente. Mas não toleraria aquela porcaria de machismo.

— É verdade? — perguntou o Peter. — Publicaste-as num *site* pornográfico? — Parecia prestes a desatar a rir.

— Foi ela que começou — repetiu o Fabian.

A Lilly levantou o nariz e limpou as lágrimas. Reconheci-me bastante naquela rapariga.

— Eu provoquei-te um bocado — balbuciou ela. — E agora a escola inteira pensa que sou uma puta.

— Tens de tirar essas fotografias imediatamente do *site* — ordenei ao Fabian.

— Está bem.

— É muito grave — disse o Micke.

Era praticamente a primeira vez que abria a boca.

O Peter olhou para ele, como se dissesse: «Onde raio arranjaste boca para falar?»

— É claro que ele vai tirar as fotografias — disse o Peter. — Mas não há como fugir a isto: foi a Lilly que começou. Às vezes temos de pensar duas vezes antes de fazer alguma coisa. Senão, é preciso pagar as consequências.

O diretor da escola e o Micke trocaram um olhar antes de se virarem para o Peter.

— Nesta escola não encorajamos as crianças a vingarem-se do mal que lhes é feito — diz o diretor. — Espero que também não o façam.

— Não, não, não — exclamei.

— Claro que não — disse o Peter. — Só estou a dizer que temos de ter cuidado e pensar bem nas nossas ações.

O Fabian olhou para mim.

— Posso eliminá-las agora mesmo, as fotografias.

— Claro, faz isso de imediato — interveio o diretor. — Fizeste uma coisa criminosa.

O Peter soltou um assobio, como se discordasse da afirmação. Apertei-lhe os dedos por baixo da mesa.

— De certeza que o rapaz aprendeu a lição — comentou.

— Peço imensa desculpa — disse eu, procurando o olhar da Lilly.

Os pais dela olhavam para mim como se eu fosse o diabo em pessoa.

— Não se pode eliminar o que vai parar à Internet — continuou o diretor, virando-se para o Fabian. — Percebes isso, não percebes?

O Fabian acenou com a cabeça.

Nunca mostrava as suas emoções nestas ocasiões. Acho que eu era um bom exemplo. Assim que se revela uma fragilidade, os outros apontam logo à garganta.

Voltámos para o carro na escuridão da noite.

— Um *site* pornográfico — disse o Peter. — Criativo.

— Pára com isso! — exclamei. — Uma coisa dessas pode destruir a vida de uma rapariga.

— E o Fabian? Como achas que ele se sente quando lhe chamam gordo e feio? Em todo o caso, acho que esta Lilly já percebeu que tem de o deixar em paz a partir de agora.

Mordi a língua. Se calhar o Peter não era a pessoa que eu pensava que fosse. Claro que era bom que defendesse o Fabian, mas a sua maneira de agir dizia muito sobre o que pensava das mulheres.

O Peter abriu a porta do carro e o Fabian sentou-se no banco de trás. Quando os faróis se acenderam, vimos a Lilly à nossa frente, com as calças de ganga rotas e o *top* minúsculo. Os pais tinham acendido um cigarro em frente a um *Saab* castanho.

— Ela teve o que merecia — disse o Fabian.

Senti um arrepio percorrer-me a espinha.

## MIKAEL

## DEPOIS DO ACIDENTE

*Sexta-feira 13 e sábado, dia 14 de outubro de 2017*

No corredor da Unidade de Cuidados Intensivos, pego na mão da Bella e do William.

— Sabem que vos amo muito, não sabem? Vai correr tudo bem.

Abraço-os bem apertados enquanto abro a porta e me dirijo para a cama da Bianca. Ela está a dormir, com o cobertor puxado até aos seios e a máquina a fazer barulho e a zumbir.

Está pálida. Acabada. Ao mesmo tempo, porém, há algo pacífico na sua boca fechada.

Lembro-me do nosso fim de semana no *spa* de Ystad. O cheiro a mar e a outono. Nós os dois deitados nos nossos roupões de banho em frente à lareira, a desaparecer nos olhos um do outro.

A operação correu bem. Controlaram a hemorragia cerebral, mas ainda não se podem pronunciar sobre a gravidade dos danos.

— Só nos resta esperar — disse o Dr. Arif.

Fora uma sentença. Temos de ficar ali sentados, sem fazer nada, hora após hora após hora. Apenas à espera.

A Bella chora abundantemente. As lágrimas saltam, como se uma barragem se tivesse aberto dentro dela.

Ajoelho-me e seguro-a junto a mim.

— Porque é que a mamã não acorda? Eu quero que ela acorde!

Os olhos da Bella são duas fendas avermelhadas. Num dia normal, a hora de dormir já teria passado há muito tempo.

— Eu também quero, meu amor. Se dormires um pouco, talvez a mamã acorde.

— E, quando ela acordar, vai estar curada? — pergunta o William.

— Não sabemos. Pode demorar algum tempo até a mamã voltar a ser o que era. O cérebro é a parte mais importante de todo o corpo.

— Não, não é — diz a Bella. — É o coração que é a parte mais importante.

— Se o teu coração parar, morres — confirma o William.

A Bella soluça e põe os braços à volta do meu pescoço outra vez.

Afunda o narizinho na minha bochecha.

— Eu não quero que a mamã morra. Por favor, papá, diz-me que ela não vai morrer.

Então algo se parte dentro de mim também. As lágrimas jorram, e a minha voz fica embargada.

— Isso não vai acontecer. A mamã não vai morrer.

— Prometes?

— Sim — digo. — Prometo.

Porque é assim. Ser pai também é isto.

A Bella adormece nos meus braços e pouco depois a respiração do William também se torna pesada e sonolenta. Eu, por outro lado, não tenho esperança de dormir.

Cada minuto é como se escalasse uma montanha. Lentamente, deixo o olhar acariciar cada curva e canto do rosto da Bianca. Embora os anos tenham deixado marcas na sua pele, reconheço cada traço desde o início dos tempos, quando éramos só eu e ela, quando todas as portas estavam abertas e nenhum sonho era demasiado grande.

*Para sempre.*

Era assim que costumávamos dizer.

Duas palavras numa só. Como nós.

\*

No sábado de manhã, bem cedo, recebo uma mensagem de texto da Sienna.

*Estou a chegar de táxi.*

Respondo com um polegar virado para cima e algumas indicações rodoviárias esquemáticas.

Quando carrego no botão para enviar, a Bianca estremece. Um pequeno movimento no ombro, que se alastra, fazendo-a lançar a cabeça para trás. Como um choque elétrico. A sua boca contorce-se, parece estar a sofrer.

Um momento depois estou ao lado dela, a agarrar-lhe a mão.

— Amor? Estás a ouvir-me?

Os seus lábios distendem-se, e num instante a Bianca está serena e imóvel na almofada.

— Amor?

Quero que ela acorde. Tenho saudades dela.

O mais estranho é que tenho saudades dela há muito tempo. Há anos, parece-me. Tenho saudades da vivacidade e da leveza que me levaram a apaixonar-me por ela, das coisas pelas quais eu dizia que estava disposto a morrer.

Sempre usámos os anos em que os miúdos eram pequenos como bodes expiatórios. Sempre concordámos nesse ponto.

As coisas vão melhorar, dizíamos a nós próprios. *Só temos de*

*ultrapassar os anos em que os miúdos são pequenos.*

Para sempre é *para sempre*.

Mal reconheço a Sienna. Deve ter pintado o cabelo. É pelo menos dez centímetros mais alta do que a Bianca, magra e longilínea, com olhos escuros. Irmãs diferentes, não apenas em personalidade, mas em interesses.

Lentamente, passa a mão pelo braço da Bianca.

— Como é que ela está? A cirurgia correu bem?

Tento repetir-lhe o que os médicos disseram, que pararam a maior parte da hemorragia, mas que ainda há uma pequena parte que não pode ser operada.

— Não podem dizer muito mais até ela acordar. Só nessa altura saberemos se o cérebro sofreu lesões graves.

A Sienna suspira.

— A minha pequena Bianca — diz ela, acariciando a face da irmã. — Como é que isto aconteceu? Como é que a atropelaram mesmo em frente a casa?

— Não sei. O William disse que ela foi de bicicleta ao supermercado. Era noite de *tacos*.

A Sienna vira-se.

— É frequente deixarem os miúdos sozinhos em casa?

Parece estar a julgar-me. Espero que não tenha vindo cá para discutir.

— São cinco minutos até ao supermercado — digo. — Além disso, eu estava quase a chegar a casa, vindo do trabalho.

A Sienna apoia a testa na mão.

— E logo agora, que tínhamos acabado de nos reencontrar.

Não percebo o que quer dizer.

— Escrevemos muito uma à outra neste verão.

A Bianca nunca me falou nisto.

— Na verdade, não sei como passámos tanto tempo sem saber nada uma da outra. Primeiro o pai morreu e depois vocês vieram para a Escânia.

— Pois.

Sei que a Sienna desaprovava a mudança.

— Disseste que foi uma vizinha que a atropelou?

Engulo em seco.

— Sim, ela costuma conduzir depressa, mesmo no estacionamento.

— Não me digas que foi a Jacqueline!

A Sienna fixa os olhos em mim. O que sabe ela da Jacqueline?

— A Bianca falou-te nela?

A Sienna solta um gemido. A Bianca mexe-se de repente: os ombros tremem-lhe, e a cabeça tomba para o lado.



— Amor!

Os lábios da Bianca entreabrem-se, e as suas pálpebras contraem-se.

Começa a pestanejar repetidamente.

— Bianca?

Pego na mão dela. Os músculos do rosto contorcem-se, vejo pequenos espasmos, e passados alguns segundos os seus olhos cor de esmeralda arregalam-se.

— Amor? Estás a ouvir-me?

Olha-me e não me olha ao mesmo tempo. Os seus olhos estão vazios, o olhar não consegue fixar-se.

— Amor? — digo. — Bianca?

## FABIAN

## ANTES DO ACIDENTE

*Outono-inverno de 2015*

O Peter compreende.

— Não deixes que eles te pisem — diz ele.

A minha mãe, por outro lado, não compreende nada. Quer castigar-me.

— Nada de *wi-fi* durante quinze dias — ameaça ela. — Fizeste uma coisa terrível àquela rapariga.

— Vá lá — diz o Peter. — Estás a ser injusta. Foi ela que começou.

Digo à minha mãe que não me importo que ela desligue a Internet.

Sei como funciona. Amanhã irá arrepender-se e vai querer falar, e depois não demorará muito a ligar o *wi-fi* de novo.

— Mas como é que vão as coisas na escola? Diz-me a verdade — pergunta-me.

A pergunta do costume. Quantas vezes terei de responder?

— Bem, mãe. Está tudo bem.

Porque não quero que a minha mãe se preocupe. Não vale a pena dizer que a escola é um inferno, que é sempre uma guerra. *Está tudo bem.*

Lá no fundo, ela sabe. Tenho a certeza de que sabe. Há coisas que é melhor não referir até que desapareçam.

Três semanas é o intervalo habitual. Passam-se três semanas, e depois começam a discutir. Já esperei por este momento muitas vezes, por vezes até ansiei por ele, mas com o Peter é diferente. Gosto cada vez mais dele.

— Estou a avisar-te — diz a minha mãe. — Não te metas na educação do meu filho.

Passam-se alguns minutos, depois ela começa a choramingar, e o Peter pede-lhe desculpa.

A minha mãe é *sensível*.

— Foste tu que me pediste para ir contigo à reunião — diz o Peter. Ele defende-me. Não há muita gente que o tenha feito.

— Eu sei. Desculpa.

Quando o Peter lhe acaricia o cabelo, o rosto dela desfoca-se, transformando-se no rosto do meu pai. A minha mãe diz que gosta do Peter. Ainda há esperança.

Ponho os auscultadores e desapareço dentro do ecrã.

Cerca de uma semana depois, pedalo para a escola, debaixo de um nevão.

Alguns rapazes, escondidos nos arbustos perto do túnel pedonal, metralham-me com bolas de neve, e eu tento esquivar-me, dando aos pedais da bicicleta com toda a força colina acima. Eles correm atrás de mim e acertam-me nas costas e na nuca.

Quando entro no calor da escola, encontro o Micke à porta, num fato de treino azul.

— Que tempo, hem?

Lanço-lhe um olhar de desprezo. Ele viu perfeitamente que acabei de entrar e que está uma tempestade de neve lá fora. A tempestade está mesmo à frente dos olhos dele.

A caminho do meu cacifo, passo pela Lilly e por um grupo de raparigas. Fingem que não me veem, mas as suas vozes mudam, murmuram e sussurram.

É sempre assim, já estou habituado.

Se soubesse de outra maneira, se pudesse mudar alguma coisa, qualquer coisa, fá-lo-ia sem hesitar. Tento convencer-me de que não tem importância, de que não me interessa, que podem pensar o que quiserem, mas a verdade é que é impossível. Estou a mentir a mim próprio. Não sermos apreciado pelos outros é doloroso.

E sei que a culpa é toda minha. Tive de aprender muito cedo.

*Não há fumo sem fogo.*

*São precisos dois para lutar.*

Tento percorrer o corredor com a cabeça erguida. Sem me virar.

Quando me inclino para abrir o cacifo, alguém, por trás, tira-me o boné. Alguns alunos do 9.º ano riem-se. Ignoro os seus olhares, pego no boné e volto a enfiá-lo na cabeça.

Sonho com a Califórnia. Eu e o meu pai, de fato-macaco azul, em frente à oficina. A minha mãe no alpendre. A avó a tocar harmónica.

Na manhã do dia 13 de dezembro, o Peter e a minha mãe estão no sofá. Ele ficou a dormir cá. Enquanto acompanhamos a procissão de Santa Luzia pela televisão, uma procissão que se realiza de madrugada, bebo uma chávena de chocolate quente.

— Estava a pensar ir a Piteã passar o Natal a casa da minha mãe — diz o Peter. — Seria bom vires comigo.

A minha mãe olha para mim. Leio-lhe o pensamento.

— Não sei. É um bocado cedo.

— Nada disso, a minha mãe é muito sossegada. É mesmo. Não

somos uma família tradicional. Um pouco de arenque e aguardente, uma coisa simples. Não há parentes nem nada do género.

— Humm.

A minha mãe torce os dedos, roda os anéis.

— Piteã é muito longe.

— Vamos de avião, claro — diz o Peter.

Bebo o chocolate quente com cuidado, sorvendo-o ruidosamente. A mãe sabe perfeitamente que nunca irei aceitar.

— O que é que dizes? Reservos os bilhetes?

A minha mãe agita-se.

Na televisão, estão a cantar a música *Staffan Era Um Moço de Estrebaria*.

— Não sei. Não podemos esperar um bocadinho?

— Esperar? O Natal é daqui a menos de duas semanas.

O Peter levanta-se tão repentinamente que bate na mesa de apoio, entornando o café no tapete. A minha mãe põe-se imediatamente de gatas com papel de cozinha na mão.

Ao olhar para ela, sinto uma pontada no coração. Gostava de ser normal, de ser um filho melhor, que não estragasse tudo. Mas entrar num avião... não consigo.

— Olha — diz a minha mãe, correndo atrás do Peter até à cozinha.

— O Fabian nunca andou de avião e...

— E o quê? Há sempre uma primeira vez, não é? Andar de avião não é perigoso.

— Mas agora não — diz ela. — Temos muito tempo. Não é preciso pressa.

O Peter murmura, a minha mãe sussurra. As suas vozes tornam-se melosas e fofinhas, depois ouço o som de línguas. Depois não aguento mais e aumento o volume da televisão para o máximo.

O coro canta *Boa noite*.

*Desejamos-vos a todos um Natal cheio de paz.*

A minha mãe grita:

— Baixa o som!

Ouçõ passos a correr pelo corredor. Mas não é a minha mãe, é o Peter.

— O que é que se passa contigo? — grita ele.

Arranca-me o comando da mão e carrega freneticamente em todos os botões até o ecrã ficar preto e a música esmorecer.

## JACQUELINE

### ANTES DO ACIDENTE

Ser pai ou mãe é a tarefa mais difícil do mundo. O mais pequeno passo em falso pode ter consequências devastadoras. Não há manuais de instruções, nenhum conselho é suficiente. No entanto, para algumas pessoas, parece ser algo natural. Como se fosse imposta aos *pais* uma espécie de atualização da personalidade, uma formatação do cérebro.

Durante nove meses, com o Fabian na barriga, esperei que isto me acontecesse. Fiz figas até à sala de partos. Está quase, está quase. *Formatação completa, reinicialização do sistema em curso*. Mas tudo o que me deram para levar para casa, na ala de obstetrícia, foi um folheto informativo sobre como começar a amamentar e como posicionar o bebé para evitar a síndrome da morte súbita. Nada de instruções para ensinar uma pessoa a tornar-se uma pessoa.

O Fabian é um rapazinho maravilhoso. *O problema* nunca foi ele.

Pouco depois de nos termos mudado para Köpinge, arranjei um emprego temporário a entregar a correspondência na Bring e levei o Fabian para o jardim de infância do outro lado do jardim público, a cinco minutos a pé da rua Combinaguai.

Por um lado, era exatamente aquilo de que o Fabian precisava: socializar com crianças da sua idade. Ele tinha cinco anos e estivera sempre em casa comigo. No entanto, eu tinha medo de que as coisas não resultassem no infantário.

Rapidamente se tornou claro que não tinha de me preocupar. A integração correu muito bem, e em pouco tempo o Fabian já tinha escolhido o seu educador preferido: o Göran, o único professor do sexo masculino.

Por segurança, expliquei ao Göran que o Fabian era um pouco exigente. Fica facilmente frustrado se as coisas não correm como gostaria e, por vezes, se houver demasiada confusão, tem necessidade de se isolar.

— Não se preocupe — disse o Göran. — Vai correr tudo bem.

Receei que ele não tivesse compreendido, que me achasse um dos muitos pais apreensivos que pensam que deram à luz uma criatura superior.

— Hoje correu tudo bem — dizia-me sempre o Göran à tarde, quando eu chegava de bicicleta, a pingar de suor, tentando não me atrasar.

Talvez fosse apenas um problema da minha cabeça. Talvez eu fosse apenas uma vítima da ansiedade que afeta todos os pais, todos os dias, por todo o lado.

De manhã, o Fabian pressionava-me. *Vá lá, mãe, despacha-te.* Não via a hora de ir para o jardim de infância e estava entusiasmado com o Göran. Era óbvio que sentia falta de uma figura paterna. Perguntava muitas vezes pelo pai, que vivia nos Estados Unidos, e eu hesitava, sem saber bem o que lhe devia dizer para não o desiludir.

Tudo correu bem durante algumas semanas, mas uma tarde o Göran telefonou-me. Eu vinha de bicicleta do trabalho e tinha acabado de subir ao terceiro andar de um prédio para entregar uma nota de cobrança a um velhote com um *terrier* raivoso. A voz do Göran assemelhava-se ao ladrar desse cão.

— Tem de vir cá imediatamente.

Saltei para o selim e pedalei até deixar de sentir as pernas. Entrei no infantário e descalcei as botas com o coração na garganta. As portas das várias salas estavam fechadas, e, em frente à máquina de café, duas educadoras estavam de costas para mim.

— O Fabian mordeu uma menina no braço — disse o Göran. — Tiveram de a levar para o hospital para suturar a ferida.

No canto mais afastado da sala de almofadas estava o Fabian, completamente vestido com o seu fato de neve e gorro. Do lado de fora da janela, viam-se as outras crianças a brincar.

— O que é que aconteceu?

— Por vezes surgem conflitos — disse o Göran. — O Fabian precisa de se treinar a brincar com as outras crianças. Especialmente com as meninas. Tem dificuldade em perceber quais são os limites.

Eu fiquei furiosa. Então não diziam sempre que estava tudo bem?

— Porque não me disseram nada?

Tentei abraçar o Fabian, mas todos os músculos do seu corpo resistiram.

— Não bater e não morder — disse eu. — Tu sabes, Fabian.

Tive de fazer um esforço para parecer zangada. Na verdade, só queria chorar e consolá-lo. Em vez disso, dei um passo atrás e agitei o punho, como uma personagem de desenhos animados. Caso contrário, o que é que o Göran teria pensado de mim? Que tipo de pai se mostra solidário com o filho que acabou de morder o braço de uma criança inocente?

Mal entrámos em casa, pedi-lhe desculpa.

— Sei que não fizeste de propósito.

— Fiz, sim. Ela disse que eu não podia brincar, e eu mordi-a no

braço.

Abriu-se um abismo dentro de mim.

— Não faças isso, Fabian. Se alguém for mau para ti, tens de contar a um adulto. Promete-me que não voltas a fazer isso.

Ele fez beicinho.

— Humm — murmurou ele.

— O que é que disseste?

— Prometo, mamã.

## MIKAEL

## ANTES DO ACIDENTE

*Inverno de 2015-2016*

Aquele inverno foi um banho de neve derretida, com temperaturas positivas e chuva torrencial. Ventos impetuosos e insistentes de oeste, escuridão e melancolia sem fim. Num colégio do Oregon, um estudante matou oito rapazes e um professor e depois suicidou-se com um tiro na cabeça. Algumas semanas depois, um homem mascarado entrou numa escola de Trollhättan e matou três pessoas com uma espada.

— Que loucura — disse a Bianca. — Também deviam pôr detetores de metais e polícia nas nossas escolas.

Não era essa a escola que eu queria.

— É importante tentarmos manter a mente aberta.

— Mas a segurança deve estar em primeiro lugar — respondeu a Bianca.

Celebrámos o Natal em Gotemburgo, em casa dos meus primos, que eu mal conhecia e que tinham filhos muito mais velhos do que os nossos. No carro, a caminho de casa, o William perguntou porque nos tínhamos mudado para longe de todos os nossos amigos de Estocolmo. Os olhos da Bianca ficaram vidrados enquanto tentava dar-lhe uma explicação.

As minhas entranhas contorcem-se com a culpa. A culpa era minha, era dos meus demónios que estávamos a fugir, mas não conseguia dizer uma palavra. A Bella e o William ainda não estavam prontos para saber a verdade.

Na véspera de Ano Novo, o céu iluminou-se com fogos de artifício por um momento, e depois a escuridão voltou. Os dias eram demasiado curtos, as noites não eram suficientes. Deitávamo-nos antes de as nossas mentes estarem limpas, e o despertador tocava no momento em que o sono se tornava mais profundo.

Em Jacarta e Istambul pessoas inocentes explodiram pelos ares, Alepo estava sob uma saraivada de bombas, e num hotel egípcio dois terroristas atacaram turistas que apanhavam banhos de sol.

A Bianca atormentava-se com as notícias.



— Que tipo de mundo estamos a deixar aos nossos filhos?

Estávamos meio deitados no sofá, com a chuva a bater nas janelas. A água corria pelas caleiras e algerozes, e tudo estava banhado em escuridão.

— Há aspetos positivos — disse eu. — Nem tudo é uma tragédia.

— Não, claro que não. Temos a família mais bonita do mundo e o Natal foi maravilhoso. Mas há demasiadas preocupações neste momento.

Andava a esforçar-se para se entrosar na agência imobiliária de Lund. A sua zona era praticamente constituída por apartamentos em prédios miseráveis da zona norte da cidade. As vendas eram lentas, as pessoas exigiam muito e queixavam-se.

— Não ganho quase nada — desabafou a Bianca. — Os proprietários vendem as casas sozinhos, as casas mais apetecíveis.

— Devias arranjar algo melhor. És demasiado qualificada para aquela agência de merda.

— Mas não conheço o mercado aqui em baixo. Não posso ir a lado nenhum sem GPS.

— Eu dou-te uma ajuda — respondi. — Ao fim de semana, andamos por Lund e vemos o máximo de casas que pudermos. Assim ficas a conhecer as zonas.

— És mesmo querido — disse a Bianca, beliscando-me o dedo do pé.

— Sabíamos que ia ser difícil. Mas tu és uma vencedora, querida. Não te esqueças disso.

A Bianca esboçou um sorriso resignado, e eu abracei-a. Perto dela, comportava-me como um adolescente desajeitado.

Havia uma distância entre nós, uma barreira invisível que me impedia de ir até ao fundo. Será que a Bianca também se apercebia disso?

Acariciei-lhe as pernas.

— Fizeste a depilação?

Há muito tempo que não fazia. Deveria interpretar aquilo como um convite?

— Bem — disse ela, contorcendo-se. Estava quente entre as pernas.

— Sei que tenho andado a desleixar-me. — Riu-se. — Mas não precisas de ser tão brutalmente frontal.

Passei a mão entre as coxas dela e beijei-a.

— Amo-te de morte.

Não era mentira. O meu amor era mais forte do que nunca, mesmo que tivesse mudado. Queria vê-la feliz, não conseguia imaginar um futuro que não envolvesse envelhecer com ela enquanto via os nossos filhos crescerem. Mas ao meu amor faltava o desejo de quando era jovem. Preferia dormir com a sua respiração na minha nuca a

mordiscar-lhe os mamilos. Deslumbrava-me com a sua beleza, sobretudo quando ela era a mãe mais maravilhosa do mundo para os nossos filhos. O amor é elástico, amadurece com os anos. Não sentia necessidade de todas as outras coisas que desejara tão ardentemente na juventude.

— Eu também te amo — disse a Bianca.

Marcámos uma viagem para as férias de inverno. A Bella e o William nunca tinham esquiado, e tínhamos ouvido dizer que as pistas de Branäs eram perfeitas para principiantes.

Na sexta-feira antes das férias, saí do 8.º B à hora do almoço. Tomei um duche no ginásio da escola e vesti umas calças de ganga e uma camisa. Um tempinho de folga, para utilizar as horas extraordinárias que tinha acumulado. Afinal de contas, no dia seguinte teria de conduzir para norte muito antes do amanhecer.

Atravessei o recreio sob um frio intenso. Uma vez dentro do edifício principal, bati os pés para soltar a neve dos sapatos, que rangeram ruidosamente.

Na entrada reservada aos alunos, estavam alguns rapazes do 9.º C: já quase passara por eles quando o instinto me disse que havia algo errado. Um bom professor consegue farejar o ar.

— O que é que vocês estão a fazer? — perguntei.

Trocaram alguns olhares hesitantes.

— A relaxar.

Quatro rapazitos com polos e calças demasiado curtas.

Dois deles eram jogadores de futebol muito promissores.

— Quem está ali dentro? — perguntei, apontando para a casa de banho atrás deles.

— Ninguém.

Era mentira. A fechadura estava fixa no vermelho.

— Olá? — disse eu, puxando a porta. — Está aí alguém?

— Desista — disse um dos rapazes. — Não vai conseguir abrir a porta assim.

Chamava-se Andy e tinha fama de arruaceiro. Um tipo com uma motorizada, filho do dono de uma empresa de ar condicionado que, tanto quanto sabia, era tão marado como o filho nos tempos de escola.

— Vamos lá, malta — disse eu. — Quem é que está aí dentro?

O Andy inflou os peitorais e deu um passo em frente. Ameaçadoramente perto. Excedia-me em altura por uma larga margem.

— Porque se está a intrometer?

— Calma — respondi.

A porta da casa de banho rangeu, e lentamente a fechadura abriu-se. Lá dentro estava o Fabian, com os ombros curvados e uma

expressão perturbada.

— O que é que se passa? — perguntei.

Os futebolistas encolheram os ombros.

— Ele quer estar lá dentro — disse o Andy. — É um país livre.

— Pára com isso.

Lancei-lhe o olhar mais autoritário que consegui.

— Anda lá, Andy. Que se lixe — intervieram os amigos dele.

Mas o Andy não fazia tenção de se lixar para aquilo. Levantou o braço, erguendo-se acima de mim. Ultrapassou-me para chegar à porta da casa de banho e agarrou o puxador.

— Ele quer estar lá dentro — repetiu. — Não queres, Fabian?

Tentei impedi-lo de a fechar de novo. Pus os pés no chão, usando o rabo para evitar que a porta se fechasse, mas o Andy conseguiu passar e empurrar a porta na cara do Fabian.

— Já chega! — exclamei.

O Andy desatou a rir.

Uma breve competição de forças pela posse do puxador. A minha pulsação acelerou. Senti-me humilhado e espezinhado. Um rapaz de dezasseis anos troçava da minha autoridade e do meu orgulho profissional.

— Larga a porta! — gritei.

O Andy riu-se ainda mais alto.

Ao lado dele, os amigos aplaudiam. Alguns estavam a filmar com os telemóveis.

Foi a gota de água clássica. Larguei o puxador e dei um empurrão ao rufia desrespeitoso. Ele tropeçou nas próprias pernas e caiu.

Abri rapidamente a porta para que o Fabian pudesse sair.

— Tu, ao gabinete do diretor da escola, imediatamente — disse ao Andy, que se estava a levantar.

— Vai para o caralho! — E fitou-me. — Vou fazer queixa de ti.

Fiquei a olhar para ele, a pensar se estaria a falar a sério. Atrás de nós, os rapazes gritavam.

— Filmei tudo — disse alguém. — Provas irrefutáveis!

O Andy trocou um dá-cá-mais-cinco ruidoso com os amigos. Outros alunos vieram a correr, cheios de curiosidade. Alguém perguntou se era verdade que eu tinha batido no Andy.

Senti uma pontada por dentro. Olhei em volta à procura de um caminho de fuga. Teria eu passado das marcas? Outra vez?

Como é óbvio, este episódio afetou a nossa semana em Branäs. Quer estivesse a subir o teleférico com a Bella, a jogar PS4 com o William no apartamento, sentado na cabana com os pés doridos e uma chávina de chocolate a ferver ou a deslizar por uma pista vermelha com o sol ofuscante a refletir-se na neve, no fundo do meu cérebro só

conseguia pensar na discussão que tivera com o Andy.

— Mas o que é que tu fizeste? — perguntou a Bianca. — Agrediste-o?

— Claro que não! Eu estava a ajudar o Fabian a sair da casa de banho quando o Andy caiu. Foi um acidente.

— Então não deve ser nada de grave? Certo?

Eu queria tanto acalmá-la, dizer-lhe que não era nada e que em breve seria esquecido, mas sabia como eram as coisas no mundo da escola.

— Antes do Natal fomos a uma conferência sobre a Abordagem *Low Arousal* — disse eu.

Tínhamos aberto uma garrafa de tinto e estávamos a jogar às cartas. Ela nunca tinha ouvido falar desta abordagem «de baixo estímulo».

— Em que consiste?

— Em situações em que nos sentimos encurralados, o adulto deve recuar e reduzir a manifestação emocional em vez de repreender e exercer a autoridade — expliquei. — É mais fácil falar do que fazer. Além disso, com um método destes, é difícil manter qualquer forma de disciplina.

— O quê? Então não devias ter intervindo? Eles tinham fechado o Fabian na casa de banho!

— Devia ter esperado que a situação se resolvesse e ter-me dirigido a eles com calma. Perdi o controlo — respondi. — Estava stressado, queria ir para casa fazer as malas para a viagem. E, quando vi a expressão de terror do Fabian na casa de banho... Fogo.

Eu tinha reagido de forma excessiva, aumentando a agitação.

— E se...? — disse a Bianca. — Em Köpinge, as notícias espalham-se rapidamente.

— Vai ficar tudo bem.

— Da próxima vez, borrifá-te para isso, está bem? Vai chamar o diretor. Não aguento mais.

Se calhar, ela tinha razão. O risco era demasiado elevado, e eu não podia dar-me ao luxo de cometer mais erros.

Nessa quinta-feira, comemos *pizza* de Värmland com carne de alce num restaurantezinho acolhedor perto das pistas. Dia após dia, crescia em mim a esperança de que o incidente com o Andy se dissipasse durante as férias, de que a ameaça de me denunciar tivesse sido feita do nada, como é típico dos estudantes de hoje, e de que não houvesse consequências.

A *pizza* encheu-me de tal maneira que me deixou nauseado. De volta ao apartamento, li uma história de encantar às crianças, apesar de elas mal conseguirem manter os olhos abertos. Depois, enfiei-me debaixo dos cobertores com a Bianca. Acariciámo-nos e beijámo-nos.

Tinha a comida na garganta e a barriga inchada como um balão.

— Dorme bem — sussurrei a meio do beijo. — Amo-te.

Na manhã seguinte, quando acordei, vi a mensagem de texto do diretor da escola.

*Consegues passar por cá durante o dia de hoje?*

## MIKAEL

## DEPOIS DO ACIDENTE

*Sábado, 14 de outubro de 2017*

A Bianca faz um esgar, virando a cabeça. O seu olhar vagueia, de pálpebras fechadas. Murmura qualquer coisa.

— Chama a enfermeira — digo à Sienna. — Depressa!

Aperto a mão da Bianca com mais força.

— Querida, estás a ouvir-me? Como te sentes? Consegues dizer alguma coisa?

As palavras do médico voltam-me à memória. *Só quando ela acordar saberemos se o seu cérebro sofreu lesões graves.*

— Amor? Diz qualquer coisa.

Lentamente, a Bianca abre a boca. As dores contraem-lhe o rosto. Com uma voz sufocada, diz apenas duas palavras.

— Os miúdos?

Milhares de quilos se despenham no meu corpo.

— As crianças estão aqui. Estão a dormir.

Afasto-me para o lado para ela as poder ver. Parece-me divisar um sorriso vago. Pouco depois, a Sienna regressa acompanhada da enfermeira, uma rapariga de vinte e poucos anos com cabelo ruivo.

— Olá, Bianca, está acordada?

Verifica o equipamento e põe-lhe a mão no braço. Explica-lhe que foi submetida a uma intervenção cirúrgica.

— O que é que aconteceu? — pergunta a minha mulher.

A jovem enfermeira vira-se para mim.

— Um acidente — digo-lhe. — Foi atropelada.

Os olhos da Bianca brilham, como se procurassem memórias.

— Tinhas ido de bicicleta ao supermercado — digo.

Ela ainda parece estar longe.

— Atropelada? Por um carro?

Hesito, e a Sienna olha-me com um ar severo. Como é que eu explico?

— Tinhas acabado de sair do acesso de casa.

— Quando?

Fala devagar. Cada esforço parece causar dor.

— Ontem — digo. — Hoje é sábado.

— Sábado?

Parece incapaz de alinhar os pensamentos.

— Dormiste muitas horas.

A Bianca fecha os olhos e toca na cabeça com a mão.

— Dói? — pergunta a enfermeira. — É normal. Foi operada.

A Bianca olha diretamente para mim.

— Atropelada na praceta? Por quem?

Respiro fundo.

— Pela Jacqueline.

Faz-se um longo silêncio. A Bianca observa-me, examina-me. O seu cérebro está a trabalhar a todo o vapor. As palavras parecem rolar-lhe da boca. Mexe a língua, morde o lábio.

— Tentou matar-me.

— Não, amor, nada disso. Foi um acidente.

A Bianca abana a cabeça, mas toca de imediato na testa e geme.

— Peço desculpa — diz-me a enfermeira ruiva —, mas agora tenho de vos pedir que se afastem.

Um momento depois, acordo as crianças, que se precipitam sobre a Bianca entre a alegria e as lágrimas. Sinto-me assaltado pelo amor.

— Também estás aí? — pergunta a Bianca quando vê a irmã.

— Vim o mais depressa possível — diz a Sienna.

Apertam as mãos.

— Já estás boa, mãe? Não quero ficar aqui — diz a Bella.

Os olhos da Bianca estão pesados.

— Estou muito cansada — responde ela.

— Mas dormiste tanto — diz o William.

A Bianca dá-lhe uma palmadinha na bochecha. As pálpebras estão quase a fechar-se de novo.

— É importante que a Bianca descanse agora — diz a enfermeira.

— Se quiserem, podem ir tomar o pequeno-almoço. Há uma cafeteria perto da entrada.

— Está bem.

Olho para as crianças de forma interrogativa.

— Têm fome?

Ambos acenam com a cabeça.

— Muita — responde o William.

— Claro que, se preferirem, também podem ir para casa — diz a enfermeira.

Não seria mau tomar um duche rápido e vestir roupa lavada, mas não podemos deixar a Bianca agora que acabou de acordar.

— Quero ir para casa — diz a Bella.

A Bianca olha para mim, com os olhos semicerrados.

— Então vão — diz ela.

— Tens a certeza?

— Eu também vou — diz a Sienna. — Precisas de dormir.

A Bianca mal consegue murmurar um assentimento. Já vai a caminho da terra dos sonhos.

— A mamã não vem? — pergunta a Bella quando saímos silenciosamente do quarto.

Conduzo rapidamente na Fjellievägen, atravessando a cidade na direção oeste.

— Podemos comer hambúrgueres? — pergunta o William do banco de trás.

— Sim! Do McDonald's — diz a Bella.

— Ao pequeno-almoço?

Olho para a Sienna, sentada ao meu lado.

— Porque não?

Passamos pelo *drive-in* do Max, junto ao Centro Comercial Nova. A Bella não consegue distinguir os restaurantes. O importante é que a embalagem tenha um brinquedo lá dentro.

Contento-me com um café, sem qualquer apetite.

— Ouve — diz a Sienna quando saio da E6 na rotunda de Köpinge.

— Como podes ter tanta certeza de que foi um acidente? — Os seus olhos castanhos têm contornos mais nítidos. — Sei quem ela é — continua. — Essa tal Jacqueline.

— A sério?

— A Bianca falou-me dela no verão passado.

Olho rapidamente para o espelho retrovisor. As mãos e os olhos das crianças estão enfiados nos sacos dos hambúrgueres.

— Não sei o que a Bianca te contou...

— Ela estava assustada, Micke.

— Hem? Não.

Mudo de faixa para ultrapassar, com a Sienna a olhar-me de esguelha.

— A Bianca tinha medo da Jacqueline.



## FABIAN

## ANTES DO ACIDENTE

*Primavera de 2016*

Depois das férias de inverno, temos outra reunião na escola. Felizmente, desta vez, a minha mãe não está lá. Não sou eu que estou a ser analisado ao microscópio, mas o Andy, do 9.º C.

Ou pelo menos era o que eu pensava. Até estarmos lá sentados. O diretor do fato elegante e o Andy, com uma beata ao canto da boca; o pai, de braços cruzados. Os jogadores de futebol do 9.º C. E o Micke, que ainda está de fato de treino.

— Vamos recomeçar, do início? — pergunta o diretor. — O que conduziu a esta situação infeliz?

O Andy encolhe os ombros. Escorrega pela cadeira abaixo, e o pai dá-lhe uma palmada no braço.

— Nós só brincámos um bocado com o Fabian. Atraímos-lo para a casa de banho. Não foi nada de especial, só uma partida.

O diretor olha para mim.

*Toda a gente olha para mim.*

— Também achaste que foi assim, Fabian?

— Humm.

Não o vou denunciar.

— Eles trancaram-no lá dentro — diz o Micke.

A sua voz é diferente, parece quase assustado.

É óbvio que não quero que o Micke se meta em sarilhos por me ter ajudado, mas é preferível deixá-lo a ele um pouco zangado a acabar com o Andy e os outros alunos do 9.º ano a assediarem-me durante o resto do ano.

— É verdade? — pergunta o pai do Andy, olhando severamente para o filho.

— Não — diz o Andy. — O que é que achas? A casa de banho tranca-se por dentro.

O Micke está prestes a dizer qualquer coisa, mas o diretor intervém.

— Seja como for, houve uma discussão quando o professor Andersson chegou. Como é que foi, Mikael?

O Micke esfrega o queixo com a mão.

— Eu disse-lhes para deixarem o Fabian sair. Quando ele abriu a porta, parecia bastante abalado.

— Estavas com medo? — pergunta-me o diretor.

— Um bocadinho — admito.

— A culpa foi dele — exclama o Andy, apontando para o Micke. — Ele é que arranjou confusão. Foi agressivo.

— Não há hipótese de isso ser culpa minha — diz o Micke. — Estava tudo tranquilo até tentares fechar o Fabian na casa de banho outra vez. Como professor, tenho de intervir em casos como este.

— Temos o vídeo — diz o Andy, colocando o *iPhone* na secretária do diretor. — Veja.

Eu já tinha visto o vídeo várias vezes. Meia hora depois, a coisa estava no Snapchat e no Instagram. Quase toda a gente que tinha comentado queria que o Micke fosse despedido. Eu, por outro lado, escrevera usando um perfil anónimo que ele era um herói do caraças.

O diretor deixa o telemóvel em cima da mesa e olha para o Micke.

— Sentiste que o Fabian estava em perigo? — pergunta.

— Talvez não estivesse propriamente em perigo. Estava assustado.

— Era só uma partida — repete o Andy. — Certo?

Claro que os amigos confirmam.

— Tudo o que exigimos é um pedido de desculpas do professor Andersson e que a escola tome uma posição e aja — diz o pai do Andy.

O Micke parece estar sob pressão.

— É óbvio que não era minha intenção que as coisas corressem desta forma — diz. — Peço desculpa pelo empurrão, mas disse-vos várias vezes para se afastarem.

O Andy não olha para ele.

— Foi um pedido de desculpas sem convicção — diz o pai.

O Micke faz uma breve pausa.

É humilhante. Já estive na mesma situação uma data de vezes.

— Desculpa — diz ele.

Quem me dera ter a coragem de protestar. Não é o Micke quem tem de pedir desculpa.

— Eles têm dezasseis anos — diz o pai do Andy. — Era uma brincadeira. Se ele precisa de desatar aos murros por uma coisa dessas, talvez não devesse ser professor.

É pelo menos tão alto como o filho. Expressão dura, cicatrizes na cara, mãos calejadas.

— Passei das marcas quando te empurrei, Andy — diz o Micke. — Peço desculpa. Mas agora é a tua vez de pedires desculpa ao Fabian.

*Boa!* Finalmente alguém a incriminar o verdadeiro vilão.

— Ele bem pode esquecer — diz o Andy.

— Vá lá, força — incita o Micke. Admiro a sua coragem. — Sê um homem e assume a responsabilidade — diz ele. — E certifica-te de que deixas o Fabian em paz a partir de agora.

O diretor tosse para a mão e inclina-se para a frente, mas o pai de Andy antecipa-se-lhe.

— O Andy tem transtorno de défice de atenção e hiperatividade. A culpa não é dele.

O Micke fica a olhar para ele.

— OK, não sabia.

— Talvez devesse esforçar-se mais para ficar a par dos factos — diz o pai do Andy.

O Micke fica um pouco abatido, comprime os lábios e baixa o olhar para a mesa. Mas depois é como se mudasse de ideias: as forças regressam-lhe, e endireita as costas.

— Ainda assim, o Andy devia pedir desculpa ao Fabian.

O pai do Andy responde com um encolher de ombros.

Então o diretor obriga toda a gente a apertar as mãos. O Andy esmaga-me a minha, mas não vacilo.

— O professor irá receber uma repreensão escrita por causa disto — diz o diretor.

O pai do Andy acena com a cabeça em sinal de satisfação.

— Podíamos ter feito queixa — diz ele ao Micke. — Tem sorte por ter um chefe porreiro.

Enquanto aperta a mão do diretor com a direita, dá-lhe uma palmadinha nas costas com a esquerda.

Eu vou atrás do Micke no corredor. Tento várias vezes dizer alguma coisa, agradecer-lhe, mas todas as palavras que me ocorrem parecem ridículas.

Quando chego a casa, fecho-me no meu quarto com o computador e os auscultadores. Agarro no *joystick* de forma espasmódica. Primo o gatilho e elimino um inimigo atrás do outro com demasiada facilidade. Nos entretimentos, os meus pensamentos voam para o Micke e para a forma como ele me defendeu.

Só reparo na porta a abrir-se quando o Peter chega ao pé de mim.

— Bati montes de vezes — diz ele. — Não ouviste?

— Não.

Aponto para os auscultadores e ponho o jogo em pausa.

— Não podias vir ajudar-nos a fazer o jantar? Estás aqui parado sem fazer nada.

— Estou a jogar.

O Peter fecha a porta, e eu carrego no *play*.

Sempre a mesma história. Esperava que o Peter fosse diferente, mas é igual a todos os outros. Aborrece-me e queixa-se.

— Fabian! — diz ele, abrindo de novo a porta. — Que diabo! — Entra, desliga o monitor, arranca-me o *joystick* da mão e dá um tal empurrão na cadeira que quase me derruba. — Não te disse para vires ajudar-nos a fazer o jantar?

Tem a cara toda vermelha.

— Não, não disseste.

Porque não dissera.

— Ei, tu não brinques comigo. Vai para a cozinha e faz alguma coisa útil!

— Porque estás a gritar comigo?

Agarro-me ao braço da cadeira e empurro-me para trás contra o espaldar. Sento-me sem me mexer. O Peter está furioso.

— Imediatamente!

Está fora de si. Agarra-me pelos braços e puxa-me para cima com toda a força. Contraio o corpo, tentando resistir; inclino-me para a frente e agito os braços.

— Cabrão de merda!

— O que é que disseste?

O Peter torce-me o braço atrás das costas. Um joelho de lado e todo o peso em cima de mim. Grito de dor.

— Pede desculpa — sibila ele.

— Larga-o!

A minha mãe entra de rompante no quarto e desata aos murros ao Peter.

— Ele tem de pedir desculpa primeiro.

— Pára com isso! — diz a minha mãe. — Estás a magoá-lo!

A raiva do Peter desvanece-se num suspiro profundo. Mesmo quando atenua a força e mexe o joelho, continuo a guinchar.

— Sai daqui — grita a minha mãe, puxando e torcendo a *t-shirt* do Peter até esta parecer um cone.

— Pede desculpa — repete ele.

Podes ir prò raio que te parta. Nunca irei pedir desculpa.

— Sai, sai, sai! — grita a minha mãe quando o Peter finalmente me larga. — Desaparece!

O Peter bufa e salpica-lhe a cara de cuspo, mas a minha mãe não se mexe um milímetro sequer. À porta, o Peter tira o casaco do cabide e calça as botas. Bate nas estrelas que pendem do teto e lança-me um derradeiro olhar.

A minha mãe cai no chão ao meu lado e começa a chorar quando o carro arranca.

## MIKAEL

## ANTES DO ACIDENTE

*Primavera de 2016*

A Bella veio ter comigo à porta, deu um salto e aterrou nos meus braços.

— Papá!

Começou a falar, contando todos os acontecimentos do dia, os seus pensamentos e emoções.

— Hoje fomos à biblioteca, pai. Pedi emprestado outro livro de Alfons Åberg.

Nunca me cansava de olhar para ela: herdou os olhos e o nariz da Bianca.

— Depois, o Ola deu-me um bolo de canela.

Ainda tinha um pouco de açúcar em forma de pérola no canto da boca.

— O Ola esteve aqui? — perguntei.

— O Ola *está* aqui!

A Bella arrastou-me para a sala de estar. Em cima da mesa de apoio, encontrava-se o que sobrara de um lanche opulento, e, no sofá, a Bianca e o Ola estavam confortavelmente recostados.

— A polícia apanhou-os — disse o Ola.

Dei um beijo à Bianca, aproveitando a oportunidade para lhe dar a entender, com um olhar, o que achava do convidado inesperado.

— Apanharam os ladrões? — perguntei. — Ótimo!

— Tinham descrições muito precisas. Aparentemente, os tipos roubaram pelo menos mais dez pessoas.

— O Ola fez a identificação na esquadra da polícia — disse a Bianca.

— Uma experiência surreal. Como estar numa série americana. Eles tinham filmado várias pessoas diferentes.

— Reconheceste-os? — perguntei.

— Sem sombra de dúvida. Os dois, logo. Pouco mais do que adolescentes.

— Então vamos esperar que recebam o castigo adequado, algo que os ajude a regressar ao caminho certo.

O Ola endireitou-se no sofá. Pareceu-me prestes a contra-atacar, mas, em vez disso, perguntou como correria a escola.

— A Bianca contou-me sobre a repreensão escrita. É uma loucura.

— Não sei. Passei dos limites.

O Ola arqueou as sobancelhas.

— Como professor, tens de poder agir. Não foste tu que o atiraste ao chão. Como é que isto vai acabar se retirarmos toda a autoridade aos professores?

Parecia-me uma visão um pouco a preto-e-branco das coisas.

— Este aluno tem transtorno de défice de atenção e hiperatividade — expliquei. — Se eu soubesse, se calhar teria...

— Mas isso não é desculpa. Podemos comportar-nos como quisermos só porque temos transtorno de défice de atenção e hiperatividade?

— Não, claro que não. Mas um aluno assim tem de ser abordado de forma diferente.

— Não tenho a certeza — disse o Ola, procurando o apoio da Bianca. — Quando andava na escola, havia uns quantos elementos que estavam sempre a armar confusão. De certeza que hoje em dia teriam algum tipo de diagnóstico. Mas no meu tempo os professores punham-nos no seu lugar e exigiam que seguissem as mesmas regras que todos os outros. Esses rapazes são agora homens decentes. Todos eles. Ao passo que os desordeiros de hoje, o que é que aprendem na escola?

Num certo sentido, tinha razão, claro. Eu tinha ajudado um rapaz vítima de *bullying* que ficara trancado na casa de banho, e eles tinham-me repreendido a mim. Em muitos aspetos, a sociedade adulta mostrara a bandeira branca.

— É uma questão de equilíbrio — respondi. — É óbvio que tentamos relacionar-nos com cada aluno tal como ele é, independentemente do que está escrito na ficha. Mas a particularização extrema também cria problemas. Afinal, o ser humano é um animal gregário. Em certas situações, temos de aprender a submeter-nos ao coletivo.

— Exatamente — concordou o Ola. — Felizmente, não sou professor. Mas admiro quem consegue ser.

— As coisas começaram realmente a correr mal com a introdução do subsídio estatal para as chamadas escolas livres e com a consequente liberdade total de escolha — disse eu.

A Bianca interveio, dizendo que era a favor do mercado livre em todas as esferas, exceto nas escolas, porque o conhecimento não é uma mercadoria.

— No entanto, esta particularização não afeta apenas as escolas — acrescentei. — Encontra-se em todo o lado. E não apenas ao nível do diagnóstico.

— É verdade — disse o Ola.

A Bianca ficou pensativa.

— O Fabian, por exemplo, não tem um diagnóstico.

O Ola olhou para ela, surpreendido.

— Pelo menos no papel.

— Pergunto-me porquê — continuou Bianca. — Será que a Jacqueline não deu o assentimento?

— Não é de excluir — respondeu o Ola.

Fugiu para a cozinha. A Bianca sabia o que eu estava a pensar. Era pouco profissional e também pouco ético falar assim de um aluno.

— Vi um documentário sobre a síndrome de Asperger — dizia o Ola do outro lado da sala de estar. — Talvez seja isso.

Como se fosse possível fazer um diagnóstico depois de ver um filme.

— Ouvi dizer que o Bill Gates tem síndrome de Asperger — respondeu a Bianca. — Mas parece que querem eliminá-la para a integrar nas perturbações do espectro do autismo.

— Quando eu estava a crescer, o transtorno de défice de atenção e hiperatividade chamava-se distúrbio de défice de atenção — disse o Ola. — Estas coisas fazem-nos pensar. É como mudar o nome do cancro ou da diabetes.

— Não é bem a mesma coisa — retorquiu a Bianca.

Fiquei contente por ela o estar a enfrentar. Porque é que ela continuava a deixar aquele falhado entrar em nossa casa? O que fora feito da sua determinação em manter os vizinhos a uma distância segura?

— Está na minha hora — disse o Ola.

Felizmente.

Cumprimentei-o com um aceno de cabeça enquanto ele calçava os sapatos de vela à entrada.

— Viste o polícia com quem a Jacqueline anda a sair? — perguntou ele, abanando a cabeça. — O tipo não tem boa energia.

Transmitira-me exatamente a mesma sensação, mas não queria contribuir para os mexericos. A Bianca também não mordeu o isco, e pouco depois o Ola estava nos degraus exteriores, do lado certo da nossa porta.

Eu encontrava-me junto do lava-louça quando a Bianca se aproximou lentamente de mim, colocando as mãos nos meus ombros e começando a massajar.

— Pareces tenso.

A dor subiu-me pela nuca até ao topo da cabeça. Queria controlar-me, para não dizer coisas de que me arrependeria mais tarde.

— O que é que ele estava aqui a fazer?

As mãos da Bianca pararam.

— O Ola? Talvez tenha precisado de companhia. Está outra vez de baixa, não consegue ir trabalhar.

— Ele não tem amigos?

A Bianca levantou as mãos.

— O quê? Estarás porventura com ciúmes, amor?

Talvez, sim. Um bocadinho.

— Não gosto do Ola.

— É porreiro.

Virei-me e olhei para ela. Aquela discussão não ia levar a nada de bom.

— Em suma, a repreensão escrita que te fizeram implica o quê? — perguntou a Bianca.

Hesitei.

— Na prática, é uma forma de o diretor mostrar aos seus clientes, ou seja, os pais, que está a fazer alguma coisa. Mas em teoria podem despedir-me se voltar a acontecer.

A Bianca respirou ruidosamente. Olhou para mim, ansiosa.

— Tenta só que a história de Estocolmo não se repita.

Uns dias depois, a caminho de casa, passei pelo Ica. A Bianca tinha ido buscar as crianças à escola, e eu não estava com pressa, apesar de ultimamente ter a sensação de que a vida me andava a escapar por entre os dedos de cada vez que olhava para a Bella e para o William. E para a Bianca também.

Estava a ouvir um *podcast* e a comer fruta quando alguém me tocou no cotovelo.

— Peço desculpa — disse eu, retirando os auriculares.

Era a Jacqueline, que trazia uma maçã na mão. Tinha batom cor-de-rosa vivo e uns olhos amáveis.

— Só queria agradecer-te — disse ela. — O Fabian contou-me o que aconteceu na escola.

— Não tens de quê. — Corei. — É o meu trabalho. Infelizmente não correu muito bem...

— Enfim — disse a Jacqueline. — Aquele rapaz, o Andy... o pai dele é um amigo de longa data do diretor da escola. Ouvi dizer que tanto ele como o filho são dois trastes. Ainda bem que ajudaste o Fabian. A escola diz sempre que a culpa é dele. Que é o Fabian que anda a criar problemas.

— Isso é... muito mau.

Olho em redor, tentando não fazer juízos de valor. As pessoas têm ouvidos em todo o lado.

— Tem sido um inferno — continuou a Jacqueline, sem notar a minha hesitação. — Não fazes ideia de quanto tive de lutar para que a escola corresse bem para o Fabian. Quando não se tem um



diagnóstico, é quase impossível ter compreensão.

Dou um nó no saco com as peras que escolhi, refreando a minha curiosidade.

— Sei o que estás a pensar — prosseguiu a Jacqueline enquanto revirava a maçã nas mãos. — Juro-te que fiz tudo o que podia para obtermos um diagnóstico. O Fabian já esteve com imensos psicólogos e médicos. Todos discordam, e alguns chegam a ser mal-educados. O Fabian enquadra-se em certos parâmetros, mas não noutros. Ele é de uma maneira em algumas situações e reage de forma diferente noutras. Lutei muito, mas em vão.

*Como todos nós, pelos nossos filhos.*

A Jacqueline segura a maçã por baixo do queixo. Havia sempre algo sensual nos seus gestos. Talvez isso estivesse relacionado com o seu passado profissional, com todas as horas decorridas em frente à objetiva.

— E, neste momento, o Fabian recusa-se a falar com qualquer pessoa — disse.

Olho de relance para a secção das frutas e legumes. De repente, era como se metade de Köpinge se tivesse reunido ali.

— Mas eu só queria agradecer-te — disse a Jacqueline, deitando a maçã no caixote do lixo.

O que me aqueceu o coração. Uma confirmação de que eu agira com a melhor das intenções.

— Vemo-nos por aí — acrescentou.

Os seus dedos afloraram o meu braço, e senti um formigueiro quente espalhar-se pelo corpo. Enquanto ela se afastava, fiquei a olhar para as suas calças de ganga justas, para as longas pernas equilibradas nuns saltos altos e para a cascata dourada do seu cabelo. A Jacqueline Selander era diferente de todas as outras mulheres que alguma vez me tinham tocado.

Quando recuperei os sentidos, mergulhei as mãos nas clementinas.

*Raios, controla-te.*

Eu tinha a esposa mais fantástica do mundo, uma família maravilhosa. Olhar para outra mulher era uma traição.

Seguindo um guião desastrado, comprei um ramo de rosas para a Bianca. Quando cheguei a casa, encontrei-a à entrada, com um grande sorriso no rosto. Lançou os braços à volta do meu pescoço, gritando de alegria.

— Tenho um novo emprego! Numa das agências mais importantes de Lund.

— Isso é ótimo, amor. Que notícia maravilhosa!

Deixei cair os sacos das compras no chão e mostrei as rosas.

— E tudo graças ao Ola — disse a Bianca.

Um espinho picou-me o dedo.

— Ai, merda!

— Foi ele que me arranhou o emprego na agência imobiliária do banco.

## MIKAEL

## DEPOIS DO ACIDENTE

*Sábado, 14 de outubro de 2017*

Estou em casa, a comer os restos das batatas fritas dos miúdos, quando o telefone toca. Um homem que se diz agente da polícia judiciária quer falar comigo o mais depressa possível. Chega logo depois de eu ter saído do duche. À paisana, com uma camisa branca bem passada a ferro. Cabeça rapada.

A Sienna levou as crianças para cima, e eu sento-me na cozinha em frente ao polícia. Ofereço-lhe um café. Ele agradece, mas recusa.

Carrega nos botões do gravador. Uma pequena luz vermelha acende-se e o polícia lê o número do processo e explica que vou ser ouvido como pessoa de interesse. Só então me apercebo de que estou nervoso.

— Disseram-me que a sua mulher já acordou, depois da operação. Como é que se sente?

— Estou preocupado — digo. — Acho que ainda estou em choque.

— É compreensível.

Ficamos em silêncio por um momento e o polícia perscruta-me.

— Onde estava quando a Bianca foi atropelada?

Penso naquilo durante muito tempo, sem sucesso.

— Tinha acabado de trabalhar e estava a voltar para casa de bicicleta quando ouvi as sirenes.

— O que pensou nesse momento?

Não percebo.

— Pensei?

— Quando percebeu que a Bianca era a pessoa ferida?

— Bem, quando entrei na praceta e vi a bicicleta dela.

— OK. E antes disso? Quando ouviu as sirenes...

— O que é que quer dizer com isso?

Há qualquer coisa de hostil nele, em toda a situação e na forma como olha para mim. Ele devia estar do meu lado.

— Disse que ouviu as sirenes quando vinha de bicicleta do trabalho. O que pensou que tivesse acontecido?

Parece que foi há séculos. Lembro-me do ar fresco que senti no

nariz quando fui para casa ontem. Sem preocupações. Com um fim de semana relaxante com a família pela frente.

— Acho que não pensei em nada de especial — respondo.

O som das sirenes ainda ecoa na minha cabeça.

— Encontrou alguém no caminho entre o seu local de trabalho e a sua casa?

— Não.

Tento organizar as imagens mentais. Ainda nem sequer se passaram vinte e quatro horas, mas o mundo mudou.

— Na verdade, sim. — Lembro-me agora. — Os meus vizinhos. O Åke e a Gun-Britt.

O polícia tem uma expressão de satisfação no rosto.

— Falou com eles?

— Acho que sim. Por breves instantes.

— Lembra-se do que disseram?

— Falámos sobre as sirenes. Eles tinham ouvido um estrondo na rua principal.

O polícia acena com a cabeça.

— E o que é que pensou?

— Nada de especial.

— Ficou preocupado?

— Sim, talvez. Acho que sim.

— Porquê?

— Não sei. Porque os vizinhos tinham ouvido um estrondo. Alguém tinha tido um acidente.

— Diria que ficou com pressa?

Lentamente, tudo se tornou claro. O Åke e a Gun-Britt devem ter dito alguma coisa.

— Sim, acho que sim.

— Porquê?

— Queria perceber o que tinha acontecido. Eu...

— Suspeitava de que poderia ter acontecido alguma coisa à Bianca?

— Não, nem por isso. Ou melhor... talvez tivesse um mau pressentimento. Queria ir a correr para casa para me certificar de que a minha família estava bem.

O polícia coça a careca e muda de posição na cadeira. Não tem pressa. Os meus pensamentos têm vagar para andar para trás e para a frente várias vezes dentro do cérebro. Ele parece convencido de que estou a esconder alguma coisa.

— Há alguma razão especial para estar preocupado e pensar que tivesse sido a Bianca a ser atropelada? — pergunta ele.

— Mas eu não pensei isso. Podia ter sido outra pessoa. Os meus filhos.

Ele não desvia o olhar.

— Quando é que percebeu que foi a Jacqueline Selander a atropelar a Bianca?

— Vi o carro dela. Ela tinha acabado de sair dele.

— E o que é que pensou nesse momento?

Procuro lembrar-me, mas é tudo uma confusão de emoções. Vertigens e tonturas.

— Qual é a sua relação com a Jacqueline Selander?

O polícia aproxima-se de mim, com um antebraço pousado na mesa.

— Bem... somos... vizinhos... amigos... só isso.

Olha para mim, expectante.

— Só isso?

— Sim.

— Então, se eu lhe disser que recebi informações de que o senhor e a Jacqueline tinham um caso, o que me diz?

— Que não é verdade.

*Mantém a calma.* Não me posso exaltar agora.

— Tem a certeza?

— Não faço ideia de onde vai buscar as suas *informações*, mas nunca houve nada entre mim e a Jacqueline.

Ele parece estar à espera de mais, mas eu calo-me. Um discurso em minha defesa só iria reforçar as suas suspeitas.

— Sendo assim, acho que podemos ficar por aqui, por hoje — diz ele.

Desliga o gravador e levanta-se.

Tem a certeza absoluta de que estou a mentir.

— Tem de acreditar em mim — digo. — Nunca houve nada entre mim e a Jacqueline. Nada desse género.

Ele nem sequer olha para mim.

Depois de o agente se ir embora, fico no corredor a fazer oscilar o meu peso de um pé para o outro. Será que devia ir falar com a Jacqueline?

Antes de eu tomar qualquer decisão, a cabeça da Sienna surge por cima do corrimão.

— Tudo bem?

Tento parecer calmo.

— Sim, sim.

Ela desce hesitantemente alguns degraus.

— A polícia suspeita que não se tratou de um acidente?

— Pára com isso — digo. — A Jacqueline nunca...

Estou a tremer.

— A Bianca tinha medo dela — repete a Sienna. — Escreveu-me a

dizer que a Jacqueline era assustadora.

Não compreendo. Terá mesmo usado aquelas palavras?

— A Bianca nunca gostou dela, desde o primeiro dia — digo. — E estava preocupada, depois do que aconteceu com a Bella. Mas a Jacqueline não seria capaz de matar ninguém. É um pensamento absurdo.

A Sienna olha-me com ar de acusação. Abre os braços e murmura alguma coisa, mas é interrompida pelo toque do telemóvel no meu bolso.

Não reconheço o número.

— Estou — respondo rapidamente, de costas para ela.

— Viva! — A voz soa distante. — Estou a falar com o Mikael Andersson?

A Sienna coloca-se atrás de mim, e ponho-me a andar pela casa.

— Estou a ligar da Unidade de Cuidados Intensivos do Hospital Lund. Infelizmente, venho informar que o estado da Bianca piorou.

Paro no meio da cozinha. Os contornos desaparecem, e tudo fica desfocado.

— Mas... como?

O tom de voz eleva-se.

— Acho que deve vir imediatamente ao hospital.

JACQUELINE  
ANTES DO ACIDENTE

*Verão de 2016*

A solidão é penosa. Debato-me com ela desde criança. Na minha família havia distância, entre o meu pai e a minha mãe, entre mim e os meus pais. Nunca os vi tocarem-se um ao outro. Nunca os ouvi dizer «amo-te» um ao outro, nem nunca me disseram «amo-te». Vivíamos numa casa de bonecas.

Eu nem tinha amigos. As pessoas não acreditam. *És tão bonita. Sabe-se lá quantos homens andavam atrás de ti. Sempre tiveste quem quiseste.* Mas eu? Eu não podia ser quem eu queria.

Descobri os defeitos masculinos quando me tornei adolescente e comecei finalmente a sentir-me vista. Claro que era objeto de uma apreciação superficial e efémera, mas a vida já me tinha ensinado que não merecia mais.

E eu não suportava a solidão.

Estar sozinho também significa sermos forçados a olhar para nós próprios. Não há outros olhos onde nos possamos esconder, nem beijos nos quais desaparecer. Mas quaisquer palavras vazias são sempre melhores do que pensamentos feios.

Não queria confessá-lo, nem a ele nem a mim própria, mas foi por medo da solidão que decidi ter o Fabian.

Passámos alguns anos difíceis, mas nunca me arrependi. O Fabian foi a melhor coisa que fiz na vida.

Desde que tinha posto o Peter fora de casa, curava a solidão com vinho. Do lado de fora das janelas, a primavera metamorfoseava-se em verão, as pessoas exibiam calções curtos e grandes sorrisos, mas eu continuava sentada à mesa da cozinha, exaurida e sobrecarregada.

— Mãe — dizia o Fabian. — Porque é que estás tão triste?

Eu não conseguia responder. Mesmo que pensasse nas palavras e as preparasse na língua, pronunciá-las era uma tarefa impossível. A minha garganta estava seca; a língua, paralisada.

À entrada, havia duas estrelas tortas. Não tinha força para as arrancar.

Na festa de fim de ano letivo, pelo menos, deixei a garrafa em paz. O Fabian estava a terminar o 7.º ano, e acompanhei-o à velha igreja de Köpinge. A *Canção de Verão de Ida e das Flores Chega Ora o Momento*. Ele estava de camisa e laço e trouxera um ramo de flores para o Micke. Chorei algumas lágrimas no adro da igreja, recordando as minhas próprias festas de fim de ano com um misto de emoções e um fio de preocupação pelo futuro do Fabian.

Depois da cerimónia, um professor reuniu a turma debaixo de um carvalho, no cemitério, mas o Fabian ficou ao meu lado com as flores atrás das costas.

— Não te vais despedir dos teus amigos? — perguntei.

Os outros pais olhavam para nós. Estavam a sorrir, mas é claro que eu sabia o que estavam a pensar e a sentir, o que estavam a dizer quando não estávamos a ouvir.

— Eles não são meus amigos — disse o Fabian. — Não tenho amigos, tu sabes.

Por dentro, fiquei destrozada. Era o pesadelo de qualquer mãe.

Não fiquei surpreendida, porém; enquanto não o exprimirmos por palavras, é fácil fingir que as coisas terríveis não existem.

O Fabian partiu em direção ao parque de estacionamento, e eu fui atrás dele. No caminho, encontrámos o Micke.

— São para ti — disse o Fabian, entregando-lhe o ramo de flores.

As flores tinham sido ideia dele. No fundo, era um rapazinho muito atencioso.

— Que bonitas. Obrigado — agradeceu o Micke.

Ele estava lindo no seu fato azul, com uma gravata estampada. O sol tinha-lhe corado as faces.

— Um bom verão — disse eu.

O sorriso do Micke aqueceu-me, dando-me uma nova esperança. Não sabia porquê, mas sentia-me bem ao lado dele.

Até o Fabian se acalmou.

— Vai ser bom estar de férias? — perguntou o Micke.

— Talvez — respondeu o Fabian.

O Micke olhou para cima, para a igreja, como se quisesse dizer que tinha de ir.

— A mãe deixou o Peter — disse o Fabian.

Não sei quem ficou mais embaraçado com aquelas palavras, se eu ou o Micke.

— OK, Fabian — disse eu.

Ele escarneceu.

Eu e o Micke trocámos um olhar rápido, e depois ele desatou a correr pelo caminho.

O Peter continuava a enviar-me mensagens de texto. Muitas vezes



ao fim da tarde, outras vezes à noite. Se eu não respondesse, recebia *emojis* de corações e pontos de exclamação.

*Responde! Tenho saudades tuas!!!*

Não sei se era dele que eu tinha saudades, mas tinha saudades de alguma coisa.

*Desejo-te*, escrevia o Peter.

Eu respondia com um *smiley* envergonhado.

Na noite da festa de fim de ano, estava sentada na cama do Fabian. Não tinha bebido nada durante todo o dia.

— Fala-me do pai — pediu-me o Fabian.

E eu falei. Conteí a história toda, como de costume. O nosso encontro, o meu carro avariado na autoestrada. A viagem no reboque, sentada ao lado dele, enquanto ele levava os destroços do meu automóvel para a oficina. Os seus dedos manchados de óleo e os seus músculos tatuados. Ele a enfiar-se debaixo do carro e a constatar que o problema era a bomba de água. Eu falava, e o Fabian acendia-se como uma lâmpada.

— Quando o podemos visitar?

Olhei para a porta.

— É um dinheirão.

— Posso ajudar-te a poupar.

— Vamos ver, querido. Vamos ver.

Nessa noite, bebi apenas um copo. Só um.

As férias de verão tinham começado e o sol entrava como uma lâmina pela janela da cozinha. Entreabri-a e ouvi o zumbido das abelhas lá fora, no jardim.

— Fabian?

Nos últimos dias, andava a criar raízes diante do computador, no quarto.

— A que é que estás a jogar? — pergunto.

O seu olhar não se desvia do ecrã.

— Um jogo de estratégia.

Eu via principalmente combates e armas, explosões, violência e morte. Não conseguia perceber qual era a piada.

— Está sol — disse-lhe. — Porque não vamos dar uma volta?

— Estou a jogar, mãe.

Uns dias depois, encontrei um folheto na caixa do correio. Um ginásio estava a organizar noites de exercício gratuito no jardim público durante o verão, e eu precisava mesmo de sair de casa e conhecer pessoas. Podia pelo menos tentar.

A caminho da aula, respirei para a palma da mão algumas vezes para me certificar de que não cheirava a vinho. O treino era conduzido por uma rapariga loura com uma fita na cabeça e uns

auscultadores com microfone. Tocava música disco europeia dos anos de 1990 em colunas *bluetooth* e alternava entre pranchas, saltos de tesoura e flexões.

O sol filtrava-se por entre os ramos, o ar cheirava a verde, e fiquei rapidamente sem fôlego.

Quase só havia mulheres ali. Eu conhecia a maior parte delas, claro, mas demorei algum tempo até ver a Bianca. A partir desse momento, comecei a olhar para ela em intervalos regulares.

As *leggings* com padrões ficavam-lhe muito bem. As suas pernas pareciam muito fortes. Comparada com ela, eu devia parecer anorética. Quando ela se pôs em quatro apoios, na relva, admirei o seu rabo tonificado. Os músculos, a força. O eterno sorriso nos lábios. Enquanto eu respirava, ofegante, e era obrigada a parar constantemente para me hidratar, a Bianca fazia todos os exercícios com facilidade.

Algumas pessoas nascem assim. Passam pelo fogo e não se queimam, ficam debaixo de água e não se molham. Durante toda a vida vi este tipo de mulheres superarem-me. Parando, por vezes, para olhar com inveja para as minhas pernas ou para as minhas mamas, mas depois apressando-se, com a consciência de terem tirado a sorte grande na lotaria da vida. Eu não podia competir com uma mulher como a Bianca Andersson.

Quando a instrutora desligou a música e nos cumprimentou com uma salva de palmas, pensei que era uma oportunidade de ouro a aproveitar. As palavras do meu agente de Nova Iorque voltaram-me à memória: *If you can't beat them, join them*. Se não os podes vencer, junta-te a eles. Aproximei-me da Bianca por trás, fingindo indiferença.

Tinha pensado no que dizer. O nosso encontro deveria parecer um acaso. Ela já arrancara e andava rapidamente, com a garrafa de água na mão. Segui-a durante algum tempo, até ver um homem que a esperava debaixo de um grande castanheiro.

Não estava preparada para me cruzar com o Micke. Estava prestes a bater em retirada quando reparei no cabelo e nos óculos. Na camisa. O homem a quem a Bianca se dirigia não era o Micke. Era o Ola.

## FABIAN

## ANTES DO ACIDENTE

*Verão de 2016*

A última coisa que quero é ver a minha mãe triste. É por isso que não digo nada sobre o Peter. Ela já sabe o que eu penso. Um dia ele voltou, só isso. Beijo e pedido de desculpa, discussão sobre de quem foi a culpa — já passei por isto milhares de vezes —, e depois começa tudo de novo, como sempre. Já não tenho forças para pensar nisso.

— Também é por ti — diz a minha mãe uma manhã, depois de o Peter estar sentado à mesa da cozinha a dizer as tretas do costume. — Eu não era feliz sem ele. Tu também viste o que eu andava a beber.

Também o faz por mim. Tento acreditar.

É também por mim que o Peter vomita todos os desportos que praticou *na minha idade*, todas as coisas em que era o melhor, tudo o que acha que eu devia estar a fazer, apesar de eu perceber que a única coisa que ele quer é não me ter por perto.

— Quando eu tinha a tua idade, estava sempre a fazer campos de férias — diz.

Não olho para ele, finjo que ele não existe.

Mas o verão é longo e demasiado quente. O ar escasseia, mesmo quando abro a janela. Acabo por ser obrigado a sair.

— Não te apetece fazer nada? — pergunta a minha mãe quando me vê sentado à sombra com um livro na mão.

— Estou a ler.

Em vez disso, ela está deitada como um ovo estrelado, com a pele a brilhar sob o sol quente. Todo o jardim cheira a óleo de coco.

O Peter está sentado ali perto, seminu, com uma garrafa de cerveja na mão e um sorriso estampado no rosto.

— Estás branco como um morto, que diabo!

Nunca gostei do sol. Há tanta gente que se atormenta ao ponto de quase se queimar só para ficar «bonita e bronzeada». Eu prefiro estar confortável e estar bem. As pessoas dizem que a cor da pele não importa e depois enchem-se de cremes e *sprays* para conseguirem um tom mais atraente.

Fujo do sol na minha bicicleta. Ponho o boné na cabeça e pedalo

durante muito tempo por Köpinge até ficar encharcado de suor. Por todo o lado, as pessoas riem-se e sorriem. Mal posso esperar que chegue o outono e a escuridão, para que se retirem para as suas tocas.

A festa foi ideia do Peter.

— Claro que tens de organizar uma festa — diz ele. — Só se faz quarenta anos uma vez na vida.

A minha mãe torce o nariz.

— Não há nada para celebrar.

— Pelo contrário — diz o Peter. — Devíamos celebrar mais vezes.

É claro que ele ganha a discussão.

Não quero continuar a ouvi-los. Dou umas voltas de bicicleta pelo bairro e, quando regresso ao nosso pátio, vejo o Micke a carregar umas coisas no *Volvo*.

— O que estás a fazer?

Ele limpa a testa com as costas da mão.

— Estou a organizar as malas. Vamos para a ilha de Öland. Já lá estiveste?

Não tenho a certeza. Já estive em muitos sítios, mas era pequeno.

— Acho que não — digo. — Já estiveste na Califórnia?

— Não, nunca, mas sonho ir lá.

— O meu pai vive lá — digo. — Tem uma oficina mecânica na Califórnia. Daqui a uns anos quero mudar-me para lá para trabalhar.

— A sério?

— Porquê? Achas que estou a mentir?

Ele levanta as mãos.

— Claro que não. Acredito em ti.

Mas não parece convencido, e isso incomoda-me. Pensei que nos entendêssemos os dois.

Já agora, não gosto que eles se vão embora. Uma semana inteira numa casinha na ilha de Öland. Para quê?

Estaciono a bicicleta na entrada da casa e pego numa mala para o ajudar a colocar as coisas no carro. Nesse momento, o Peter e a minha mãe aparecem na praceta comum.

— Devias comprar uma caravana — diz o Peter ao Micke. — São superconfortáveis.

Aparentemente, o Micke já lhe tinha falado nas férias. A Gun-Britt virá esvaziar a caixa do correio deles e o Peter promete dar uma vista de olhos à casa de vez em quando.

— Bem, vou estar de férias — diz ele. — Mas pelos vizinhos fazemos isto e muito mais.

Que diabo, ele não vive aqui. O Micke não é vizinho dele.

— Temos uma perguntinha — continua o Peter.

Acena com a cabeça para a minha mãe. Ela parece um pouco

nervosa.

— Queria convidar-vos para uma festa — diz ela. — Vamos festejar o meu aniversário no próximo sábado. Nessa altura já estarão de volta?

O Micke acena com a cabeça.

— É espantoso, não é? — diz o Peter, pondo um braço à volta dos ombros dela. — Esta rapariga vai fazer quarenta anos.

Não me apetece nada ir a essa festa; porém, se o Micke e a família forem, talvez seja aceitável.

O Micke olha para a minha mãe com um meio-sorriso.

— No próximo sábado? Não é o dia da festa dos vizinhos que o Åke anda a organizar?

A minha mãe muda imediatamente de expressão.

— Raios!

— Terão de a adiar — diz o Peter.

A minha mãe lança-lhe uma olhadela.

— Como me pude esquecer da festa dos vizinhos?

— De certeza que o Åke a poderá remarcar — diz o Micke.

Tenta fechar a bagageira, mas uma das malas impede-o.

— Vamos falar com eles agora — diz o Peter. — Não exageres nas cervejas, na ilha. Costumam ser mais fortes por lá.

Ri-se e arrasta a minha mãe em direção à casa do Åke e da Gun-Britt.

O Micke entra na casa dele. Sigo-o e paro em frente ao portão. Há uma fresta, uma pequena abertura entre as tábuas de madeira, por onde espreito.

Numa das cadeiras do jardim está a Bianca, de biquíni, a beber de um copo por uma palhinha. Alguém vem a sair pela porta envidraçada. Inclino a cabeça para ver melhor.

É o Ola.

Tem um par de *Crocs* verdes calçado e senta-se ao lado da Bianca.

— Fomos convidados para uma festa de quarenta anos — diz o Micke.

Só consigo ver as costas dele.

— Da Jacqueline? — pergunta o Ola.

A Bianca parece surpreendida.

— Ela convidou-nos?

— Está a convidar todos os vizinhos — diz o Micke.

Nesse momento a Bianca põe-se de pé, gritando e agitando os braços.

— Que nojo, enxota-o! Xô!

Algo debaixo da mesa a assusta. Quando o Ola o afasta, vejo que é um pombo. Um vulgar pombo cinzento.

— São assustadores — diz a Bianca.

Ela é estranha. Quer parecer forte e firme, mas na realidade tem medo de tudo. Tenho pena do Micke.

— Infelizmente, aconteceu um *quid pro quo* — diz o Micke. — A Jacqueline faz quarenta anos no mesmo dia em que o Åke estava a pensar fazer a festa dos vizinhos.

— Mas que raio — diz o Ola. — Ela tem sempre de arranjar confusão.

— De certeza que não fez de propósito — diz o Micke.

— Fez. A Jacqueline adora este tipo de coisas.

Não gosta nada! O Ola está a mentir. A minha mãe nunca o teria feito de propósito.

— Proponho boicotar a iniciativa dela — continua o Ola. — Isto não se faz. O Åke já decidiu há muito tempo.

Terá ciúmes do Micke? Deve ser por isso. O Ola também já percebeu que a minha mãe gosta do Micke.

Mas ultimamente o Ola tem andado mais atrás da Bianca. Se calhar os dois ficam bem juntos.

— Talvez o Åke tenha decidido há *demasiado* tempo — diz o Micke. — A Jacqueline deve ter-se esquecido da data.

— Não me parece — reitera o Ola.

— Em todo o caso, o Åke foi o primeiro a marcar — diz a Bianca. — Ela vai ter de mudar a data da festa.

O Micke coloca-se entre os dois.

— Ao ouvir-vos falar, até parece um grande problema. Acho que se pode resolver de uma forma que agrade a todos. Vai ser divertido celebrar um pouco.

Sinto-me quente. Pressiono as mãos no portão, mas desequilibro-me um pouco e falho a abertura.

Olho para a madeira.

A visão desfoca-se: tudo fica escuro, e vejo o meu pai. Imagino-o um pouco como o Micke. Com um grande coração e uma natureza simples.

Ouçoo passos atrás de mim e sou trazido de volta à realidade.

— Que raio estás a fazer? — pergunta o Peter.

## MIKAEL

## DEPOIS DO ACIDENTE

*Sábado, 14 de outubro de 2017*

— O que é que se passa?

Abro de par em par a porta do quarto da Unidade de Cuidados Intensivos, mas a Bianca não está ali.

— Ela tinha acabado de acordar. Disse-nos para irmos para casa entretanto porque precisava de descansar!

Ando de um lado para o outro enquanto a Sienna se senta junto das crianças. A enfermeira fala com uma voz calma e controlada.

— A tensão arterial da Bianca subiu muito rapidamente. Está em radiologia para fazer uma nova TAC ao cérebro.

— Mas tinha corrido tudo bem.

Quando agito os braços, a enfermeira afasta-se.

— Logo que os resultados cheguem, os médicos virão falar consigo. Afundo a cara nas mãos. Não aguento mais. Apetece-me enterrar-me e desaparecer.

Depois vejo os meus filhos e sei que não os posso abandonar.

— Venham — digo.

A Bella e o William sentam-se ao meu colo, e eu seguro-lhes nas mãos, encosto a minha testa aos seus pequenos corpos.

— Vai correr tudo bem — digo. — Vai ficar tudo bem.

Atrás deles está a Sienna. O seu rosto é como um retrato cujas cores se estão a esbater. Há abismos no lugar da boca e dos olhos.

— Ela acordou — digo. — A cirurgia correu bem.

Continuo a repetir que vai correr bem. Acaricio o cabelo das crianças. Dou uma palmadinha na bochecha do William e um beijo na Bella. Lágrimas salgadas de criança nos meus lábios.

O tempo passa devagar. As paredes fecham-se, e o ar é quente e cheira a bafio. Os meus ouvidos estão cheios de sons de máquinas.

Quando a porta se abre, pomo-nos de pé num salto. Trazem a Bianca para dentro, deitada na cama. Está imóvel.

Toda a paz desapareceu. Agora dorme um sono pesado e forçado, com um tubo a sair-lhe da boca.

— Oh, amor...

As imagens passam-me diante dos olhos: a Bianca no seu vestido de noiva, descalça na praia. O padre, de guarda-chuva e com o livro de hinos rasgado pelo vento. *Na saúde e na doença, até que a morte vos separe.* O curso de preparação para o parto durante o qual fiz os exercícios de respiração até ficar sem fôlego, e depois desatámos os dois a rir, até que a parteira nos repreendeu e fugimos, de mãos dadas. A fotografia de Maiorca na nossa cómoda: um bebé feliz nos meus ombros, o outro nos dela, a Bianca em pontas dos pés, lábios nos lábios. *Para sempre.*

— Amo-vos tanto — sussurro, olhando para eles, um a um. Bianca, William, Bella.

Quando o Dr. Arif chega, com uma expressão desolada no rosto, as lágrimas já secaram.

— Posso falar consigo? — pergunta-me.

As minhas pernas ficam moles, e levanto-me para o seguir até ao corredor. O Dr. Arif abre uma porta com uma chave e leva-me para outra sala.

— Sente-se.

Fecho os punhos com força no colo.

— A tensão arterial da Bianca subiu de repente — diz o médico. — Tivemos dificuldade em acordá-la.

— Porquê?

Não sei se quero saber.

— Infelizmente, a tac mostrou que as pequenas hemorragias no cérebro aumentaram.

Abano a cabeça. Têm de as parar.

— Lamento imenso — diz ele.

Não percebo. A Bianca estava acordada, falei com ela.

— O que é que isso quer dizer exatamente?

O Dr. Arif engole em seco. Já não consigo sentir as mãos.

— De momento, não podemos fazer mais do que esperar.

— Mas... deve haver alguma coisa que se possa fazer. Não pode operar de novo?

— Infelizmente, é demasiado arriscado. Uma operação implicaria ter de sacrificar uma grande parte do cérebro. Não vale a pena. A Bianca deixaria de poder andar ou falar. E as suas funções cognitivas também ficariam gravemente afetadas.

Como vou explicar isto aos meus filhos?

— Então só nos resta esperar? — pergunto. — Outra vez?

O médico fecha os olhos.

— Lamento imenso.

Fico a olhar para ele, a imagem quebra-se, vejo estrelas e sombras. Depois, os fios são cortados, e tudo se desvanece.



JACQUELINE  
ANTES DO ACIDENTE

*Verão de 2016*

— Um brinde à aniversariante! — gritou o Peter, erguendo a cerveja bem alto.

Em certos momentos, sentia-me feliz por o ter novamente comigo. Noutros, talvez com um minuto de intervalo, odiava-me por não ter sido forte. Pelo menos agora tinha alguém com quem falar, alguém que me tocava e dizia que me amava.

O jardim encheu-se de vivas e risos.

Depois de muitos protestos, o Åke e a Gun-Britt aceitaram mudar a data da festa dos vizinhos para o inverno, excepcionalmente.

— Um brinde aos trinta!

A Barbara, uma antiga colega minha dos tempos da Bring, levantou o copo na minha direção.

— Trinta, quem me dera!

Eu bebi, e ela riu-se tanto que as suas mamas enormes saltaram por baixo do vestido do Ellos com folhos roxos.

— És dourada — disse ela, batendo com o copo dela no meu. Uma afirmação incompreensível para a maioria. A Barbara é sinestésica e vê as pessoas como cores.

Tinham-se passado sete anos desde o meu primeiro dia de trabalho na Bring, mas ainda conseguia sentir o cheiro do ar quente e parado para o qual o meu patrão me catapultara, juntamente com uma catrefada de cartas para organizar.

A Bring era uma mistura de homens mortos-vivos que se riam sempre que se peidavam e enlouqueciam quando se falava com eles. A Barbara fora a minha salvação. Aproximou-se de mim, agarrou-me pelo braço e sussurrou: «Deves ser especial. És dourada.»

Eu nunca tinha ouvido falar de pessoas que veem os outros como cores. Foi uma das muitas coisas que a Barbara me ensinou durante o tempo em que estive na Bring, no meu primeiro emprego em solo sueco, o primeiro que consegui sem a intervenção das minhas pernas ou mamas.

Tinha trinta e dois anos e não sabia bem o que significava levantar-

me às seis da manhã, reter o chichi durante muito tempo e beber café apenas a horas certas. Ou correr para cima e para baixo como um pardal, escadas atrás de escadas, a meter panfletos publicitários que ninguém queria nas caixas do correio. Um trabalho a sério, longe dos desfiles de moda e dos fotógrafos excitados.

— És uma brasa — dizia frequentemente a Barbara. — Não tens um defeito que seja. Que maravilha.

Às vezes parava e olhava para mim, quase a babar.

— Pára com isso — dizia eu.

— Merda, acho que és do outro mundo — murmurava ela.

Normalmente, quando acabávamos de separar o correio, lanchávamos juntas no minúsculo refeitório. As sandes da Barbara, com queijo, nozes e doce de figo, eram um clássico, à moda da Bring.

— Não vais ficar aqui muito tempo — dizia ela. — Pessoas como tu não ficam em sítios como este.

— Tretas.

Eu não queria ser privilegiada. Desfilara com malas de marca francesa ao ombro e agora atravessava edifícios com o saco cheio de postais e selos. Faz-se o que se pode, o que é preciso fazer. O meu sonho sempre fora sobreviver e ser amada.

— Merda, foste modelo e atriz — dizia a Barbara.

— Um papel insignificante. Figurante, mais propriamente.

— Pára de te depreciar — ralhava ela, enfiando um cigarro entre os dentes enquanto pedalávamos nas nossas bicicletas de carteiro carregadas. E eu pensava que desejava ter tido uma Barbara muito mais cedo na vida.

— Passou-se muito tempo — disse ela quando nos reencontrámos no meu aniversário.

Sete anos passaram a voar. Não me parecia que tivesse mudado muito. Os meus seios tinham descaído um pouco, ganhara celulite nas coxas, mas por dentro continuava a ser a mesma adolescente insegura que apanhara aquele voo para os Estados Unidos.

— Está mesmo crescido — disse a Barbara, apontando para o Fabian.

Demorei três quartos de hora a obrigá-lo a vestir uma camisa. O boné da BMW, no entanto, não era negociável.

— Ainda bem que me convidaste — disse a Barbara.

Tinham-se passado anos desde a última vez que falara com ela. Tinha as suas mensagens e *e-mails* à espera de resposta no telemóvel.

— Ainda bem que vieste — respondi, enchendo o copo de ponche enquanto o Peter esbracejava para afastar o fumo do churrasco.

— Que vizinho simpático — disse a Barbara ao aproximar-se. — É solteiro?

— Quem? O Micke?

— Não, não. Aquele ali. O Ola.

Apontou discretamente para o Ola, que estava de pé ao lado do Peter com uma bebida na mão. Os seus olhos já estavam vermelhos, e cambaleava um pouco.

— Esquece.

A Barbara riu-se, mas intuiu que eu estava a falar a sério.

— Estou a perceber — disse ela.

Claro que ela não estava, mas pronto.

\*

A carne ficou queimada, mas toda a gente disse que estava boa na mesma. Fizeram-me tantos elogios ao gratinado de batata que acabei por ser obrigada a admitir que o tinha comprado pronto no Lidl.

Depois do jantar, chegou a hora das bebidas alcoólicas. O Peter subiu o volume nas colunas que tínhamos no quarto e dançámos no jardim ao som de êxitos dos anos de 1980.

— Fogo, que chatos — sussurrou o Peter ao meu ouvido, lançando um olhar ao Micke e à Bianca.

— Chiu — respondi, rindo.

Mas ele tinha razão. O Sr. e a Sra. Andersson estavam escondidos num canto, como os piores desmancha-prazeres da festa.

O Åke e a Gun-Britt tinham recusado o convite nessa manhã, culpando a enxaqueca dele, mas provavelmente ainda não tinham digerido a remarcação da festa dos vizinhos.

— Que se lixe, está na altura de pormos isto a aquecer um pouco — disse o Peter.

Cambaleou até à mesa e começou a alinhar os copos. A Bianca estremeceu quando o viu servir sambuca e tentar acender o *Zippo*.

— C'um caraças.

— Toma — disse a Barbara, entregando-lhe um isqueiro *Bic*.

Entretanto, os gémeos Mutić de Eslöv tinham assumido o controlo da aparelhagem e posto uma música folclórica dos Balcãs cheia de violinos e tudo, a tocar bem alto.

Olhei para a Bianca enquanto agarrava o Micke pelas mãos e o puxava do chão. Depois de uma breve pantomima a tentar opor-me resistência, desistiu assim que lhe pus os braços à volta do pescoço e comecei a mexer as ancas ao som da música.

— Estou tão contente por teres vindo — disse-lhe. — Apesar de tudo.

Suspeitei que o Micke tivesse desempenhado um papel crucial a convencer o Åke a adiar a sua festa.

— Não podíamos faltar — respondeu ele.

Havia qualquer coisa na forma como a luz incidia no seu rosto.

Quando se ria, apareciam-lhe covinhas nas bochechas.

Ao nosso lado, os gémeos rodopiavam numa espécie de dança típica.

— Mais uma vez, obrigada por teres defendido o Fabian na escola — disse eu. — Significa muito para mim.

Inclinei a cabeça para trás, pressionando os seios contra o peito dele. Ele estremeceu um pouco, desconfortável.

Eu tinha bebido demasiado. Mais uma vez.

Típico da Jacqueline. Que tristeza. Um homem aproxima-se, nem que seja um pouco, e eu transformo-me numa fonte de sentimentos impossíveis.

— Obrigada pela dança.

Sorri.

Podia ter tido o Micke, tinha a certeza. Nem sequer teria sido difícil. Mas eu já não era assim. Não ia destruir uma família. Não de novo.

Quando me virei, vi que o Ola se tinha aproximado sorrateiramente de mim. Invasivo e importuno, abraçou-me, observando-me com olhos toldados.

— Larga-me — disse eu.

— Vá lá. Não sejas difícil. Só quero dançar.

— Vai-te lixar — acrescentei, empurrando-o e fazendo-o escorregar nos seus sapatos de vela.

Pelo canto do olho, vi o Peter. O seu olhar estava vermelho de raiva; os punhos, cerrados.

— Algum problema?

— Não, não — murmurou o Ola.

Mas o Peter agarrou-o.

— Deixa a Jacqueline em paz.

— Estávamos só a dançar — disse o Ola, tentando escapulir-se.

O Peter olhou para mim de forma interrogativa.

— Esquece — disse eu.

Eu não queria cenas. O que é que o Micke e a Bianca iriam pensar? Cheia de vergonha, olhei para o grupo silencioso dos meus convidados.

O Peter empurrou o Ola em direção ao relvado.

— Vai para casa — disse ele. — Antes que leves um murro a sério nas trombas.

Com um grunhido, o Ola cambaleou até ao portão.

— Que raio, estás doido?! — exclamou, procurando nos olhos o apoio da Bianca e do Micke.

Cinco minutos depois, também eles iam a caminho de casa. Agarrada ao braço do Micke, a Bianca tinha um véu de terror sobre os seus olhos verdes. Não disseram nada, mas o Micke pôs-me a mão no

braço como que para me agradecer e mostrar solidariedade.

— Acho que a festa está morta e enterrada — disse eu.

E talvez não apenas a festa. O Peter abriu bem os braços, desanimado, mas eu estava farta das cenas dele. Quando o Micke pegou na mão da Bianca e se dirigiram juntos para a praceta, sob o luar, desejei ser a mulher ao lado dele. Nessa altura, tudo poderia ter sido diferente.

Descalcei os sapatos e encaminhei-me para casa. Enquanto corria, dei uma cotovelada no flanco do Peter, que praguejou e se fez de desentendido.

— Podes chamar um táxi — disse, fechando-lhe a porta na cara. Pouco depois, estava sentada na borda da banheira a chorar, até esborratar toda a maquilhagem que exigira uma boa hora de trabalho.

*Story of my life.*

Já me tinham dito muitas vezes que eu era emotiva. O meu agente em Los Angeles costumava dizer-me *You wear your heart on your sleeve*, eu era um livro aberto. Agora era obrigada a esconder as minhas emoções. Há muitos esconsos onde as podemos ocultar, muitas casas de banho onde podemos chorar.

Passado algum tempo, o Peter começou a bater à porta da frente e nas janelas, mas eu não o ia deixar entrar. Já não queria deixar ninguém entrar. Corria sempre tudo mal. Eu andava a tomar as decisões erradas, a fazer as coisas erradas. *Eu* estava errada.

Olhei-me ao espelho. Um monstro manchado de rímel.

Algumas coisas não podem ser corrigidas. Então, o que se faz? Esconde-se, descarta-se, esquece-se.

Só me restava a fuga.

JACQUELINE  
DEPOIS DO ACIDENTE

*Domingo, 15 de outubro de 2017*

— Tenho medo, mãe.

O Fabian senta-se à mesa da cozinha a olhar para o espaço. A sua *t-shirt* está suja, e o nosso lava-louça cheira mal.

— Como irão correr as coisas?

Gostava de ter garantias e consolações, mas recuso-me a fazer-lhe mais promessas que talvez não consiga cumprir.

— Não quero voltar para lá. Recuso-me a voltar para aquele sítio.

O Fabian anda de um lado e para o outro, a contorcer as mãos.

— Não compreendes como foi terrível.

Não consigo olhar para ele. A dor é insuportável.

Como pude ter concordado em mandá-lo embora? Tento livrar-me das recordações. O horror nos olhos do Fabian quando o arrastaram para fora do carro. Foi com essa imagem na cabeça que passei o tempo no centro de reabilitação. Foi essa imagem que me fez resistir e permanecer quando a tentação de fugir se tornou mais forte.

— Então e se acabares na prisão? — pergunta o Fabian. — Mandam-me de volta para aquele sítio!

— Não, nunca mais irás voltar para lá.

Não sei quanto tempo passa, quanto tempo ficamos os dois na cozinha, mas do lado de fora da janela as sombras delicadas transformam-se numa escuridão compacta. A luz dos faróis de um carro que entra no pátio inunda a cozinha.

— Peter!

Quando se ouve bater à porta, o Fabian corre para o quarto.

— Abre a porta! — grita o Peter.

— Não és bem-vindo aqui! — grito.

Ficamos frente a frente, cada um do seu lado da porta.

— Dá-me cinco minutos.

Hesito. Penso nos vizinhos. Vou acordar os que ainda não estão acordados.

Quando destranco a fechadura, o Peter entra e abraça-me.

— Pára — digo, afastando-o. — O que é que queres?

Ele pousa-me as mãos grandes nas faces.

— Vá lá. Sou *eu*.

Tem os primeiros botões da camisa de flanela desapertados, as mangas arregaçadas até aos cotovelos. Há dias que não faz a barba.

— Nunca mais te quero ver aqui.

— Escuta — responde ele. — Podes permitir-te não ser forte neste momento.

Fecho os olhos e tento resistir quando o Peter afasta uma madeixa de cabelo do meu rosto.

— Tu precisas de mim — diz ele. — Nós precisamos um do outro. Dá-me uma oportunidade de te apoiar a ti e ao Fabian.

O mesmo pedido, as mesmas carícias, a regressar, uma e outra vez, ao longo da minha vida.

Mas agora sou outra pessoa.

— Sabes que eles também irão querer ouvir-me, não sabes? — diz o Peter.

— Porque haveriam de querer?

Não me dá ouvidos.

— Eu posso dizer as palavras certas. Sei como estas coisas funcionam.

— Deixa-te disso! Já contei tudo à polícia. Confessei e assumo a responsabilidade.

— Os serviços sociais vão tirar-te o Fabian, outra vez — diz o Peter.

Solto-me dele, ultrapasso-o e abro a porta da frente para a escuridão.

— Sai!

— Vá lá — diz ele, com uma voz persuasiva. — Não tens de passar por isto sozinha.

— Não estou sozinha.

O Peter esboça um sorriso, depois um lampejo atravessa-lhe os olhos e a sua voz endurece de novo.

— Estás a falar do Micke?

— Pára com isso.

— Eu sabia. Tu andas a foder com ele!

— Fora!

Do outro lado da praceta, a janela do Åke e da Gun-Britt está iluminada. Na pior das hipóteses, serei obrigada a fugir para casa deles.

— Tentaste matar a Bianca? — pergunta o Peter.

— Estás doido?

Não pode estar a falar a sério.

— Aproveitaste a oportunidade para te livrares dela.

— Tu és doente — digo —, foi um acidente. Achas mesmo que eu

ia magoar a Bianca de propósito? — Ele faz um esgar, e eu contraio os músculos da barriga da perna, pronta para lhe dar um pontapé nos tomates, se necessário. — Agora sai!

Ele fica a olhar para mim de boca aberta. Dá uns passos em frente.

— Amo-te.

As suas palavras exalam ódio.

Recuo.

— Mas tu não mereces o meu amor, porra — diz ele.

Nesse momento, o Fabian abre a porta de par em par. Na sua mão tem o taco de basebol.

— Deixa-nos em paz!

Balança-se para um lado e para o outro, respirando fortemente pelo nariz. Nunca o tinha visto assim. Está fora de si.

— Senão o quê? — diz o Peter. — Vais bater-me com isso? Nem um mosquito conseguias matar.

O taco de madeira vibra nas mãos do Fabian. Tremo da cabeça aos pés.

O Peter hesita por uns segundos, depois passa por mim e desaparece na escuridão fria. Fecho rapidamente a porta. O taco de basebol cai ao chão.

Eu e o Fabian ficamos tão próximos como uma mãe e um filho podem ficar sem se tocarem. Lentamente, a fúria animal vai-se dissipando.

Lá fora ouve-se o carro a arrancar.



## MIKAEL

## ANTES DO ACIDENTE

*Verão de 2016*

Na manhã depois da festa de aniversário da Jacqueline, dormi durante muito tempo e acordei porque as crianças estavam a usar o meu corpo como trampolim. Saltavam para cima e para baixo, aterravam na minha barriga e faziam-me cócegas debaixo dos braços.

— Acorda, pai! — disse o William. — Queremos comer *pannkakors*.

— O meu *iPad* está morto — queixou-se a Bella.

Tinha a sensação de ter uma betoneira na cabeça, mas não havia nada a fazer a não ser arrastar-me para fora da cama para preparar o pequeno-almoço.

A Bianca estava sentada na ilha da cozinha, de roupão e descalça.

— Bom dia — disse, dando-me um beijo.

A máquina de café já estava a ferver, e eu deitei mãos à obra com a massa das *pannkakor*.

— Meu Deus, aquele Peter — disse a Bianca. — Está mesmo fora de si.

— O Ola também se portou mal.

— Sim, mas ele foi obrigado a defender-se. O Peter estava prestes a bater-lhe. É inacreditável um polícia não ter conta, peso e medida.

Tirei uma chávena de café antes de a cafeteira ter terminado, salpicando o líquido quente nas calças de fato de treino.

— Parecia que estávamos numa festa de miúdos de catorze anos — disse a Bianca, enquanto eu passava um pano húmido nas calças.

— Não percebo o que a Jacqueline vê no Peter — disse eu.

A Bianca aproximou-se para me ajudar a tirar a nódoa.

— Tenho sobretudo pena do Fabian. Já imaginaste viver com aqueles dois lunáticos?

Parecia um caso de *culpa por associação*. Como se o comportamento questionável do Peter pudesse ter contagiado igualmente a Jacqueline.

Suspeitei de uma pontinha de ciúme, talvez por eu ter dançado com a Jacqueline, que estava bastante bêbeda na noite anterior e fora demasiado invasiva.

— Para mim, acabaram-se as festas de vizinhos — disse a Bianca

ao levantar-se.

Abracei-a por trás, acariciei-lhe a clavícula e continuei a descer em direção aos seus seios.

— Devia ter-te dado ouvidos — disse-lhe. — Conviver com os vizinhos pode ser perigoso.

Ela ronronava enquanto eu lhe beijava o pescoço, e senti uma ereção contra o seu traseiro.

No mesmo instante, a memória da minha dança com a Jacqueline passou-me diante dos olhos. Fui obrigado a piscar os olhos para afastar a imagem. Como podia pensar noutra pessoa enquanto acariciava a minha mulher?

O telemóvel da Bianca tocou, e, quando ela digitou o código, uma notificação no ecrã indicou que tinha recebido uma mensagem do Ola.

— O que é que ele diz? — perguntei.

— Deve estar a sentir-se culpado. Mas anda a dizer há algum tempo que o Peter e a Jacqueline são doidos.

Irritava-me o facto de ela estar a defender o Ola sem o questionar. Ele tinha-se portado tão mal como o Peter.

— Não te esqueceste de que o Ola tem uma condenação por agressão...

A Bianca endureceu, e a sua pele congelou sob os meus dedos. A ereção desapareceu.

— Foi um episódio especial — disse ela. — Percebo que ele se tenha encolerizado.

— Encolerizado, sim. Mas não se justifica, pois não?

Iria mesmo defendê-lo? Ela própria se mostrara horrorizada quando me contara a história. O Ola tinha chegado a casa da mãe, que sofria de demência, e encontrara-a com a cama molhada, apesar de ali estar um funcionário dos serviços sociais. De acordo com o depoimento da vítima, um profissional de saúde de vinte anos, o Ola passara-se quando ele lhe dissera que já tinha mudado a fralda à senhora e que não tinha autorização para voltar a fazê-lo, mas que o Ola podia. O tribunal decidiu que, ao atacar o jovem, encostando-o à parede e cuspiendo-lhe mesmo na cara, o Ola fora culpado de agressão para além de qualquer dúvida razoável.

— E se tivesse sido a tua mãe? — perguntou a Bianca, tirando-me as mãos das suas ancas.

— Claro, foi uma situação muito desagradável, mas não por culpa do assistente. E recorrer à violência nunca está certo, pois não?

— Nisso estamos de acordo.

A Bianca serviu-se do que restava do café e desligou a máquina.

Estaria o Ola a fazer-lhe uma lavagem cerebral? Quando eu tinha perdido a cabeça, na escola de Estocolmo, ela não mostrara um pingão de compreensão. Compaixão alguma. E disse-me que, se voltasse a

acontecer, pegaria nas crianças e desapareceria.

E eu ajoelhara-me diante dela e implorara-lhe que me desse uma segunda oportunidade. E reconhecera o meu erro. A violência é sempre algo errado.

Evidentemente, regras diferentes aplicavam-se ao Ola.

Claro, arranjara à Bianca um emprego novo. Por isso também eu estava grato. A Bianca estava muito mais feliz, mais saudável. No entanto...

— Sentes-te em dívida para com o Ola? — perguntei. — Não foi graças a ele que conseguiste o emprego. És uma excelente agente imobiliária, a melhor.

Ela esboçou um sorriso gelado.

— Obrigada.

Fiquei com a sensação inquietante de que tínhamos começado a mentir. Não só um ao outro, mas também a nós próprios.

Quando as crianças já estavam a dormir e o crepúsculo começava a cair sobre os telhados, arrastei-me para fora do sofá e despi as calças de fato de treino sujas de café.

— Tenho de recuperar o controlo da minha vida — disse eu.

A Bianca sorriu, surpreendida.

— Agora? Em roupa interior?

— Vou dar uma corrida.

Não tinha vontade nenhuma de o fazer, mas era uma questão de princípio. Deitar fora um dia de verão a vegetar no sofá de ressaca era coisa do passado. Agora era um homem adulto, um homem de família.

Ao atravessar o pátio nas minhas calças de treino cada vez mais apertadas, olhei para o jardim da Jacqueline. Garrafas, latas e copos por todo o lado. Balões vazios e serpentinas partidas no relvado pisoteado.

Que confusão. Porque é que ela ainda não tinha arrumado as coisas?

Estava prestes a sair quando a avistei, numa espreguiçadeira junto ao muro da casa.

— Olá — disse eu.

Não respondeu. Estava de óculos escuros. E devia estar mesmo de rastos. Talvez estivesse a dormir.

— Jacqueline? — Abri o portão e entrei. — Está tudo bem?

Ela deu um salto, levantou-se e tirou os óculos. Olhou para mim, sonolenta, ainda maquilhada e desgrenhada.

— Desculpa... — disse. — Que vergonha.

Encheu os pulmões de ar. O lábio inferior tremeu-lhe e, antes que pudesse expirar, o rosto desfez-se.

— O que se passa?

Dei um passo na sua direção. O que podia eu fazer?

— Ontem foi tudo um exagero. Um verdadeiro fracasso.

— Não penses nisso. Talvez precisas de um copo de água. Acompanho-te até casa.

Na mesa da sala já se encontrava um copo. Ela bebeu uns goles, sentou-se na beira do sofá e limpou as lágrimas com o dedo mindinho.

— Acho que tenho uma disfunção qualquer.

— O que queres dizer com isso?

Ela riu-se, apática.

— Há algo errado em mim. Uma doença mental que me faz estragar qualquer tipo de relação.

Mordi a língua. O problema era mais a sua tendência para ter relações com nulidades.

— O amor não é fácil — disse eu.

— Quem me dera ser como o Fabian. Ele não se preocupa muito com essas coisas. Ou como tu: uma pessoa normal que não faz drama de três em três segundos.

— Vou considerar isso como um elogio.

— Fazes bem.

Olhou para mim, aparentemente aliviada, mas senti que havia mais por baixo, algo mais triste, uma desilusão.

— Não está na minha natureza falar destas coisas com alguém que mal conheço. Ou mesmo falar sequer destas coisas.

Era uma manifestação de confiança considerável. Não sabia se conseguiria lidar com aquilo.

— Nesse caso, para que servem os vizinhos? — perguntei. — Para nos emprestar um pouco de açúcar?

Era difícil defender-me do seu sorriso toldado.

— Estou farta de mim própria. De tudo. Talvez devêssemos mudar-nos para bem longe e começar de novo.

Como eu e a Bianca tínhamos feito.

— Onde está o Fabian? — perguntei, olhando em volta. Não devia estar a ouvir estas coisas. — Ele... Nós...

A Jacqueline levantou-se e apontou para a porta da casa de banho.

— Está lá dentro.

Olhei para a fechadura: estava vermelha.

— Zanguei-me com ele — disse a Jacqueline. — Raios, porque é que o Fabian é que paga sempre as favas?

— Trancaste-o na casa de banho?

A Jacqueline desviou o olhar.

— Ele é que se tranca lá dentro.

A mesma explicação dada pelo Andy do 9.º C.

— Não vale a pena pô-lo de castigo e não o deixar sair de casa. De qualquer maneira, ele prefere estar em casa — prosseguiu a

Jacqueline. — E quanto a trancá-lo no quarto? Ele poderia viver lá dentro durante décadas, sem qualquer problema. O que é que eu devo fazer? Como é que ele vai aprender alguma coisa se eu não descobrir uma forma de o castigar?

Não era da minha conta, não sabia nada sobre o que era viver com um adolescente, mas os meus instintos diziam-me que aquela não era certamente a melhor solução.

— Não podes falar com ele? Tentar meter-lhe algum juízo na cabeça?

Senti-me como o pior tipo de Sr. Sabe-Tudo.

— Não há nada que eu não tenha tentado.

A Jacqueline suspirou pesadamente, e uma madeixa de cabelo deslizou-lhe pelo rosto. Tinha pena dela, mas o que é que eu podia fazer? Não queria envolver-me ainda mais nas questões da família Selander.

— Posso falar com o psicólogo da escola — sugeri. — Também há um psicólogo exterior a quem se pode recorrer.

A Jacqueline levantou a mão para me interromper.

— Obrigada, mas não vale a pena. Já passámos por isto antes, e o Fabian recusa-se.

— Eu...

Olho para a porta de entrada.

— Pensei em ir dar uma corridinha.

— Desculpa mais uma vez — disse a Jacqueline. — Obrigada por me ouvires. Sinto-me a pessoa mais ridícula do universo.

— Nem pensar — disse eu. — Há sempre alguém pior.

Que bom vê-la rir. Durante a corrida não conseguia pensar noutra coisa senão nela e no Fabian. Imaginava-o fechado na casa de banho com o cabelo sobre os olhos. A dor e a resignação da Jacqueline. Apesar de ter ouvido um *podcast* durante todo o treino, quando voltei ao pátio, quarenta minutos depois, não fazia ideia de qual fora o tema do episódio.

Em frente ao número 15 encontrava-se o carro do Peter, mal estacionado.

Quando me atirei para o sofá ao lado da Bianca, estava exausto. Enquanto recuperava o fôlego, contei-lhe sobre a Jacqueline, sobre o campo de batalha no seu jardim, disse-lhe que ela desabara e metera o Fabian na casa de banho.

— Ela trancou-o na casa de banho? A sério? — A Bianca estava chocada. — Isto está a ficar cada vez mais louco.

Concordei.

— Na minha opinião, não devíamos ter mais nada que ver com estas pessoas — disse a Bianca.

— Podemos sempre mudar-nos para a Lapónia — respondi.

Ela olhou-me de soslaio. Nem sequer me esboçou um sorriso.  
— Ela devia ser denunciada aos serviços sociais.

## MIKAEL

## DEPOIS DO ACIDENTE

*Domingo, 15 de outubro de 2017*

— Porque é que ela não acorda? — pergunta a Bella. — Quero ir para casa.

Senta-se no meu colo, em frente à cama da Bianca.

— Mãe, acorda. Por favor.

Acaricio-lhe a face enquanto o tempo passa.

Lembro-me do meu primeiro encontro com a Bianca. Tinha entrado nos armazéns Åhléns e parei na secção de artigos para homem.

— Precisa de ajuda? — perguntou uma voz atrás de mim.

Tencionava responder com um sorriso e fugir, mas quando me virei fui confrontado com um par de olhos verdes hipnotizantes. Tinha comprado roupa no valor de vários milhares de coroas e amaldiçoara-me durante dias por não ter pedido o número dela. Ainda bem que sabia onde ela trabalhava.

Na semana seguinte, tinha dado uma série de voltas no centro da cidade e, de cada uma das vezes, entrava na Åhléns para a ver. Estava a espreitar para as caixas, escondido atrás de um expositor de casacos, quando a vi vir na minha direção.

— Precisa de ajuda? — perguntou.

O mesmo sorriso maravilhoso. Balbuciei qualquer coisa, encolhendo-me. Por fim, perguntei-lhe se ela me reconhecia.

— Não. Deveria reconhecer?

Enredei-me num emaranhado de explicações insatisfatórias, enquanto a Bianca olhava para mim com um sorriso no canto da boca. Depois de muitas reviravoltas, consegui soltar a pergunta:

— Vamos beber um café um dia destes?

Duas semanas depois, após um café, um passeio e um jantar romântico na minha varanda, a Bianca confessou que me tinha reconhecido perfeitamente naquele dia em Åhléns. Desde então, pensara em mim muitas vezes.

No verão seguinte, fomos juntos para a Sardenha, e desde então que somos inseparáveis.

— Pai — diz a Bella com a mão no meu queixo.

O meu medo reflete-se no seu olhar. Ela viu-me chorar muito poucas vezes.

— Quando é que a mamã pode vir para casa connosco? — pergunta.

A resposta desintegra-se na minha garganta e sai sob a forma de um balbuciar espapaçado.

— Eu... não... sei.

Esta espera. É como estar suspenso a meio de um salto e não ver a hora de aterrar.

— Quero ver um filme — diz o William.

A Bella desliza para fora do meu colo.

— Eu também.

A Sienna ajuda-os a ver *As Crianças de Bullerby* no *tablet*. A voz quente de Astrid Lindgren não combina com o barulho das máquinas.

Momentos depois, uma enfermeira entra e cumprimenta-nos em voz baixa. Passa pelas crianças, sobe as persianas e deixa entrar trinta segundos de ar fresco.

— Já está de noite — suspira.

Para mim, é indiferente. Aquela sala está sempre escura. O tempo já não existe, a luz está longe.

A enfermeira detém-se à porta para cumprimentar alguém com quem troca algumas frases curtas antes de voltar para dentro.

— Têm visitas.

Não tenho tempo para pensar e dou por mim em frente do Ola. Tem a camisa abotoada até ao pescoço, e os óculos estão embaciados.

Não o quero aqui.

— O que é que queres?

Levanto-me de supetão da cadeira.

— Olá, Ola — diz a Bella, levantando os olhos do *tablet*.

Tenho de me controlar, pelos miúdos.

— Tinha comprado uma flor — diz ele. — Mas não me deixaram trazê-la.

Estende a mão para a Sienna e apresenta-se.

— Não vou ficar muito tempo. Só queria ver como ela está.

Sinto-me a fervilhar, mas não vou fazer uma cena. Não aqui, não agora.

O Ola aproxima-se da cama e olha para a Bianca.

— O que dizem os médicos? — pergunta.

— Só nos resta esperar.

— É realmente incompreensível — diz ele, levando a mão à boca.

— É melhor ires agora — sugiro.

Ele acena com a cabeça. Fica mais um pouco, a olhar para a Bianca. Quando sai, sigo-o até ao corredor.



— Falaste com a Jacqueline? — pergunto.

— Um bocadinho.

— Porque é que ela comprou aquele carro? Um *BMW*! Logo ela, que sempre conduziu carripanas velhas.

O Ola encolhe os ombros.

— O Fabian é obcecado por *BMW*.

Eu sei. Mas como é que ela se pode dar ao luxo de comprar um carro daqueles?

— Nunca lhe perdoarei — digo.

— Compreendo.

— Como é que ela não viu a Bianca? Teria estado a beber?

O Ola puxa o fecho da *parka*.

— Ela deixou de beber. Regressou há pouco do centro de reabilitação.

De certa forma, ainda é pior. A Jacqueline não estava sob a influência do álcool. Estava na plenitude das suas faculdades.

— Então devia ir demasiado depressa. A Jacqueline andava sempre como uma louca na praceta.

— É possível — diz o Ola.

A sua descontracção é doentia.

— A Bianca está ali, deitada naquele quarto, e não sabemos se vai acordar. Estás a perceber? — Fico a olhar para o pescoço dele. Ouvi em algum lugar que são precisos apenas seis segundos para uma pessoa ficar inconsciente quando se pressionam os polegares nos pontos certos. — Espero que ela acabe na cadeia.

O Ola continua a puxar o fecho para cima e para baixo.

— Não me parece — responde. — Lesões pessoais graves em acidente rodoviário. O meu palpite é que vai ser multada.

— Não. Não se pode atropelar uma pessoa, deixando-a em coma, e safar-se apenas com uma multa.

Na verdade, não sei porque me parece tão importante que a Jacqueline receba um verdadeiro castigo. É uma reacção primitiva, e tenho dificuldade em aceitá-la, mas os pensamentos de vingança e justiça não me dão tréguas.

— Vou-me embora — diz o Ola.

— Obrigado.

Nesse momento, a Sienna abre a porta.

— Espera — diz ela. — Tenho de te perguntar uma coisa.

Sai e apoia as costas na porta fechada.

— A Bianca contou-me que este verão começou a ter medo da Jacqueline. Tu tinhas-lhe contado algumas coisas, e ela ficara preocupada.

O Ola larga o fecho e fixa o olhar no corredor.

— Bem, não sei. O quê, exactamente?

— Pensavas que a Jacqueline tinha escolhido o Micke como alvo. A Bianca tinha medo de que o seu casamento estivesse em perigo, de que ela destruísse a sua família.

As palavras atingiram-me diretamente no plexo solar.

— Mas que tretas andaste para aí a contar? — pergunto ao Ola.

— Eu só lhe contei o que a Jacqueline me fez a mim. A Bianca deve ter tirado as suas próprias conclusões.

Quando a porta se abre atrás dela, a Sienna quase tomba.

— Pai? — diz a Bella. — O que é que estás a fazer?

Olha para nós, um a um.

— O Ola já se ia embora — respondo.

No mesmo momento, o Dr. Arif sai por outra porta.

— Como estamos?

Não percebo o que a Sienna lhe responde. Só quando o Ola desaparece, caminhando em direção aos elevadores, me viro para o médico.

— Vou fazer alguns testes — diz ele. — Podem assistir se quiserem, mas é melhor as crianças aguardarem na sala de espera.

A Bella parece preocupada. No *tablet* que tem na mão, as crianças de Bullerby estão a dançar à volta do poste da festa de verão.

— Que tipo de testes? — pergunto.

O Dr. Arif olha para a minha filha e baixa o tom de voz.

— Vou tentar estimular a Bianca de várias formas, inclusivamente infligir-lhe dor, para ver como reage. Não vemos sinais que façam pensar que venha a acordar.

## FABIAN

## ANTES DO ACIDENTE

*Outono de 2016*

Talvez eu tenha tido azar. Não devia haver mais idiotas entre os professores do que entre o resto das pessoas. Mas já me cruzei com muitos imbecis.

O único de quem gostei mesmo foi o Helmer, o meu explicador dos primeiros anos da escola primária. Costumávamos jogar às cartas na sala de aula designada A1, mas a que toda a gente chamava sala de aula dos A-normais. Jogar às cartas era uma recompensa porque eu acabava sempre os trabalhos de casa antes dos outros. Eu e o Helmer também sabíamos perfeitamente que eu não precisava de um explicador. Era apenas uma forma de me afastar da turma.

Mas o Helmer parou, reformou-se e entraram novos professores. Um exército inteiro de imbecis.

Agora estou no 8.º ano. Só me falta um ano e meio, e depois fico livre. Muitos professores já andam a falar dos últimos anos do secundário, da importância das notas para entrar nas áreas mais promissoras e blá-blá-blá. Estou-me nas tintas para o secundário.

O que há de melhor em crescer é ser mais fácil escapar à escola. Podemos marcar consultas dentárias falsas pelo telemóvel, podemos culpar a ansiedade ou dizer que precisamos de falar com o psicólogo da escola. Alguns professores nem sequer fazem a chamada. Às vezes vou para a biblioteca jogar ou ver cenas no YouTube enquanto a Frida-Cara-de-Cavalo tortura o resto da turma com os seus discursos sobre sustentabilidade e aquecimento global.

O professor de Sueco, o diretor da nossa turma, chama-se Kenneth e é gordo e careca. Acho que sonhava ser escritor. Em vez disso, agora corrige erros gramaticais nas resenhas dos livros de leitura fácil que noventa por cento da turma não consegue terminar.

Na Música, temos o Roine, um velho paleolítico de cabelo comprido que não nos ouve nem vê. O Mate-Mats tem três filhos na escola, e a mulher mudou-se para Tenerife. Há rumores de que, aos fins de semana, atua como travesti em Malmö.

E depois há o Micke. Antes da história com o Andy, quase toda a

gente gostava dele. Agora as pessoas dizem que ele não é de confiança. Tenho alguma esperança de que o Micke seja despedido, porque gosto mais dele como vizinho do que como professor.

A pior de todas, porém, é a Miss Pink. Na verdade, o seu nome é Majros — é mesmo nome de vaca — e dá aulas de Inglês. Veste-se sempre de cor-de-rosa, todos os dias.

A coisa que a Miss Pink mais detesta é quando os alunos pronunciam uma palavra com sotaque americano.

— *That's not the right pronunciation.*

É como se implorasse para ter um meme.

Publico-o no *chat* da turma e num instante o *post* torna-se viral e chega ao diretor da escola.

— É verdade? — pergunta a minha mãe. — Fizeste mesmo isto?

Claro que ela está zangada, mas também um pouco impressionada. Mas, obviamente, nunca o admitiria.

— É só uma brincadeira — digo, quando ela aumenta a imagem no ecrã.

Recortei a vaca da Mamma Mu e pintei-a de cor-de-rosa. Depois pus-lhe a cara da Majros, também conhecida por Miss Pink. *That's not the right pronunciation.* O melhor de tudo foi que consegui distorcer a voz de modo que a *pronunciation* seja realmente incorreta.

— Ela é uma ditadora, mãe. A escola inteira odeia-a.

— Como é ou o que fez não importa, Fabian. Isso não se faz, ponto final. Nunca devemos ser maus.

O castigo consiste em três semanas sem computador, sem Internet, sem telemóvel.

— Não posso ficar na casa de banho?

A minha mãe recusa-se.

Sei que ela me vai devolver o computador antes do final da semana.

Detesto desiludir a minha mãe, mas desta vez valeu a pena. Na escola, olham para mim de forma diferente. Dão-me palmadinhas nas costas e cumprimentam-me com gritos de «iei». Alguns alunos do 9.º ano chamam-me «King» e dizem que o meu meme é a coisa mais fixe que já viram. Além disso, na última semana a Miss Pink não se queixou da pronúncia de ninguém na minha turma.

Duas semanas depois, temos nova tragédia. A minha mãe foi chamada para uma reunião na escola.

— Acabaram-se as reuniões, Fabian. Não aguento mais!

Sinto-me um verdadeiro traidor.

A minha mãe sempre lutou por mim. Todos estes anos, em todas as reuniões. Teve de ouvir muitos professores e psicólogos e fazer-lhes frente. Ela é o meu soldado.

*Se o Fabian quer, tem de ser assim.*

A escola é uma anedota. Uma prisão de merda. Conseguimos encontrar tudo o que precisamos de saber na Internet.

Na parede da nossa sala de aula está escrito *Sê tu mesmo — todos os outros já estão tomados.*

*Se todos pensarem da mesma maneira, não haverá ninguém que pense.*

É difícil encontrar parvoíce maior do que esta.

O que faço eu aqui? Quero trabalhar numa oficina mecânica. Não me serve de nada tocar bongos, escrever textos argumentativos ou calcular a diagonal de um cubo.

— O que se passou desta vez? — pergunta a minha mãe quando chegamos à reunião. — Pensei que a história da Majros estava resolvida.

O diretor, que até então estava a olhar para as mamas dela, ergue finalmente a cabeça.

— Claro, claro. O Fabian pediu desculpa à professora Majros. Desta vez, foi o Kenneth quem pediu uma reunião.

O Kenneth, sentado à nossa frente, tamborila os dedos. É o diretor de turma e parece ser o pai dos *Griffins*.

— Pensei em falar convosco sobre a forma como o Fabian irá continuar os estudos.

O Kenneth olha para a minha mãe, que está cada vez mais irritada.

— Já falámos sobre isto muitas vezes. Que mais há para dizer?

O diretor puxa a gravata, como as crianças pequenas puxam a pilinha mal lhes tiram a fralda.

— Como achas que as coisas estão a correr na escola, Fabian? — pergunta.

— Bem — respondo com um encolher de ombros.

Eles não seriam capazes de lidar com a verdade.

— Tanto quanto sei, o Fabian alcançou todos os objetivos escolares — diz a minha mãe. — Teve muito bons resultados nos exames nacionais.

— Sim, claro — confirma o Kenneth, anuindo com a cabeça. — Ele não tem problemas nos estudos.

— O problema é o seu *ambiente social* — explica o diretor. — Como deve saber, o nosso município também tem uma escola de ensino especial.

A minha mãe parte imediatamente ao ataque.

— Não vou obrigar o Fabian a mudar de escola.

Esteve a beber vinho o dia todo. Consigo ouvi-lo na sua voz.

— Na escola surgem muitos conflitos — diz o Kenneth. — Tanto com os professores como com os outros alunos. A que achas que se deve, Fabian?

Ao facto de serem imbecis.

Claro que não o digo.

— Não sei.

— Outra solução é o Fabian ser acompanhado por um assistente educativo — diz o Kenneth.

O diretor olha-o de soslaio. Os assistentes educativos são caros.

— Já falámos sobre isso — replica a minha mãe. — O Fabian não quer assistentes.

Os assistentes educativos são todos iguais. Anormais armados em artistas que abandonaram a formação de professores e precisam de complementar os seus rendimentos. Estão sempre muito mais interessados no telemóvel do que em trabalhar. E quem consegue aturar uma pessoa assim o dia todo?

— Alguma coisa tem de mudar — diz o Kenneth.

O diretor olha para mim.

— Há alguém, entre os professores, em quem tu confies especialmente?

Os três ficam a olhar para mim. Não percebo muito bem onde é que o diretor quer chegar com aquilo. Não confio em ninguém, só em mim mesmo.

— O Micke — propõe a minha mãe.

— Sim, bem, talvez.

O Micke é porreiro. Está do meu lado. Acho que ele gosta mesmo de mim.

— O Mikael Andersson? — pergunta o diretor, que finalmente largou a gravata. — O professor de Educação Física?

— Não pensei que gostasses de ginástica — diz o Kenneth.

— Não gosto.

Eu e a minha mãe trocamos um sorriso. Ambos gostamos do Micke, sei que sim.

— Posso ter uma conversa com o Micke — diz o diretor. — Se o libertar de outra tarefa, poderá ser o mentor do Fabian. O que acham?

A minha mãe anima-se.

— O que dizes, Fabian? — pergunta ela.

Um mentor? Eu nem sei o que isso é. Mas é uma oportunidade de me aproximar do Micke.

— Está bem.

— Então está decidido — diz o diretor.

Levanta-se e estende o braço para a minha mãe. Por um momento, parece querer abraçá-la.

## MIKAEL

## ANTES DO ACIDENTE

*Outono de 2016*

A Bianca chegou a casa depois de ter escurecido. Eu e as crianças já tínhamos jantado, e as sobras do *pyttipanna* estavam no forno, tapadas com papel de alumínio.

— Fiz o meu melhor contrato de sempre! — gritou a Bianca da porta. — Um milhão e meio de coroas a mais do que o preço inicial. O patrão abriu uma garrafa de champanhe!

— Que maravilha, amor!

Abracei-a.

Tanta coisa se alterara desde que ela mudara de agência. Tinha um aspeto mais saudável e parecia mais feliz. Ao mesmo tempo, porém, estava cada vez menos em casa e tão stressada que se esquecia das coisas.

Enquanto comia os restos do *pyttipanna*, contou-me tudo sobre o apartamento que tinha vendido, que o leilão subira lentamente até alcançar as estrelas e que o patrão a enchera de elogios.

— Desculpa, não consigo parar de falar — diz ela, bebendo um grande copo de leite. — Como foi o teu dia?

— Bah... praticamente o mesmo de sempre. — Não sabia como dar a notícia sem lhe estragar a alegria. — O diretor pediu-me para ser o mentor do Fabian. Falou com a Jacqueline e com o rapaz, e parece que sou o único professor em quem ele confia.

A notícia despertava em mim um misto de emoções: por um lado, sabia o que a Bianca ia pensar; por outro, não podia deixar de sentir uma pontinha de orgulho.

— Estás a brincar? — disse a Bianca. — Pensei que tínhamos concordado em não ter mais contacto com eles do que o necessário.

— Sim, eu sei, mas o meu trabalho depende disso.

O Fabian não se relacionava com nenhum adulto havia anos. Não podia ignorar a sua demonstração de confiança.

— És mesmo bom demais, meu amor — disse a Bianca, limpando o bigode de leite com um guardanapo.

Havia um meio-sorriso por baixo dele.

A Bianca aceitou muito melhor do que eu esperava. Provavelmente graças à venda do apartamento.

Depois de tomar banho e de mudar os lençóis, fizemos amor durante muito tempo e adormecemos em conchinha.

Nesse sábado, a Bianca teve três visitas a uma imobiliária em Lund. Eu e as crianças fomos buscá-la de carro e depois seguimos juntos para a reserva natural de Skrylle. Caminhámos pela floresta e fizemos cachorros-quentes na fogueira, espetando-os em paus.

Nessa noite, a Bella e o William adormeceram cedo. Eu e a Bianca partilhámos uma garrafa de cava no sofá enquanto víamos o *reality show Så Mycket Bättre*.

Quando ouvimos bater à porta, trocámos um olhar e consultámos o relógio de parede.

— Quem poderá ser a esta hora?

— Deve ser o Fabian a querer conversar com o seu mentor — disse a Bianca, não sem ironia.

Fomos os dois à porta. Do outro lado estava a Gun-Britt.

— Não vão acreditar nisto — disse ela.

— O que se passa?

— A Jacqueline vai fazer um estágio no jardim de infância.

A Bianca soltou um soluço.

— No *nosso* infantário? No da Bella?

— Como é que sabes? — perguntei.

A Gun-Britt riu-se.

Havia dois «oráculos» na terra. Um era o grupo do Facebook *Nós, os de Köpinge*, o outro era a Gun-Britt da rua Combinaguai.

— Mas a Jacqueline não é educadora — disse eu. — Distribuí-a correspondência.

— Acho que estudou Pedagogia no secundário — explicou a Bianca. — É o suficiente.

— Posso entrar? — disse a Gun-Britt. — Não me vou demorar. — Levantou o dedo indicador no ar, de forma conspiratória, antes de atravessar a soleira da porta. — Há ouvidos por todo o lado.

Dada a sua reputação de bisbilhoteira, estava obviamente ciente dos riscos.

— Pergunto-me se irá trabalhar na sala da Bella — disse eu.

A Bianca lançou-me uma olhadela.

— Espero bem que não.

— É estranho não seguirem critérios mais rigorosos para contratar pessoal — disse a Gun-Britt. — A Jacqueline não é de confiança.

— Porquê? — perguntei.

Já estava farto daquelas tolices. A Gun-Britt e o Åke diziam sempre que se preocupavam com as relações de vizinhança, mas mal surgia a



oportunidade regurgitavam toda a sua maldade sobre a Jacqueline e o Fabian.

— Na minha opinião, estão a ser injustos — continuei. — Porque é que a Jacqueline não pode trabalhar no jardim de infância?

— Vá lá, sabes perfeitamente — disse a Bianca. — Os métodos pedagógicos da Jacqueline não são propriamente os mais modernos. Ela tranca o Fabian na casa de banho!

— Não me parece que seja fácil lidar com ele — respondi.

— Além disso, ela mete-se nos copos — disse a Gun-Britt. — Toda a gente sabe.

Virei-lhe as costas e mostrei à Bianca que me apetecia esganar a velha.

— Perceberam que devem ter cuidado com a Jacqueline ou não? — continuou a Gun-Britt. — Perguntem ao Ola.

— O quê?

Voltei a olhar para ela. Não consegui reprimir a minha curiosidade.

— Foi tudo muito trágico — anunciou a Gun-Britt. — Eu gostava muito da Mette-Louise, a mulher do Ola.

— Conhecia a mulher do Ola?

— A ex-mulher — apontou Bianca.

— Ficámos muito amigas quando eles se mudaram para cá — contou a Gun-Britt. — A Mette-Louise era uma querida. Demorei algum tempo a perdoar ao Ola depois do que se passou.

— Então o Ola ainda era casado quando se mudou para cá?

— Claro.

Não tinha percebido. Por outro lado, não parecia ser novidade para a Bianca.

— O que é que aconteceu? — perguntei.

A Gun-Britt fez uma expressão dramática.

— A Jacqueline — respondeu.

— Ou seja? O Ola traiu a mulher com a Jacqueline?

— Eles tinham acabado de se mudar — disse a Gun-Britt. — Estavam a meio da renovação da casa. Claro que aquilo devastou a Mette-Louise.

A Bianca deu um estalo com a língua, em solidariedade. O que é que ela sabia acerca daquela história?

— Depois a Mette-Louise foi-se embora, e a Jacqueline não quis ter mais nada que ver com o Ola — continuou a Gun-Britt. — Como se o objetivo dela fosse apenas destruir o que os dois tinham. Conseguiu-o e perdeu o interesse.

O Ola e a Jacqueline. Ela teria realmente destruído o casamento dele?

— Tenham cuidado — avisou a Gun-Britt. — A Jacqueline não consegue ficar sossegada. Foi por isso que ela perdeu o emprego na

distribuição do correio. Portanto, não o percas de vista.

Inacreditável: ela referia-se a mim. Era eu que precisava de ser vigiado.

Aquela anormal aparecia em minha casa a insinuar que eu era infiel à minha mulher.

— Não sou propriamente um animal — disse eu. — Tenho arbítrio.

— Sim, sim — murmurou o oráculo. — Claro.

Foi a gota de água.

— Vou-me deitar. É tarde.

Subi as escadas batendo com os pés. Ao fundo do corredor, a Bianca cumprimentou a Gun-Britt, e eu fui à casa de banho lavar os dentes.

Quando entrei no quarto, a Bianca estava sentada na beira da cama. Num canto, o papel de parede tinha começado a enrugar.

— Devíamos ter pintado tudo quando chegámos — disse eu. — Pergunto-me se alguma vez o faremos.

— Vamos pensar nisso — respondeu a Bianca. — Daqui a algum tempo, agora não consigo.

Fitei-a nos olhos, intensamente. Pensei no Ola e na Jacqueline. Nas insinuações ridículas da Gun-Britt.

— Sabes que eu não...?

Nem sequer o conseguia dizer em voz alta.

A Bianca baixou o olhar.

— Amo-te — disse então.

Ela fitou-me, hesitante, e os nossos lábios encontraram-se.

— Eu também te amo.

## MIKAEL

## DEPOIS DO ACIDENTE

*Segunda-feira, 16 de outubro de 2017*

Os minutos acumulam-se enquanto ando de um lado para o outro na pequena sala reservada aos familiares. A Sienna está sentada com as crianças, que estão alegremente absortas no mundo de Astrid Lindgren devolvido pelo *tablet*.

No final da tarde de domingo, fomos informados de que a Bianca não estava a reagir à dor. O Dr. Arif explicou, com uma voz lenta e séria, que iriam fazer mais testes em intervalos regulares.

Flutuo no limbo entre o presente e o futuro. Quero saber o que está a acontecer, mas ao mesmo tempo não quero. Se o tempo parasse agora, continuaríamos a estar aqui todos: a Bianca, a Bella, o William e eu. Aqui, agora. Daqui a um ou dois segundos, poderá ser demasiado tarde.

Como se mede a atividade cerebral? Como se mede a vida?

Imagino o Dr. Arif com um instrumento de calibração entre os dedos. Agora está a medir o meu futuro.

Raramente falávamos sobre a morte, mas, quando o pai da Bianca partiu, abrimos a porta do inevitável.

— Tem de haver mais alguma coisa — dissera a Bianca.

— Tem?

Na mão tinha uma fotografia do pai do tamanho de um selo postal. Agora trazia-a num pendente, ao pescoço.

— Caso contrário, tudo isto é... tão... sem sentido.

— Não é sem sentido — retorquira eu. — A vida é maravilhosa. Temos de a apreciar.

Será que o fizemos? Cuidámos do tempo? Olho para os nossos filhos e para o futuro que brilha nos seus olhos. Ainda não é demasiado tarde.

— Senta-te um pouco — diz a Sienna.

Abano a cabeça. Há demasiadas coisas a mexerem-se dentro de mim. Pelo telemóvel, consulto o *site* do jornal de Malmö, o *Sydsvenskan*, para saber as novidades.

*A polícia suspeita de crime relacionado com o acidente de Köpinge, no*

*qual uma mulher de trinta e cinco anos ficou gravemente ferida. Foram iniciadas investigações preliminares sobre a condutora, que é acusada de ter provocado lesões pessoais graves em acidente rodoviário.*

Talvez a justiça exista, apesar de tudo.

Sempre tive fé. Destino, *karma*, chamem-lhe o que quiserem. Equilíbrio do sistema. Cada um recebe o que merece.

Lentamente, a porta abre-se. Uma luz suave filtra-se do corredor e apanha-me na rede nítida da realidade.

— Pode vir comigo, Micke? — pergunta o Dr. Arif.

Os meus pés estão pesados como chumbo. A breve caminhada até ao quarto da Bianca parece interminável.

Imagino-a a sair da cama. Está zangada comigo, a gritar e a berrar, mas não me importo porque está viva, acordada e amamo-nos, e tudo se vai resolver.

Depois, as imagens do sonho desfazem-se lentamente e trepo pelos escombros para me aproximar da mulher que dorme.

— Não me deixes, meu amor — sussurro.

A Bianca responde-me com quietude e silêncio. Como uma estátua com um tubo na boca.

O que significa uma vida digna? Pestanejo, fecho os olhos e vejo uma concha, um vegetal, um recipiente humano.

— Por favor, sente-se — pede o Dr. Arif.

Os seus grandes olhos transmitem uma mensagem de luto.

— Ora bem — diz ele. — Infelizmente, não detetamos qualquer atividade cerebral na Bianca. Não responde aos testes.

Fico à espera de um *mas*. Há sempre um *mas*.

— Sabe o que a Bianca pensava da doação de órgãos?

Do que é que ele está a falar?

— Não percebo — digo.

O Dr. Arif baixa o olhar e a voz.

— Peço imensa desculpa. E não há pressa.

Olho para a Bianca.

— Mas ela está a respirar. O que quer isso dizer?

O Dr. Arif engole em seco.

— A Bianca não está a respirar por si própria. É a intubação que lhe mantém o corpo em vida.

Não aguento mais. Desabo.

*Para sempre.*

Aonde foi parar o nosso *para sempre*?

JACQUELINE  
DEPOIS DO ACIDENTE

*Segunda-feira, 16 de outubro de 2017*

A polícia quer ouvir-nos. No autocarro para Lund, o Fabian começa a hesitar.

— Não sei se vou conseguir.

— Claro que vais — digo-lhe.

Ele olha pela janela, para os campos em hibernação. Um arado, seguido de um bando de corvos, abre longos sulcos na escuridão.

Preparei-o. Repetimos tudo muitas vezes desde que a polícia telefonou. O Fabian sabe exatamente o que tem de fazer.

— Detesto mentir — diz ele.

— Não tens de mentir. Diz apenas o que combinámos.

Do resto não falamos.

— E se eles perguntarem?

Eu também hesito. E se não resultar?

— Vamos — digo, quando o autocarro pára.

Atravessamos a praça da estação em silêncio. O Fabian tem as mãos nos bolsos do casaco e o boné sobre os olhos. Eu mantenho o olhar fixo no chão.

A esquadra de Lund fica na esquina de duas ruas, e a receção está meio vazia. Basta que o Peter não esteja lá. Caminho ao longo da parede e dirijo-me rapidamente para um balcão para justificar a nossa presença ali.

Uma rapariga morena, na casa dos trinta, apresenta-se como Emelie. É ela quem vai interrogar-nos.

— Fico contente por terem conseguido vir tão em cima da hora — diz ela.

Não pensei que tivéssemos outra hipótese.

— Olá — diz a Emelie, estendendo a mão ao Fabian.

Ele murmura um *olá* em resposta, sem lhe apertar a mão. Pergunto-me se devo explicar, mas porquê? Ela não tem o direito de esperar que toda a gente cumprimente da mesma maneira.

— Querem beber alguma coisa? — A Emelie guia-nos pelas escadas acima.

— Estamos bem, obrigada — respondo.

Paramos diante de uma sala de interrogatórios, onde um homem alto, de barba feita, aguarda.

— Precisamos de falar convosco separadamente — diz a Emelie. — Se começarmos por si, Jacqueline, o Fabian pode esperar aqui fora. Há ali revistas, se quiseses fazer alguma coisa para passar o tempo.

O Fabian senta-se no meio do sofá de dois lugares. Pergunto-lhe se pode ser, e ele acena com a cabeça.

A Emelie e o homem barbeado levam-me para a pequena sala, e começo a falar antes mesmo de me sentar.

— Para ser sincera, não percebo qual é o objetivo. Já contei exatamente o que aconteceu. É mesmo necessário sujeitar o Fabian a tudo isto?

Os polícias olham-se de soslaio.

— O Fabian é especial — digo. — Este tipo de coisas deixa-o nervoso.

A Emelie diz que compreende.

— Vamos só fazer-lhe umas perguntas — acrescenta o colega. — Não vai demorar muito.

— Como se sente, tendo em conta o que aconteceu? — pergunta a Emelie.

Tem uns olhos de corça suaves e uns modos agradáveis.

— É terrível. Ainda não consigo acreditar. Lamentamos e estamos chocados. Desesperados.

A agente pousa as mãos uma em cima da outra na mesa e olha para os papéis. O colega liga o gravador.

— Jacqueline, já foi informada da abertura de um inquérito preliminar contra si. Estamos a interrogá-la porque está a ser investigada por ter causado lesões pessoais graves num acidente rodoviário. Tem o direito de permanecer em silêncio e da presença de um advogado.

— Não preciso de advogado — respondo imediatamente.

— Compreende as acusações que existem contra si? — pergunta o homem.

— Sim.

— Como lida com estas acusações?

Já falámos de todas estas coisas.

— Assumo a responsabilidade pelos meus atos. É óbvio que não queria fazer mal a ninguém, mas, se sou culpada de um crime, estou preparada para pagar o preço.

A Emelie acena com a cabeça. Acho que tem pena de mim. Percebe que foi um acidente.

— Pode contar-nos outra vez o que aconteceu na sexta-feira passada?

As memórias catapultam-me para trás. Eu e o Fabian no Ica, o *BMW* no parque de estacionamento. Até onde poderei revelar?

— Tínhamos de comprar algo para o jantar e abastecer-mo-nos de produtos básicos. Eu compro quase sempre no Lidl, porque é mais barato, mas o Ica fica mais perto.

— E encontrou alguém no supermercado? — pergunta a Emelie. — Alguém que conheça?

Tento manter-me lúcida e respirar normalmente.

— Em Köpinge, quase todos nos conhecemos. Vivo lá há dez anos.

— Compreendo — diz a Emelie. — Mas lembra-se de alguém em particular que tenha encontrado na sexta-feira? Parou para falar com alguém?

O que é que a polícia sabe? Talvez alguém nos tenha visto no Ica ou no parque de estacionamento. Se me apanham a mentir ou a esconder alguma coisa, acabou-se.

— Tenho a certeza de que o Roine estava lá. É o professor de Música da Escola Secundária de Köpinge — digo, puxando pela memória. — Cumprimentámo-lo.

— Mais alguém? — pergunta o homem escanhado.

Olhando para ele, parece muito menos compreensivo do que a Emelie.

— Também cumprimentámos os polacos da banca dos doces — digo. — E no parque de estacionamento encontrámos um dos nossos vizinhos, o Ola Nilsson.

A Emelie parece satisfeita, como se tudo o que estou a dizer coincidisse com a informação que têm em mãos.

— Lembra-se de mais alguma coisa? Aconteceu alguma coisa antes de entrarem no carro?

— Nada de especial.

— Este carro — diz o polícia, coçando a careca. — Um *BMW 323*. Comprou-o há cerca de uma semana, correto?

— Sim, bem...

O que hei de dizer sobre o carro?

— Há algum motivo especial para o ter comprado?

Luto contra o nervosismo, fazendo os possíveis para fingir indiferença.

— Precisava de um carro novo.

— O que aconteceu ao antigo? Porque já teve outro, não teve?

— Um *Renault*. Troquei-o.

— Então não havia nenhum problema com ele?

Tento sorrir.

— Era velho. Só ligava quando lhe apetecia.

A Emelie parece compreender.

— Como pagou o *BMW*? — pergunta o escanhado.

— Fiz um empréstimo normal.

Os olhos da Emelie cruzam-se com os meus do outro lado da mesa.

— Estamos a fazer-lhe estas perguntas porque a compra contrasta com os seus consumos habituais. Tendo em conta a sua situação económica, parece-me um pouco estranho decidir investir tanto dinheiro num carro.

Afasto um cabelo da cara.

— Foi por causa do Fabian — digo. — Adora *BMW*.

A Emelie sorri. O colega também abranda, como se compreendesse. Também deve ter filhos.

— Quanto tempo irão reter o carro? — pergunto.

— Pode levá-lo hoje — diz a Emelie.

O homem do cabelo rapado tosse para a curva do cotovelo.

— Voltemos à sexta-feira passada. A senhora e o Fabian estão sentados no carro, no parque de estacionamento do Ica. O que aconteceu a seguir?

Se pudesse, evitava as recordações. Se não pensar demasiado no assunto, é como se a imagem no meu cérebro mudasse. Como se fosse capaz de manobrar a realidade para fazer coincidir o que conto com o que realmente aconteceu.

— Voltámos para casa — digo.

— Diretamente?

— Sim, são três ou quatro minutos no máximo. Não havia praticamente trânsito nenhum.

— Falaram de alguma coisa, a senhora e o Fabian? O que é que disseram um ao outro no carro?

Penso nisso.

— Acho que ficámos em silêncio.

As recordações vêm sob a forma de imagens congeladas.

Primeira imagem. A grande estrada à minha frente. Asfalto, folhas de outono e sebes de ligustro. Quase ninguém por perto.

Próxima imagem. A sebe de tuia na esquina. O carro a avançar demasiado depressa. O terror no rosto do Fabian.

Depois. *Pum!* O carro bate com estrondo, e tudo fica desfocado e cheio de sombras. Sou projetada para a frente, e o cinto de segurança prende-me o peito.

Meio segundo, e estou fora do carro. A primeira coisa que vejo é a bicicleta, a roda a girar. No asfalto está a Bianca, e eu grito. Um rugido vindo do abismo.

— E agora uma coisa completamente diferente — diz a Emelie. Endireita as costas, e a pele do rosto parece repuxada. — Ouvimos dizer que estive num centro de reabilitação para fazer uma desintoxicação do álcool. Confirma?

Não é segredo, mas ainda me pergunto quem lhes terá dado a



informação. A Gun-Britt? Ou o Peter?

— Estive no centro de reabilitação de Nämndemansgården — respondo. — Não bebo há oito semanas.

— Bom trabalho — diz a Emelie.

Agrada-me. Parece-me impecável.

— Compreende, não é, que foi um acidente? — pergunto. — Estou de rastos desde sexta-feira e estou sempre a debater-me para não ter uma recaída. Pelo Fabian. Prometi-lhe que não voltaria a beber.

— Compreendo — diz a Emelie.

— Fizeram-me um teste na sexta-feira. Estava sóbria.

— Eu sei. Mesmo assim, tenho de fazer estas perguntas.

— Claro — digo.

Ela está apenas a fazer o seu trabalho.

— Também descobrimos outra coisa — diz a Emelie, folheando os seus papéis. — Tem que ver com o Fabian.

O ar prende-se-me na garganta. O que será agora?

— Ele foi denunciado por um crime.

— Sim... bem... foi há muito tempo. — As cenas horríveis regressam. — Mas o que tem isso que ver com este assunto? — pergunto.

— Provavelmente nada — diz a Emelie.

Porque é que ela parece tão preocupada?

— Foi um erro — exclamo, sem eu própria perceber o que quero dizer.

A Emelie olha para os papéis e respira fundo.

— A vítima era uma rapariguinha.

JACQUELINE  
ANTES DO ACIDENTE

Gostava do meu trabalho na Bring. Fazia exercício graças à bicicleta, conhecia muitas pessoas felizes e divertia-me com os meus colegas.

— Não me vais abandonar já, pois não? — perguntou a Barbara.

Desde o primeiro dia que ela pensava que eu me iria despedir a qualquer momento.

— Logo tu, que estás habituada a sessões fotográficas glamorosas. Como é que te vais aguentar aqui, a distribuir publicidade e anúncios de venda por correspondência...?

Destruí, peça a peça, a imagem injustificadamente positiva que ela tinha de uma carreira de modelo. Falei-lhe da vez em que me escapuli do décimo sexto andar de um prédio, usando a escada de incêndio para fugir de um agente maltrapilho que me queria estrangular, e depois da vez em que dei um murro no meio da testa a um assistente de fotógrafo quando ele me arrancou as cuecas no elevador, sem pré-aviso.

— Então, distribuir correspondência não deve ser assim tão mau — disse a Barbara, rindo-se enquanto mordida uma das suas lendárias sandes.

Eu estava mesmo a gostar daquele trabalho. Até que conheci o Dejan Brynhildsen.

Quando o Fabian começou o último ano do jardim de infância, o chamado ano pré-escolar, esperava que muitos nós se desatassem. Ele já sabia ler e escrever e parecia muito interessado em aprender. Tinha quase a certeza de que os poucos estímulos que recebia no jardim de infância haviam contribuído para os conflitos que tinha com as outras pessoas.

A enfermeira da escola chamou-nos para um *check-up* aos seis anos e, depois de ter feito testes à visão e à audição, o Fabian respondeu com relutância a perguntas sobre os seus hábitos alimentares, a hora de dormir e os amigos. A enfermeira assinalou que o seu índice de massa corporal era um pouco elevado e perguntou-nos se já tínhamos ouvido falar do «modelo de prato único» para respeitar as proporções

certas entre os diferentes tipos de alimentos. Depois não nos disseram mais nada, até que encontrei na minha caixa de correio uma convocatória do Departamento de Neuropsiquiatria Infantil do Hospital de Lund.

O Dejan era novo para ser coordenador. Tinha vinte e sete anos. Tivera uma ascensão meteorítica na Bring: seis meses a distribuir correio, depois começou a subir na hierarquia dos gabinetes de Malmö e, em seguida, tornou-se diretor do gabinete de Köpinge.

Tinha olhos castanhos e um rabo de cavalo. Parecia mais um *barman* ou o DJ de uma discoteca. Armava-se em bom, usando palavras como *posh* e *cool* e chamava-me *miúda*. Eu odiava-o, mas ao mesmo tempo não conseguia tirar os olhos dele.

— Ele deseja-te — disse a Barbara um dia, quando estávamos sentadas no cais de carga depois de uma ronda de distribuição a arejar os nossos pobres pés suados sob as meias.

— Bah, pára com isso.

— Olha, se fosse a ti, não me fazia difícil — insistiu ela, fazendo um gesto explícito com a língua.

Não tardou muito até que o Dejan Brynhildsen se incompatibilizasse com todos os funcionários do escritório de Köpinge. Era um egocêntrico que só se preocupava com a carreira e não nos ligava nenhuma.

— Agora temos de picar o ponto quando fazemos as nossas pausas — disse-me a Barbara uma manhã. — E é proibido ir apanhar ar no piso de carga.

O Dejan reestruturou a empresa, conseguindo reduzir o pessoal em um quinto. Eu estava convencida de que seria despedida. O último a entrar era o primeiro a sair. Contudo, um dia, o Torsten, o careca, e o Sture, o suado, desapareceram. Foram realocados.

— Em Köpinge, só queremos a *crème de la crème* — disse o Dejan, com ar zombeteiro.

A Barbara sussurrou:

— Eu sou a próxima.

— Isso não vai acontecer — respondi-lhe.

Ao fim de uma tarde, quando eu estava a sair da sala dos funcionários, a Dejan disse que queria falar comigo.

O seu gabinete era do tamanho da sala de triagem. A cadeira dele parecia a porcaria de um trono.

— Fiz alguma coisa mal?

Eu já estava a pensar nos empregos que poderia procurar.

— Pelo contrário — disse o Dejan. — Quero felicitar-te. Estás a fazer um excelente trabalho, Jackie.

Nunca me pergantara se podia usar o diminutivo.

— Jacqueline — corrigi-o.

— Claro — disse ele, com o olhar fixo em mim.

Aproximou-se decididamente demasiado, desenhou um «o» com os lábios e soprou-me a franja da testa. Pouco depois, a sua mão deslizou lentamente pela minha coxa.

Apetecia-me dar-lhe um pontapé nos tomates.

O pedido para o serviço de neuropsiquiatria infantil examinar o Fabian partira dos funcionários da escola. O primeiro psicólogo que encontrámos era um preguiçoso com óculos de lentes grossas e uma voz arrastada. Interrogou-me sobre a minha experiência como mãe e sobre a minha relação com o Fabian. Cada pergunta escondia uma crítica. Em duas ocasiões, falou com o Fabian e observou-o a brincar, a ler e a desenhar uma árvore e um lago com um pequeno barco a remos.

— Está tudo bem com a criança — constata o psicólogo com uma voz gelada. — Por vezes, a escola imagina coisas.

Segundo os educadores, o Fabian tinha dificuldade em interagir com os colegas, tanto na sala como no recreio. Não era certamente novidade.

— Ele é precoce — disse a psicóloga. — O Fabian é uma criança inteligente e muito pragmática. Não encontra qualquer estímulo no convívio com os colegas. Esperemos que eles o apanhem em breve.

Saio da clínica pela última vez com um passo leve e um sorriso nos lábios. Ofereço ao Fabian um gelado cremoso, ao sol, junto ao quiosque Sofiagrillen.

Quando o acompanhava à escola, caminhava de cabeça erguida, com uma vozinha dentro de mim que me dizia que não era eu quem tinha falhado, que não era o Fabian que tinha algo errado, mas o ambiente que não o compreendia.

Uma semana depois, os professores chamaram-me de novo. O Fabian tinha-se fechado no depósito das bicicletas e não queria sair.

O Dejan convocou uma reunião com os funcionários. Eu fui a última, na sexta-feira à tarde. As luzes estavam apagadas em todo o edifício, enquanto eu esperava a minha vez, sentada no corredor. O Dejan estava atrasado.

— Desculpa, era um telefonema importante.

Pedi-me que me sentasse e começou a andar à minha volta.

— Vamos ser os melhores da Escânia — disse ele. — Com a maior taxa de satisfação do cliente, a maior rentabilidade. Isto requer uma organização reduzida. — De repente, parou atrás de mim e começou a esfregar-me os ombros com as suas mãos quentes. — Sabes que gosto de ti, Jackie. És dos melhores que aqui tenho. — Tinha um intenso aroma masculino. As suas mãos eram fortes e massajavam os sítios

certos. — Sei que andas muito com a Barbara. Infelizmente, ela é feita de uma massa diferente.

— Hem?

Soltei-me das suas mãos e virei-me.

— Do que é que estás a falar?

Ele explicou.

— Percebo que vocês são amigas e tudo, respeito isso. Mas não posso ficar com ela. Vai dar-me cabo da equipa.

— Vais transferir a Barbara para outro sítio?

Ele contraiu o rosto.

— Humm, já tentei. Mais ninguém a quer.

Doeu. Eu sabia o que significava ser expulso.

Tinha apenas alguns segundos. Era eu ou a Barbara, percebia-o perfeitamente.

— Deixa-a em paz — disse-lhe.

Quando empurrei a cadeira para longe e abri a porta com toda a força que tinha, o Dejan não se mexeu. Caminhei pelo corredor com um passo orgulhoso e lágrimas nos olhos.

Uma semana depois, encontrei o papel em cima da mesa do meu posto. Dispensada por falta de trabalho.

A Barbara chorou e disse que tinha de haver alguma coisa que pudéssemos fazer.

O sindicato? Eu não era sindicalizada.

Um abaixo-assinado? Desatei a rir e prometi-lhe que tudo correria bem.

Haveria de me desenvencilhar. E ela esquecer-me-ia.

Antes do 1.º ano, a escola propôs que o Fabian tivesse uma pessoa a acompanhá-lo na sala de aula, uma rapariga que acabara de sair do liceu e que mudava de cor de cabelo uma vez por semana. O Fabian disse que não se importava, mas não percebia porque é que ele, que era o mais inteligente da turma, devia ter um professor a apoiá-lo quando havia tantas crianças que precisavam mais do que ele.

Felizmente, tinha o Bengt, ali no bloco de moradias.

Mal se sentia em baixo, o Fabian ia ter com o Bengt, do número 13, e voltava com os olhos cheios de sol.

— O Bengt é o avô da Alice, mas ele disse que eu também lhe posso chamar avô, se quiser.

Uma onda de calor invadiu-me. A culpa de o Fabian não ter uma figura masculina era obviamente minha, e o Bengt era o melhor que eu poderia desejar.

Quando o Fabian ia fazer oito anos e eu perdi o emprego, o Bengt comprou uma piscina insuflável para os *netos*. O Fabian recusava-se a entrar na piscina se a água não estivesse suficientemente quente, pelo

que o Bengt tinha de correr entre a banheira e a piscina com um balde de plástico cheio de água a ferver. Quando a filha do Bengt, uma senhora afetada de saia-calça e saltos altos, chegou para deixar a Alice em casa do avô, o Fabian estava sentado na pequena piscina com braçadeiras e óculos de natação.

— Eu também quero ir para a piscina — disse a Alice.

A mãe lançou-nos um olhar de acusação, a mim e ao Bengt. Nunca escondera o que pensava sobre o facto de o pai ter recebido o Fabian em sua casa. Provavelmente achava que era a minha vez de intervir, visto que ele tinha um coração demasiado grande.

— Não trouxe fato de banho — disse à Alice. — Nem devem estar dezassete graus cá fora.

— Mas na água estão trinta e quatro — disse o Fabian, agitando um termómetro de plástico.

— Claro que podes ir para a piscina — disse o Bengt dando uma palmadinha na cabeça da Alice.

Quando se despiu no relvado, a menina tremeu de frio.

— Anda — disse o Fabian.

E ela saltou para a água quente.

A mãe ainda fez uma careta, mas depois deu um abraço rápido ao pai.

— Olha, tenho de ir. Tenho uma consulta com a terapeuta daqui a dez minutos. A terapeuta *das unhas*, quero dizer.

O Bengt disse-lhe adeus enquanto as crianças saltavam e brincavam juntas na pequena piscina. Sorri para mim própria ao atravessar o pátio. Tencionava oferecer-me dois ou três copos de vinho.

Ausentei-me por não mais de meia hora. Quando voltei e abri o portão, encontrei o Bengt agachado junto à pequena piscina, a consolar a Alice, que batia os dentes enrolada numa toalha de banho.

— O que é que aconteceu?

Apressei-me a ir ter com o Fabian. Ele ainda estava na água, com o olhar fixo e a cabeça inclinada para baixo. Os óculos tinham-lhe deixado dois círculos vermelhos na cara, e as braçadeiras flutuavam ali perto.

— Ele tocou-lhe — disse o Bengt.

— De que maneira?

O Fabian virou-se de costas para mim.

— O que é que fizeste?

Agarrei-o pelo braço e puxei-o para fora da pequena piscina.

— O que é que lhe fizeste?

— Acalme-se — interveio o Bengt.

— Eu só queria ver como ela era — disse o Fabian. — Nunca tinha visto uma passarinha.

O meu cérebro entrou em curto-circuito, e o meu estômago deu um nó.

O Fabian soluçava e fungava. Acaricieei-lhe suavemente o cabelo. O meu menino. Dentro de mim, a tristeza misturava-se com a repugnância.

Há muito que aceitara a diversidade do Fabian e o facto de ele ter problemas de socialização. Percecionava os sinais do mundo que o rodeava de forma menos clara. Mas não ia tolerar que ele não tratasse as raparigas com respeito. Ele tinha ultrapassado os limites. Aquilo era agressão.

— Ele magoou-me — disse a Alice.

O Bengt abraçava-a.

— Tenho de contar isto à mãe dela — disse ele.

— Claro.

Eu compreendia-o.

E também compreendia que a mãe da Alice ficasse furiosa.

## MIKAEL

## ANTES DO ACIDENTE

*Inverno de 2016*

Tinha terminado uma aula de Ginástica Artística quando o Roine me abordou nas escadas.

— Tens de vir. É o Fabian.

Estugámos o passo para a sala de música, onde o Fabian estava sentado com as mãos entre as coxas.

— Agora és o mentor dele, não és? — diz o Roine, cofiando o bigode.

— O que é que aconteceu? — perguntei.

O Fabian murmurou algo ininteligível.

— Soprou o trompete mesmo no ouvido de um colega — explicou o Roine. — Tentei fazê-lo compreender que isso pode provocar danos nos ouvidos.

— Porque é que fizeste isso? — perguntei ao Fabian.

Ele olhou para mim.

— Ele estava a cantar mal.

Estaria a gozar comigo? Fosse como fosse, parecia sério.

— Acho que é melhor falar com o Fabian a sós — disse ao Roine, que não se opôs e começou imediatamente a reunir as suas coisas.

— Conta — pedi ao Fabian, assim que ficámos sozinhos. — O que aconteceu?

Ele contorcia as mãos no colo.

— Acho que o Roine é que tem problemas de audição.

— Em que sentido?

— Devíamos cantar *We Shall Overcome*, mas a Sofie, a Tindra e as outras raparigas estavam a cantar *Fabbe Tem a Pila Murcha*. Então, peguei no trompete e toquei-o ao ouvido da Sofie.

— Então o Roine não ouviu a canção?

— Olha, o som do trompete não lhe escapou de certeza.

Soltei um suspiro.

— Vou falar com ele.

— Não faz mal — disse o Fabian. — Agora estamos quites.

Consultei o relógio. Já estávamos atrasados para a aula seguinte,



tanto ele como eu.

— Obrigado, na mesma — agradeceu o Fabian.

Quanto é que aquele miúdo teria de aguentar? Não deve ter sido fácil ser diferente numa comunidade pequena e homogénea como Köpinge.

Compreendia que a Bianca não gostasse, mas estava contente por o Fabian ter tanta confiança em mim. Isso não significava que eu tivesse de ter mais contacto com a Jacqueline.

O Fabian sorriu, e pousei-lhe delicadamente a mão no braço.

Não o devia ter feito. Atirou-se para o lado como se as minhas mãos fossem brasas.

— Não me toques!

— Desculpa.

Arfou e abanou a cabeça.

— Odeio o contacto físico.

Por volta das quatro horas, fui de bicicleta buscar a Bella à creche. Estava atrasado, com o suor a escorrer por baixo do blusão de penas quando entrei no edifício.

Nessa altura, a maioria das crianças já tinha saído. Em Köpinge, os pais com filhos pequenos não trabalhavam a tempo inteiro.

A Bella estava sentada no chão a brincar com construções de madeira. Chamei-a, e ela saltou para os meus braços.

— Tiveste um bom dia? — perguntei-lhe.

— Sim.

Encostou a cara ao meu peito.

— Correu tudo lindamente — disse uma voz atrás de nós. Uma voz familiar. — Não foi, Bella?

A Jacqueline deu uma palmadinha no ombro da Bella.

— Olá — disse eu. — Então agora trabalhas aqui.

— Estou a fazer um estágio. Há muito tempo que queria trabalhar com crianças. É muito divertido.

Claro, eu percebia a alegria dela. Mas logo na sala da Bella, de todos os lugares possíveis? A Bianca iria passar-se.

— A Jacqueline é a minha nova professora — disse a Bella.

Esbocei um sorriso, esperando que a preocupação não transparecesse.

— Que bom. Bem-vinda, Jacqueline!

Nessa noite, a Bianca tinha de fazer uma visita extraordinária em Lund.

— O Ola leva-me a casa — disse ela ao telefone. — Vamos comer qualquer coisa no caminho, por isso não precisas de me deixar jantar.

— O Ola?! — exclamei. — Então o banco não fecha às três todos os dias?

O que é que ele andava a fazer no escritório até tarde?

A Bianca desatou a rir.

O ciúme nunca é bonito, mas é provavelmente menos perigoso do que a negligência.

Quando a Bianca chegou a casa, eu tinha posto as crianças na cama e estava a ver as notícias de desporto sentado no sofá com os pés em cima da mesa de apoio. Ela entrou sem tirar os sapatos ou o casaco.

— Na visita de hoje havia uma mulher de Köpinge. Sabes, a mãe dos gémeos Keanan e Kit?

— Sim?

Eu sabia de quem ela estava a falar. Os gémeos eram bons jogadores de hóquei. A mãe era uma loura com ar plástico que, de acordo com rumores persistentes, deixara o marido para se envolver com um *personal trainer* vinte anos mais novo.

— Ela disse-me que, quando os miúdos eram pequenos, ela e a Jacqueline frequentavam o mesmo grupo de mães — disse a Bianca.

— Mas as outras mães acabaram por a expulsar.

Esfreguei o sono dos olhos.

— Porquê?

— O Fabian não conseguia brincar com os outros miúdos. Estava sempre a arranjar confusão com eles.

— E qual é o problema? Tu sabes como ele é.

A Bianca começou a desabotoar o casaco.

— Mas o problema não era ele. Era a Jacqueline.

— Em que sentido?

— Ela ficava sempre do lado do Fabian — disse a Bianca, puxando as mangas. — Fosse o que fosse que acontecesse, culpava sempre outra pessoa. O Fabian era sempre o único de quem se devia ter pena: era inocente, e as outras mães tinham falhado com os filhos. A certa altura, não aguentaram mais e deixaram de a convidar para as reuniões.

— Mas que coisa.

Parecia a dinâmica com que eu tinha de lidar pelo menos uma vez por semana na escola. Miúdos imaturos de catorze anos que não se davam bem, falavam nas costas uns dos outros e punham as culpas nos outros.

— Fez alguma proposta? — perguntei.

A Bianca olhou para mim.

— Quem?

— A mãe dos gémeos. Fez uma oferta pelo apartamento?

— Ah — disse a Bianca. — Não, o quarto era demasiado pequeno.

Quando nos fomos deitar, um pouco mais tarde, chegou a altura de eu dar a notícia.

— Olha — comecei.

A Bianca já tinha puxado o cobertor e estava de costas para mim.

— Hum — murmurou ela para a almofada.

— Hoje encontrei a Jacqueline no infantário. — Lentamente, ela rebolou na minha direção com um tremor nos lábios. — Aparentemente, vai ficar na sala da Bella — concluí.

— Isso é absurdo. — A Bianca abanou a cabeça. — De todas as salas, tinha de ser logo essa. Deve ter sido ela a pedi-la especificamente.

— E porque haveria de o fazer?

A Bianca revirou os olhos.

— Sim, porquê?

Estava obviamente a lembrar-se da conversa com a Gun-Britt.

Estava com ciúmes.

Estávamos os dois com ciúmes.

— Por minha causa? — Não consegui conter uma gargalhada. — Claro, sou irresistível, mas não achas que estás a exagerar?

A Bianca não parecia estar a brincar. Não disse nada, o que me preocupou. Será que achava mesmo que a Jacqueline queria seduzir-me nas barbas da minha família?

— Há um jardim de infância privado do outro lado do jardim público — disse ela. — No meio das casas novas. Talvez pudéssemos mudar a Bella para lá? Ouvi dizer que é muito melhor. Tem um ambiente agradável, e a comida é boa.

— Pelo que ouvi dizer, a lista de espera é de anos. — E a Bianca sabia-o perfeitamente. — Agora a sério — disse eu. — Não confias em mim? Porque é que eu estaria interessado na Jacqueline?

Ela puxou o cobertor até ao queixo.

— Acho-a desagradável. Com todas as histórias que ouvimos, achas mesmo que tem capacidade para tomar conta de crianças?

— Não lhe devíamos dar uma oportunidade?

O rosto da Bianca descontraiu-se.

— Eu podia perguntar à Gun-Britt — acrescentou. — Talvez ela e o Åke queiram tomar conta da Bella durante o dia.

— Humm.

Com toda a sinceridade, não conseguia imaginar nada pior.

— Vamos dar tempo ao tempo — sugeri. — Se não resultar no infantário com a Jacqueline, falamos com a Gun-Britt.

A Bianca parecia satisfeita com a solução.

Beijei-lhe a face. Senti-me culpado por ter tido ciúmes. Agora estava envergonhado.

— Olha — disse eu, enfiando as mãos debaixo do cobertor. —

Amo-te mais do que tudo no mundo. Sabes disso, não sabes?

Beijámo-nos durante muito tempo, com ternura.

Quando lhe toquei num ponto sensível da axila, a Bianca riu-se.

Entretanto, a Jacqueline assaltava-me o cérebro. Claro que ela namoriscara um pouco comigo, mas eu pensava que fosse a sua maneira normal de fazer as coisas, não um interesse específico em mim.

Desapertei o *soutien* da Bianca e deixei-o cair no chão. Os meus lábios roçaram nos seus seios. Ela arfou.

A minha mão entre as suas coxas. Movimentos lentos. Os meus dedos deslizaram sob a orla das cuecas e desapareceram na humidade.

Quando ela se deitou sobre mim, agarrei-me aos lençóis e esforcei-me por resistir. Gemi, de olhos fechados.

Vi a Jacqueline. Os seus seios, as suas ancas, a fenda entre as suas pernas longas e magras. Mas que raio se estava a passar? Apaguei a imagem, afastei-a com um pestanejar.

Virei a Bianca de lado e penetrei-a assim. Ela disse o meu nome.

Mal fechei os olhos, lá estava a Jacqueline de novo. Foi uma traição terrível, mas não o consegui evitar.

## MIKAEL

## DEPOIS DO ACIDENTE

*Segunda-feira, 16 de outubro de 2017*

O silêncio é total. Apaga-se uma luz dentro de mim. Tudo o que estava em alerta e a ribombar, todo o pânico, toda a raiva e frustração desaparecem num grande nada.

Entro na escuridão.

Os meus filhos estão comigo, ouço-os chorar. Aperto-lhes as mãos pequenas, mas sei que já não sou suficiente. Nunca poderei ser suficiente.

Uma pessoa é feita de passado, presente e futuro. Contudo, quando o futuro já não espera, quando o presente é um grande vazio, o que resta? As recordações e as histórias. Há quem diga que se continua a viver enquanto os outros se lembrarem de nós, mas todos sabem que a morte é definitiva e que as recordações se desvanecem rapidamente.

Vejo o teu rosto, mas não a ti.

O teu coração bate, sinto as suas vibrações sob a minha mão, mas já não estás cá. Deixaste-nos.

É o momento mais longo das nossas vidas. A Bella e o William apertam as mãos à volta das minhas, ninguém as quer soltar.

Em breve o teu coração estará a bater noutro corpo. O Dr. Arif diz que os teus órgãos podem salvar muitas vidas, e talvez isso seja uma consolação, mas nas trevas há apenas trevas.

Queria que doesse, queria estar revoltado. Mas, em vez disso, dentro de mim há apenas o nada.

— Quer que chame o padre do hospital? — pergunta o Dr. Arif.

— O que é que ele pode fazer?

Não quero nenhum padre. O meu Deus não rouba a mãe dos meus filhos.

Alguém acende uma vela em cima da mesa. A chama arde perto dos teus lindos cabelos espalhados na almofada, da concavidade das tuas faces, do teu sinal, dos teus lábios finos.

Tento levantar-me, mas tenho os pés pesados, e é como se o meu corpo estivesse a deslizar, como se o chão me sugasse.

— Amor, não me deixes — sussurro.

A Bella lança-se para diante e agarra o teu braço.

— Acorda, mamã! Acorda!

A Sienna leva as crianças lá para fora, e eu aperto a tua mão enquanto o Dr. Arif me pergunta se estou pronto.

Como posso estar pronto? Nada na vida nos prepara para isto.

— Está pronto?

Nunca estarei pronto.

— Amo-te — digo.

Um último beijo.

— Para sempre.

O *para sempre* acaba ali.

## MIKAEL

## ANTES DO ACIDENTE

*Inverno de 2016*

Eu tinha trazido caixas com decorações de Natal da arrecadação e estava a pendurar estrelas e a testar iluminações. As crianças estavam a brincar com o presépio que herdei dos meus pais, quando a Bianca chegou a casa com o coração na garganta.

— Desculpa, estou atrasada?

Deu-me um beijo rápido. Depois abraçou o William, que tinha acabado de deixar que os reis magos atacassem José e o menino Jesus com os seus bordões.

— Olha, mamã! Um burro voador — disse a Bella.

A Bianca riu-se sem se envolver.

— Agora estou mesmo irritada — sussurrou.

Guardei a estrela de papel, que teimava em não aderir ao caixilho da janela.

— Sabes o Bengt? — perguntou a Bianca. — Aquele homem que costumava viver aqui.

— Sim, claro.

— Ele tinha uma neta pequena chamada Alice, de quem tomava conta de vez em quando. E lembras-te de que o Fabian chamava avô ao Bengt e entrava em casa dele a toda a hora?

Soava mais a opinião da Gun-Britt, ou talvez do Ola, mas não valia a pena objetar.

— A dada altura, o Fabian tocou na rapariga. Estavam a tomar banho juntos numa piscina insuflável, e lembrou-se de meter os dedos entre as pernas dela.

Algo azedo subiu-me à garganta.

— Onde é que ouviste essa história?

— Não interessa. A filha do Bengt ficou furiosa. E quem a poderia censurar? Fez queixa à polícia, mas o Bengt continuou a encontrar-se com o Fabian e a Jacqueline. No fim, a filha acabou por cortar relações com o pai.

Pensei na Bella.

— Quando é que isso aconteceu? Que idade tinha o Fabian?

— Quando é que ele abusou dessa menina? — perguntou a Bianca, como se quisesse sublinhar o facto. — Ela tinha uns oito ou nove anos. A polícia passou o caso para os serviços sociais.

— Nunca devemos deixar a Bella sozinha com o Fabian — disse eu.

Pobre Fabian. Mas não se podia confiar nele. Além disso, quando se tratava da Bella, eu não estava preparado para correr riscos.

— De acordo com o Ola, devíamos falar com a diretora do jardim de infância ou escrever para o município — disse a Bianca. — A Jacqueline não deve trabalhar com crianças.

Parecia uma decisão drástica e não completamente lógica.

— Mas ela não tem culpa de que o Fabian tenha feito aquelas coisas.

— A responsabilidade era da Jacqueline — disse a Bianca. — Um miúdo de oito anos tem de perceber que não pode tocar numa criança daquela maneira. Pára de a defender.

— Não estou a defender ninguém.

Só não tinha a certeza se era tudo preto no branco. Nada no Fabian Selander era simples.

— Também tens de falar com o diretor da escola — continuou a Bianca. — Sobre aquela história de seres mentor do Fabian. Não estou a gostar nada disso.

Talvez ela tivesse razão. Era necessário manter a Jacqueline e o Fabian à distância. Ao mesmo tempo, era uma pena, porque o Fabian confiava em mim. O facto de o mundo dos adultos o abandonar não lhe faria certamente bem nenhum.

— Acho que devíamos falar sobre o assunto com a Bella e o William — disse a Bianca.

Embora cético, não me apetecia discutir, e pouco depois as crianças estavam sentadas no sofá com ar de espanto.

— Vocês sabem, não sabem, que nunca se deve tocar no corpo de outra pessoa? — começou a Bianca.

Tinha as faces coradas e pediu-me que a ajudasse.

— *Pára, o meu corpo é meu* — disse eu.

Era algo que costumavam dizer no jardim de infância.

A Bella sorriu. Tinha reconhecido a frase.

— O teu corpo é teu — interveio a Bianca. — Ninguém pode tocar nele.

Seria mesmo necessário ter aquela conversa? As crianças pareciam mais confusas do que qualquer outra coisa.

— Mas e se eu quiser que alguém lhe toque? — perguntou a Bella.

A Bianca comprimiu os lábios. Olhou para mim, suplicante.

— Há certos sítios no corpo em que ninguém deve tocar — respondi. — Não importa se queres ou não.

— Que sítios?



— Bem, por exemplo, entre as pernas.

— O quê? — disse a Bella, rindo-se.

A Bianca mostrou-lhe.

— Aqui, por exemplo.

— No pipi?

— Exatamente.

— Mas o William não tem pipi. Tem pilinha.

— Também ninguém pode tocar na pilinha do William — explicou a Bianca.

— E ninguém pode tocar no meu pipi — disse a Bella toda bem-disposta.

— É verdade.

— Nem eu?

A Bianca respirou fundo, com a cara vermelha.

— Bem, sim, *tu* podes — respondi.

— Está bem — disse a Bella. — E depois de eu fazer chichi? Podes limpar-me?

— Sim, claro.

— A mamã e o papá podem tocar no meu pipi — concluiu a Bella.

A Bianca pôs as mãos debaixo do queixo.

— Sim, bem, quando te limparmos — disse eu.

— Ou quando me pões pomada.

— Sim, claro, quando te pomos pomada também.

A Bianca olhou para mim. Abanou a cabeça.

Enquanto me preparava para mais uma luta com a estrela de Natal, ela passou por mim, indo até à porta.

— Vês, correu bem — disse ela, desaparecendo pelas escadas acima.

No primeiro dia de férias no Natal, levei as crianças à pista de patinagem no gelo em Lund. A Bianca teve uma visita a uma casa, o que foi perfeito, porque o William e a Bella só podiam patinar se ela não soubesse.

Desde que tinha visto um vídeo na Internet com uma criança a ser atingida na cara por um *stick* de hóquei, pensava nos patins da mesma forma que pensava nos aviões, nos navios, nos parques de diversões e em tudo o que pudesse representar um risco para a vida e para a saúde.

Eu tinha deixado de a contrariar. Os seus medos não tinham lógica, e muitas vezes era mais fácil adaptar-me para que ela não se preocupasse desnecessariamente. Quando o William era recém-nascido, a Bianca fez algumas sessões de psicoterapia cognitivo-comportamental: durante um mês ou dois registara-se uma melhoria acentuada, mas depois tudo regressara ao normal.

— Podemos comer no McDonald's a caminho de casa? — perguntou o William enquanto eu lhes tirava os patins.

— Por favor, pai — disse a Bella, agarrada a mim.

— Claro que podemos.

Conduzimos até à estação e comemos no Burger King de Knut Den Stores Torg.

— Sabes o que vamos fazer? A mãe está a trabalhar aqui perto hoje. Vamos até lá dizer olá?

O apartamento que a Bianca ia mostrar ficava a dois passos dali, em Winstрупsgatan. Em Estocolmo, fiz muitas vezes espetáculos improvisados para ela, fingindo não a conhecer. Era uma espécie de jogo. Ia ver os apartamentos como se os quisesse comprar. Claro que não fazia ofertas nem sequer abria a boca. Mas era sempre muito excitante, e eu tinha tanto orgulho na Bianca: era bom vê-la trabalhar, ver como ela era competente, corajosa e encantadora. Depois, falávamos durante horas sobre aquele apartamento em particular e as pessoas que o tinham visitado. Por vezes, fazíamos apostas sobre quem faria uma oferta e quem iria ficar com a casa.

— Vamos fingir que não conhecemos a mãe? — disse eu às crianças quando estávamos em frente ao cavalete com o logótipo da agência imobiliária e uma fotografia da Bianca a sorrir.

— Porquê? — perguntou a Bella.

— Vamos fingir que queremos comprar o apartamento.

— Fixe! — disse o William.

Ele deu uma palmadinha na Bella e correu à minha volta.

Das escadas chegava-nos o aroma do café. No primeiro andar, a porta estava aberta, e calçámos os protetores de sapatos azuis que encontrámos na entrada.

— Olha — disse a Bella, rodopiando no tapete.

Eu abri caminho pela entrada estreita, aclarando a garganta e bufando. Um rapazinho com uma barba de *hipster* foi obrigado a encostar-se à parede para que pudéssemos contornar a sua barriga. Olhei para trás para me certificar de que o William e a Bella estavam a seguir-me.

A sala de estar estava organizada em torno de uma bela salamandra revestida a azulejo, uma das mais belas que já tinha visto. As pessoas moviam-se em pequenos grupos pelo chão de soalho.

No meio da sala estava a Bianca, radiante no seu fato acabado de engomar e com o cabelo solto.

— Mãe! — gritou a Bella.

— Que totó — disse o William. — Era para fingirmos...

Pousei-lhe uma mão no braço.

— Não faz mal. Fica para a próxima.

Olhei para a Bianca. Esperava que reagisse com surpresa. Também

temia que pudesse estar zangada, mas o seu rosto expressava outra coisa. Terror.

— O que estão aqui a fazer? — perguntou a Bianca.

Um segundo depois, percebi porquê. Ao lado dela, com as mãos cheias de prospetos reluzentes, estava nada mais, nada menos que o Ola Nilsson.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou o Ola.

Não era claro a quem dirigia a pergunta.

O que é que ele estava ali a fazer? A Bianca nunca mencionara que o Ola a acompanhava durante as visitas.

— Queríamos fazer-te uma surpresa — disse à Bianca. — Ir visitar a mãe ao trabalho.

O meu tom de voz saiu irritado.

Ela esboçou-me um meio-sorriso por cima da cabeça das crianças.

— Fomos patinar — continuei, de olhos postos no Ola.

— Não é uma boa altura — disse a Bianca. — Como podes ver, tenho aqui muita gente. Ter-te-ia dito se me tivesses ligado ou enviado uma mensagem.

— Desculpa, então — disse eu. — Já não incomodamos mais.

Peguei no William e na Bella e empurrei-os para a porta.

— Mas, pai! Acabámos de chegar. Devíamos...

— Noutra altura — disse eu. — Vimos visitar a mãe ao trabalho noutra altura.

Não me apercebi logo, mas pelo silêncio imediato e pelas cabeças baixas das crianças, percebi que estava a ser duro.

Quando estacionei diante de casa, tinha duas mensagens da Bianca no telemóvel. Pedia desculpa por ter sido mal-educada, escreveu que estava muito stressada, mas que a visita tinha corrido bem. As primeiras ofertas já tinham começado a chegar.

Respondi-lhe: «Sem problema.»

E depois: «O que é que o Ola estava lá a fazer?»

Iria passar por ciumento, mas não me importei. Estava farto do Ola. O que se passava realmente entre ele e a Bianca?

Ajudei as crianças a vestir o pijama e a lavar os dentes. Enquanto a Bella estava a escolher um livro da estante, chegou a resposta da Bianca.

«Estava lá como representante do banco. Às vezes fazem isso.»

Duas horas depois, acordei na cama com uma criança adormecida em cada braço e o livro no peito. A Bianca não estava lá.

Libertei-me sem os acordar e entrei silenciosamente na escuridão do andar de cima. Sons metálicos e uma luz azul filtravam-se do quarto do William. A Bianca tinha rastejado para a cama dele e adormecido com o telemóvel em cima da almofada.

Observei-a durante algum tempo. Lentamente, senti o ar a escapar

dos pulmões, como se algo em mim tivesse sido perfurado.

JACQUELINE  
ANTES DO ACIDENTE

*Inverno de 2016*

Pela primeira vez, a festa dos vizinhos não se realizara no verão. Quando o Åke propôs que se fizesse na véspera de Ano Novo, não houve escapatória possível. Fôramos nós a convencê-lo a adiar a festa e agora não podíamos voltar atrás.

— Mas toda a gente detesta a festa — disse o Fabian. — Nunca ninguém quer ir.

— O Micke e a Bianca são simpáticos, não são? — retorqui eu. — E podes voltar para casa depois do jantar, se quiseres.

Virei-me em frente ao espelho com o meu novo vestido de alças finas.

— O que achas?

— Bonito — respondeu o Fabian sem grande interesse. Opondo uma resistência incansável, abotoou a camisa, a única que possuía, pôs o boné na cabeça e foi esperar-me junto à porta.

Quando atravessámos a praceta comum, ouvimos alguns foguetes solitários ecoar no ar de inverno. A Gun-Britt saudou-nos com abraços e um copo de espumante. O Ola, a Bianca e o Micke já tinham chegado, bem vestidos e com os seus sapatos bons.

— Que pena o Peter não ter podido vir — disse a Gun-Britt.

O Ola mordeu o isco.

— Ele não vem?

Parecia tão satisfeito que até a Bianca reparou.

— Teve de ir trabalhar — disse eu.

Não era bem verdade. Eu tinha quarenta anos e não era capaz de manter um relacionamento. Era no mínimo embaraçoso.

Durante todo o outono, as coisas tinham andado para a frente e para trás. Num dia, eu e o Peter discutíamos, gritávamos e atirávamos coisas um ao outro. No dia seguinte, estávamos a pedir desculpa, a fazer sexo de reconciliação e a alimentar sonhos para o futuro, com borboletas no estômago.

Ele gritara-me no Dia de Santo Estêvão porque eu tinha comprado presentes demasiado caros ao Fabian. Acabei por o expulsar de casa

pela milésima vez.

Bem, pelo menos poupava-me o receio de que me voltasse a envergonhar. Ninguém queria reviver o que tinha acontecido no meu aniversário.

— Boas saídas — disse o Micke, levantando o copo.

— Boas entradas — disse eu, a sorrir.

Depois do jantar, o Åke ofereceu um sortido de bebidas alcoólicas. Fiquei-me pelo vinho, mas o Ola e o Micke pareciam duas crianças numa loja de doces. Não foi preciso muito até ambos começarem a arrastar as palavras e a rir alto.

— Posso ir para casa agora? — perguntou o Fabian. — Tu prometeste.

Disse-lhe para agradecer à Gun-Britt e ao Åke antes de se ir embora. Claro que me entristecia o facto de o meu filho ter crescido tanto que já não queria participar nestas coisas, mas lembrava-me bem de como era. O meu pai tinha-me obrigado muitas vezes a suportar festas de adultos aterradoras.

A Bianca, sentada ao meu lado, acompanhou com o olhar a saída do Fabian. Entre nós, o ambiente estava tenso, e procurei algo para dizer.

— Estou muito contente com o meu estágio no infantário — disse eu. — Estou a divertir-me muito. As crianças são fantásticas.

Não estava a exagerar. Estava mesmo a adorar o meu novo emprego.

— Ótimo — disse a Bianca bruscamente.

Escondeu um bocejo com a mão. Enquanto eu tentava perceber como continuar a conversa, ela virou-se para o William, sentado do outro lado.

Será que eu tinha feito alguma coisa errada, ou ela estaria apenas de mau humor? A Bianca cruzava-se com o Ola com frequência, agora que trabalhava na agência imobiliária do banco. Teria sido ele a falar mal de mim? A hipótese não era de todo rebuscada.

— Como tens andado agora, Ola? — perguntou o Åke, enchendo o copo pela décima sétima vez. — Ainda estás de baixa?

— Trabalho a tempo parcial — disse o Ola. — Os médicos dizem que tenho uma coisa chamada TSPT.

— TSPT? O que é isso? — perguntou o Åke.

— T-S-P-T — soletrou o Ola. — É a sigla para transtorno de stress pós-traumático.

— É muito comum entre os veteranos de guerra — disse o Micke.

— Bah, isso é conversa de médico. Agora as iniciais estão na moda — respondeu o Ola, bebendo grandes goles do seu copo.

— Caramba — disse a Gun-Britt, afadigando-se à volta da mesa como uma empregada. — Isso tudo por causa daquele furto?

— Qual é a surpresa? — perguntou o Ola. — Um tipo vai ao ginásio e aparecem dois gajos de um gangue e assaltam-no. É claro que deixa marcas.

— Mas já lá vai algum tempo, não é? — assinalou o Åke.

— Eu tinha voltado ao trabalho como de costume — explicou o Ola. — Não pensei muito sobre isso, mas de repente a ansiedade voltou. São situações muito específicas que a desencadeiam. Eu, que sempre fui introvertido, agora tenho dificuldade em estar sozinho.

Devia ser por isso que andava sempre atrás da Bianca. Sentia-se só, aborrecido.

— Tens de aceitar que te podes sentir mal — intervém a Bianca, lançando-lhe um olhar doce. — É típico dos homens não se permitirem ser vulneráveis.

Parecia bem informada. O Ola não me tinha dito nada.

— A polícia deteve-os bastante depressa, não foi? — comentou o Micke.

O Ola virou o copo nas mãos.

— Sim, mas depois houve problemas com a investigação. Demorou muito tempo.

— Já lá vai mais de um ano — intervim.

O Ola parecia irritado.

— Sim, sim, felizmente daqui a três semanas vai haver um julgamento.

Observei-o sub-repticiamente. A forma como olhava para a Bianca preocupava-me. Fiquei surpreendida por ela ainda não ter percebido que ele estava a fingir.

— Espero que eles sejam devidamente punidos — disse o Åke.

O Ola pousou o copo com um suspiro.

— De certeza que não irá acontecer. Têm apenas dezassete anos.

— A justiça sueca é ridícula — afirmou o Åke.

A Bianca disse que o importante era os rapazes aprenderem alguma coisa com aquela história e não cometerem mais crimes. Subscrevi.

— A esperança é a última a morrer — disse o Ola.

O Micke virou-se para ele.

— Vais testemunhar no julgamento?

Algo me dizia que ele já sabia a resposta. Só lho perguntara para o irritar.

— Não, não vai acontecer — disse o Ola.

— O quê? Não vais testemunhar?! — exclamou o Åke.

— Não. — O Ola contorcia-se. — Há pelo menos dez vítimas, por isso serão elas fazê-lo.

— Eles não te *deixam* testemunhar? — perguntou a Gun-Britt.

— Porque tu reconheceste-os, não foi? — perguntou o Micke. —

Fizeste o reconhecimento na polícia, não foi?

— Sim. — O Ola mordeu o lábio. — Mas sentar-me à frente deles no tribunal não é a mesma coisa. Os médicos dizem que não vai beneficiar o meu processo de cura.

Estava com medo. Era fácil de perceber.

— Claro que testemunhar é um grande desafio — disse a Bianca.

Acenei com a cabeça, para mostrar que concordava.

— Mas o nosso sistema judicial depende de as pessoas contarem o que sabem — interveio o Micke. — Imaginem se todas as vítimas pensassem como o Ola. Claro, não deve ser uma experiência agradável, mas...

— Seja como for, não lhes vão fazer nada — interrompeu-o o Ola. — Uma reunião com uma tipa dos serviços sociais será suficiente. *Pobre miúdo, que infância difícil.* Além disso, corro o risco de me cruzar com eles na rua em qualquer altura.

— Compreendo — disse o Åke.

Mas o Micke não desistia. Era como se tivesse decidido atacar o Ola. Provavelmente irritava-o o facto de a Bianca passar tanto tempo com ele.

— Acho que é dever de todos os cidadãos estarem disponíveis para o sistema judicial — disse ele.

A Bianca lançou-lhe um olhar de reprovação, e nesse momento a Bella começou a chorar.

— Mudei-me para Köpinge para evitar estas coisas — contou o Ola. — Não quero envolver-me.

— Mas estás envolvido!

— Já chega — disse a Bianca, pegando na Bella ao colo. — Micke, estás a gritar.

Ela estava a exagerar. Era apenas uma conversa acalorada.

— Mas não ouviste o que...?

— Chiu!

Fiquei atónita. Claro que o Micke estava bêbedo, mas não havia necessidade de o tratar como uma criança.

— É fácil falar quando não se esteve lá — disse a Bianca, acariciando a face da Bella. — Sempre pensei como tu, Micke. Que cumpriria o meu dever ao testemunhar. Porém, se me encontrasse mesmo lá, não saberia... Será que vale mesmo a pena?

O Ola e o Åke acenaram com a cabeça, mas o Micke não parecia interessado em discutir com a mulher em público. Empurrou a cadeira para trás, cruzou as pernas e apontou o olhar para outro lado.

— Vou para casa pôr os miúdos na cama — disse a Bianca. — A Bella está muito cansada.

O Micke estava prestes a levantar-se, mas ela colocou-lhe uma mão na omoplata e empurrou-o para a cadeira.



— Fica — disse-lhe. — Volto antes da meia-noite. Se não adormecer.

Meia hora depois, o Ola também se fora embora. O Micke estava com os olhos vermelhos e toldados, ainda a perguntar-me histórias sobre a minha vida nos Estados Unidos.

Ri-me, contando-lhe histórias de fotógrafos porcos e de agentes viscosos, de estilistas de moda em comparação com os quais Narciso teria passado por altruísta, das drogas, das alucinantes obsessões com o luxo dos americanos e dos seus hábitos sexuais.

— Que vida a tua — disse o Åke.

— Bah! Na verdade, sou uma moça da aldeia. A rapariga da casa ao lado, como dizem por lá. Sempre me senti deslocada em certos círculos.

O Micke olhou para mim com ar sonhador.

O seu sorriso fazia-me vibrar o corpo todo.

— Nem sequer estou assim tão interessada em lantejoulas — disse eu. — Nunca me interessei muito por roupas, joias e sapatos. Sinto-me bem sem eles.

Era verdade. Sentia-me livre e feliz.

É certo que o álcool estava a desempenhar o seu papel, mas, acima de tudo, sentia-me inebriada com a ideia do futuro imediato: doze novos meses de aventuras e possibilidades. 2017 iria ser o meu ano.

Sem o Peter. Sem relações tóxicas.

— Está prestes a começar a contagem decrescente a partir do Parque Skansen — gritou a Gun-Britt do sofá.

— Já é meia-noite? — perguntou o Micke, sacando do seu telemóvel. — A Bianca deve ter adormecido.

— Onde é que se meteu o Ola? — perguntou o Åke.

— Foi para casa — respondeu o Micke. — Deve ser por causa do TSPT.

— Ou por causa do álcool — aventou a Gun-Britt.

Dei o braço ao Micke.

— Anda, quero ver o fogo de artifício.

Ele não estava muito firme, por isso tive de lhe dar a mão até à entrada. Quando o ajudei a vestir o casaco, vi que uma alcinha me escorregara do ombro.

— Vêm? — perguntou o Micke.

— Vamos ficar aqui — disse a Gun-Britt. — Os foguetes fazem muito barulho.

O Micke sorriu para mim. Saímos para o relvado e levantamos o rosto para o céu, iluminado pelas explosões de cor. Com o casaco aberto, sem cachecol nem gorro, arrepio-me ao lado do Micke e vejo o fogo de artifício espelhado nos seus olhos.

Um forte estrondo fez vibrar tudo, e enfiei um braço dentro do seu casaco. Batia os dentes, o frio era perfeito, e o céu estava pintado de vermelho, dourado e azul.

Quando me aproximei do calor do Micke, os seus olhos estavam cheios de clarões e estrelas.

— Feliz Ano Novo.

Expirámos vapor um para o outro. Fogo de artifício por todo o lado.

— Feliz Ano Novo — sussurrei.

A sua língua sabia divinalmente.

## FABIAN

## ANTES DO ACIDENTE

*Primavera de 2017*

Depois da festa de Ano Novo, tudo mudou. No início senti-me enojado e zangado; porém, quando o choque passou, comecei a vislumbrar os benefícios.

Ainda não contei à minha mãe que os vi, mas quando encontro o Micke no pátio ou na escola é como se dentro de mim se acendesse uma faísca que não consigo controlar. Acho que as coisas poderiam correr muito bem.

Numa terça-feira aborrecida de janeiro, três raparigas do 9.º ano atacam-me na cantina. O diretor chega, e é o fim do mundo.

— Ele estava a olhar para as mamas da Suzi. Seu nojento! — diz uma das raparigas.

Foi por isso que a Suzi me atirou uma concha de puré de batata e cenouras à cara.

— É assédio sexual — diz a Suzi ao diretor.

Então porque é que ela anda por aí com uma blusa tão pequena que sai tudo para fora? Claro que quer que as pessoas olhem para ela.

— Temos de telefonar ao professor Andersson — diz o diretor. — É responsabilidade do mentor.

Sou obrigado a sentar-me numa sala de estudo em grupo, à espera, com o estômago a roncar. Quando o Micke finalmente chega, de fato de treino e com uma fita transpirada na cabeça, a primeira coisa que diz é:

— Porque é que isto acaba sempre assim?

Parece mais interessado do que cansado. Como se realmente se importasse. Não estou habituado a isso, não sei como reagir. Mas sabe bem.

— Porque sou um alienígena — digo. — Um extraterrestre.

Quando era mais novo, pensei muitas vezes que fora parar ao planeta errado. Quando os psicólogos e os médicos não chegavam a acordo sobre o que se passava comigo, era porque nunca tinham visto um extraterrestre.

— Tu não és um extraterrestre — diz o Micke. — Mas compreendo

como te sentes.

A sério? Ele compreende como me sinto? Não consigo imaginar que o Micke possa ter passado por algo semelhante. Ele é tão normal. Feliz, encantador e simples. Uma daquelas pessoas de quem toda a gente gosta.

De qualquer forma, não me julga. Não parece zangado nem demasiado compreensivo. Está interessado em encontrar uma solução, e eu gosto disso.

— É verdade o que as raparigas disseram? Estavas mesmo a olhar para as mamas da Suzi?

— Acho que sim. O olhar parou ali. Não fiz de propósito. Se tivesse sido outra pessoa a olhar para as mamas dela, qualquer uma, a Suzi provavelmente tê-las-ia posto ainda mais para fora e teria gostado de ser o centro das atenções.

Mas comigo é diferente.

— Ela atirou-te comida? — pergunta o Micke.

— Sim.

Mostro-lhe a nódoa na camisola.

— Espero que o diretor siga as regras e a suspenda do refeitório — diz o Micke.

Sorrio para ele. O meu mentor.

Ainda tenho a imagem dele e da minha mãe na cabeça, na noite de Ano Novo. Dá-me esperança.

Consigo pensar num castigo melhor para a Suzi do que uma trivial suspensão da cantina. De certeza que não vai sentir falta do guisado ou dos hambúrgueres.

— Como estão as coisas em casa? — pergunta o Micke de repente.

Isto nunca tinha acontecido antes. Será que tem que ver com os beijos? Estará ele curioso sobre a minha mãe?

— E o Peter? — diz ele. — Ainda está...?

A minha resposta é rápida.

— Não.

O Micke não consegue esconder a sua satisfação. É exatamente o que quer ouvir. Mas não o posso enganar, ele iria descobrir.

— Bem, ele já não vai lá muito — digo. — Na maior parte das vezes discute com a minha mãe.

O Micke parece preocupado. De certeza que ele e a Bianca nunca discutem. Não dessa maneira. E o Micke é do tipo que não pode ouvir falar de uma injustiça sem intervir.

— Gostava que ela conhecesse alguém... melhor — digo.

O Micke não é burro. Provavelmente percebe o que quero dizer, mas não pronuncia uma palavra nem esboça qualquer reação. Gosto dele por isso. Não quer dar-me falsas esperanças, claro.

Quando voltamos à cantina, os empregados guardaram-me uma

dose. Não faz mal faltar às revisões de Matemática, já vou à frente de toda a gente.

— Obrigado pela ajuda — digo ao Micke.

— Claro.

E decido não ligar à Suzi nem às amigas. Não porque não mereçam vingança, mas porque não quero desiludir o Micke.

O Peter regressa nesse sábado. A minha mãe diz que ele não suporta estar sozinho.

— Mas não consegues arranjar outra pessoa? — pergunto. — O Peter só faz parvoíces.

— Não é assim tão fácil — diz a minha mãe.

Está bem. Não pode ser assim tão difícil.

Querer é poder.

O Peter põe música *hard rock* na sala de estar. Ele e a minha mãe estão a beber e a gritar, e não quero saber o que mais estão a fazer. Ponho o volume no máximo nos auscultadores e tento concentrar-me no jogo, mas o baixo ressoa no chão e nas paredes, sinto comichão e formigueiro por todo o corpo e acabo por ser obrigado a sair.

Calço os sapatos no corredor. O Peter e a minha mãe estão meio deitados um sobre o outro no sofá, e eu desvio o olhar para não vomitar.

— Onde é que vais? — grita a minha mãe através do muro de guitarras elétricas ensurdecedoras.

— Sair! — respondo também alto. Depois bato com a porta atrás de mim.

Dou umas voltas de bicicleta pelo bairro à medida que escurece. Além dos rapazes da terra com motorizadas que se encontram no centro e de um pequeno grupo de raparigas a fumar à socapa num bosque perto do jardim público, Köpinge está vazia e silenciosa. Quando regresso à rua Combinaguai, desmonto da bicicleta em frente ao número 13. O *Volvo* está na entrada da garagem. Olho em volta e aproximo-me sorrateiramente do portão. Espreito pela fresta, mas não vejo nada de especial.

— O que estás aí a fazer?

Quando me viro, vejo o Ola a vir na minha direção, do pátio.

— Vi-te pela janela — diz ele. — Aconteceu alguma coisa? Estás a tremer de frio.

Nem presto atenção.

— Fui dar uma volta de bicicleta.

Pequenas nuvens de vapor saem da boca do Ola. Cheira a álcool e a perfume de velho.

— É sábado à noite, e são quase onze e meia. Devias voltar para casa.

Não digo nada, não me mexo um centímetro.

— É o Peter? — pergunta o Ola.

Viramo-nos ambos para a minha casa. De onde estamos a música ouve-se como uma batida monótona.

— Porque não o pões na rua? Eu tentei falar do assunto. — Como se a minha mãe lhe fosse dar ouvidos. Ela está-se nas tintas para o que o Ola pensa. — Queres que vá contigo? — pergunta.

Que estranho. O Ola nunca foi simpático comigo. Deve ter de certeza um motivo oculto, mas qual?

Quando se mudou para cá, não demorou muito até começar a andar atrás da minha mãe. Eu não tinha problemas com isso, apesar de sentir pena da mulher dele. Só quando ele começou a falar mal do Bengt é que percebi como ele era.

— Está bem — respondo, apesar de tudo.

Até pode ser divertido. Sei que o Peter não é fã do Ola. Pego na bicicleta e sigo-o. Os braços dele estão duros e tensos, abre os dedos e fecha-os, abre-os e fecha-os.

Quando abro a porta, o Ola empurra-me para o lado e entra no corredor.

— Olá? Olá!

A música pára, e a minha mãe levanta-se do sofá.

— Encontrei o Fabian lá fora — diz o Ola. — Estava a morrer de frio.

É obviamente um exagero, mas a minha mãe merece um sermão.

— Deixa-te disso, ele não é nenhuma criança — diz o Peter. Continua sentado no sofá com as calças desabotoadas e os pés sujos em cima da mesa de café.

— Porque é que fugiste assim? — pergunta a minha mãe.

O Ola entra na sala de estar.

— Talvez devesse repensar as tuas prioridades — diz ele.

O Peter põe os pés no chão. Incha o peito enquanto se levanta, e a minha mãe tenta segurá-lo pelo braço.

— Não te metas — diz o Peter ao Ola.

Está bêbedo, como a minha mãe.

— Pára com isso — pede a minha mãe.

Mas o Peter contorce-se e cambaleia até ao Ola.

— Queres mais alguma coisa? Hem?

Quase se pode ver a raiva a sair dos olhos do Ola, mas o Peter tem o dobro do seu tamanho, e o soco já está pronto a ser dado.

— Sai, imediatamente — diz a minha mãe.

Aos poucos, o Ola recua para o corredor, e o Peter recosta-se no sofá. A minha mãe entra na sala e olha para mim como quando eu era pequeno. É bom quando se preocupa.

O Peter volta a ligar a música assim que o Ola sai.

A minha mãe faz-me chocolate quente e traz-me um cobertor de lã, e quando voltamos para a sala o Peter já tem a cabeça apoiada no braço do sofá e está a rressonar alto, de boca aberta.

— Sabes que és a minha prioridade, não sabes? — pergunta a minha mãe quando nos sentamos. — És sempre a minha prioridade.

JACQUELINE  
ANTES DO ACIDENTE

*Primavera de 2017*

Não era a primeira vez que eu tentava matar uma relação com silêncio. Mas o Peter estava a ganhar resistência. Se eu não respondesse às mensagens de texto, passavam-se apenas alguns minutos até ele me ligar. E se eu não atendesse as chamadas, encontrava-o a bater-me à porta.

— Pensei que tivesse acontecido alguma coisa. Pregaste-me um susto.

Já durava há mais de um ano, e eu não sabia como acabar com aquilo. Em pensamento, já estava noutro lugar, mas depois dava por mim na cozinha a beber vinho, e o meu cérebro ficava confuso, e a solidão doía-me, e de repente não conseguia dizer que não quando ele aparecia.

Desde a festa de Ano Novo que pensava muitas vezes no Micke, no beijo, no fogo de artifício e no seu abraço reconfortante. Esses momentos tinham despertado algo, algo a que eu não conseguia resistir. Que estupidez. De qualquer forma, nada poderia nascer entre nós.

— Conseguias imaginar-te a mudar para outro sítio, para longe de Köpinge? — perguntei uma noite ao Fabian.

Não tinha pensado muito nisso, mas era sempre assim que nos mudávamos.

— Não! Porquê? — O Fabian detestava mudanças repentinas. Mas depois: — Para a Califórnia? Vamos para casa do pai?

Eu estava a pensar mais em Halmstad ou Kungälv. Há um café agradável em Emmaboda.

— Vamos ver.

Não quero dizer que andava mesmo de olho nele, mas conseguia ver a porta da casa dos Anderssons da janela da cozinha, e por vezes ele aparecia e a memória da passagem de ano reacendia novas chamadas.

Uma noite, no escuro, tinha visto a Bianca e as crianças afastarem-



se no *Volvo*. Então, tentei. O Micke tinha acabado de regressar de uma corrida e estava a alongar encostado à porta da garagem. Era a primeira vez que estava a sós com ele desde a véspera de Ano Novo.

— Ora viva — disse eu. — Como estão a correr os treinos?

Ele levantou um pé até ao glúteo. Tinha a testa coberta de suor e os músculos do peito tensos sob a *t-shirt* apertada.

— Já não tenho trinta e cinco anos.

Riu-se para o céu, e o seu hálito quente transformou-se em vapor sob a luz do candeeiro da garagem. Era como se um campo magnético à sua volta me atraísse e mantivesse ali ancorada.

— Estamos a pensar mudar de casa — disse eu.

Era uma forma infantil de provocar uma reação. Mas resultou. O Micke largou o pé e descontraiu os músculos da perna.

— Para onde?

Captei alguma preocupação.

— Não sei bem. Para Småland, talvez. Emmaboda.

Ele acenou com a cabeça. Parecia surpreso, mas nada mais. O que é que eu esperava? Que ele me agarrasse e implorasse para ficar?

Passaram-se alguns segundos muito longos. Ficámos em silêncio, respirando nuvens de vapor um sobre o outro.

— Olha, sobre aquela história no Ano Novo...

Agora ele estava a sussurrar e tinha dificuldade em olhar-me nos olhos. Sustive a respiração, esperando até ao último segundo que o Micke dissesse algo diferente do que eu tinha certeza de que ele queria dizer.

— Eu amo a Bianca. Seria devastador se ela soubesse de alguma coisa.

— Claro — disse eu, com a desilusão a abater-se sobre mim. — Foi só um beijo.

O Micke pareceu aliviado.

— Eu tinha bebido demais — disse ele. — Foi um erro, não foi?

— Humm.

Empurrei a dor para dentro. Cortei a cabeça a todas as minhas esperanças e enterrei-as no mesmo buraco negro de onde um dia tinham saído.

— Ninguém vai saber nada acerca do Ano Novo — assegurei-lhe.

— Podes confiar em mim.

O Micke soltou um suspiro de alívio e colocou uma mão no peito. Eu já estava a afastar-me.

Para pessoas como o Micke, eu não passava de um erro.

## MIKAEL

## ANTES DO ACIDENTE

*Primavera de 2017*

Na verdade, os residentes não eram obrigados a limpar o pátio, o município encarregava-se disso. A ideia de cuidarmos dele, um domingo na primavera e outro no outono, foi do Åke. Juntos, varríamos a praça, tratávamos das plantas e repintávamos as áreas comuns. A Gun-Britt encarregava-se do café e o Åke preparava os cachorros-quentes.

— Vamos agarrar-nos às tradições. É tudo mais fácil se nos ajudarmos uns aos outros — disse o Åke, por cuja mente provavelmente nem sequer passava a ideia de que nenhum de nós queria saber e que desistiríamos daquelas coisas mal ele esticasse o pernil.

Para dizer a verdade, estávamos adiantados, era apenas o primeiro domingo de março, mas, quando o Åke decidia alguma coisa, não havia discussão.

Eu estava a ajudá-lo a pintar os bancos do pátio, enquanto a Jacqueline se pusera de cócoras a remexer nos canteiros de flores. Um pouco adiante, a Bianca varria os ramos que o Ola cortava das árvores.

Sempre que a Jacqueline e a Bianca estavam juntas, eu ficava nervoso. Desde que a Jacqueline começara a trabalhar no infantário, eu tentava, tanto quanto possível, ir buscar a Bella. Apesar de ter noventa e nove por cento de certeza de que ela nunca diria nada à Bianca, a ansiedade mantinha-se. Bastava um deslize, uma pequena insinuação, e o meu mundo desmoronar-se-ia.

Como é que eu permitira que aquilo acontecesse? Aquele momento fugaz sob as badaladas da meia-noite arrebatará-me completamente, e eu esquecera tudo o resto. Apanhado pela escuridão e pelo fogo de artifício, deixei que os meus lábios tocassem os da Jacqueline. Eu era tudo menos inocente. Não a tinha impedido nem a tinha afastado. Era uma pessoa abjeta, um idiota, como todos aqueles que sempre desprezei.

Nunca tinha sido infiel. Para mim, a infidelidade era impensável,

estava a anos-luz de quem eu era. Do que eu pensava ser.

Depois do beijo, olhámos nos olhos um do outro durante muito tempo, e eu tive a certeza de que o tínhamos encarado da mesma forma, como um erro. Agora já não tinha tanta certeza. Será que a Jacqueline tinha expectativas diferentes?

É claro que a angústia veio de imediato. O Ano Novo começou com competições de saltos de esqui na televisão e uma corda à volta do meu pescoço. Queria muito contar à Bianca, mas tinha hesitado demasiado tempo à espera do momento certo. Os dias tinham passado, e contar agora parecia impossível. Melhor seria apagar da memória. Não voltaria a acontecer. Odiava-me e amava tanto a Bianca que doía.

Naquele momento, a Bianca estava no final do campo, a segurar a escada enquanto o Ola subia para serrar os galhos que se destacavam de uma bétula.

— Despacha-te — disse a Bianca, fechando os olhos.

Morria de medo de alturas. Pouco importava se era ela ou outra pessoa quem estava no topo da escada.

O Ola balançava para trás e para a frente de propósito para a assustar e provocava-a demorando mais tempo do que o necessário. Riam-se juntos.

— Vejam bem isto — disse o Åke.

Interrompemos completamente os trabalhos.

Um carro da polícia entrou na praça. O Peter acendeu as luzes azuis, e a Bella e o William desataram a saltar de alegria.

— Podemos sentar-nos no carro?

O Peter passou por eles sem responder.

— Senhor agente — disse o Åke. — Posso oferecer-lhe um café?

O Peter pegou na chávena e encaminhou-se para a Jacqueline em passos largos.

— Não respondes às minhas chamadas. Nem sabia o que pensar.

Ela lançou um olhar envergonhado em redor.

— Agora não — disse ela baixinho. — É dia de limpezas.

Lembrei-me do que o Fabian me contara sobre as discussões constantes entre eles, veio-me à memória o desespero da Jacqueline depois da sua festa de aniversário, no verão anterior. Não admirava que quisesse algo diferente.

— Não aceito ser ignorado — disse o Peter. — Tu sabes.

A Jacqueline sussurrou um pedido de desculpas. Os nossos olhares cruzaram-se rapidamente, e pareceu-me vislumbrar uma súplica.

— As crianças podem sentar-se ao volante? — perguntei para o interromper.

A Bella e o William já estavam a entrar no carro.

— Hem? Sim, está bem...

Apesar de resmungar um pouco, sentou primeiro um e depois o

outro no lugar do condutor e mostrou-lhes como funcionava o rádio da polícia.

— Sempre quiseste ser polícia? — perguntou o William.

— Não é o que todos os miúdos querem? — respondeu o Peter, despenteando-lhe o cabelo. — Mas é um trabalho duro. É ingrato. Acho que hoje escolheria outra profissão.

Endireitou-se e bebeu um gole de café.

— Bem, parece mesmo uma trabalhadeira — disse o Åke, rindo-se.

O Peter olhou para ele.

— Não faz ideia. Devia vir comigo uma noite. A Rosengård, a Kroksbäck ou a Lindängen. Abandonar a bolha feliz de Köpinge por algum tempo.

— Compreendo perfeitamente — disse o Åke. — Na altura, mudámo-nos para aqui precisamente para que os nossos filhos não crescessem em Malmö.

— Agora está a exagerar — intervim. — A situação não é assim tão dramática.

Eu gosto de Malmö. O porto de Västra Hamnen, a pequena praça de Lilla Torg, o bairro de Möllan. É muito mais europeia do que Estocolmo.

— Ouçam — explicou o Peter. — Todos os dias detenho pessoas que assaltam, agridem e roubam, mas ficam impunes. Elas riem-se de mim. Quando lhes ponho as algemas nos pulsos, riem-se na minha cara. Porque sabem perfeitamente que vão ser libertadas dentro de poucas horas. — Fala depressa, de uma forma quase psicótica. — Vocês não percebem como é frustrante. Estão cegos, como toda a gente, como o pessoal que vive bem. Preocupam-se mais com a descida das taxas sobre os empréstimos para remodelação de casas e dos juros sobre o crédito à habitação do que com agressões sexuais a jovens raparigas cujos violadores andam à solta. Não fazem ideia de como as coisas são na realidade.

— Pára com isso — disse a Jacqueline. — Ninguém quer ouvir a tua conversa sobre política.

O Peter olhou para ela, ofendido. Entretanto, eu estava a tentar afastar o William do volante.

Claro que eu compreendia que, por vezes, nos podíamos sentir impotentes. Reconhecia o raciocínio, também acontecia no mundo escolar, mas a situação não podia ser tão grave como ele a descrevia.

— O melhor é mudarmo-nos para a Islândia — disse ele. — Lá há dois assassinios por ano. *Dois*. Os polícias nem sequer precisam de andar armados.

A Jacqueline olhou-o com ar cansado. Não teria sido melhor para todos se o Peter tivesse mesmo ido para a Islândia?

— Sabes os tipos que assaltaram o Ola? — continuou o Peter. — O

juiz decidiu suspender a pena e atribuir-lhes serviço comunitário. Uma palhaçada.

Com um movimento determinado, desenroscou a tampa da garrafa térmica para encher o copo. Entretanto, o Ola tinha descido a escada e vinha na nossa direção com a Bianca no seu encalço.

— Mas sentenças mais duras não têm um efeito preventivo superior — disse eu. — Basta ver os Estados Unidos.

O Peter soprou no café fumegante.

— Não me interessa o efeito que têm, interessa-me as vítimas e os seus familiares. Não se devia poder matar outra pessoa e sair em liberdade passado um ano ou mais. Se se quer matar alguém, basta contratar um menor. Na Suécia, os jovens de quinze anos têm oitenta por cento da pena cumprida. Oitenta por cento! De uma pena de dez anos, apanham dois, e ao fim de um ano e meio já estão em liberdade.

— É mesmo assim? — pergunta a Gun-Britt, apanhando migalhas com as mãos.

Parecia-me pouco plausível. Eu não estava suficientemente bem informado.

— Claro que é — respondeu o Peter. — Se tiveres menos de quinze anos, não és responsabilizado criminalmente. Na Suécia, um jovem de catorze anos que mate alguém é enviado para uma casa de correção para ter uma conversa com os apurmadinhos dos serviços sociais.

— Agora chega — disse a Jacqueline.

Como é que um polícia se podia expressar nestes termos?

Virei-lhe as costas quando a Bella veio a correr para a praça.

— Olha, olha! Encontrei um esqueleto!

Instintivamente, o Peter tomou a dianteira. Passos amplos no asfalto. Ancas bem abertas, o cinto a tilintar. Eu, o Ola e o Åke seguimo-lo até à sebe de tuia da esquina, onde a Bella indicou o local da descoberta.

O Peter virou-se e pôs os olhos no Ola. Fitou-o como um predador faminto.

— Foram os teus gatos?

— Os meus gatos não saem de casa — respondeu o Ola, mal-humorado.

O Peter baixou-se sob a sebe e, com o pé, retirou os restos de penas de um pássaro.

JACQUELINE  
ANTES DO ACIDENTE

*Primavera de 2017*

É claro que existe um ligeiro favoritismo. Na verdade, favoritismo é a palavra errada. Para uma criança cujos pais são nossos vizinhos, somos mais atenciosos, dedicamos-lhe um pouco mais de tempo e carinho. Não conseguia imaginar nada pior do que a possibilidade de acontecer alguma coisa à Bella no infantário, de ela se magoar e de ter de o dizer à Bianca e ao Micke, olhando-os nos olhos.

Quando comecei o meu estágio, expliquei a situação pedindo para não ser destacada para a secção da filha dos meus vizinhos.

— Não penses nisso — disse o diretor da escola. — Em Köpinge, somos quase todos vizinhos. Toda a gente conhece alguém que conhece alguém. Se tivéssemos de andar com estas coisas, já não teríamos educadores.

Talvez eu estivesse a preocupar-me desnecessariamente. A Bella era alegre e educada, dávamo-nos bem. Além disso, eu quase nunca via a Bianca. A única coisa que me deixava nervosa era ter de me encontrar com o Micke praticamente todos os dias. Não conseguia olhar para ele sem que a memória do Ano Novo me passasse pela cabeça.

Recebi muitos elogios do centro de emprego sobre a forma como o estágio estava a decorrer. Toda a gente estava encantada: o diretor, os colegas, as crianças e os pais. Talvez devesse considerar a hipótese de retomar os estudos para me tornar educadora de infância. Havia a possibilidade de os articular com um estágio prolongado.

Numa sexta-feira de março, o inverno voltou para nos visitar. O vento veio do nada e esvaziou o pátio da escola. Acomodámo-nos no tapete da sala de convívio para ver os flocos de neve rodopiar violentamente à volta do escorrega e dos baloiços no pátio exterior.

Um a um, pais trémulos vieram buscar os filhos. Aparentemente, a estrada estava um inferno. Havia muita neve e o pavimento estava congelado. As cinco horas estavam a aproximar-se, e a Bella era praticamente a única criança que restava.

— De acordo com o horário, deviam tê-la vindo buscar há dez

minutos — disse a Elahe, uma colega minha.

Faltava meia hora para o infantário fechar. Esperava que não tivesse acontecido nada.

— Vou telefonar aos pais — disse a Elahe dez minutos depois.

Eu e a Bella estávamos a fazer um *puzzle*. O tempo passou, e tentei não me mostrar preocupada.

A Elahe regressou com a responsável.

— O pai está fora, num passeio com os alunos — disse a Elahe. — Trabalha na escola de Köpinge. Aparentemente, a mãe deveria ter vindo hoje, mas não conseguimos contactá-la. O telemóvel parece estar desligado. Deixei-lhe duas mensagens de voz e enviei uma mensagem de texto.

Do lado de fora da janela, a neve continuava a cair. Não deve ter sido fácil conduzir de Lund para Köpinge. E se a Bianca se tivesse despistado ou algo do género?

— Devíamos ter fechado há cinco minutos — disse o diretor. — Algum de vocês pode ficar aqui com a Bella?

— Infelizmente não — respondeu a Elahe. — Tenho um compromisso.

A Bella percebeu que se passava algo diferente.

— Jacqueline — disse ela. — Onde está a mãe?

— Deve estar a chegar — respondi.

É claro que eu queria ficar com ela, mas o Fabian estivera sozinho muitas horas depois de ter vindo da escola. Se o jantar não estivesse pronto às seis, como sempre, teria um ataque.

— Não sei como são as regras — disse eu —, mas podia levar a Bella para casa comigo.

O diretor olhou para mim.

— Ah, sim, é verdade, vocês são vizinhos. — Animou-se. — Então conheces bem os pais dela?

— Sim.

Era verdade.

Ou pelo menos era o que eu pensava.

— O que dizes, Bella? — pergunta a responsável. — Queres ir para casa da Jacqueline até a mãe chegar?

Demorei o dobro do tempo a chegar a casa sob aquele nevão.

— Qual é o teu prato preferido? — perguntei à Bella.

Eu já sabia que ela comia quase tudo.

— Almôndegas, puré de batata, molho castanho e doce de arando.

— Combinado.

Sentou-se à mesa da cozinha enquanto eu fervia água e descongelava carne picada no micro-ondas. O Fabian estava sentado ali perto, a tamborilar na mesa.

— Queres ver uns vídeos no YouTube enquanto esperamos? — perguntou ele à Bella. — Vamos para o meu quarto.

Eu reagi, por puro instinto.

Mas a Bella já estava a dirigir-se para lá, saltitando animadamente.

— Deixa a porta aberta — disse eu.

O Fabian lançou-me um olhar indignado.

Senti-me culpada. Ele deveria poder contar com a minha confiança. Sou a mãe dele.

Preparei as almôndegas e depois fiz puré e molho com sacos liofilizados. De vez em quando, desligava o exaustor por cima do fogão para ouvir os ruídos que vinham do quarto do Fabian. A música e as vozes no computador, os risos alegres da Bella.

Tínhamos acabado de pôr a mesa quando a Bianca chegou. Mal abro a porta, grandes flocos de neve entram na sala. A Bianca trazia um gorro e um cachecol, e os seus olhos estavam aterrorizados.

— A Bella está cá?

Entrou diretamente na cozinha com os sapatos molhados.

— Mãe! A Jacqueline fez-me almôndegas com puré.

A Bianca fixou os olhos em mim. Mexeu-se bruscamente, como se estivesse a conter-se.

— Imaginas a minha preocupação? Estava presa na autoestrada com o telemóvel sem bateria.

— Desculpa — disse eu. — Nós também estávamos muito preocupados.

— É legal fazer uma coisa destas? Levar uma criança para casa?

Pegou na Bella e arrastou-a como se fosse uma marioneta.

— Mãe, pára! Quero comer almôndegas!

Eu e o Fabian olhámos um para o outro, estupefactos.

— Eu ia chamar a polícia — disse a Bianca. — Compreendes o que fizeste? Quando cheguei ao jardim de infância para a ir buscar, a minha filha tinha desaparecido!

Tentei explicar-lhe que a escola estava a fechar e que só lhe queria fazer um favor, mas ela não me deu ouvidos.

— Ligámos muitas vezes — expliquei-lhe. — O Micke estava fora, em trabalho, e tu não atendias. Deves ter visto que te deixámos uma mensagem, certo?

Ela semicerrou os olhos sob a orla do gorro.

— Sim, vi. Depois!

— Porque é que já não posso comer almôndegas? — gritou a Bella enquanto a Bianca lhe vestia à força o fato de neve.

— Claro que vais comer almôndegas, querida. Faça-te todas as que quiseses. Mas primeiro vamos para casa.

A voz tremia-lhe. Estava fora de si.

Talvez eu devesse ter sido mais compreensiva. A reação dela era



normal, eu também teria desesperado se não tivesse encontrado o meu filho.

Mas não conseguia deixar de sentir que se passava mais alguma coisa.

— Vemo-nos na segunda-feira — disse eu à Bella.

Ela acenou-me debaixo de toda aquela neve, enquanto a Bianca a arrastava pela praceta.

— A Bianca não gosta de nós — disse o Fabian, colocando os talheres em cruz no prato.

— Porque é que dizes isso?

— Porque é verdade.

— Não me parece — retorqui.

Mas, na realidade, eu sabia que ele tinha razão.

Nesse domingo, eu e o Fabian jogámos *Othello* no sofá. Tudo o que restava da neve eram umas manchas brancas no relvado. Os ramos das árvores estavam cheios de pombos e pegas.

— Começo a aborrecer-me — disse eu, quando o Fabian ganhou pela nona vez consecutiva.

— Não te podes aborrecer a jogar *Othello* — respondeu ele, preparando outro jogo.

Adorava vê-lo a preparar as peças. A paciência e a precisão meticulosa. A mim, chamavam-me sempre desarrumada.

— Mãe — disse ele, hesitante. — Porque é que o pai não quis vir connosco para a Suécia?

Virou outro disco.

— É... complicado — respondi. — O amor é complicado.

— Porquê? Ou se amam ou não se amam.

Nessa noite, tive um sono agitado e levantei-me cedo. Ao pequeno-almoço, não consegui tomar mais nada a não ser uma chávena de chá. Devia falar com a Bianca no fim de semana. Devia ir ter com ela para resolver as coisas. Na sexta-feira à noite tinha-a visto fora de si.

Foi por isso que fiz questão de chegar cedo ao trabalho na segunda de manhã. Para abordar o assunto com ela ou com o Micke quando chegassem para deixar a Bella.

De cada vez que alguém abria a porta e limpava os sapatos no capacho, eu ficava no corredor à espera. As crianças chegaram, e o pequeno-almoço foi servido.

— A Bella não está cá — disse à Elahe.

— Ligaram, está doente.

Depois do almoço, a responsável veio chamar-me. Pediam-me para comparecer o mais rápido possível no centro de emprego. Nem sequer tive tempo de me despedir das crianças.

Quando cheguei, encontrei a minha orientadora com ar sério.

— Gostava de poder fazer alguma coisa, Jacqueline. Trata-se de uma decisão do município.

Com efeito imediato. Foi com esta velocidade que me transferiram do jardim de infância para uma casa de repouso nos arredores de Köpinge.

— Mas eu estou tão bem no jardim de infância. Até estava a pensar em voltar a estudar para ser educadora.

A minha orientadora voltou a dizer que lamentava. A decisão viera *de cima*. Não havia nada que ela pudesse fazer.

— Mas a responsável da escola achou que era boa ideia eu levar a Bella para minha casa. Nós concordámos.

— Lamento imenso.

O município tinha recebido uma queixa sobre o assunto e achou que o jardim de infância não era um local adequado para mim.

— A Bianca Andersson está por trás disto? Acho que ela tem algo contra mim. É uma questão pessoal.

Era uma loucura. Eu tinha feito um favor à Bianca, e a recompensa era esta.

— De acordo com o município, trata-se de uma avaliação global — disse a orientadora. — Normalmente não se baseia numa única queixa apresentada por um pai.

O Fabian tinha razão. A Bianca não gostava de nós. Era uma vingança, uma declaração de guerra. Mas porquê? A mesma história de sempre, claro. A concorrência, o medo de ser suplantado e substituído. Teria ela sabido da véspera de Ano Novo?

Escrevi uma mensagem ao Micke.

«Contaste à Bianca o teu “erro” na passagem de ano?»

A resposta foi imediata: «NÃO! Ela disse-te alguma coisa?»

Deixei-o um pouco nervoso. Foi desagradável, mas eu estava furiosa.

À saída do centro de emprego, levei o *Clio* ao limite. O meu espectro visual estreitou-se, e fui assaltada por um sentimento familiar.

Impotência.

Uma impotência absoluta e insuperável.

Que diabo, não ia ser uma vítima. Não de novo.

Parei na berma da estrada e procurei o número da Bianca nos contactos do telemóvel. O meu polegar tremia enquanto escrevia.

«OBRIGADA por teres dado cabo da minha vida. Nunca me hei de esquecer!»

## MIKAEL

## ANTES DO ACIDENTE

*Primavera de 2017*

Tinha acompanhado uma turma de 9.º ano na viagem de esqui a Isaberg, em Småland, e regressei com doces e peluches para as crianças.

Na cozinha, a Bianca estava a espalhar molho de tomate em bases de *pizzas* acabadas de preparar.

— Nenhuma fratura? — perguntou ela. — Bebedeiras?

— Que tenha visto, não. Mas devo dizer que, depois de meio litro de vodka, uma pessoa distrai-se facilmente.

A gargalhada da Bianca foi moderada. Já não nos conseguíamos rir juntos.

— Conta-me o que aconteceu — pedi, roubando uma rodela de salpicao da *pizza* ainda crua.

— A visita demorou mais tempo do que o previsto — disse a Bianca. — Houve um nevão terrível, e o telemóvel ficou sem bateria. Não sabia que a escola fechava às cinco e meia.

Quando chegou ao infantário, encontrou-o fechado, com as luzes apagadas. Perdeu a cabeça e desatou a correr de um lado para o outro, em pânico.

— A Bella não estava lá. Compreendes como me senti?

Passado algum tempo, encontrou um bilhete escrito à mão colado a uma porta.

— Pensei que era uma brincadeira. Quem faria uma coisa destas? Não é profissional.

No ATL não tinha havido problemas. Claro que encontrou o William na companhia de um professor irritado, mas não lhe ocorreu levá-lo para casa.

— A Jacqueline só queria ajudar — disse eu, massajando-lhe a nuca.

Ela ficou tensa e virou a cabeça para o lado.

— Achas que a culpa foi minha. Se tivesse chegado a horas, não teria acontecido.

— Eu não disse isso.

Ela abriu uma gaveta e começou a vasculhar lá dentro.

— Escrevi um *e-mail* para a diretora do jardim de infância e para o município. Estas coisas não podem acontecer.

— A sério? Agora estás a exagerar.

Fechou a gaveta com um golpe seco.

— Sei que tens um fraquinho pela Jacqueline, mas, se mexem com os meus filhos, não suporto. Imagina só se o Fabian...

Senti uma pontada.

— Não é como se ela tivesse deixado a Bella sozinha com o Fabian...

— Não sei. Só sei que isto tem de acabar. O Ola disse-me que a Jacqueline fez a mesma coisa com ele. Tentou imiscuir-se na família. Eles tinham acabado de se mudar.

A minha consciência pesada voltou a manifestar-se, apesar de eu não confiar no parecer do Ola.

A Bianca calçou as luvas e colocou as formas de *pizza* no forno.

— Valerá a pena arranjar problemas à Jacqueline no infantário? — perguntei. — Ela nem sequer tem contrato. Está apenas a fazer o estágio.

A porta do forno fechou-se com estrondo.

— Eu quero ter o mínimo de contacto possível com ela. E tu também devias querer.

Talvez ela tivesse razão.

— Anda cá, amor.

Abracei-a e deixei os meus lábios roçarem a concavidade no seu pescoço antes de a beijar.

— Tu és a minha vida — disse-lhe.

— Tens a certeza?

As luvas de forno caíram ao chão, e eu agarrei-lhe nas mãos.

— Estou-me nas tintas para a Jacqueline Selander. Percebes isso, ou não?

Se ela queria que eu me afastasse da Jacqueline, eu afastar-me-ia.

Nunca iria pôr em risco o nosso casamento, a minha maravilhosa família.

Dois dias depois, soubemos que a Jacqueline iria interromper o estágio na creche. Ainda bem.

Escolhi o casaco de sarja em vez do casaco de inverno com gola de pele, mas o mês de março era, como sempre, enganador: no dia seguinte, o tempo voltou a mudar, e uma chuva forte manteve-me acordado durante quase toda a noite.

A manhã chegou como um rolo compressor. Vozes agitadas vindas do jardim e crianças de pijama à porta do quarto.

— Pai, acorda. Estão aqui os vizinhos.

A Bianca já estava lá fora, no pátio, onde o Åke gritava.

— Entraram-nos em casa.

Estava a gesticular como um louco, e a Gun-Britt tentava acalmá-lo. Ao lado dele estava o Ola, com um ar muito sério, e no portão apareceu o Peter, com a barba por fazer e o cabelo desgrenhado. Aparentemente, tinha passado a noite em casa da Jacqueline. Eu não conseguia mesmo compreender a relação deles.

— Agora também chegaram a Köpinge — disse o Åke.

— Estão em todo o lado — reiterou o Peter.

A Gun-Britt parecia prestes a chorar.

— Há vinte anos isto nunca teria acontecido. Pelo menos aqui. Mas as pessoas já não conseguem distinguir entre o que é dos outros e o que é delas.

— Estás de serviço? — perguntei ao Peter.

Mais para o irritar do que por qualquer outra coisa, mas ele não pareceu perceber a dica.

— Claro que não. É o meu fim de semana de folga.

— Estavam em casa quando aconteceu? — perguntou o Åke.

— Aqueles gajos não querem saber — interveio o Peter. — Ainda bem que não acordaste, senão sabe-se lá como as coisas teriam acabado.

— Tenho a velha caçadeira do meu irmão no sótão — disse o Åke.

— Acho que está na altura de a trazer para baixo.

Não parecia uma piada.

— Arrombaram a porta? — perguntei.

— Só chegaram à garagem — respondeu o Åke. — Roubaram-me a serra elétrica. Era novinha em folha.

— E depois, como sabem, não se pode contar com o seguro. Não nos darão um centimo, garantidamente — disse a Gun-Britt.

— Não têm alarme? — perguntou o Peter.

O Åke bufou.

— É mesmo necessário?

O Åke e a Gun-Britt tinham optado por uma solução mais barata: um autocolante falso na frente da casa. Infelizmente, era de tão má qualidade que não enganava nem um ladrãozeco pedrado.

— Essas empresas de alarmes cobram quantias exorbitantes — disse a Gun-Britt.

Durante a noite, uma ou mais pessoas tinham forçado a abertura da porta da garagem do número 12. A um ritmo acelerado, entremeado de palavrões, o Åke atravessou o pátio para nos mostrar os sinais do arrombamento. Segundo ele, tinham usado um pé de cabra vulgar.

— Talvez devam chamar a polícia — sugeri. — Pode haver pegadas ou pistas.

— Não vale a pena — disse o Peter. — Agora já não controlamos essas coisas. Terão de contar com vigilância privada e guardas-noturnos.

Exagerado como sempre, mas com ele não valia a pena protestar.

— Estamos assim tão mal? — perguntou o Ola. — Adeus, assistência social?

— Não se pode ter seguranças a patrulhar todas as zonas residenciais — disse o Åke. — Não seria sustentável.

— Bah. — O Peter cofiou a barba por fazer. — Existe a vigilância de bairro. Pessoas que se juntam e ajudam a vigiar a zona. Normalmente com muito bons resultados. Se também houver um bom cão, pode afugentar-se a ralé de forma bastante eficaz.

— O quê? — perguntei. — Uma espécie de grupo de vigilantes?

Parecia-me uma loucura.

— Uma colaboração entre vizinhos — explicou o Peter.

O Åke inclinou-se para a frente e baixou o tom de voz.

— O Börje, do 21, teve de afugentar um grupo que andava a meter-se no pátio deles, na outra noite. Não percebo mesmo de onde é que eles vieram, estes delinquentes, não podem ser de Köpinge.

Eu estava prestes a desatar a rir, mas os outros pareciam aflitos.

— Como polícia, infelizmente, não posso participar — disse o Peter. — Mas se precisarem de algum conselho... Por exemplo, é preciso evitar ser demasiado agressivo. Eles podem ter facas e outras coisas. Além disso, se estiverem drogados, não se pode saber como irão reagir.

O Åke bateu com o pé no chão.

— Se eu fosse vinte anos mais novo, teria tratado do assunto num abrir e fechar de olhos. As coisas têm de ser cortadas pela raiz.

Lançou um olhar de exortação ao Ola, que por sua vez se virou para mim.

— É claro que nos podemos ajudar uns aos outros a patrulhar o bairro — disse eu. — Como os «batedores noturnos» da organização Nattvandrarne, aqueles que andam por aí a ajudar os jovens.

Os outros olharam para mim como se eu não tivesse percebido nada.

— Eu poderia fazer alguns turnos — sugeriu o Ola.

Não era isso que eu tinha em mente, mas o Åke pareceu-me entusiasmado.

— Vou espalhar a palavra pelo resto dos vizinhos. Afinal de contas, vivo aqui desde que estas casas foram construídas.

— Parece-me boa ideia — disse o Peter. — Se não fizerem nada, os vândalos tomam conta disto tudo. Temos de agir.

— Conheço uma pessoa na vizinhança que tem um cão — acrescentou o Ola.

— Muito bem — disse o Åke. — Vai ser bom tê-lo connosco.

Fui-me embora com uma sensação de irrealidade. Estariam eles a falar a sério? Se soubessem, os meus velhos amigos de Estocolmo teriam morrido a rir.

— Assustador, terem arrombado a fechadura — disse a Bianca à mesa do pequeno-almoço. — Felizmente, temos alarme.

Tínhamos, mas não para a garagem. E não com alarme antirroubo de perímetro. O alarme só funcionava quando não estava ninguém em casa. Mas era melhor que ela não soubesse disso.

— É muito pouco provável que nos aconteça a nós — disse eu. — Eles não vão fazer dois assaltos no mesmo bairro.

No entanto, não conseguia afastar a ansiedade. Não eram os roubos em si que me preocupavam; as coisas materiais são substituíveis. Era mais a sensação de ser roubado da minha liberdade, de sofrer uma violação.

— Acabaremos todos por ser obrigados a proteger as áreas com muros. Condomínios fechados. Câmaras de vigilância e guardas para controlar quem entra e quem sai.

— Não me oponho a isso — disse a Bianca. — Se for necessário.

Teríamos sempre tido opiniões tão divergentes?

— Humm, não sei.

Aquele não era o mundo em que eu queria que os meus filhos crescessem.

— Colaboração entre vizinhos — murmurei. — Um pouco exagerado, não achas?

Na sexta-feira seguinte, estava eu a laminar tomates e pepinos para os *tacos* e a desfazer queijo feta quando a Bianca entrou de rompante.

— Aconteceu.

Pôs-me o telemóvel na mão.

— Olha. Um camião atropelou uma data de gente em Drottninggatan.

Tentei ler no ecrã enquanto ela narrava. Muitos feridos, vários mortos, um camião tinha-se despistado contra os armazéns Åhléns. Falava-se de homens armados e de bombas. Toda a cidade de Estocolmo estava mergulhada no caos.

— Já não há sítios seguros — disse a Bianca.

Duas semanas antes, houvera um incidente semelhante na ponte de Westminster. Antes de acontecer, eu e a Bianca tínhamos falado em fazer umas pequenas férias em Londres. Agora estava fora de questão. Nessa noite, acompanhámos as notícias de Estocolmo, histórias de um mundo que já não reconhecíamos. As imagens de Drottninggatan pareciam cenas de guerra. Tão distantes, mas tão assustadoramente próximas.

— Imagina se eu tivesse ido para lá fazer aquele curso de atualização com a agência — disse a Bianca. — Também podia estar lá, quando o caminhão chegou.

— Mas não era no centro de exposições de Älvsjö? — perguntei. — E não era este fim de semana, pois não?

— Não, mas podia ter acontecido lá, nessa altura. Muito hipoteticamente.

— Amor, não nos podemos isolar. Seria oferecer a vitória aos terroristas.

— Eles já ganharam — respondeu Bianca. — Há muito tempo.

Assim que as crianças adormeceram, atirei-me para o sofá, cansado e com a barriga cheia de *tacos*. Estava a consultar a oferta infindável da Netflix quando a campainha da porta tocou.

— A esta hora?

A Bianca levantou-se e tentou espreitar para a escuridão do exterior, enquanto eu ia abrir.

— Olá.

Do lado de fora da porta estava o Ola, todo vestido de preto, numa espécie de uniforme cheio de bolsos, num tecido que dava para todas as estações. Ao lado dele estava outro homem que vivia no bairro.

— Está na hora — disse o Ola.

— Na hora de quê?

A Bianca moveu-se silenciosamente atrás de mim, e o Ola estendeu a mão para a cumprimentar.

— Vamos fazer uma primeira ronda de vigilância esta noite. Estamos a fazer turnos.

O outro homem cumprimentou-me, apresentando-se como Krille, da ilha das Gaivotas.

— O meu filho é seu aluno na escola. O Tristan.

Sim. O Tristan do 7.º C. Um bom lutador.

O pai tinha arame farpado tatuado nas costas da mão, uma barba densa e um labrador pela trela.

— Olha — disse o Ola, desdobrando uma folha A4 cortada ao meio. — Claro que podemos fazer alterações, se algum horário não for conveniente.

O labrador começou a ladrar, e o Krille puxou nervosamente a trela.

O Ola riu-se.

— Agora a área ficará de novo em segurança.



JACQUELINE  
ANTES DO ACIDENTE

*Primavera de 2017*

Depois de dois dias passados naquela casa de repouso miserável, no meio de gemidos e resmoneios, de destroços humanos a aliviar-se fora do sítio e de colegas que se recusavam a aprender o meu nome, desisti e meti baixa.

Sentia falta do infantário, sentia falta das crianças. Em toda a minha vida, nunca me sentira tão humilhada, nunca fora tratada de forma tão injusta. E isto depois de uma carreira de dez anos como modelo.

A mesa da cozinha tornou-se a minha casa. Persianas descidas e café forte. Uma garrafa de vinho depois do almoço para aguentar a agitação dos pensamentos.

O Peter não parava de me aborrecer com mensagens de texto e no Messenger. Durante as noites mais longas, atormentada pela solidão, era fácil ceder. Mais uma noite, uma última vez, depois nunca mais voltaria atrás.

Estava presa, eles tinham-me encurralado. Há quem consiga sempre fazer com que tudo funcione, mas pessoas como eu estão condenadas ao eterno fracasso de uma existência sem sentido. Quase desejei que acontecesse uma catástrofe, algo que virasse tudo de pernas para o ar e provocasse uma mudança qualquer.

Lentamente, a raiva dentro de mim intensificava-se. As brasas transformaram-se em chamas.

A Bianca não respondera à minha mensagem de texto. Não havia necessidade. Eu sabia que fora ela a apresentar queixa ao município. Tinha sido por causa dela que me haviam afastado do jardim de infância.

Um sábado, depois de o Fabian ter saído de bicicleta e de eu ter bebido um litro de vinho tinto, percorri os poucos metros até ao pátio e abri o portão do número 13.

Sentia-me a arder por dentro. Tinha ficado acordada durante horas nessa noite, atormentada por um desejo de vingança. Precisava de me defender, era uma injustiça. Estava farta da influência da Bianca, do

seu ar presunçoso.

O Volvo não estava na entrada da garagem, por isso ela devia estar sozinha em casa. Tentei normalizar a respiração, organizar os pensamentos, encontrar as palavras certas. Não havia razão para sujar as mãos a atacá-la, mas a Bianca tinha de saber o que me tinha feito.

Para minha surpresa, foi o Micke quem abriu a porta.

— Olá? — disse ele.

Os seus olhos eram como um calmante. Eu tinha tentado abafar a memória da noite de Ano Novo, mas tudo me voltou à cabeça.

— A Bianca não está cá? — perguntei.

— Foi com os miúdos para casa de uma amiga que vive em Malmö.

O Micke ficou à porta, como que a dizer que eu não era bem-vinda.

— Temos de falar — disse-lhe.

Se a Bianca não estava em casa, havia alternativas. Considerei essa possibilidade, mas rapidamente decidi esquecer o assunto. Com o Micke à minha frente, a minha determinação vacilou.

— Não sei — respondeu-me. — Acho que...

Perdeu o fio à meada e deu um passo para o lado enquanto eu entrava.

— Sabes o que a Bianca fez?

O Micke fechou a porta. Parecia envergonhado.

— Ei, acalma-te.

Senti-o como um insulto. *Acalma-te.*

— Correram comigo do jardim de infância. Percebes? E eu estava lá tão bem. A Bianca deu-me cabo da vida.

O Micke franziu a testa.

— Estás bêbeda?

— Pára com isso — disse. — O município acha que não sou adequada para aquele papel. Encontraram um relatório antigo dos serviços sociais. Mais importante ainda, um dos pais apresentou queixa. Adivinha quem foi?

O Micke passou a mão pelo queixo. Parecia não saber o que dizer, o que me irritou ainda mais.

— Merda! — exclamei. — Porque se haveria de querer destruir a vida de alguém desta maneira?

— Não acho que a Bianca quisesse destruir a tua vida. Ela só ficou assustada. Sabes como é paranoica.

Oh, Micke. Sempre tão compreensivo.

Mas eu tinha a certeza de que havia um motivo pessoal por trás daquilo.

— Foi a Bianca que se atrasou. Eu só queria fazer-lhe um favor — expliquei.

A minha voz ficou entrecortada.

O Micke pôs a mão no meu braço e olhou-me diretamente nos

olhos.

— Eu falo com ela — disse. — Podemos ligar para o município e resolver as coisas.

O Micke era uma daquelas pessoas que resolvem problemas. Completamente diferente do resto dos homens a que eu estava habituada.

Largou-me o braço, mas eu sustive o seu olhar. Ficámos parados durante demasiado tempo.

Depois, segui-o até à cozinha. As suas costas prometiam harmonia. Eram direitas e fortes. Umas costas perfeitas para ter ao lado ao acordar, manhã após manhã.

— Deve haver outro infantário para onde possas ir — disse ele, encostado ao frigorífico. — Tudo se há de resolver.

Era assim que as coisas corriam no mundo dele. Eu desejava uma vida igualmente simples para mim.

Com um movimento lento, sacudi o cabelo para trás, por cima dos ombros, enfiei os polegares nas presilhas das calças de ganga e puxei-as para cima, deixando o entrepernas encostado ao púbis.

O Micke não conseguiu evitar olhar.

O meu corpo é a minha fortuna e a minha desgraça, mas também uma arma.

Talvez estivesse sob o efeito da libido quando me aproximei dele. Com o desejo de ter algo melhor. Ou estaria apenas a fazê-lo para me vingar da Bianca?

— Não — disse o Micke. — Não, Jacqueline.

O meu dedo traçou-lhe linhas lentas no rosto. Os seus olhos tremeluziram, e ele tentou afastar-me, até que coloquei a mão no seu peito e o empurrei contra o frigorífico.

— Sai, já — exclamou ele.

O seu olhar, no entanto, implorava-me que ficasse.

Inspirei o seu perfume. Com a mão, aflorei-lhe as calças de ganga. O ar vibrava de tensão.

— Não quero. Amo a Bianca. A minha família.

Os nossos olhares fixaram-se. O tecido áspero das calças de ganga prendeu-se-me às unhas.

— Pára — disse o Micke.

Soou como um *beija-me*.

Deixei a mão deslizar sobre ele. Estava tão duro.

— Claro — sussurrei.

O Micke ofegou. Agarrei-o pela nuca e beijei-o. Atrás de nós, a porta abriu-se.

O Micke afastou-se, esfregando a boca com a mão. À porta estava a Bianca, com a mala pendurada no braço.

— Mas? O que...?

Quase tive pena dela. *Quase*.

— A Jacqueline veio pedir uma coisa emprestada — disse o Micke.

A Bianca deixou cair a mala no chão.

— Obrigada pelo empréstimo — sussurrei-lhe, passando por ela para sair.

Lá fora, na praça, o sol da primavera bateu-me nos olhos. A luz forte inundou-me, e experimentei uma sensação de efervescência em todo o corpo.

## FABIAN

## DEPOIS DO ACIDENTE

*Segunda-feira, 16 de outubro de 2017*

Estou sentado à porta da sala de interrogatórios, a folhear uma revista de automóveis. Mesmo quando me viro e remexo, o sofá faz-me doer as costas.

Interrogam a minha mãe durante muito tempo. Quando os polícias a trazem de volta à sala, já tem um pouco de cor no rosto. Nota-se um pouco menos que não dorme há alguns dias.

— Talvez seja melhor eu estar presente enquanto fazem as perguntas ao Fabian — diz ela à agente de cabelo escuro. — Afinal de contas, ele é menor.

A agente, que se chama Emelie, lança um olhar ao colega de cabelo rapado. Aparentemente, é ele quem decide.

— Eu consigo — digo à minha mãe.

É melhor assim.

— Tens a certeza?

Ela não confia em mim. Às vezes é igual a toda a gente.

— Fica descansada — digo. — Espera aqui.

Dentro da pequena sala, a Emelie lê em voz alta números e coisas para a gravação. Diz que vou ser ouvido como pessoa de interesse.

— Fabian, começa por nos contar o que aconteceu na sexta-feira.

— Está bem.

Começo do início. Digo que fomos às compras ao Ica. A minha mãe empurrava o carrinho, e eu riscava as coisas na lista. Pusemos os sacos no carro e fomos diretamente para casa. Quando nos virámos para entrar na praceta do estacionamento, a Bianca apareceu de bicicleta, e a minha mãe não teve tempo de travar.

— Espera um minuto — disse a Emelie. — Vamos voltar ao supermercado. Quanto tempo demoraram a fazer as compras? Assim mais ou menos, por alto?

— Vinte minutos, talvez? Meia hora? — tento adivinhar.

A Emelie parece satisfeita.

— Falaste com alguém no supermercado? — pergunta.

— Não, nem por isso. Cumprimentámos algumas pessoas. Acho

que a minha mãe falou um bocado com o rapaz da caixa. De resto, não sei.

— E depois? — continua a Emelie. — Quando é que saíram do supermercado para o estacionamento?

Estou pronto. Sei o que devo dizer. Mas as palavras encravam e ficam presas.

— Nós... Lá... Lá fora...

— Encontraram alguém à porta do supermercado? — pergunta o homem de cabeça rapada, impaciente.

— O Ola, o nosso vizinho. Encontrámo-lo no parque de estacionamento.

De repente, tenho comichão no pescoço. Na nuca. Em todo o lado. Tenho de me coçar.

— Falaste com o Ola? — pergunta o homem.

Tanto ele como a Emelie olham para mim de forma estranha. Tento parar de me coçar.

— Ele queria ver o nosso carro novo. É um *BMW 323*, de 2014.

— E depois? — pergunta a Emelie.

— Depois o quê?

— O que é que o Ola fez depois de ver o carro? Aonde foi?

Olho para as mãos, debatendo-me para as manter paradas.

— Foi-se embora. Acho que ele tinha o carro agures por ali.

A Emelie folheia os seus papéis. Está a correr bem, consigo desenrascar-me. Já não sinto tanta comichão.

— Depois voltaram para a rua Combinaguai. Falaram de alguma coisa, no carro?

Estou a tentar lembrar-me.

— Acho que não.

— E depois? O que é que aconteceu? — pergunta o rapado. — Conta.

— Virámos para entrar no pátio e... a minha mãe gritou.

— Fabian, o que viste quando entraste no pátio?

— Uma coisa vermelha. A minha mãe gritou, e depois um estrondo. Foi tudo muito rápido.

A Emelie lança um olhar estranho ao colega. Terei dito alguma coisa mal?

— Primeiro, a tua mãe gritou e, depois, tiveram um acidente — diz o careca. — Será que percebi bem?

Coço o colarinho da camisa.

— Também pode ter sido ao contrário.

A Emelie parece desapontada.

— Mas tenho a impressão de que ela gritou primeiro — acrescento rapidamente.

Sei como estes técnicos forenses trabalham. Já vi na televisão que

conseguem perceber quando um carro trava, estudando as marcas no asfalto.

— Gostaríamos de te fazer mais algumas perguntas — diz a Emelie. — Algumas podem parecer-te estranhas e não ser fáceis de responder, mas são importantes para desatarmos alguns nós.

— Está bem. — Mas fico tenso.

— A tua mãe dava-se muito com o Mikael e a Bianca Andersson?

— Nem por isso. Somos vizinhos. E...

Baixo o olhar.

— E? — A Emelie inclina-se para a frente.

— O Micke é o meu professor de Educação Física — digo. — E a minha mãe trabalhava no jardim de infância da Bella.

— Pelo que percebemos, aconteceu qualquer coisa no infantário. A tua mãe disse alguma coisa sobre isso?

— Não? O quê? — O que quer ela dizer com *qualquer coisa*? — Quando houve a tempestade de neve e a Bianca não foi buscar a Bella?

— Exatamente — diz a Emelie. — Conta-me o que sabes acerca disso.

— Bem, a minha mãe levou a Bella para casa e fez-lhe almôndegas. Mas quando a Bianca chegou, estava muito zangada.

Primeiro, a Emelie parece satisfeita; porém, passados trinta segundos, volta à carga.

— Ouviste o que elas disseram uma à outra nessa noite?

— Não me lembro. A Bianca ralhou muito com ela. Achava que não era justo que a minha mãe tivesse levado a Bella para casa.

— E tua mãe respondeu o quê?

— Não disse muita coisa. Mas depois teve de deixar de trabalhar no jardim de infância.

— E como é que ela reagiu a essa mudança? — pergunta a Emelie.

— Ficou magoada. Foi depois disso que começou a embebedar-se todos os dias.

A Emelie fica com um véu de tristeza nos olhos e o colega careca intervém.

— Este outono, a tua mãe esteve num centro de reabilitação — diz ele. — Onde é que estiveste enquanto ela esteve fora?

O estômago aperta-se-me. Não quero falar sobre isso. Nem sequer quero pensar nisso.

— Numa comunidade terapêutica.

Evito olhar para eles.

— Se bem entendi, o teu pai não está cá — diz o tipo bem escanhado.

— Vive nos Estados Unidos.

— E a tua mãe não tem um companheiro? Um namorado?

Então eles não verificaram?

— Ela anda com o Peter há algum tempo. É polícia.

A Emelie diz que o conhece.

— Discutiam muito. Acabavam e depois voltavam — digo. — Agora acho que isso já não vai acontecer. Eu e a minha mãe estamos a pensar mudar de casa.

— Porquê? — pergunta o homem.

Encolho os ombros.

— Já viveste num buraco?

A Emelie anui com um sorriso.

— Eu vivo em Teckomatorp — diz o careca.

— Então sabes como é.

A Emelie fita-me diretamente.

— Peço desculpa por tudo isto, Fabian. Espero que compreendas porque te estamos a fazer estas perguntas difíceis. Quando acontece uma coisa destas, temos de ir ao fundo.

— Está bem.

Compreendo perfeitamente como funciona uma investigação policial.

Dizem que acabámos e pouco depois mandam-me voltar para junto da minha mãe. Ela tem na mão uma daquelas revistas de mexericos ridículas, e os joelhos estão a tremer.

— Como é que correu, amor? Está tudo bem?

— Claro.

Tem de se recompor. Se estiver a tremer, os polícias irão suspeitar.

— Como disse, a equipa forense acabou de analisar o carro — diz a Emelie. — Se esperarem um minuto aqui, certifico-me de que o devolvem.

Eu e a minha mãe encolhemo-nos no sofá desconfortável. Eu coço-me, e os joelhos da minha mãe dançam.

Ela repete vezes sem conta que tudo vai correr bem e que posso ficar descansado. Como se fosse eu que precisasse de me acalmar.

— Já se foram embora há bastante tempo — diz ela passados alguns minutos.

Não respondo.

Agora também tenho comichão na barriga.

— Acho que sou alérgico ao detergente da roupa.

A minha mãe promete-me que vai comprar um diferente. Também existem os hipoalergénicos.

— Aqui estão eles, finalmente — diz ela. Tenta levantar-se do sofá, mas a Emelie pede-lhe para ficar sentada.

— Infelizmente, temos más notícias.

A minha mãe fica paralisada.

— É sobre o carro?



— Não — diz a Emelie, entregando-lhe a chave do *BMW*.  
— Vamos ter de alterar a acusação — diz o tipo barbeado.  
A Emelie baixa o olhar.  
O que terá sido agora?  
— A Bianca Andersson faleceu esta manhã.

## MIKAEL

## ANTES DO ACIDENTE

*Primavera de 2017*

A Bianca regressou para casa da Lisa, em Malmö, e levou as crianças com ela. Não a posso censurar.

*Amo-te a ti e à nossa família*, escrevi-lhe numa mensagem de texto. *Nunca te trairia*.

Nem sequer sabia se era verdade. O que é preciso fazer para que algo seja considerado traição? Eu não tomara a iniciativa. A Jacqueline estava bêbeda e eu dissera-lhe para se ir embora, mas devia ter sido mais claro. Devia tê-la afastado, tê-la empurrado, tê-la posto fora de casa. Não fora suficientemente assertivo e acabara por me deixar levar pelo momento.

Contara tudo isto à Bianca. Fora absolutamente sincero. Tinha-lhe explicado porque é que a Jacqueline estava ali: ela não viera pedir nada emprestado, mas falar com a Bianca. Estava claramente bêbeda e abalada por causa do que tinha acontecido.

Fora tudo em vão. A Bianca não me deu ouvidos. Enfiou as coisas das crianças em dois sacos do Ikea sem olhar para mim uma única vez. Mal me tinha deixado despedir-me da Bella e do William.

«Podemos falar com alguém sobre isto», escrevi-lhe de novo no sábado à noite.

«Perdoa-me. Amo-te! Vamos viver para outro sítio.»

Não houve resposta.

Em vez disso, a campainha da porta tocou.

Mil pensamentos passam-me pela cabeça. No espelho do corredor, vislumbrei o reflexo da minha preocupação e depois abri a porta.

— Estás ocupado?

Lá fora estava o Ola com o seu fato de explorador preto.

— Esta noite não. Não posso.

Esquecera-me completamente do nosso patrulhamento noturno, e o Ola era a última pessoa no mundo com quem queria estar.

— Porquê? — quis ele saber. — A Bianca e as crianças não estão cá.

Como é que ele sabia? Fiquei irritado.

— Falaste com ela?

O Ola abanou imediatamente a cabeça.

— Vi-os sair.

— Como disse, hoje à noite não posso.

— Mas eu dei-te o horário com os turnos, não foi? — disse ele, tirando o papel de um dos seus mil bolsos. — Está escrito aqui. Tu e eu, esta noite. Se não podias, devias ter dito antes.

Do que eu gostava era de lhe ter dito para enfiar o horário num orifício à sua escolha. Queria ter-lhe dito que me recusava a aceitar uma sociedade controlada por vigilantes. Em vez disso, respondi:

— Está bem, ótimo. Uma volta rápida.

Caminhámos ao longo da ciclovía, observando bloco após bloco, à medida que a escuridão se tornava mais densa entre as casas. O Ola foi meticuloso, colando-se às janelas para espiar para dentro dos barracões de jardim, inclinando-se sobre as cercas e perfurando a escuridão dos jardins com o feixe de uma lanterna.

Desolador. Era como ter novamente doze anos e andar a brincar aos super-heróis.

Não falámos muito. O nó na garganta e os pensamentos emaranhados mantinham-me ocupado. Contudo, ao longo do caminho pedonal perto do parque infantil, parámos debaixo de um lampião e o Ola contou-me melhor o assalto de que fora vítima. Aquilo abalara-o consideravelmente.

— Acho que é a pior coisa que pode acontecer a uma pessoa — disse ele. — Deixar de se sentir seguro.

— Estranho — retorqui. — Nos filmes ou nos livros, a segurança é muitas vezes desvalorizada, referida como algo de que temos de nos libertar para nos emanciparmos.

O Ola dirigiu o olhar para o jardim público, pensativo.

— Deixamos de pensar assim quando não nos sentimos seguros.

Tinha razão. Em muitos aspetos, eu era um privilegiado.

Passámos pela terceira vez pelo nosso bloco de casas, e vi a Jacqueline sentada à mesa, debruçada sobre o seu copo de vinho.

— Ela bebe demasiado — disse o Ola. — Acho que não está bem.

A minha consciência pesada fez-se sentir novamente através da pressão habitual no peito.

— Eles mandaram-na embora do infantário — disse-lhe. — A Bianca não te contou o que aconteceu?

O Ola olhou-me de forma estranha quando lhe contei do nevão e que a Jacqueline tinha levado a Bella para casa. Ele não percebia porque é que a Bianca tinha reagido tão mal.

— A Jacqueline só queria fazer-lhe um favor — disse ele enquanto atravessávamos a praceta do nosso bloco residencial.

Foi uma verdadeira surpresa. Normalmente, o Ola ficava do lado

da Bianca.

Estava prestes a pedir-lhe que falasse com a Bianca sobre o assunto quando de repente detetei movimento na minha garagem. Atrás da pequena janela. Um brilho cintilou na parede.

— Mas que raio...

O Ola acenou-me com a mão.

— Anda — disse ele.

Pouco à vontade, segui-o, rápida e silenciosamente, pelo acesso à garagem.

— Chiu — disse o Ola.

Apontou a lanterna para a porta, como se fosse uma arma. Não havia dúvida. Sinais de entrada forçada.

— Vou chamar a polícia — disse-lhe.

O Ola olhou para mim com ceticismo.

— Não vale a pena. Não chegariam aqui a tempo.

Agarrou o puxador.

— Mas é perigoso — retorqui.

O Ola respirou pelo nariz. Os olhos estreitaram-se, abriu a porta de par em par e gritou.

— Parem! Quietos!

O cone de luz da lanterna incidiu sobre dois rapazes de camisola de lã e ténis.

— Não se mexam! — exclamou o Ola.

Reconheci os ladrões imediatamente.

— Eu conheço-os — disse eu. — São o Liam e o Bleridon. Foram alunos na escola de Köpinge.

— Filhos da mãe — sibilou o Ola.

— São miúdos. Nem têm dezoito anos.

O Ola bufou, desdenhoso, continuando a apontar a lanterna para os rapazes.

— Fecha a porta.

Fiz o que me ordenou. O Liam e o Bleridon estavam imóveis.

— Acalmem-se, está bem? — disse o Liam. — Vamos embora já. Juro que nos vamos embora.

Parecia uma excelente solução.

Eu conhecia-os, àqueles miúdos. Tinha sido professor de Educação Física do Liam, era um miúdo fixe, bom em andebol. Tinha-se perdido um pouco quando os pais se separaram.

O Bleridon, por outro lado, era um daqueles rapazes inseguros que se defendia armando-se em duro.

— Nem pensar — disse o Ola. — Contra a parede.

— Mas...

Com uma força completamente desnecessária, o Ola empurrou-me para o lado e avançou de forma explosiva na direção dos rapazes. De

um dos bolsos das calças, tirou um objeto longo e preto.

— O que é isso?

Um cassete. Um daqueles bastões telescópicos.

— Mãos contra a parede! — gritou ele.

— Pára com isso — disse eu. — Vamos ligar aos pais. Apresentamos queixa.

O Ola afastou os meus protestos agitando o bastão.

— Sabes perfeitamente que, se os denunciarmos, não acontece nada.

Nesse momento, o Liam contorceu-se, tentando fugir. O Ola respondeu rodando o bastão. O Bleridon aproveitou-se disso e correu em direção à porta, passando por trás do Ola. Eu dei um passo para o lado e deixei-o ir.

— Já chega — exclamei.

Mas o Ola continuou a ameaçar o Liam com o cassete.

— Juro por tudo que vou fazer queixa de ti — dizia o rapaz.

A sua face estava inchada, e ele cuspiu sangue.

— Merda — disse eu.

Ficaram ali, de pernas abertas, de frente um para o outro, como se estivessem num duelo.

Depois o Ola afastou-se, com o bastão em punho. O Liam passou o dedo pelo lábio rachado e lançou-me um olhar absolutamente mortificado antes de desatar a correr aos tropeções para a praceta e de desaparecer na escuridão.

O Ola baixou o cassete.

A minha cabeça rodopiava. Nunca gostara de violência, mas depois dos acontecimentos na escola de Estocolmo fora forçado a admitir que existe violência em toda a gente. Debaixo da pele. No Ola. Mas também em mim.

— Raios — exclamou o Ola.

Ofegava intensamente, com as mãos nos joelhos.

— Isto fica só entre nós, certo?

— Claro — confirmei.

Agora que as dissimulações e os segredos tinham sido desvendados, não era difícil ceder a mais uma mentira.

## MIKAEL

## DEPOIS DO ACIDENTE

*Segunda-feira, 16 de outubro de 2017*

O nosso lar parece uma casa abandonada. Há um aroma a casa de verão no ar, e todos os candeeiros estão apagados. Só as paredes rangem.

A mesa da cozinha parece um balcão de florista. Com cuidado, viro os bilhetes e leio-os.

«Estamos a pensar em vocês.»

«Estamos convosco na vossa perda. Com carinho.»

Desabo como um trapo torcido, dominado pela escuridão. Já nem sequer consigo chorar.

A Sienna leva as crianças para os quartos enquanto eu fico uma hora inteira no duche com a água a cair-me no corpo. Tiro uma escova de banho da gaveta da Bianca e esfrego-me com força por todo o corpo. Quando saio, o ar está cheio de vapor, e a minha pele está manchada de vermelho.

Vou até à janela da sala de estar. Deixo-me ficar com a testa contra o vidro. O mundo lá fora não tem cor. Não percebo como irei conseguir viver sem a Bianca.

Estou exausto. Sem forças. Como se os músculos do meu corpo se tivessem atrofiado.

Com as mãos a tremer, sirvo-me de um *whisky* triplo e afundo-me no sofá. Debato-me para ver a Bianca mentalmente, mas não como a encontrei no hospital; porém, as memórias são apenas sombras vagas. Já não me lembro do seu rosto. Até a voz desapareceu. Tudo o que resta é o *BMW* no estacionamento, a bicicleta destruída iluminada por luzes azuis intermitentes e os gritos da Jacqueline.

Levanto-me para encher o copo, mas não chego ao armário a tempo quando o telemóvel toca.

Número desconhecido.

Hesito, sem saber se devo atender. Depois primo o botão verde.

— Estou, fala o Micke.

— É o Mikael Andersson? Fala da polícia de Lund.

O homem ao telemóvel é o mesmo agente com quem falei no

sábado. Diz que tem novidades sobre o caso.

— De acordo com a investigação, não se tratou de crime. Foi um acidente.

Não pode ser. Dizia no jornal que a Jacqueline estava a ser investigada por ter provocado lesões pessoais graves num acidente rodoviário.

— Não é possível — digo.

Dou alguns passos vacilantes e recosto-me no sofá.

— A equipa forense fez os exames no local do acidente e no carro, e ouvimos todas as pessoas envolvidas — diz o polícia. — Compreendo que seja difícil para si neste momento, mas tudo aponta para que tenha sido um acidente.

Quero protestar, mas as palavras ficam-me presas na garganta. Como se mata uma pessoa atropelando-a de carro e se fica impune? O que aconteceu à condução perigosa e ao homicídio involuntário?

— Cuide da sua família — diz o agente. — Os seus filhos precisam de si.

Desligo-lhe o telemóvel na cara e desabo no sofá.

Só isso? A Bianca partiu para sempre e a investigação terminou. Devo seguir em frente agora?

Lentamente, o vazio dentro de mim preenche-se. As zonas cinzentas desvanecem-se, permeadas, não pela dor, mas pela raiva. Uma raiva escarlata.

Tenho de falar com a Jacqueline.

— Como estás? — pergunta a Sienna.

Está de pé junto à porta, cheia de olheiras.

— Eu... a Bianca...

Não consigo perceber nada.

— As crianças estão a dormir — diz ela.

— Obrigado.

Esfrego as têmporas.

— A Jacqueline — digo. — Tenho de falar com a Jacqueline.

A Sienna funga.

— Porquê? Achas mesmo que é uma boa ideia?

Talvez não. Mas quero olhá-la nos olhos quando ela disser que foi um acidente e que não viu a Bianca na bicicleta. Quero dizer-lhe que deu cabo da minha vida e da dos meus filhos.

— A Bianca parecia ter a certeza de que havia algo entre ti e a Jacqueline — diz a Sienna. — Enviou-me uma mensagem a dizer que vos tinha apanhado em flagrante. Traíste a minha irmã?

— Sim, beijei a Jacqueline. Não significou absolutamente nada, mas aconteceu. Amo a Bianca, sempre a amei. Ela é a minha vida.

No presente do indicativo. Nunca irá mudar. Cerro os punhos e pressiono os nós dos dedos na testa. Respira, respira. Como

conseguirei sobreviver a isto? Traí a Bianca, e agora ela já não existe.

— A Bianca nunca te falou da SMS que recebeu, pois não? — pergunta a Sienna.

— Que SMS?

A Sienna engole em seco. Tem os olhos raiados de sangue.

— Pelo que percebi, a Bianca denunciou a Jacqueline à Câmara Municipal depois do que aconteceu com a Bella na creche. Quando a Jacqueline descobriu e perdeu o emprego, enviou-lhe uma mensagem de texto desagradável.

— O que queres dizer? A Bianca ter-me-ia contado.

A Sienna abana a cabeça.

— Arrependeu-se. Percebeu que tinha ido longe demais ao denunciar a Jacqueline. Mas estava com ciúmes e tinha medo de que ela te roubasse.

É algo demasiado grave para aceitar.

Se ao menos tivéssemos falado um com o outro.

— O que estava escrito nessa mensagem?

A Sienna senta-se na cadeira à minha frente, de pernas cruzadas.

— Que a Bianca lhe tinha dado cabo da vida e que nunca esqueceria o que ela lhe tinha feito.

As palavras entranham-se em mim. Até onde estaria a Jacqueline disposta a ir? Eu sabia por experiência própria que ultrapassar limites é muito mais fácil do que se pensa.

— Vocês escreveram muito uma à outra neste verão. A Bianca nunca me disse que tinham retomado o contacto. — Levo a mão ao peito. Esfreguei-o com força e a pele ainda arde.

— A última vez que falámos foi mesmo antes da festa dos vizinhos a que tinham de ir — diz a Sienna. — Ela ficou zangada quando lhe escrevi o que pensava.

Talvez não devesse perguntar, mas faço-o.

— E o que pensavas?

— Que ela te devia ter deixado — diz a Sienna.

Não posso levar-lho a mal.

— Eu também pensei que tinha acabado tudo entre nós — digo.

A Sienna aperta os joelhos.

— O que é que aconteceu?



## MIKAEL

## ANTES DO ACIDENTE

*Primavera de 2017*

A Bianca regressou de Malmö com as crianças num domingo ao fim da tarde.

— Invasão de propriedade? Que horror.

Não tinha lido as minhas mensagens.

Estava agora à porta da garagem a inspecionar o local. Eu tentara limpar o sangue do chão, mas uma auréola escura manchava o cimento.

— O que é isso? — perguntou a Bianca.

— O Ola mostrou a sua verdadeira natureza.

Olhou para mim como se eu estivesse a mentir. Quando lhe contei do cassetete, abanou a cabeça, não querendo acreditar.

— Sabemos o que ele fez àquele funcionário dos serviços sociais — disse eu. — Não me surpreendeu assim tanto.

— Só que não há comparação possível — exclamou ela. — Os tipos que arrombaram a nossa garagem não eram propriamente inocentes.

A sério? A Bianca estava a defender a agressão do Ola?

— Ele tinha um cassetete. E aqueles rapazes têm dezassete anos.

— Às vezes és apenas ingénuo, Micke. Sabes perfeitamente o que o Ola tem passado desde que foi assaltado. Ele disse-me que arranjou um cassetete e uma soqueira. Ainda bem que pelo menos um dos dois tinha algo com que se defender. Podia ter acabado mal.

Eu não sabia o que se passara com a minha mulher. Tínhamos opiniões diametralmente opostas sobre o tema da segurança.

— Além disso, não estás em posição de o julgar, pelo menos depois do que aconteceu em Estocolmo. E depois do que aconteceu com o Andy.

Acertara na mosca.

Não era só o Ola a poder tornar-se violento. Ambos sabíamos disso. Esforcei-me para afastar aquele ínfimo sentimento de culpa que sentia abrir caminho no meu peito.

— Desculpa — disse eu. — Não sei como as coisas foram dar nisto. Se ao menos pudesse voltar atrás e reparar os estragos...

— Mas não podes.

O olhar penetrante da Bianca exalava desprezo.

Era verão outra vez, mas no nosso jardim os pássaros não cantavam. A Bianca, com os olhos marcados pelas olheiras, estava sentada debaixo do guarda-sol, a ver as crianças encherem balões de água no relvado.

— Temos de falar sobre isto — disse eu.

— Não há muito a dizer.

No início da nossa história, falávamos de tudo. Sentávamo-nos costas com costas no Rålambhovsparken e ficávamos ali até o sol se pôr. Nada parecia difícil, tudo era possível. Quando perguntei à Bianca qual era a coisa mais importante numa relação, ela não precisou de pensar um só instante: *sinceridade*. *Se formos sinceros um com o outro, ultrapassaremos qualquer obstáculo*.

A Bianca vira-me beijar a Jacqueline. Era algo que não se podia apagar da memória.

— Não quero fugir às minhas responsabilidades — disse, pegando-lhe nas mãos. — Mas foi a Jacqueline que começou. Eu tentei afastá-la. Não voltará a acontecer.

— Tentaste afastá-la?

Também eu senti como aquilo soava ridículo. Por que raio não a tinha afastado? Depois da festa de Ano Novo, decidira que tal coisa não voltaria a acontecer. Em vez disso... Que tipo de homem era eu?

— Eu sabia — disse a Bianca. — Pensei que estava louca, mas era verdade desde o início. Ela escolheu-te como alvo.

Disse-o como se se tratasse de uma maquinação, mas na realidade foi bastante casual.

— Amo-te de todo o coração, Bianca.

Ela estava com o ar de quem pensa que não há mais nada a recuperar.

— Porque é que ela terá pensado que estavas interessado? Que sinais enviaste?

Eram duas perguntas muito certeiras. Eu fora, de facto, aberto em relação à Jacqueline.

— Sentia que... não sei... que nos estávamos a afastar. Estavas a trabalhar muito, e tinha-se tornado difícil relacionar-me contigo.

— Então a culpa é minha?

— Não!

Não costumava ser tão desajeitado com as palavras.

— Eu avisei-te. Pedi-te especificamente para te afastares da Jacqueline! Não percebes? Viram-te. As pessoas andam a falar de ti.

— Queres dizer que a Gun-Britt anda a coscuvilhar?

A Bianca levantou-se. Segurei-a pelas mãos.

— Não sei se alguma vez poderei voltar a confiar em ti, Micke.

A voz dela ficou entrecortada. Tomado pelo desespero, estendi a mão para a tentar abraçar, mas ela afastou-se.

— Perdoa-me, meu amor — repeti. — Perdoa-me.

Eu estava a ser patético, mas era o coração a falar.

As faces da Bianca estavam cheias de lágrimas.

Queria mesmo contar-lhe tudo. Também eu acredito na sinceridade. Mas falar com ela sobre o Ano Novo, naquele momento, só iria piorar as coisas.

— Alguma vez me poderás perdoar? — perguntei. Estávamos tão perto que conseguia sentir o seu coração bater, a sua respiração no meu queixo. No entanto, nunca estivéramos tão afastados. — Se já não me amas, tens de me dizer — sussurrei.

Era outra mentira.

Se ela já não me amasse, eu não queria saber.

JACQUELINE  
ANTES DO ACIDENTE

*Primavera de 2017*

No 6 de Junho, feriado nacional, o Åke hasteou a bandeira azul-amarela no seu jardim. Por esta altura, eu já bebia vinho ao pequeno-almoço, almoço e jantar. Era a única forma de aguentar a solidão, toldar os pensamentos e acalmar o meu coração dolorido.

Estava sentada à mesa da cozinha quando o carro do Peter entrou no acesso. Há dias que ele me enviava mensagens atrás de mensagens, e eu alternava entre silêncios e respostas azedas, admitindo de vez em quando que tinha saudades dele.

Calcei as sandálias e apressei-me a ir ao seu encontro no acesso à casa.

— Olá, linda — disse ele, dando-me um beijo na cara.

— O que estás a fazer aqui?

— Queria pagar-te o almoço. Um *pitepalt* como deve ser, para celebrar a ocasião. Uma receita da minha avó.

Olhei para ele. Era realmente assustador que aparecesse de repente, a fingir que nada se passara e que estava tudo a correr bem. Mas não me apetecia fazer uma cena.

— Mas que raio... estás bêbeda?! — exclamou ele. — São só onze e meia.

Afastei a mão dele do meu braço.

— É o Dia Nacional da Bandeira. Estou a celebrar.

Olhámos para o céu azul, para a bandeira que adejava involuntariamente por cima do telhado do Åke e da Gun-Britt.

— Andei a investigar o teu vizinho — disse o Peter.

— O Micke?

— Não, não. O Ola. Pelos vistos é um anjinho falso, o sacana. Tem esqueletos no armário.

— Porque andas a investigar os meus vizinhos? Isso é legal?

O Peter riu-se.

— É preferível sabermos com quem estamos a lidar.

Fingi que não me importava. Encostei a mão à parede do barracão do jardim e espreguicei-me contra o sol.

— Tem uma condenação por agressão — disse o Peter. — Bateu num tipo dos serviços sociais porque achava que a mãe não estava a ser bem tratada.

— Diz-me algo que eu não saiba.

Entretanto, o Åke tinha-nos visto. Chegou rapidamente, de chinelos e calções, decididamente demasiado curtos.

— Olá — disse ele, acenando com uma engenhoca redonda de plástico. — Também já instalei um alarme. Fizeram-nos uma excelente oferta.

— Um pouco tarde — respondeu o Peter.

O Åke mostrou-se ofendido.

— Eles vão acabar por voltar. Este país transformou-se no Faroeste. As instituições perderam o controlo. Não ouviste? Até assaltaram a garagem do Micke.

— Não sabia — disse o Peter, olhando-me de soslaio.

Revirei os olhos. Porque é que haveria de o manter informado acerca das últimas da rua Combinaguai?

— Sim, sim, o Ola e o Micke apanharam-nos em flagrante — continuou o Åke.

— Delinquentes. No dia seguinte, liguei para todas as empresas de alarmes da cidade.

Estendeu a engenhoca de plástico ao Peter, que a examinou sem grande interesse.

Pensei que eu própria talvez devesse instalar um alarme. A pequena Köpinge já não era assim tão segura.

— Quanto custou?

O Åke vangloriou-se. Adorava mostrar o seu jeito para o negócio.

— Duas mil e quinhentas coroas.

Aonde ia eu arranjar esse dinheiro?

— Então não deve ser de muito boa qualidade — observou o Peter bruscamente, devolvendo a engenhoca ao seu legítimo dono. O Åke não teve tempo de responder. O portão do número 13 abriu-se e vi o Micke começar a caminhar em direção ao *Volvo*, que brilhava ao sol. Contudo, assim que nos viu, ficou paralisado.

— Olha quem está aqui — disse o Åke. — O homem, o mito, o protetor do bairro... o Micke.

Soltou um risinho forçado. Transferiu o peso de um pé para o outro nos ténis imaculados e olhou para trás.

Vozes vindas do jardim. A Bianca e as crianças também estavam a chegar.

— Vou voltar para dentro — disse eu ao Peter.

Para o Micke, eu já não era um erro. Era um fracasso total.

A meio do caminho, uma sandália escorregou, e fui obrigada a equilibrar-me num só pé enquanto tentava calçá-la. Atrás de mim, a

Bianca estava com pressa para meter as crianças no carro. A irritação na sua voz era palpável.

— Vá, vamos embora.

O Micke pôs-se ao volante, diligente, pronto a arrancar. Pelo espelho retrovisor, pareceu-me vislumbrar o olhar assassino da Bianca.

Ela entrara em casa no preciso momento em que eu estava a beijar o marido.

No início, tentei convencer-me de que era exatamente isso que eu queria. Magoá-la pelo que me tinha feito.

Mas, nesse caso, não deveria ter-me sentido melhor? Tipo missão cumprida?

Mas não, as coisas tinham ficado cada vez pior, e eu percebera que isso era o que dizia a mim própria. Esta história não tinha nada que ver com a Bianca. Não se tratava de vingança. Dizia apenas respeito ao Micke.

Depois de grande insistência, o Peter lá me convenceu a deixá-lo entrar. Não tive força para resistir. Enquanto ele cozinhava *pitepalt*, eu bebia vinho. Uma nuvem negra e pesada pairava sobre os meus pensamentos.

Depois de muito tempo, de muita confusão e de centenas de palavras, o Peter gritou ao Fabian que estava pronto.

— Venham, antes que arrefeça!

Afoguei as batatas esmagadas em doce de arando e fiz boa cara quando o Peter perguntou se o prato estava bom. O Fabian não foi tão discreto e limitou-se a deslocar pedaços de *pitepalt* entre os montinhos de compota.

— Come como deve ser — disse o Peter. — Comportas-te pior à mesa do que os empregados da limpeza da Samhall, por cima da estação.

O Fabian endireitou as costas e espetou o garfo num pedaço de *pitepalt*.

— Há crianças que não têm comida nenhuma — murmurou o Peter.

Com pequenos gestos, incitei o Fabian a, pelo menos, fingir que comia. Por fim, mastigou, engoliu e grunhiu.

— Fogo, nem consegues fingir que gostas? — perguntou o Peter. — Investi a alma e duas horas da minha vida nisto, que ninguém me vai devolver.

— Desculpa — disse o Fabian. Abriu o guardanapo e cuspiu o que tinha na boca.

O Peter atirou os talheres.

— Mas és idiota ou quê, seu filho da mãe?

— Não estava bom.

O Peter virou-se para mim.

— Vais deixá-lo agir assim? Não vais dizer nada?

Tentei manter a compostura. Ele sabia como era o Fabian. Porque aceitava a provocação?

— Parem com isso, vocês os dois — disse eu. — Não aguento mais. Deixa o Fabian em paz. O que é que isso interessa?

O Peter bateu com as mãos na mesa.

— Mas que raio! Esforcei-me a preparar-vos o almoço. A receita da minha avó. Que tal tentar educá-lo um bocadinho? Mostrar-lhe quem manda.

O Fabian baixou a cabeça, com o olhar fixo no prato.

— Ninguém te pediu para vires cá fazeres-nos *pitepalt* — disse ele, endireitando as costas. — Ninguém aqui tem vontade de o comer. Nem sequer te convidámos.

Era demais. O Fabian estava a abusar.

— O que é que queres dizer com isso? — perguntou o Peter. — Tenho de esperar por um convite escrito?

Levantei-me bruscamente.

— O Fabian tem razão. Está de vomitar — disse eu, deitando as sobras do meu prato para o balde dos resíduos orgânicos. — E pára de me dizer como devo educar o meu filho. Tu não sabes nada.

O Fabian levantou lentamente a cabeça e inclinou-se para trás como se estivesse no cinema.

— Muito obrigado, mas agora chega — disse ele, puxando o Peter pela camisa. — Podes ir-te embora!

— Mas que raio!

O Fabian seguiu-me até à entrada quando fui abrir a porta. O vento tinha abrandado, e no jardim da frente a bandeira sueca pendia, frouxa.

— Leva as estrelas, já que te vais embora — disse eu ao Peter.

Empurrei o Fabian para a casa de banho, segui-o e fechei a porta. Eu na borda da banheira, o meu filho sentado na tampa da sanita. Nenhum de nós disse nada até ouvirmos a porta fechar-se.

## FABIAN

## ANTES DO ACIDENTE

*Verão de 2017*

No verão, ando muito de bicicleta. Nunca com um destino definido, numa direção precisa. Gosto mesmo é de andar de bicicleta. O vento na cara e os bairros familiares a passar por mim. A sensação de poder ver tudo enquanto vou para outro sítio.

— Aonde vais? — pergunta a minha mãe enquanto eu ato os ténis junto à porta.

— Andar de bicicleta — respondo.

O jardim público, a descida, o parque infantil. A passagem subterrânea, além da escola e dos campos de futebol, até ao Ica. Às vezes encontro vasilhames vazios para devolver. Outras paro para ver quem está a jogar futebol ou a saltar à corda. Finjo que estou numa missão especial, um espião a ver aquilo a que os outros não prestam atenção.

É também uma forma de me afastar da minha mãe. Detesto quando ela fica tão bêbeda que se senta à mesa da cozinha meio a dormir. Nessas alturas, não é a minha mãe verdadeira. Nesses dias, sinto ainda mais a falta do meu pai.

Num dia de sol, enquanto andava à volta da pequena colina do jardim público, ouço alguém gritar o meu nome. Atrás de um contentor de construção, estão uns rapazes da escola que reconheço.

— Fumas, Fabian? — pergunta um deles.

Traz um boné com a imagem de um dedo médio levantado.

— Se engolires isto, dou-te vinte coroas — diz outro com um gorro da *Adidas*.

Acena com uma beata a deitar fumo, e todos se riem. Eu também. Seria suicídio não rir das piadas dos outros.

— Tenho uma ideia melhor — diz o do boné, com um sorriso.

Faz-me sinal para o seguir.

— Aqui — diz ele, apontando para uma fila de cones de sinalização vermelhos atrás do contentor.

Só quando chego à borda é que vejo o buraco. Cerca de dois metros por dois, bastante profundo. Um tubo de plástico amarelo sai



do chão. Entre um cone e outro, há uma fita vermelha e branca que indica que é *proibido entrar*. O rapaz de boné não se importa.

— Dou-te cem coroas se saltares lá para dentro.

— Esquece.

Não sou parvo. Olho para a borda: o buraco tem pelo menos um metro e meio de profundidade, talvez até dois. Se saltasse para ali, não conseguiria sair.

— Trezentos? — proponho.

Seria uma boa contribuição para a viagem à Califórnia, para mim e para a minha mãe.

— Está a armar-se — diz o tipo do gorro da *Adidas*.

Entretanto, o tipo do boné pede dinheiro aos outros. Conta um maço de notas desalinhadas.

— Duzentas e sessenta coroas. Se saltares, são tuas.

— De certeza?

É dinheiro fácil. Eles nunca me deixariam no buraco, não se atreveriam. E, se o fizessem, eu poderia sempre gritar e berrar até que alguém me ouvisse.

— Juro por Deus — diz o rapaz do boné, e estende a mão como que a selar o acordo. — Duzentas e sessenta coroas.

— Está bem, mas quero o dinheiro agora.

Ele hesita.

Não sou burro. Sei que gozam comigo, mas estou-me nas tintas. Duzentas e sessenta coroas continuam a ser duzentas e sessenta coroas.

Ele empurra-me as notas para a mão. Conto-as e enfio-as no bolso dos calções. Depois agacho-me e salto para o buraco.

O idiota do boné desata a rir histericamente e troca um dá-cá-mais-cinco com os outros.

O buraco é mesmo fundo. Se der balanço e saltar a direito com os braços esticados, mal chego à borda.

— Bom trabalho, Fabian — diz o de boné. — Agora só tens de sair.

— Hei de conseguir.

Não é assim tão mau. Acabarei por o fazer.

— Vamos, Fabian! — grita o do boné.

Faço umas quantas tentativas sem sucesso. Ponho-me em bicos de pés e estico os braços o máximo possível até tocar na borda. Coloco o pé no tubo amarelo e tento agarrar-me à parede de gravilha. Por cima de mim, vejo as luzes dos telemóveis e ouço os rapazes a rir.

Sento-me. Não vale a pena tentar. Mais vale ficar ali sentado à espera de que eles se cansem.

— O pequeno Fabian, dentro do buraco, não conseguia subir — canta alguém.

Riem-se e gozam. Tento não os ouvir e pensar noutra coisa.

Mas depois passa-se algo, e o grupo inteiro desaparece. Tenho a impressão de que foram a correr para o jardim público.

— Ei! Tu, espera. Anda cá!

Ponho-me à coca.

Passos na gralhinha por cima de mim, uma voz hesitante e outra gargalhada estridente.

— Apanhámos um animal raro — diz o tipo do boné. — Está ali.

Sussurram e riem-se. Depois ouço passos aproximarem-se e levanto-me.

Na beira do buraco está o William.

— Olá — digo.

De todas as pessoas que poderiam ter passado, logo ele.

— Ajuda-me — peço. — Deram-me duzentas e sessenta coroas para saltar para aqui, mas tenho de sair sozinho.

O William olha-me fixamente.

— Dá-me a tua mão — digo, estendendo os braços para ele.

— Agora — sibila o tipo do boné. — Faz agora!

Os outros começam num coro digno de um estádio.

Olho para o William, suplicante. De repente, ele toca nas calças e, antes de eu ter tempo para reagir, sinto urina a salpicar-me.

Cheiro de camarão, sabor metálico na boca. Cuspo e bufo, os meus olhos ardem, mas nada disso importa. Não é a urina que dói.

Quando consigo voltar a ver, o William desapareceu. À volta do buraco está o resto do grupo com as bocas escancaradas e as línguas venenosas. Risos e telemóveis a tocar.

— Vamos — diz o tipo do boné.

Agacha-se na beira do buraco e estende-me a mão.

— Eu ajudo-te a subir.

Arranco na minha bicicleta. Pedalo depressa, muito depressa, até casa. A minha garganta está inchada, sinto falta de ar e tenho lágrimas nos olhos.

Odeio-os. Odeio tudo e todos.

Enquanto me lavo, evito olhar-me ao espelho. Não me quero ver. O aleijado gordo, feio e nojento.

Passo a correr pela minha mãe no corredor e fecho-me no meu quarto com o computador e os auscultadores. Enquanto disparo matando os sacanas viscosos no ecrã, a raiva desaparece lentamente.

Meia hora depois, a minha mãe bate à porta. Desligo o jogo e sento-me ao lado dela na beira da cama.

— Como estás, amor?

Não me consigo conter. As lágrimas correm lentamente, e a minha mãe desespera.

O seu hálito cheira a vinho azedo, mas deixo-a aproximar-se na mesma. Gostava que tudo fosse diferente. Que eu e a minha mãe

fôssemos diferentes.

— Amor.

Põe um braço à volta dos meus ombros, e eu não me mexo.

— Porque é que existem pessoas como eu, mãe?

Faço tudo mal. Não vejo porquê continuar a viver.

— Amor, nunca debes pensar assim. Nunca.

Mas não consigo evitar.

— Aconteceu alguma coisa de especial? — pergunta a minha mãe.

— Posso ajudar-te?

Sei que ela me ama, mas não é suficiente.

— Não quero que bebas tanto — digo. — Não gosto quando estás bêbeda.

Ela tira o braço e baixa a cabeça.

A minha mãe não me pode ajudar.

Tenho de me desenvencilhar sozinho.

Como sempre fiz. Como faço sempre.

JACQUELINE  
ANTES DO ACIDENTE

*Verão de 2017*

Bloqueei o número do Peter. Desta vez, acabou de vez. Tinha de ser melhor comigo própria, mas sobretudo com o Fabian. Tínhamos vivido tanto tempo naquele circo de discussões e caos que por vezes me esquecia de que as coisas não tinham de ser assim e de que dependia de mim sair do círculo vicioso.

Era possível viver de outra forma.

O verão tornou-se desejável. Assim que vislumbrava o sol através da janela da cozinha, saía para me espreguiçar como um lagarto, mas os momentos de serenidade eram poucos e breves. Depois, as massas de nuvens deslizavam sobre Köpinge como montanhas macias e, se permanecesse à sombra, ficava arrepiada.

Num raro dia bonito, em meados de julho, estava sentada na espreguiçadeira das traseiras a dormir quando ouvi passos.

Levantei-me tão de repente que por um momento vi estrelas. No portão estava o Ola, envergando uma camisa estampada, chinelos de enfiar e óculos de sol pretos.

— O que estás a fazer? — perguntou.

Olhei para o meu biquíni.

— Estou a apanhar sol.

Quando nos conhecemos, eu achara o seu sorriso de rapaz irresistível. Agora, era o que mais me enervava.

— Organizei uma coisa — disse ele. — Uma surpresa para o Fabian.

— Desculpa?

O Fabian sempre irritara o Ola. Era uma das muitas razões pelas quais não podia haver nada entre mim e ele.

— Preparei uma surpresa — reiterou com um sorriso. — Acho que ele vai ficar satisfeito, por assim dizer.

Tinha de certeza um objetivo duplo, estava provavelmente a tentar uma aproximação, mas, em relação ao Fabian, eu estava decididamente desesperada.

— Estou preocupada com ele — admito. — Não sei o que fazer.

Tinha receio de que ele estivesse a ter pensamentos demasiado destrutivos.

— Vamos tratar disso juntos — propôs o Ola.

Entrou no jardim e sentou-se na espreguiçadeira.

— As férias de verão dão cabo dele — disse-lhe. — Tem de se proteger. A escola está a correr muito melhor agora, desde que o Micke se tornou seu mentor.

O Ola recostou-se na cadeira.

— Achas que é apropriado? — perguntou ele.

— O que queres dizer com isso?

O Ola ajustou os óculos de sol na cabeça.

— Vá lá, Jackie. Não sou cego. Tens um verdadeiro dom quando se trata de seduzir os vizinhos.

— Pára de me chamar Jackie. E, para tua informação, não se passa nada entre mim e o Micke.

— Ah, não?

— Não.

— Então devo ter tido uma alucinação na véspera de Ano Novo.

Não pestanejei.

Mas como seria possível? O Ola tinha abandonado a festa.

— Não sei o que pensas que viste.

— Já te esqueceste de como é o meu quarto? — retorquiu ele. — A janela do lado mais baixo?

Tentei lembrar-me, mas a minha memória embotara-se depois de um pequeno-almoço de vinho e *gin tónico*.

— À meia-noite da véspera de Ano Novo, eu estava à janela a ver o fogo de artifício — disse o Ola. — Sabes, da janela do meu quarto, vê-se perfeitamente o jardim do Åke e da Gun-Britt.

Merda.

Se andava a esconder aquilo há tanto tempo, porque é que só falava nisso agora?

— Tínhamos bebido demasiado — disse eu. — Não foi nada. Só um beijo.

— Mais ou menos como comigo, então — respondeu o Ola. — Como é que chamavas à nossa relação? Um *flirt*?

Eu ainda estava envergonhada pela forma como me deixara arrastar. O Ola não era decerto nenhum santo, mas eu deveria ter tido mais juízo. Eles tinham acabado de se mudar, e eu destruíra-lhes a vida. Ele tinha todos os motivos para estar ressentido.

— O Peter sabe que tem um rival? — perguntou o Ola.

Eu deveria ter sido mais clara com ele, mesmo naquela altura, quando o nosso namoro acabara e o casamento dele estava prestes a desabar. Nunca existira um futuro para mim e para o Ola. Mesmo assim, permiti que houvesse recaídas. Por vezes, a minha percepção das

consequências era menos desenvolvida do que a de uma rapariga de doze anos.

Eu não gostava de despedidas. Nunca gostara.

— O que é que tu queres? — perguntei ao Ola, olhando para ele.  
— Na véspera de Ano Novo, eu e o Micke beijámo-nos, é verdade. Foi um erro que não se vai repetir. Estarás porventura a ameaçar-me? A Bianca já sabe de tudo.

O Ola pousou um dedo no queixo com um ar intrigado.

— A sério?

Tinha a certeza. Pelo que conhecia do Micke, ele tinha certamente admitido todos os seus erros. Se calhar prometera à Bianca que nunca mais me falaria. Na pior das hipóteses, também teria desistido de ser o mentor do Fabian.

— Não acho mesmo que a Bianca saiba tudo — continuou o Ola.

— Por favor, chega de melodramas. E agora vai-te embora.

Ele rodou os óculos de sol entre as mãos e olhou para mim com seriedade.

— Não sabes porque é que o Micke e a Bianca se mudaram para cá, pois não? Se soubesses, não quererias o Micke como mentor do Fabian.

— De que é que estás a falar?

Nos primeiros dias após a sua chegada, perguntei-me por vezes do que andariam a fugir.

— O Micke tem o pavio curto. Não parece, porque disfarça bem — disse o Ola. — Mas eu senti-lhe o cheiro quando apanhámos aqueles miúdos em flagrante, a assaltar-lhe a garagem. Ele perdeu a cabeça e bateu-lhes.

Parecia absurdo. Por outro lado, eles pouco ou nada tinham dito sobre a infração.

— Estás a mentir — disse eu.

O Micke era o homem mais calmo e confiante que eu já conhecera. Nunca perderia o controlo agredindo alguém.

— Então porque é que achas que não apresentámos queixa? — perguntou o Ola.

Sentia o desconforto rastejar sob a minha pele.

— E há uns tempos a Bianca contou-me a verdadeira razão pela qual eles se mudaram — continuou o Ola sem descolar os olhos dos meus. — O Micke teve um ataque de fúria na escola de Estocolmo. Atirou com um aluno contra a parede e esteve prestes a partir-lhe o braço. Era um rapaz de quinze anos com todos os diagnósticos possíveis.

Pensei imediatamente no Fabian.

Fora minha a ideia de propor o Micke como mentor.

— Teve de escolher entre deixar de trabalhar em Estocolmo e ser

denunciado à polícia, com a inspeção na escola e tudo o que isso implica — disse o Ola.

— Não, o Micke não.

— Pergunta-lhe.

Voltou a pôr os óculos de sol. O meu biquíni refletiu-se nas lentes. Depois o Ola abriu o portão e saiu com os seus chinelos deslizantes.

Quando voltei a sentar-me na espreguiçadeira, senti uma espécie de «efeito de neve» na cabeça, como um televisor que não apanhasse nenhum canal. Pesquei um inseto afogado no *gin* tónico e bebi o *cocktail* morno com um nó na garganta.

Será que a imagem que eu tinha do Micke estava totalmente distorcida? Teria sido ingénua, como sempre?

Se sim, o pior é que tinha envolvido o Fabian. Mais uma vez.

## MIKAEL

## ANTES DO ACIDENTE

*Verão de 2017*

Desejei que nunca nos tivéssemos mudado. O sonho de uma vida tranquila num bairro residencial é uma quimera. Devia ter dado ouvidos à Bianca.

Depois de duas semanas de férias, ela voltou ao trabalho na agência imobiliária do banco, enquanto eu e as crianças ainda tínhamos férias escolares.

Os nossos dias estavam cada vez mais divididos. À noite, a Bianca adormecia no quarto da Bella depois de ler uma história de embalar. Eu espreitava e tentava acordá-la. Ela murmurava qualquer coisa, suspirava e virava-se para o outro lado. Eu, por outro lado, rebolava na cama, tentava ler, ouvir *podcasts*, contar carneirinhos. Muitas vezes adormecia muito depois da meia-noite.

Numa manhã, acordei e, como de costume, a Bianca já fora trabalhar.

— O que é que vos apetece fazer hoje? — perguntei às crianças.

O tempo estava espetacular. Depois de uma longa série de dias frios e cinzentos, o sol brilhava bem alto no céu e inundava a rua Combinaguai de uma luz branca ofuscante.

— Quero andar de baloiço — disse a Bella.

Fomos de bicicleta para o parque infantil. Estava cheio de mães das moradias locais a apanhar sol nas pernas, enquanto um pai enfiado num fato de licra suado fazia flexões na barra do baloiço.

— Vou andar de tirolesa — disse o William, começando a correr descalço na areia.

As mães nos bancos acenavam distraidamente.

— Mais alto, papá!

Empurrei o baloiço da Bella com tal força que, quando ele voltou, tive de me baixar para me esquivar.

— Até ao céu! — gritou a Bella.

Quando voltei a tocar no baloiço, tropecei em alguma coisa e quase caí para trás. Só depois de a empurrar me apercebi de que tinha dado de caras com o Fabian. Ele estava atrás de mim, de mãos nos



bolsos e com um sorriso de orelha a orelha.

— Sabes uma coisa?

— Assustaste-me — exclamo.

Ele tinha de deixar de me aparecer assim de repente.

— Sabes uma coisa? — repetiu.

Os seus olhos brilhavam de alegria.

— Conduzi um *M3*. Quero dizer, conduzi mesmo! O Ola tem uma amiga em Malmö que lho emprestou. Eu ia a conduzir, e o Ola estava sentado ao meu lado. É a melhor sensação do mundo!

Parecia inventado.

— O Ola? O nosso vizinho?

— Sim, ele agora é supersimpático. Dantes era um chato, mas agora parece uma pessoa diferente.

— E deixou-te conduzir um carro desportivo?

— Sim, um *M3* — diz o Fabian, cruzando os braços sobre o peito.

— Achas que é mentira?

— Não, claro que não.

Voltei a agarrar o baloiço e pus a Bella no chão.

— Tem quatrocentos e trinta e um cavalos — continuou o Fabian.

— De zero a cem em quatro ponto três segundos.

Fiz um ar de espanto.

— Anda brincar — disse a Bella.

Pegou no Fabian pela mão e arrastou-o pela areia.

— Vão andar de tirolesa com o William? — perguntei.

A Bella balançou a cabeça.

— Tenho medo da tirolesa. Quero andar de escorrega.

Segui-os, passando pela caixa de areia e pelo banco das mães a apanharem banhos de sol e a virarem-se para trás a sussurrar.

O Fabian contava — *três, dois, um* —, e a Bella soltava-se e deslizava para baixo. Subiam juntos, e ele mostrava-lhe onde colocar os pés e avisava-a para ter cuidado.

A Bella estava em êxtase. Felicíssima. O William não lhe dava muita atenção e muitas vezes irritava-se com ela. Desde que eu estivesse presente, não havia motivo para preocupações. Não me desagradava que o Fabian agisse um pouco como um irmão mais velho. Crescera vários centímetros nesse papel, e eu estava cada vez mais convencido de que o que acontecera com a sobrinha do Bengt há tanto tempo fora apenas um erro.

Uns instantes depois, a Bella quis andar num cavalinho de plástico. Eu estava a andar com eles quando as mães se levantaram do banco e me abordaram.

— Ele está contigo?

Claro que eu já tinha percebido a quem elas se estavam a referir.

— Quem?

Dilataram as narinas e comprimiram os lábios.

— Não achamos que seja apropriado. É demasiado crescido para brincar aqui.

— Não sabia que havia um limite de idade — retorqui, apontando para o papá-em-licra a fazer flexões contra a parede da casinha de brincar.

As mães suspiraram e lançaram-me olhares de reprovação. Claro que as compreendia, mas o que podia acontecer num parque infantil? Devia ter sido difícil para o Fabian aguentar aquelas parvoíces, mesmo vindas de adultos. Felizmente, não pareceu aperceber-se de nada.

— Está na hora de ir para casa — disse eu à Bella.

— Não, quero brincar mais!

Impelia o cavalo para a frente e para trás como se estivesse a galopar.

O Fabian virou-se para mim. Um olhar cúmplice, e depois dirigiu-se à Bella.

— Eu também tenho de ir para casa. Podemos fazer o caminho juntos.

— Está bem!

A Bella saltou do cavalo e correu atrás do Fabian para ir buscar as bicicletas.

— Anda! — gritei para o William, que estava na rampa da tirolesa.

— Vou ficar mais um bocadinho, pai. Vão andando.

— Três voltas no máximo — concedi. — Depois vens logo para casa.

Entretanto, o Fabian tinha ajudado a Bella a pôr o capacete e agora lançava olhares na direção das mães de óculos escuros sentadas no banco.

— Estás triste? — perguntou a Bella.

Eu não tinha reparado, mas de facto o Fabian tinha lágrimas nos olhos.

Teria então ouvido o que elas tinham dito?

Estava prestes a pôr-lhe a mão no ombro, mas contive-me.

— Entrou-me uma coisa para o olho — disse o Fabian, esforçando-se por sorrir.

Percorremos a curta distância até à praceta comum, onde ele desmontou da bicicleta e se despediu da Bella.

— Vemo-nos no próximo sábado, certo? — perguntei.

— Porquê?

— Em casa da Gun-Britt e do Åke. Temos a festa dos vizinhos.

O Fabian baixou o suporte da bicicleta e dobrou-se para a trancar.

— Não fomos convidados.

Na verdade, era mais do que lógico. A Bianca nunca teria ido à festa se a Jacqueline lá estivesse. Fora mesmo idiota não ter pensado

nisso.

— Vemo-nos noutra altura — disse eu ao Fabian.

A Bella puxou-me pela manga.

— Porque é que eles não foram convidados?

Não respondi. Pus o pé no pedal e arranquei, enquanto a Bella se despedia do Fabian. Da janela à minha frente, olho para a cozinha escura. O cabelo louro da Jacqueline mexia-se. Mas também lá estava outra pessoa. Um rosto entre as sombras, um sorriso e uma mão levantada.

Presumi ser o Peter. O meu cérebro não teve dúvidas. Mas, quando levantei a mão para responder à saudação, percebi que não era o Peter. Era o Ola, que me estava a cumprimentar da cozinha da Jacqueline.

JACQUELINE  
ANTES DO ACIDENTE

*Verão de 2017*

O verão estava a chegar ao fim, e os dias começavam a ficar mais curtos. Todas as manhãs, o sol ficava mais uns minutos no lado errado da Terra. À noite, a escuridão caía cada vez mais cedo, dilacerando o crepúsculo sobre o estreito de Öresund com rasgos amarelos e vermelhos.

Era o vinho e os comprimidos que me mantinham viva.

Descia as persianas e passava o tempo à mesa da cozinha. A ideia de que o Micke tinha batido naqueles rapazes, na garagem, atormentava-me. O que dizia isso acerca dele? E sobre mim?

Sentia-me enganada.

E seria verdade que o Micke tinha agredido um aluno em Estocolmo? Ele, que parecia arder com o fogo sagrado do ensino e que tomava sempre o partido dos mais fracos? Certamente explicaria porque é que ele e a Bianca se tinham mudado seiscentos quilómetros para sul.

Eu estava de rastos. Costumava acordar com a cabeça apoiada na mesa da cozinha sem saber que horas eram, se era noite ou dia.

O ar estava quente e cheirava a fechado. Era o período da canícula e, no parapeito da janela, as moscas zumbiam à volta das plantas secas.

— Mãe — disse o Fabian. — Não podes ficar aqui sentada. Disseste que não ias beber mais.

Há semanas que não fazia uma máquina de lavar. O Fabian vestia roupa suja, e tinha o cabelo oleoso e emaranhado.

— Não pode ser assim tão difícil! — exclamou o Fabian. — Controla-te.

Deixou-me tão envergonhada.

— Vou fazê-lo.

Tinha de o fazer. Por ele.

Tinha de acordar e livrar-me daquela merda.

— Temos de falar de uma coisa — disse eu certo dia, quando o vinho acabara e a vaga de calor me obrigara a sair da cozinha e a

vestir uma *t-shirt* limpa.

O Fabian estava em frente ao computador, como de costume. Tirou os auscultadores e deixou-os pendurados ao pescoço.

— Aconteceu alguma coisa?

Nem sabia como devia contar-lhe. Como é que ele reagiria? E se tudo se desmoronasse?

— Ouvi uma coisa sobre o Micke — disse-lhe, após alguma hesitação. — Algo que aconteceu na escola onde ele trabalhava. Parece que ele agrediu um aluno.

O Fabian franziu o sobrolho.

— Quem te disse isso?

Cocei o pescoço. Se soubesse que a informação viera do Ola, o Fabian não acreditaria.

— Eles mudaram-se para cá muito depressa, apesar de não conhecerem ninguém. Pode ter sido por alguma coisa que aconteceu em Estocolmo.

— Mas quem te disse isso? — voltou o Fabian a perguntar.

Estava prestes a ficar irritado.

— São apenas rumores. — Fingi um sorriso, reuni todas as forças e preparei-me. Tinha a obrigação de lhe fazer aquela pergunta. — Porque é que nunca...? Quero dizer, não reparaste em nada?

Se ele tivesse atacado o Fabian, eu ter-lhe-ia partido o pescoço. Tão simples quanto isso.

— Mas, mãe — disse ele. — Estamos a falar do Micke.

— Sim, bem sei.

É óbvio que o Ola não era de confiança. Talvez ele tivesse inventado tudo. Por ciúmes? O Fabian gostava do Micke. Não gostaria dele se tivesse visto alguma ação violenta.

— O Micke é a pessoa mais simpática que conheço — disse o Fabian.

— Claro.

Cambaleei em direção à entrada, vesti o casaco e disse que tinha de ir às compras. Já era tarde e a loja de bebidas, a Systembolaget, estava quase a fechar.

— Também posso ir? — perguntou o Fabian.

— Hoje não. — Eu já tinha posto um pé na soleira da porta. E não queria que o Fabian me visse vasculhar entre as garrafas com as mãos a tremer. Ou abrir uma garrafa no carro e beber uns goles antes de ligar o carro. — Volto já, amor.

Uns dias mais tarde, fomos com o Ola a uma quinta perto de Malmö, e o Fabian experimentou conduzir um carro desportivo. Estava a rebentar de alegria, e eu mantive-me sóbria o dia inteiro.

Na sexta-feira seguinte, toda a família Andersson passou pela nossa

janela de bicicleta, com um cesto de piquenique e toalhas. Tinham um brilho nos olhos e agiam como se nada tivesse acontecido.

— Amanhã é a festa dos vizinhos — disse o Fabian. — Ainda bem que não temos de ir.

Era exatamente isso que eu queria ouvi-lo dizer. Receava que se tivesse afeiçoado demasiado ao Micke. Quantas mais pancadas aguentaria ele?

— Então, o que achas, mudamos de casa? — perguntei. — Para longe disto tudo. Recomeçamos tudo, noutro lugar.

Ele ponderou, depois os seus olhos iluminaram-se.

— Para a Califórnia? Para casa do pai?

Levantei a garrafa de vinho da mesa. Tentei ler o rótulo, sem, contudo, perceber o que dizia.

— Não podemos.

— Hem? — O Fabian levantou-se como uma cobra. — Andámos a pôr dinheiro de parte. Com a venda da casa, podemos ganhar milhões de coroas e depois podemos...

— Chega!

Não conseguia aguentar mais. Tinha os ouvidos a zumbir e a escuridão puxava-me por trás das pálpebras. Levantei-me da cadeira, e as palavras saíram-me da boca como uma tempestade de granizo.

— Não podemos ir ter com o teu pai. Ele está na prisão!

O Fabian reagiu como se eu lhe tivesse dado uma bofetada. Cerrou os punhos à frente da boca e deixou-se cair.

— Desculpa, amor. Devia ter-te contado a verdade há muito tempo.

Odiei-me naquele instante, mas pelo menos tinha-lhe dito.

— E a oficina?

Os ombros dele tremiam, e contorcia as mãos uma na outra.

— Não há oficina — admiti. — Quando nos conhecemos, o teu pai trabalhava num bar. Mas despediam-no sempre. Era um arruaceiro. No fundo, tinha um coração de ouro, mas não sei como conseguia meter-se sempre em sarilhos. Pensei que o podia fazer feliz com o meu amor, mas não resultou. Não se pode salvar alguém só com amor.

O Fabian bateu com as mãos na mesa, como se tivesse esmagado um inseto e o estivesse a impedir de se mexer. Grunhiu e balançou-se de um lado para o outro.

— Desculpa, querido.

Debatia-se furiosamente. A testa estava vermelha e suada, os músculos dos braços tensos.

— E as fotografias? A avó?

Eu ultrapassara os limites ao dar-lhe aquelas fotografias. Ele andava a pedi-las há meses e estava radiante.

— Não é o teu pai que está nas fotografias — admiti. — É um ator

americano.

O rosto do Fabian retraiu-se. Um fio de ranho escorria-lhe do nariz, e ele mordia o lábio.

Eu era a pior mãe do mundo.

— Mas não inventei a tua avó — garanti. — Tenho a certeza de que neste momento está sentada na cadeira de baloiço a tocar harmónica. — Entreguei-lhe o rolo de papel de cozinha para ele assoar o nariz. — Lamento imenso, mas estamos melhor sem o teu pai.

Ele não respondeu.

Atirou o pedaço de papel para o lava-louça a transbordar e foi a correr para a entrada principal. Fiquei à espera de ouvir o bater da porta, mas não aconteceu. O que é que ele andava a fazer? Fui até lá e encontrei-o sentado no chão a atar os ténis.

— Onde é que vais?

— Andar de bicicleta.

Não olhava para mim. Vi-lhe o corpo tenso, carregado de raiva reprimida. Pôs-se de pé e, quando bateu com a porta atrás de si, perguntei-me se deveria segui-lo. Estava cheia de medo de que ele fizesse alguma coisa estúpida, de que magoasse alguém, ou a si próprio.

Nessa noite, implorei o seu perdão. Bêbeda e patética, sentei-me ao seu lado a balbuciar que era uma má mãe e que ele merecia mais, até que os papéis se inverteram e foi o Fabian que me consolou, dizendo que ia ficar tudo bem.

Desmaiei com a testa apoiada na mesa da cozinha. Dormi uma hora, no máximo, e quando acordei era noite plena. Arrastei-me lentamente até à casa de banho para tirar o sabor desagradável da boca. Mal tinha chegado ao corredor quando ouvi um barulho estranho no jardim. Pareciam passos.

Ladrões? Seria a nossa vez?

Voltei a correr para a cozinha e peguei numa faca de carne. Enquanto andava de janela em janela a espreitar para a noite, o meu braço tremia.

Nada, em lado nenhum.

Do quarto do Fabian ouvia ressonar.

Depois escutei algo a partir-se, talvez um ramo. Vinha do lado do jardim.

Sempre me senti segura naquela casa. O medo do escuro de quando era criança tinha desaparecido há muito tempo e em Köpinge habituara-me a portas destrancadas. A vida tinha-me ensinado que os maiores perigos vinham de dentro.

Sem pensar duas vezes, abri a porta de vidro que dava para o jardim. As minhas sandálias estavam no tapete. Saí para a escuridão

com a faca na mão.

— Eh! Está aí alguém?

A vedação estava iluminada pelo lampião da praceta. O nosso portão estava aberto. Podia ter-me esquecido dele. Ou o Fabian. Ou...

Dirigi-me para o acesso, passando pelo barracão e pela minha carripana velha.

— Eh! Está aí alguém?

Na escuridão, vislumbrei algo. A silhueta de um homem. Instintivamente, levantei a faca.

— Mas que raio estás a fazer? — perguntou o Ola.

Os seus olhos claros brilhavam na escuridão da praceta.

— És tu?

Ele olhou para a faca.

— Não consigo dormir — disse ele. — O que é que estás a fazer? Vais esfaquear-me?

— Ouvi um barulho — respondi, baixando a faca. De repente, perguntei-me se o barulho teria sido na minha cabeça.

O Ola patrulhou o jardim, olhou para a ciclovia, para a rua principal e por cima das cercas. Na rua Combinaguai as pessoas dormiam a sono solto.

— Parece tudo calmo — disse ele.

— Talvez tenha imaginado.

O Ola olhou novamente para a faca que eu tinha na mão e aproximou-se. O seu cheiro invadiu-me as narinas.

— Mais uma vez, obrigada — disse eu. — Pela surpresa. O Fabian só fala daquele carro.

O Ola passou a mão pelo cabelo e sorriu.

Pouco tempo depois, porém, um véu de preocupação surgiu no seu olhar.

— Mas como é que estás?

Não era uma pergunta simples. Entrou em mim, descascando camadas de coisas.

Eu não conseguia falar.

— Anda — disse ele. — Levo-te a casa.

Todas as células do meu corpo gritavam *não*. Era uma péssima ideia. No entanto, a minha mão foi parar à mão do Ola, e os nossos olhares fixaram-se enquanto atravessávamos o jardim.

— Não devias estar sozinha esta noite.



## MIKAEL

## DEPOIS DO ACIDENTE

*Terça-feira, 17 de outubro de 2017*

As horas entrelaçam-se umas nas outras. Dia e noite, claro e escuro. Por trás dos *blackouts* e das persianas, o tempo pára.

A Sienna faz comida que nenhum de nós come.

— Quero a mamã — diz a Bella.

Saio do quarto para que não me veja desfazer-me em pedaços. O *whisky* acaba rapidamente, mas há outras garrafas no armário do bar para abafar o zumbido mais intrusivo.

Por volta da hora de almoço, batem à porta os colegas da agência imobiliária. Trazem comida de *takeaway* e grandes ramos de flores, brinquedos para as crianças e palavras simpáticas sobre a Bianca. Não conheço quase ninguém, e acho estranhos os seus abraços e as suas lágrimas.

Compreendo que tudo é feito com boa vontade e que devo estar grato, mas neste momento não consigo estar perto das pessoas. Mal me consigo manter de pé.

Uma hora depois, o meu diretor chega com um ramo de flores e um cartão escrito à mão com os cumprimentos de toda a escola.

— Não posso acreditar — murmura ele. — Estas coisas não acontecem.

Exatamente. Estas coisas não acontecem, só acontecem a outras pessoas.

E depois acontecem mesmo.

— A mamã agora está no céu? — pergunta a Bella. — Como a mãe da Pipi das Meias Altas?

Quem me dera poder acreditar numa coisa dessas.

Pela primeira vez na vida, sinto a falta de alguma espécie de religião.

— Ninguém sabe onde está a mamã agora — diz a Sienna, abraçando a Bella. — Algumas pessoas acreditam que, quando morremos, vamos para o céu. Talvez seja isso.

A Bella parece intrigada.

— Onde achas que a mãe está? — pergunta.

— Está aqui. — A Sienna faz um gesto com o braço, abrangendo toda a sala. — Aqui connosco.

É um pensamento consolador, mas não ouço nada na sala. Nenhuma presença, nada da Bianca. Apenas o vazio.

Junto a um dos ramos de flores que se encontram em cima da mesa está um cartão com uma pomba.

*Descansa em paz. Jacqueline e Fabian*, leio numa caligrafia cheia de floreados.

Fico a olhar para ele durante algum tempo, depois puxo-o e amachuco-o.

Quando a campainha toca de novo, peço à Sienna para abrir a porta.

— Não consigo.

A Sienna é uma rocha. Sem ela, estaríamos mergulhados no caos.

Vai até à entrada com a Bella e o William. Ouço-os falar e reconheço as vozes.

— São os teus colegas — diz a Sienna.

Pergunta-me se consigo, e digo que não há problema. Só um bocadinho.

No corredor, encontro a Majros e o Roine de olhar baixo e com uma planta num vaso.

— Só queríamos dar as nossas condolências.

— Estamos a pensar em ti — diz o Roine. — Estamos a pensar em todos vocês.

Cofia o bigode enquanto a Majros me entrega a planta.

— Obrigado.

— Um pensamento amável — diz a Sienna.

— Não te preocupes com a escola — tranquiliza-me a Majros. — Fica com a tua família. Toma conta das crianças.

Consigo murmurar uma resposta. Também não deve ser fácil para eles. Ninguém sabe o que fazer nestas situações.

— Soube que a polícia encerrou o caso — diz o Roine. — Parece-me estranho. Liguei para lá ontem e deixei o meu número. Disseram que iam entrar em contacto.

— Contigo?

O Roine acena com a cabeça.

— O Roine também esteve no supermercado na sexta-feira — diz a Majros.

— Viu o Fabian Selander e a mãe.

É como se a clarividência do meu cérebro fosse estimulada ao máximo. O Roine também esteve no supermercado?

— Na verdade, tentei evitá-los — diz ele. — Mas o Fabian viu-me e trocámos algumas palavras.

— Onde, dentro da loja?

Mas rapidamente perco o interesse. Porque é que a polícia se haveria de preocupar com o facto de o Roine ter visto o Fabian e a Jacqueline no supermercado?

— Não, no parque de estacionamento — diz o Roine. — Estavam junto a um carrinho com sacos de compras a transbordar.

— Acabámos de ver o carro no acesso à casa deles — acrescenta a Majros.

O Roine acena com a cabeça.

— O mesmo *BMW*.

Começo a ficar farto. O Roine deve ter reparado, porque olha para mim e suaviza o tom de voz.

— Sabias que estava um homem no carro com eles? Não era só o Fabian e a mãe.

Algo dentro de mim se solta. Sinto-me tonto.

— O quê?

— Reconheci-o logo — diz o Roine, e volta a cofiar o bigode. — Era um dos vossos vizinhos.

Sinto câibras. Todos os vasos sanguíneos do meu corpo se contraem.

— O Ola?

— Exato, o Ola Nilsson — diz o Roine. — Foi ele que aprovou o nosso empréstimo à habitação há uns anos.

— Tens a certeza? Porque não contaste à polícia?

Encosto-me à parede com a mão. Entretanto, a Sienna atrai as crianças para cima.

— contei. Ontem. Pensei que me iam ligar de volta, mas hoje li no *site* do *Sydsvenskan* que tinham encerrado o caso. Pensei que já tivessem tudo sob controlo. Mas depois perguntei à Majros o que ela achava.

O Roine e a Majros trabalham juntos na escola desde a licenciatura. Há rumores entre os alunos de que não são apenas colegas.

— Achei que o melhor seria falar contigo sobre o assunto — diz a Majros. — Para que a polícia não deixe passar informações.

Procuro o telemóvel no bolso. Preciso de falar com a polícia imediatamente. Porque é que eles não chegaram ao fundo da questão?

— Tens a certeza? — pergunto ao Roine.

— Caso contrário, não teria dito nada. O Ola estava sentado no carro enquanto a mãe do Fabian carregava as compras para a bagageira.

Vejo a cena diante dos meus olhos. O Ola estava lá.

Isso muda tudo.

— E onde é que ele estava sentado?

— À frente — diz o Roine. — Ao volante.

## MIKAEL

## ANTES DO ACIDENTE

*Verão de 2017*

O William plantou-se no tapete da entrada, de braços cruzados.

— Não quero ir. Manifesto.

Apesar do *stress*, não contive uma gargalhada.

— Talvez quisesse dizer *Protesto* — retorquiu a Bianca.

— Anda, vá. Só vamos ficar umas horas. Está incluído no pacote quando se vive num sítio como este.

Na verdade, eu próprio teria dado de bom grado metade de um salário para evitar outra festa de vizinhos.

— Não quero encontrar o Fabian — disse o William, ainda sentado no tapete. — Vais obrigar-me a brincar com ele.

— Não é muito simpático da tua parte dizeres isso — respondi-lhe.

O William comprimiu os lábios.

— Em todo o caso, o Fabian não estará lá hoje — disse a Bianca, puxando-o do chão.

Um minuto depois, ia a atravessar a praceta de saltos altos com uma criança em cada mão. Segui-os, arrastando os pés enquanto tentava fechar a grande mochila cheia de mudas de roupa, *iPads* e brinquedos.

Depois, ficámos nas mãos da Gun-Britt e do Åke.

— Assim é que deve ser. A festa dos vizinhos realiza-se no verão, quando o sol brilha e a relva está verde. A ordem foi restabelecida.

O Åke grelhava costeletas de porco com um avental de cabedal. Pingava de suor, com uma pinça de churrasco do tamanho de um macaco de automóvel nas mãos.

— Cerveja? — perguntou, oferecendo-me uma garrafa.

Durante o jantar, continuou a tagarelar, como era seu hábito. Perorava sobre tudo, desde programas de televisão a culinária, de política a mexericos. Ri-me educadamente nos momentos certos e consegui fazer alguns comentários divertidos. A Bianca estava completamente concentrada na comida que as crianças estavam a ingerir e o Ola parecia estar de mau humor.

Depois do jantar, fui com o Åke para a praceta. Ele acendeu um

charuto.

— A Gun-Britt não gosta que eu fume — disse, dando uma passa. Afastei o fumo com a mão.

— Bem, ela vai sentir o cheiro.

— Impossível — disse o Åke, rindo-se. — Tem o nariz entupido há vinte anos. Não daria por isso nem que eu me peidasse na cara dela.

Riu-se e tossiu, tudo ao mesmo tempo. Mal podia esperar para estar na minha casa, no meu silêncio.

— Olha quem está aqui — disse o Åke.

Ao virar da esquina, aparecera o Fabian, de bicicleta.

— Olá! — disse eu.

Ele olhou para nós e deu duas voltas na praceta. Respondeu-nos murmurando um olá e voltou para a rua principal.

— Aquele rapaz — murmurou o Åke. — Anda por aí de bicicleta como se fosse o idiota da aldeia. Coitado.

— Pára com isso — disse eu. — Ele não deve ter uma vida fácil.

Estava farto de toda aquela conversa da treta.

— Era exatamente isso que queria dizer. A mãe não tem tempo para ele — respondeu o Åke. — Alguém devia intervir, porra.

— O Fabian é um miúdo esperto. Preocupas-te em vão.

Na verdade, as suas preocupações estavam longe de ser em vão.

O Åke soltou uma nuvem de fumo, apagou o charuto e atirou-o para a saída de esgoto.

Quando voltámos para junto dos outros, encheu-me o copo de *whisky*. Eu bem precisava. Para me soltar.

O lampião da praceta acendeu-se e o crepúsculo instalou-se. O William estava no sofá do pátio a brincar com o seu *iPad* e a Bella corria na relva.

O Ola não estava muito falador. Bebia um *shot* após outro, com o nariz vermelho e o olhar turvo.

Mais tarde, acabámos por falar dos terríveis acontecimentos da semana anterior. Na quinta-feira, um camião abalroara uma centena de pessoas numa rua turística de Barcelona, e na sexta-feira havia notícias de um homem que atacara várias pessoas com uma faca na praça principal da segunda maior cidade da Finlândia.

— É a mesma coisa em todo o lado — disse o Åke. — Não se está seguro em lugar nenhum.

Mais uma vez, coube-me a mim acalmar os ânimos e dizer algumas palavras de bom senso. Uma tarefa ingrata que começava a esgotar-me a paciência.

O Ola manteve-se discreto, em silêncio e pensativo. Algo o perturbava.

Lembrei-me de quando ele perdera a cabeça e batera no Liam com o cassetete, na garagem.

Só se animou quando a discussão se concentrou nas políticas de defesa da Suécia e o Åke trouxe à baila uma história nostálgica do período do recrutamento para apoiar a sua tese sobre a decadência da sociedade. O Ola pousou o copo e alongou-se várias vezes em direção à mesa antes de conseguir dizer:

— Porque é que a Jacqueline não foi convidada esta noite?

Fez-se silêncio. Olhei para o Åke, que olhou para a Bianca, que baixou o olhar.

— Bem, enfim... — disse a Gun-Britt. — Pensei que tivesses percebido.

— Claro que percebi — retorquiu o Ola. — Não sou atrasado mental. — Notei-lhe o tom agressivo e as palavras arrastadas. — Estamos para aqui a tagarelar sobre boas relações de vizinhança, e, entretanto, a Jacqueline e o Fabian estão ali sozinhos. Como é que estas duas coisas coexistem?

— Sim, mas...

— Sabes como é que isto se chama? — perguntou o Ola, virando-se para o Åke. — *Bullying!*

— Por favor — disse a Gun-Britt. — A Jacqueline meteu-se sozinha nesta situação. Colhemos aquilo que semeamos.

Com um gesto seco, o Ola desenroscou a rolha de uma garrafa de gin e serviu-se, deixando metade no copo e a outra metade na toalha de mesa.

— Mas são precisos dois para dançar o tango — disse ele, pousando os olhos em mim. — E também para foder.

Teria eu ouvido bem?

A Bianca levou a mão à boca e olhou para o Ola, chocada. Ele engoliu em seco.

— Não sei o que meteste na cabeça — disse eu. — Mas eu e a Jacqueline não dormimos juntos. O que aconteceu foi um erro que não se vai repetir.

O Ola pousou o copo e bufou.

— Não é a mim que tens de convencer — disse, olhando para a Bianca.

Será que ela também acreditava que eu e a Jacqueline tínhamos tido um caso? Teria ela falado com o Ola sobre o assunto?

— Estou mesmo farto de te ver a meter o nariz... — comecei, mas não consegui dizer mais nada porque a Bianca me interrompeu.

— Estás a defender a Jacqueline? — perguntou ela ao Ola. — Tens pena dela? Foste tu quem me alertou acerca dela, dizendo-me que é uma devoradora de homens.

O Ola comprimia uma sobranceira entre dois dedos.

— Uns quantos mexericos nunca mataram ninguém. Isto é outra coisa. Como se a Jacqueline e o Fabian não tivessem já confusões

suficientes.

A Bianca empurrou a cadeira para trás.

— Acho que está na altura de ir embora. — Olhou para mim. — Vens comigo ou quê?

No mesmo instante, o Ola levantou-se do outro lado da mesa.

— O que fizeste à Jacqueline é digno de um doente mental — disse ele à Bianca, cuspiendo as palavras. — Destruíste a vida dela. Sabem o que ela fez?

O Åke e a Gun-Britt, por uma vez, ficaram em silêncio.

— Foste tu que me contaste... — protestou a Bianca, mas foi imediatamente interrompida.

— Ela fez-te um favor! Só tentou ser simpática, e tu fizeste com que ela fosse despedida.

O Ola cambaleou e agitou a mão em cima da mesa, derrubando uma garrafa de cerveja. A Gun-Britt precipitou-se imediatamente para apanhar os cacos de vidro.

— Não devias beber mais — disse o Åke.

A Gun-Britt apoiou-o.

— Eu diria que está na altura de nos despedirmos.

Enquanto a Bianca reunia as coisas das crianças, tentei passar pelo Ola, que me estava a bloquear o caminho.

— Tem cuidado — disse eu em voz baixa.

Por dentro, estava prestes a explodir.

— E tu não te atrevas a chegar perto da Jacqueline e do Fabian — disse ele em voz alta.

Mais uma vez, lembrei-me do Liam, do sangue no chão da garagem.

— Podes contar com isso — tranquilizei-o. — Já estou farto de vocês todos.

Quando me virei para chamar a Bianca e os miúdos, a expressão no rosto da minha mulher alarmou-me.

— Onde está a Bella? Não a consigo encontrar!

Tentei manter-me calmo. Não se passara muito tempo desde que a vira no jardim. Tinha de estar algures por ali.

— Estava aqui ainda há um instante.

— Onde? Quando? — perguntou a Bianca, colocando o William em cima do sofá. — Viste a tua irmã?

— Hem?

Quando a Bianca lhe arrancou o *iPad* das mãos, o William olhou para mim, perplexo.

— Eu disse ao pai.

— O quê?

Eu não tinha ouvido nada.

— Ela foi ao parque infantil. O pai deixou.

— Deixou?

Não me lembrava de nada disso.

— Ao parque infantil?! — exclamou a Bianca. — A esta hora?

O Åke e a Gun-Britt ficaram a olhar para mim, e o Ola também.

— Sozinha? — perguntou a Bianca. — Está demasiado escuro.

Ela olhou para mim como se eu fosse um desconhecido.

— Não foi sozinha — disse o William. — Foi com o Fabian.



## MIKAEL

## DEPOIS DO ACIDENTE

*Terça-feira, 17 de outubro de 2017*

No máximo uma hora depois de o Roine e de a Majros terem partido, estou ao volante do *Volvo*. Percorro as estradas com os Dropkick Murphys a tocar tão alto que o carro treme. Os para-brisas limpam furiosamente os vidros, e o mundo está envolto em chuva e lágrimas.

Foi o Ola quem atropelou a Bianca? Bem, o Roine não tem dúvidas. Foi ele quem viu ao volante do *BMW*.

A polícia não quis ouvir o seu testemunho. Estão ocupados com outras investigações. Quando falei com a central telefónica, prometeram que me ligavam de volta, mas não vou esperar.

Conduzo pela Fjellievägen em direção a Lund e estaciono de qualquer maneira em frente à esquadra da polícia. A chuva martela o asfalto, e há pessoas a correr para o outro lado da rua, algumas com guarda-chuvas, outras com as camisolas puxadas sobre a cabeça.

Porque é que a Jacqueline e o Fabian não disseram que era o Ola que ia a conduzir? Será que os ameaçou?

Corro para a escadaria de pedra no preciso momento em que um polícia fardado sai do edifício e pára no degrau acima do meu.

— Peter?

Levanto as mãos para me proteger da chuva. Mal consigo ver-lhe a cara.

— O que fazes aqui? — pergunta ele. — Ouvi dizer que a investigação terminou.

— Preciso de falar com um responsável. Tenho informações novas. Há uma testemunha que...

Sem rodeios, agarra-me pelo braço e empurra-me pelas escadas abaixo, em direção à passadeira.

— Que raio estás a fazer?

Olho em volta, mas é claro que um homem fardado a arrastar outro em frente à esquadra da polícia não chama a atenção de ninguém.

As grandes botas do Peter pisam as poças de água enquanto ele me

leva para o beco atrás do edifício azul-celeste do banco.

— Valeu a pena? — pergunta ele.

— Do que é que estás a falar?

A chuva escorre-lhe pelo rosto duro, mas ele não liga. Nem sequer pestaneja.

— A Jacqueline. Valeu a pena? Claro, ela é boa na cama, mas a Bianca está morta. Os teus filhos perderam a mãe.

— Cala a boca — digo.

O Peter cospe entre os dentes.

— Se tivesses mantido a picha dentro das calças, nada disto teria acontecido. Como é que vais explicar isso aos teus filhos? O pai fodeu com a vizinha e a vizinha matou a mãe. Que merda tinhas de te meter com ela? Sabias que ela estava com outra pessoa.

O ciúme inflama-lhe os olhos.

Tento explicar.

— Eu nunca dormi com a Jacqueline. Beijámo-nos uma vez, na véspera de Ano Novo. Foi um grande erro, mas não houve mais nada. Nunca poria em risco a minha família. Podes deixar-me ir agora?

O Peter passa a mão pela franja molhada e examina-me.

— Estás com péssimo aspeto — exclama. — E tresandas a álcool. Devias agradecer-me por não te ter deixado entrar. Talvez tivesses sido preso por conduzir embriagado.

Por entre as bâtegas de água, vejo o *Volvo*, estacionado de lado na rua, com as duas rodas em cima do passeio.

— Mas preciso de falar com alguém — digo. — Não foi a Jacqueline que atropelou a Bianca. Foi o Ola. Um colega meu viu-o. Eles têm de reabrir o caso!

O Peter põe as mãos no cinto.

— Tu não percebes nada. — A compaixão dele é fingida. — Não sabes o que se passou na festa dos vizinhos, pois não? — continua.

Algo dentro de mim petrifica-se. Levo uma mão ao peito.

— O que é que queres dizer?

— Eu e a Jacqueline trocámos mensagens na noite em que vocês estavam na festa dos vizinhos — diz o Peter. — Quando acabei o turno da noite, fui para casa dela. Foi nessa altura que o Fabian se descaiu. Claro que eu não deveria saber.

— Saber o quê?

O Peter faz uma pausa.

Sinto um sabor azedo subir-me até à boca.

— O Fabian ficou destroçado, pensou que o iam mandar de volta para uma daquelas comunidades terapêuticas. Tentou dizer que a Bella tinha mentido e inventado tudo. Provavelmente pensou que eu iria ajudá-lo a safar-se daquilo, de alguma forma.

— Safar-se do quê? Do que é que estás a falar?

A chuva aumenta de intensidade e o barulho obriga o Peter a levantar a voz.

— Não foi a primeira vez que ele fez algo do género — grita. — Da última, também foi com uma vizinha. A neta do tal Bengt.

Levanto o rosto para o céu, enquanto as paredes de chuva se fecham à minha volta.

Vejo uma imagem aterradora diante dos olhos.

A Bella e o Fabian no parque infantil.

Que raio é que ele lhe tinha feito?

## FABIAN

## ANTES DO ACIDENTE

*Verão de 2017*

Não nos convidaram para a festa dos vizinhos. Estou-me nas tintas para a festa da treta deles. Mas tenho pena da minha mãe.

Durante os três primeiros anos da escola primária, havia uma regra: se organizasses uma festa de aniversário, tinhas de convidar a turma *toda* ou ninguém.

O aniversário da Vilda era em abril. Ela não ia fazer uma festa, mas uma *party* com discoteca e «bate-pé», o jogo dos primeiros beijos. Eu também fui convidado, como toda a gente. A Vilda seguiu as regras da escola. Nessa noite, porém, a mãe dela ligou-nos. Era uma advogada de sucesso e fazia parte da direção da escola. Explicou-nos que eu só podia ir à festa com uma condição: a minha mãe estar presente.

*Não queremos ficar com o Fabian à nossa responsabilidade.*

A minha mãe ficou furiosa, mas teve medo de que eu me passasse se ela dissesse alguma coisa.

Algumas horas antes da festa, fiquei com dores de cabeça e também com febre. Disse à minha mãe que não queria ir.

Duas semanas depois, o presente preferido da Vilda, um par de ténis *Nike* brancos com atacadores dourados, desapareceu do bengaleiro da escola.

Seja como for, é uma boa regra. Ou se convida toda a gente ou não se convida ninguém.

Enquanto os outros estão na festa dos vizinhos em casa da Gun-Britt e do Åke, eu dou umas voltas de bicicleta pelo bairro. Ouço as gargalhadas deles e o meu estômago contrai-se. Passado um bocado, o Micke e o Åke saem para a praceta e acendem um charuto horrível. Pedalo então até ao jardim público e meto pela passagem subterrânea.

É a última semana das férias de verão. Em breve terei de voltar à escola. A única coisa boa é que vou poder passar algum tempo com o Micke.

Aquele boato estúpido que a minha mãe ouviu, sobre o Micke ter alegadamente agredido um aluno, deve ser mentira. As pessoas que

espalharam esse boato devem ter sido os mesmos idiotas que falaram mal dele depois da história do Andy. O Micke é bom com aqueles que são bons. É justo. Algumas pessoas têm dificuldade em digerir o facto de ele ter mais coluna vertebral do que os outros professores.

Estou preocupado com a minha mãe. Ela tem de deixar de beber tanto. Se as pessoas começarem a falar, não se sabe o que pode acontecer.

Acho que ela tem saudades do Micke. Depois do beijo, na véspera de Ano Novo, mal se falaram. Gostava de poder fazer alguma coisa. Talvez possa falar com o Micke.

Esta manhã, o Ola estava sentado no sofá. Acho que passou a noite lá em casa. Sim, ultimamente tem sido simpático. Deixou-me conduzir um M3. Mas o pior que podia acontecer era a minha mãe voltar a namorar com ele. Porque ele é mesmo um psicopata. Ele e a minha mãe estiveram juntos por pouco tempo, mas foi o suficiente para eu o topar.

Pedalo sem parar. Seja qual for a direção que tome, o vento está contra mim. Quando volto à rua Combinaguai, vejo a Bella a sair do jardim da Gun-Britt e do Åke.

— Olá, Fabian!

Brilha no seu vestido de lantejoulas e sapatos de bailarina. Diz que vai para o parque infantil.

— Vens empurrar-me no baloiço?

Hesito um pouco. Não vejo nenhum adulto. Será que a deixam mesmo ir tão longe sozinha? Está quase a escurecer.

— Tens de pedir primeiro aos teus pais.

Deixo a bicicleta no barracão do jardim e espero enquanto a Bella pede autorização. Passado algum tempo, vejo-a voltar aos saltos, com o cabelo a dançar nas costas.

— Posso! O meu pai deixou.

Dá-me a mão, e não me deixa escolher. Tenho de ir com ela, não a posso deixar sozinha agora.

— Tens de me empurrar com muita força — diz ela, subindo para o baloiço.

Quando estou prestes a dar-lhe o primeiro empurrão, vejo o grupo perto da tirolesa. Um rapaz grande está agarrado à polia enquanto outros dois o empurram de um lado para o outro.

São o rapaz do boné e os amigos.

— Anda, Bella. Vamos voltar para trás.

— Não! — Lança-me um olhar desapontado. — Quero andar de baloiço. Tu prometeste!

Dou outro empurrão, olhando para a tirolesa. Raios, é demasiado tarde. O tipo do boné saltou para o chão, e agora o grupo inteiro vem na nossa direção.

— É a tua irmã? — pergunta o rapaz do boné.

A Bella percebe imediatamente que se passa algo errado.

— Ou a tua namorada? — disse o amigo com o gorro da *Adidas*, rindo-se.

Agarro a Bella por baixo das axilas para a tirar do baloiço.

— Não! — exclama ela. — Outra vez.

Afasta a minha mão e agarra-se ao baloiço.

— Outra vez — disse-lhe o rapaz do boné. — Porque não vêm antes para a tirolesa?

A Bella cala-se e lança uma olhadela demorada à tirolesa. Sei que ela não gosta daquela atração. É bastante alta e anda demasiado depressa. Eu tinha dez anos quando me atrevi a andar pela primeira vez. A Bella só tem cinco.

— Vá lá, coragem — diz o tipo do boné. — Ela tem de tentar.

— Não — diz a Bella. — Não quero.

— Vá lá, Fabian, pega-lhe — diz o rapaz do boné.

A Bella sacode as pernas quando tento agarrá-la.

— Não há perigo. Prometo. Uma volta, e ficamos livres deles.

— Vamos — insistem os rapazes. — Senão podes ir tu, Fabian. Nu. De cabeça para baixo.

Riem-se. O rapaz do gorro da *Adidas* dá-me uma cotovelada de lado, fazendo-me perder o equilíbrio.

A Bella está aterrorizada, mas acaba por anuir com a cabeça. Aceita andar para me salvar.

No entanto, assim que a tiro do baloiço, arrepende-se.

— Fabian, não quero!

— Quem é que vai? — pergunta o tipo do boné, que está a perder a paciência. — Tu ou ela? A escolha é tua.

A Bella começa a chorar.

Gostava de poder fazer alguma coisa, mas não vou andar nu na tirolesa. O vídeo iria parar à Internet, e eu seria rotulado como «o aleijado nu na tirolesa». Por vezes, temos de fazer sacrifícios para salvar a pele, mesmo que seja errado.

— Desculpa — sussurro à Bella.

Depois levo-a para a tirolesa. Ela dá pontapés e agita os braços, mas seguro-a com força.

Quando a coloco na rampa, está a chorar.

— Não há perigo — sussurro. — É só um bocadinho. Depois eles deixam-nos em paz.

— Não quero.

— Quem é que decide, Fabian? — pergunta o do boné. — Tu ou a maninha?

Apesar de não querer, empurro a Bella em direção à pequena plataforma.

— Só um passeio rápido. Segura-te bem e não te largues enquanto não parar completamente.

O olhar dela magoa-me. Mas às vezes temos de fazer as coisas, mesmo que não queiramos. É assim que funciona.

— Vá lá, põe-na aí! — grita o do boné.

Agarro a polia que se aproxima, em voo. Entretanto, a Bella anda às voltas na plataforma. Não pode ir a lado nenhum. Está a dois ou três metros do chão, e eu estou ali a bloquear as escadas.

Quando a obrigo a subir para o assento circular, fico com um nó na garganta. Ela agarra a corda e levanta os pezinhos.

JACQUELINE  
ANTES DO ACIDENTE

*Verão de 2017*

Aquele sábado foi longo. De manhã, o Ola fez café e perguntou-me se queria que ele ficasse. Disse que até podia não ir à festa dos vizinhos. Mas sob a luz crua da sobriedade, eu queria livrar-me dele o mais depressa possível.

— Liga-me se houver alguma coisa — disse antes de ir embora. — Qualquer coisa.

Já me tinha arrependido amargamente.

Na cozinha, encontrei a garrafa de vinho a olhar para mim da prateleira. Fugi para o quarto, depois para a borda da banheira, de seguida para o relvado, mas ansiava por uma bebida. Cedi antes do almoço.

— Mãe... — diz o Fabian.

Os mesmos olhos de quando era criança.

Eu estava morta de vergonha. Era repugnantemente fraca e patética.

— Eu sei. Não devia ter feito isto... Vou parar...

As minhas promessas eram vãs. Estava de volta à mesa da cozinha, com um copo na mão.

— O último — prometi.

Ou, pelo menos, um dos últimos.

O Fabian virou-me as costas e foi-se embora.

— Aonde vais?

— Andar de bicicleta.

O que é que eu podia dizer? Eu compreendia. Eu também andava sempre a fugir.

Tinha um medo danado de não resistir muito mais, de passar dos limites de uma vez por todas.

As horas corriam lentamente na rua Combinaguai, e eu estava sentada à janela. Pela fresta da persiana, via o Micke e o Åke no pátio e pequenas nuvens de fumo a subir.

Tinha de sair dali.

Mas desta vez não queria fugir. Tinha de voltar a ter a minha vida



nas mãos.

Então, a certa altura, quando o crepúsculo se começava a instalar, vi o Fabian pela janela. Todo o peso do meu peito foi parar ao chão. A respiração tornou-se mais fácil.

Depois vi outra pessoa com ele.

Estiquei o pescoço. Era a Bella, a atravessar a praca aos saltinhos. De mão dada com o Fabian. O meu filho caminhava rapidamente, com um olhar decidido. Desapareceram pelo caminho.

A preocupação corroía-me. Em breve estaria escuro. Se havia coisa de que tinha medo, era de deixar o Fabian sozinho com a Bella.

Cambaleei até à janela do corredor, mas eles estavam longe da vista. Entrei na casa de banho para lavar a cara com água fria e depois saí para a frescura da noite.

Mal tive tempo de dobrar a esquina.

A Bella vinha a correr na minha direção, a guinchar, com as mãos e os joelhos sujos. O cabelo estava todo desgrenhado, e o vestido cheio de areia. Tinha os olhos escancarados, como grandes feridas abertas.

— Não! — exclamei. — Não, não!

Agachei-me e apertei-a com força. Acariciei-lhe as costas e tentei acalmá-la.

Lembrei-me da Alice. Consegui vê-la de novo a cerrar os dentes nos braços grandes do Bengt, junto à piscina, naquele lindo e maldito dia de verão. Eu segurava a Bella da mesma maneira, abraçando-a para que parasse de tremer.

— Não podes contar isto a ninguém — disse eu. — O Fabian pode ir parar a uma comunidade. Aquele sítio é como uma prisão. — A Bella soluçava contra o meu ombro. — Prometes? — perguntei.

Ela acenou com a cabeça.

Um momento depois, o Fabian entrou a correr com o coração na garganta.

— Que raio fizeste?! — exclamei.

— Desculpa.

Estava ofegante, com as mãos apoiadas nas coxas. Aproximou-se da Bella e começou a pedir desculpa.

— Não lhe toques! — disse eu, empurrando-o para longe. — O que é que se passa contigo?

— Fui obrigado. Eu não queria...

— Obrigado? Que diabo, Fabian!

— Não fiz de propósito...

Gritei-lhe para que se calasse. Depois fechei os olhos e respirei fundo. Era como se me tivesse dissociado da realidade. Como se entrasse noutra coisa, noutra coisa negra.

— Bella! Bella! Está ali.

Primeiro vieram os gritos. Depois vi o Micke e a Bianca a correr

pelo pátio.

— Bella!

Os saltos da Bianca ecoavam no asfalto.

Abraçou a Bella e depois a sua alegria transformou-se em raiva furiosa. Gritou para mim.

— Ela só tem cinco anos!

— Eu encontrei-os no parque infantil — menti. — Viemos diretamente para aqui.

Procurei o olhar do Micke. Estaria ele a pressentir alguma coisa?

— Não vês que isto é muito inapropriado? — perguntou a Bianca.

— Compreendes, não compreendes, que não podes desaparecer assim? — disse o Micke ao Fabian, que acenou com a cabeça sem olhar para a cara de ninguém.

— Isto é uma loucura — continuou a Bianca. — Por favor, não se aproximem de nós! Somos vizinhos, mas isso não quer dizer que tenhamos de conviver.

Não valia a pena dizer nada. Só me restava esperar pelo silêncio da Bella.

— O importante é que a Bella esteja bem — disse o Micke.

A Bianca lançou-lhe um olhar de reprovação.

— Sim, graças a Deus, está bem.

Um pouco adiante, debaixo do lampião, estava o William, com um *iPad* a piscar na mão.

— Vou para casa — disse a Bianca ao Micke.

Pôs a Bella na anca e pegou na mão do William.

— Já vou — respondeu o Micke.

Aproveitei a ocasião para indicar a porta ao Fabian. Ele entrou em casa sem fazer barulho.

Apetecia-me vomitar.

A culpa era toda minha. Sabia que uma coisa destas podia acontecer, mas não tinha feito nada para o evitar. Continuei a sentir pena de mim própria e a beber até o meu cérebro enlouquecer.

A minha cabeça rodopiava. Olhei para o Micke.

— Não sei o que dizer. Desculpa.

Ele enfiou as mãos nos bolsos.

— Acho que está tudo bem. A Bianca entrou em pânico por não conseguirmos encontrar a Bella.

— Não foi só isso que eu quis dizer — disse eu.

Ele acenou com a cabeça.

— Eu sei.

Eu tinha de lhe dizer. Era a única coisa certa a fazer.

— Olha... eu...

As palavras cresceram-me como cogumelos na boca.

O Micke esperou, pacientemente. Quase não tive coragem de o

olhar na cara. Aquele sorriso tranquilizador, os seus lábios. Ainda sentia o seu sabor.

— Acho que não aguento mais.

Disse-o e pronto. Precisava de me libertar.

O Micke tirou as mãos dos bolsos e olhou para mim com preocupação.

— O que é que queres dizer?

— Chega aqui um minuto — disse eu, colocando a mão no portão. Não podíamos ficar onde os outros nos pudessem ver.

Ele hesitou, olhando em volta.

— Está bem. Só um segundo.

Segui-me até ao jardim, e sentámo-nos no sofá de vime, nas traseiras. Levantara-se vento, e os grilos cantavam. O olho da lua fitava-nos do céu escuro.

Pensei na Bella. Era tão pequena. Era uma experiência que carregaria consigo para o resto da vida. Mudaria alguma coisa se eu contasse a verdade? Não tinha a certeza.

O Micke olhou para mim, intrigado.

— Sempre fugi de tudo — comecei. — Quando as coisas se complicam, seja por minha causa ou por causa do Fabian, faço as malas e vou-me embora. Não sou capaz de fazer outra coisa. Não sei como ficar, como voltar a pôr as coisas em ordem. Sou uma pessoa que estraga tudo e depois desaparece.

Senti estar novamente numa encruzilhada. Talvez a última.

O Micke esfregou o nariz.

— Podes sempre mudar. Tornares-te outra pessoa — disse ele.

Quem me dera que fosse assim tão fácil.

— Não sou boa com despedidas.

Porque aquilo era uma despedida, ou não?

Se o Micke soubesse a verdade, odiar-me-ia para sempre.

— Às vezes é bom chegar ao fim de alguma coisa — disse ele. — Para começar de novo.

— Humm. O Fabian não pensa assim.

Onde é que eu tinha errado com ele? O pai teria alguma coisa que ver com aquilo? Era, sem dúvida, um sacana misógino e abusador. Talvez não se conseguisse eliminar da genética.

— Se não fosse o Fabian, eu já teria deixado Köpinge há muito tempo. Ele não suporta mudanças.

Quanto tempo é que a Bella seria capaz de manter o segredo? Havia o risco de já ter contado à Bianca. Ela ficaria furiosa como uma hiena, claro.

— E o Peter? — disse o Micke. — Já não o vejo por cá há algum tempo.

— Está fora da minha vida. Para sempre, espero.

O Micke não precisava de dizer nada. Os seus olhos revelavam tudo.

— É o meu maior dom — continuei —, arranjar os homens errados. Tudo teria sido mais fácil se eu tivesse escolhido um homem como tu.

O Micke pôs as mãos nos joelhos. O seu olhar vagueou e a voz enfraqueceu.

— Eu amo a Bianca. Nunca foi minha intenção fazer-te acreditar noutra coisa. Desculpa.

Desviou o olhar.

— Não peças desculpa.

A voz dentro de mim continuava a falar, e a culpa consumia-me. Tinha de lhe contar. A verdade acabaria por vir à tona.

— Fugir não ajuda — disse o Micke. — Eu próprio já tentei.

De repente, olhou-me nos olhos.

Era um gesto de confiança.

— Eu sei — disse eu. — Soube o que se passou em Estocolmo.

— O quê? Como descobriste?

— Sabes como as coisas funcionam aqui.

O Micke fez um sorriso resignado e depois perguntou-me o que eu sabia exatamente.

— Não muito. Apenas que foste despedido por teres agredido um aluno.

Ele baixou os ombros, cabisbaixo.

— Cometi um erro de julgamento. Era um tipo grande que estava a empurrar uns alunos, e tentei impedi-lo. Gritei-lhe que parasse, mas ele estava fora de si. Acabei por lhe saltar para cima e consegui derrubá-lo. Partiu o pulso e um dente.

Não fora exatamente assim que o Ola me tinha contado.

Pensei no que tinha acontecido com o Andy, em como o Micke defendera o Fabian.

— Foi um acidente — disse eu, numa tentativa de o consolar. — Fizeste o mais acertado. O que havias de ter feito? Ficar a assistir enquanto esse aluno empurrava e batia nos outros?

Não tive coragem de dizer nada relativamente ao que ele tinha feito aos ladrões na garagem. O Ola certamente também teria exagerado sobre isso também.

— Mais tarde soube que o rapaz tinha sido vítima de *bullying* durante quase toda a sua vida escolar — disse o Micke calmamente. — Espancamentos, cuspidelas, as piores coisas. Aparentemente, *toda* a gente na escola sabia.

— Caramba.

Era pior do que eu pensava. De repente compreendi, ao ver o Micke pelo que ele era. Um homem cujas boas intenções tinham tido

consequências terríveis. Há coisas de que não se pode fugir.

— Depois de todos aqueles anos, fartara-se e, quando miúdos mais novos do que ele lhe faziam a vida negra, retribuía o empurrão. Acabou por se defender, e eu apareci nesse instante e parti-lhe o pulso.

— Mas não podias saber.

— Eu devia saber. Os outros sabiam. Quando tentei explicar as minhas razões e pedir desculpa, nem o aluno nem os pais me deram ouvidos.

— Fogo.

O Micke inclinou-se para a frente. O luar iluminava-o de lado, e uma brisa ligeira agitava a sebe atrás de nós.

— Três semanas depois, o rapaz decidiu suicidar-se. Tinha apenas treze anos.

Que pesadelo. Só de pensar nisso, fiquei atordoada. Ultimamente, receava que o Fabian fizesse a mesma coisa.

O Micke escondeu o rosto entre as mãos, e acariciei-lhe as costas.

— Depois convenci a Bianca a vir para cá — disse ele. — Fugi de tudo.

Nesse aspeto, éramos mais parecidos do que eu pensava.

— É estranho. Quando o Fabian nasceu, eu só pensava nos bons momentos que se avizinhavam. Queria que ele crescesse feliz. Fingia não ver tudo o resto. As coisas difíceis.

— Parece-me um comportamento muito humano.

Talvez ele tivesse razão. Mas eu não queria fingir que não via. Ainda tinha uma hipótese de salvar tudo. Isso não significava que não me importasse com a Bella, que não desaprovasse o que o Fabian tinha feito. Mas, se a verdade viesse à tona, provavelmente abrir-se-ia uma fenda irrecuperável entre mim e o meu filho. Afinal, no fim de tudo, pensamos em nós próprios e na nossa família.

— Ando a beber demasiado, Micke. Já não consigo gerir a coisa.

Ele endireitou as costas, e eu retirei a mão.

— Podes procurar ajuda. Quero dizer, de um médico.

É óbvio que ele percebera a gravidade do assunto. Em Köpinge deviam certamente falar de mim.

— Mas o que é que aconteceria ao Fabian? Se tivesse de me fechar num centro de reabilitação durante semanas, para onde iria ele?

— Deve haver uma maneira — respondeu o Micke. — Posso falar com o psicólogo da escola.

— Não!

Não deveria fazê-lo, de todo.

— Só queria que soubesses — expliquei. — Se um dia não nos voltares a ver, significa que fizemos as coisas à minha maneira.

— Não é algo de que possas fugir, Jacqueline. Para onde irias? Liga

para os serviços sociais, para que vos possam ajudar.

— O Fabian não me perdoaria. Seria a maior traição, para ele, se fosse parar a uma família de acolhimento ou a uma instituição. Nunca mais me falaria.

O Micke devia saber que era verdade. Conhecia o Fabian suficientemente bem para o compreender.

— Gostava de poder fazer alguma coisa.

A sua tendência para querer salvar o mundo, achando-se tão bom, por vezes irritara-me, no passado. Agora, porém, as suas atenções aqueciam-me o coração.

— Imagina só se nos tivéssemos conhecido quando eu era mais nova. Antes de tudo isto — disse eu.

— Não me terias ligado nenhuma — respondeu ele.

Ambos sorrimos.

— É verdade. Infelizmente.

Os seus olhos brilhavam como estrelas na noite. A lua engolira metade do céu, e a rua Combinaguai cheirava a magia.

Olhei para os seus lábios.

## MIKAEL

## ANTES DO ACIDENTE

*Verão de 2017*

Deixei a Jacqueline no sofá de vime e atravessei o acesso a toda a velocidade. Subi as escadas sem fazer barulho e dei uma olhadela aos quartos das crianças. A Bella e o William estavam a dormir tranquilamente. Sussurrei na escuridão que os amava muito.

Na cama de casal estava a Bianca, com o cobertor sobre os joelhos.

— Onde estiveste?

Não parecia zangada, apenas cansada.

— Estive a esclarecer as coisas com a Jacqueline — respondi.

Ela envolveu-se no cobertor enquanto eu me despia. O cheiro do charuto do Åke impregnara tudo.

— Desculpa se entrei em pânico — disse a Bianca. — Imaginei cenas terríveis. Mas a Bella está ótima. Perguntei-lhe se o Fabian tinha feito alguma coisa má, mas parece que ela caiu da tirolesa.

— O Fabian precisa mesmo de ajuda. Assim que as aulas recomencem, tenho de tratar do assunto.

Algo tinha de mudar antes que fosse demasiado tarde. Sentei-me na beira da cama e descalcei as meias.

— O que é que a Jacqueline disse? — perguntou a Bianca.

Virei-me para olhar para ela.

— Ela é alcoólica. Também precisa de ajuda.

A Bianca olhou-me com ar pensativo. Em torno da sua boca, alguns músculos contraíram-se.

— Ajuda da tua parte?

— Claro que não. Acabaram-se os convívios. Devia ter-te dado ouvidos desde o início.

Pareceu aliviada. A sua mão pousou no meu joelho.

Levantar-me daquele pequeno sofá no jardim da Jacqueline assinalara o fim. Ela dissera que não era boa em despedidas, por isso tínhamos apenas olhado um para o outro, sem falar. Ambos sabíamos que era uma despedida.

— O Ola estava completamente embriagado hoje — disse a Bianca.

— Mudou imenso. E pensar que gostava dele antes.

Sim, tinha-se passado completamente. Primeiro a tarefa na garagem, agora aquilo. Só de pensar nisso, fiquei furioso.

— Aquilo que ele disse sobre mim e a Jacqueline é mentira. Sabes, não sabes? Nunca houve nada entre nós. Aquele beijo foi um erro terrível.

A Bianca comprimiu os lábios. Os seus olhos estavam tristes. Odiava-me por ter sido responsável por isso.

Se queríamos ter uma hipótese, a verdade tinha de vir ao de cima.

— Também aconteceu uma coisa na véspera de Ano Novo. Devia ter-te contado há muito tempo.

Se a Bianca me perdoasse isso, todas as minhas dúvidas se dissipariam.

Eu sabia que um beijo podia destruir uma vida, mas nunca mais deixaria que alguém me roubasse um segundo sequer. Também o dissera à Jacqueline. Nunca é demasiado tarde para mudar.

— À meia-noite — continuei. — Quando eu e a Jacqueline estávamos a ver o fogo de artifício.

A Bianca não desviou o olhar. Depois colocou a mão no meu cotovelo, interrompendo-me.

— Já sei. O Ola contou-me. Viu-vos da janela.

As lágrimas picaram-me os olhos.

Não queria viver sem a Bianca.

— Foi um erro. Amo-te. Sempre te amei.

Ela aproximou-se, abriu os braços, e abraçámo-nos. Os nossos olhares cruzaram-se para sempre.

— Eu também te amo — disse ela.

Tudo parecia mais leve. Os vasos sanguíneos dilatavam-se, o coração recuperava espaço, os pulmões expandiam-se. O ar estava livre para entrar no meu corpo.

— Devíamos mudar de casa — disse a Bianca.

— Um recomeço? — sussurrei.

Ela soltou uma gargalhada.

Coloquei a mão na face dela.

— Serás capaz de me perdoar?

A minha voz desfez-se em pó.

Olhámos um para o outro durante muito tempo. O silêncio era total, ouvia-se o sono das crianças do outro lado da parede.

— Estás perdoado.

Todos os relógios pararam, abriu-se outro universo.

Durou apenas alguns segundos, mas nunca mais teria fim.

— Tive saudades tuas — sussurrei.

A Bianca cravou as unhas nas minhas costas como se não me quisesse soltar, nunca mais.

— *Para sempre* — disse ela.



JACQUELINE  
ANTES DO ACIDENTE

*Verão de 2017*

O que fazemos quando percebemos que há algo errado com o nosso filho? Antes de tudo isto, eu sabia exatamente o que fazer. Pensava ter todas as respostas. Mas com as crianças nada é simples.

Era decididamente uma doença, um defeito do cérebro. Eu ensinara o Fabian a respeitar as pessoas. Tínhamos falado durante horas sobre o direito das raparigas a decidir sobre o seu próprio corpo e sobre alguns limites que não devem ser ultrapassados. Mas também tinha a certeza de que não havia muitos miúdos de quinze anos que tivessem sido tão perseguidos como ele. A memória do que acontecera à Alice permanecia num canto da minha mente.

Haveria mesmo algo que fosse apenas branco ou apenas preto? Quando o Micke atacou aquele aluno em Estocolmo, fê-lo para defender os outros miúdos. Muitas vezes, não dispomos de uma visão completa da situação. É demasiado fácil tirar conclusões precipitadas e fazer julgamentos apressados.

O Micke seria obrigado a viver com as consequências de um ato para o resto da vida.

O mesmo se aplicava a mim.

Talvez a Bella tivesse revelado o que se passara no parque infantil. Ou talvez não. De qualquer forma, esperava que ela saísse mais ou menos ilesa.

Naquele terrível sábado, no final de agosto, muito depois de eu e o Micke nos termos despedido pela última vez, o Peter apareceu-nos com toda a sua violência.

O Fabian deixou-o entrar na sala e tentou acalmá-lo com palavras, enquanto eu permanecia trancada na casa de banho, sentada na borda da banheira com as mãos nos ouvidos, a tentar escapar da única forma que me restava.

— Desaparece! — gritei. — Acabou-se. Nunca mais te quero ver!

O Peter martelava a porta com murros e pontapés.

— Abre a merda da porta! Ou está alguém aí dentro contigo?

Finalmente, o Fabian contou o que se passara. Disse que tinha

levado a Bella para o parque infantil e que lhe tinha feito mal.

— A minha mãe diz que os serviços sociais vêm buscar-me.

— Com toda a certeza — retorquiu o Peter.

— Mas eu fui obrigado. A única coisa que fiz foi pô-la na plataforma da tirolesa. Não podes fazer nada, sendo polícia?

Estava arrasado. Nunca o tinha ouvido tão desesperado. Aquilo tinha de acabar de alguma forma.

Mal o Peter desistiu e saiu, peguei no telemóvel e enviei-lhe uma mensagem.

«Se não parares de me ligar, faço queixa de ti.»

A manhã seguinte foi o início da minha nova vida.

Decidi-me quando ouvi o desespero na voz do Fabian. Ou talvez antes, ainda, quando estava a falar com o Micke. Na verdade, apercebi-me disso no momento em que o Micke se levantou do sofá e me deixou sozinha sob o luar.

— Não está a funcionar — disse ele.

O resumo da minha vida.

Naquele preciso instante, decidi. Tinha de funcionar.

Estava na derradeira encruzilhada, e só havia um caminho a seguir.

Não podia desperdiçar mais anos. Não podia dar mais passos em falso. Recusava-me a continuar a rastejar, não iria baixar a cabeça nem perante os homens nem perante o álcool.

Não iria fugir. Faria o que estava certo.

Era feio e cínico pôr a culpa nos outros, mas o Fabian nunca me perdoaria se descobrisse como as coisas eram. Não me compreenderia. Para ele, o facto de eu poder precisar de ajuda exterior fazia de mim uma pessoa fraca e ridícula, pois, no fundo, bastava controlar-me e decidir parar, tendo em conta os sacrifícios que também teríamos de fazer se eu fosse para um centro de reabilitação.

Mas não podíamos continuar assim. Ambos precisávamos de ajuda.

Como um cão de caça, vasculhei divisão após divisão, virei a casa do avesso e procurei por todo o lado. O lava-louça ficou tingido de vermelho, e as garrafas vazias amontoaram-se na bancada da cozinha.

Passado algum tempo, o Fabian saiu do quarto.

— O que estás a fazer, mãe?

Tapou o nariz.

— Estou farta destas coisas.

Quando a última gota de vinho desapareceu pelo ralo, lavei o lava-louça com água a ferver.

O Fabian sentou-se, com os cotovelos apoiados na mesa. O cabelo caía-lhe sobre o rosto marcado pelo sofrimento.

— O que aconteceu ontem — disse ele — não é o que tu pensas.

Virei-me de costas para ele e dirigi-me para o vapor que saía do lava-louça. Não sabia como lidar com aquilo. Enojava-me ouvi-lo.

— Eu obriguei a Bella a andar na tirolesa — continuou o Fabian.  
— Estavam lá uns rapazes da escola e obrigaram-me a fazê-lo. Mas...

Fechei a torneira, e as últimas baforadas de vapor dispersaram-se pelo ar.

Olhei para ele.

— Mas o quê?

— Fui eu que a empurrei. Se ela se tivesse aguentado melhor, nunca teria acontecido. Mas a Bella soltou-se. Caiu direitinha na areia.

Parecia desesperado, mas sincero.

Teria eu tirado conclusões precipitadas, interpretado mal?

Impossível. Nesse caso, ele teria reagido, não?

— Desculpa — disse ele. — Foi cruel, mas não fiz mais nada. Não toquei na Bella, nunca faria isso.

Não acreditei nele. Doía como o inferno, mas não podia confiar nele. Eu sabia do que ele era capaz.

— Porque não disseste nada ontem?

Os olhos dele eram um campo de batalha.

— Não consegui. Não me quiseste ouvir. Tentei explicar ao Peter, mas ele também não acreditou em mim. Ninguém acredita em mim.

A dor estava a consumi-lo.

Eu queria tanto acreditar nele. Estava bêbeda e confusa quando os vi sair juntos. Quando ela voltara a correr, desesperada e suja, o meu cérebro só tinha visto uma explicação plausível.

Agora já não tinha tanta certeza.

Uma coisa sabia sem qualquer dúvida: eu precisava de ajuda.

Na segunda-feira de manhã levantei-me cedo para fazer um telefonema. Primeiro para o centro de desintoxicação de Nämndemansgården, depois para os serviços sociais do município de Köpinge.

Uni as mãos e rezei às forças superiores para que o Fabian me perdoasse.

Se alguma vez descobrisse a verdade.

## MIKAEL

## DEPOIS DO ACIDENTE

*Terça-feira, 17 de outubro de 2017*

A chuva já quase parou, mas o ar continua carregado quando saio do carro e entro no acesso a casa. Com mãos desajeitadas, enfio a chave no buraco da fechadura. No corredor, dispo o casaco e subo as escadas a correr.

A cama da Bella está vazia, mas no quarto do William está a Sienna, na cadeira de baloiço, com os meus dois filhos ao seu lado, enfiados debaixo dos cobertores.

A Sienna faz-me sinal para não fazer barulho.

As crianças dormem profundamente, com as bocas tranquilas. De mãos atrás das costas, observo a sua respiração calma. Ao mesmo tempo, a consciência de que as suas vidas mudaram para sempre penetra-me nos poros. Os meus filhos já não têm mãe. O William já tem idade suficiente para ser dominado pela dor em qualquer momento. A Bella tem o inferno à sua espera ao virar da esquina.

A Sienna aproxima-se de mim. Nas suas faces vejo marcas de lágrimas.

— Devias tentar dormir também — sussurra ela.

Sei que ela tem razão.

Olho para o William e para a Bella e sei que também devia dormir.

— Tenho de fazer uma coisa primeiro — digo.

— Tens a certeza? — pergunta a Sienna.

Respondo com sinceridade.

— Não.

Mas faço-a na mesma.

Volto lá para fora.

Sob o lampião, o chuveiro parece quase imóvel, e, por trás das persianas da cozinha da Jacqueline, a luz está acesa.

Contorno o *BMW* e bato à porta até me doer a mão.

— Jacqueline! Fabian! Abram a porta!

Atravesso o relvado, esfrego os nós dos dedos na palma da mão e bato na porta das traseiras.

— Abram! Sei que estão aí dentro.

Quando encosto o nariz ao vidro, vejo uma silhueta na penumbra.

— Fabian! Preciso de falar contigo.

Ele olha para mim através do vidro embaciado, como se tivesse acabado de acordar. Pendura os auscultadores ao pescoço e abre o fecho. Rápido como um relâmpago, agarro a porta e abro-a de par em par, sobressaltando o Fabian. Os auscultadores caem nos ladrilhos.

— O que é que se passa? A minha mãe não está cá.

Recua um passo em direção à parede de tijolo. Cerro o punho e sinto os músculos do braço contraírem-se.

Volto a ver o Andy, em frente à porta da casa de banho do liceu, e o rapaz grande no recreio da escola de Estocolmo, aquele que já não está vivo.

Tenho a violência dentro de mim.

— Eu sei o que fizeste à Bella — digo.

— Não.

O Fabian suspira. Está pálido e encosta os ombros à parede.

— Sei o que fizeste no parque infantil, durante a festa dos vizinhos.

Ele olha em volta, à procura de uma saída. Levanta as mãos à sua frente. As mesmas mãos que tocaram na Bella.

— O que queres dizer?

Desvia o olhar por cima do meu ombro e, no instante em que viro a cabeça, desata a correr. Dou três passos rápidos, estendo a mão para o apanhar e torço-lhe o braço esquerdo atrás das costas.

— Chega, chega!

Sinto a adrenalina correr-me nas veias. Não me consigo conter. Empurro o Fabian contra a porta e atiro-o para dentro de casa.

— Ela tem cinco anos, seu sacana. Sabes que é doentio, não sabes?

— Mas eu não lhe toquei!

A minha mão agarra-lhe o queixo e prendo-o à parede, quase o impedindo de respirar.

— Tens de acreditar em mim — suspira ele. — É verdade, fui um parvo com a Bella no parque. Estavam lá uns miúdos da escola, eles obrigaram-me. Obriguei-a a subir à tirolesa e... — Recuperando o fôlego, engole em seco. — Ela não queria andar, mas eu disse-lhe para se agarrar com força. Foi só isso. Não fiz mais nada!

— Estás a mentir. O Peter disse que tocaste na Bella.

— O Peter?

Um véu de insegurança cai no seu olhar, e eu afrouxo um pouco a constrição.

— Confessaste-lhe, nessa noite.

— Não, perguntei-lhe o que é que ele achava que me ia acontecer. A minha mãe estava muito zangada, e eu estava assustado, a pensar que os serviços sociais me viriam buscar. Tentei explicar ao Peter que não tinha tocado na Bella, mas ele estava fora de si porque a minha

mãe se tinha fechado na casa de banho e não queria falar com ele.

Relaxo um pouco mais o aperto. As forças estão prestes a abandonar-me.

— Juro — diz o Fabian. — Não lhe fiz nada.

Não sei o que pensar.

— O Peter parecia ter tanta certeza.

— E a Bianca achava o mesmo? — perguntou o Fabian. — Foi por isso que ela chamou os serviços sociais? Eles vieram buscar-me para me levar para uma comunidade terapêutica na floresta. Foi a pior coisa que me aconteceu.

A recordação fá-lo estremecer.

Mas penso que ele deve estar enganado.

— Não foi a Bianca que chamou os serviços sociais — digo.

Se ela achasse que o Fabian tinha tocado na Bella, ter-me-ia dito logo. E a Bella também teria dito alguma coisa.

A respiração do Fabian está pesada. Olha para mim, confuso.

— Sei que o Ola também lá esteve na sexta-feira — digo. — Foi ele que atropelou a Bianca?

— Não, só estava eu e a minha mãe no carro.

Garante que nunca diz mentiras, mas não acredito nele.

— Sei que o Ola estava sentado no carro, algumas pessoas viram-no.

O Fabian abana a cabeça.

— Encontrámo-lo no parque de estacionamento do Ica. Ele queria experimentar sentar-se no lugar do condutor do *BMW*. Mas quando voltámos para casa ele não estava connosco.

A minha mão alonga-se. Bato com ela no peito do Fabian.

— Estás a mentir!

Sinto estalar sob a minha mão. Toda a minha raiva se concentra nos nós dos dedos.

O Fabian solta um gemido.

— É verdade. O Ola sentou-se no carro, mas saiu antes de irmos embora.

Os pensamentos martelam-me a cabeça. Porque é que ele se sentaria no carro e sairia logo a seguir?

— Mas não percebes? A Bianca morreu!

Aperto o punho com mais força ainda contra o peito dele.

— Foi um acidente.

— É impossível. Devem tê-la visto. Porque não travaram?

O Fabian contorce-se espasmodicamente e arfa, aflito.

— O pedal errado. Acho que a minha mãe carregou no pedal errado.

— Tretas!

— O carro tinha acabado de abrandar — diz o Fabian. —

Devíamos ter travado, mas é fácil carregar no pedal errado. Carrega-se no acelerador por engano.

É uma reconstrução *a posteriori*. O Fabian não sabe nada acerca de conduzir um carro. Um condutor normal não carrega no pedal errado.

— Vá, quero a verdade — digo, pondo de novo as mãos à volta do pescoço dele.

Sinto-me como se tivesse uma enguia a contorcer-se no meu peito comprimido, enquanto o Fabian grita sob as minhas mãos. Odeio violência, mas, no fim de contas, é como se nada mais restasse.

Um ruído. A chave na fechadura e o soalho do vestíbulo a ranger.

Eu e o Fabian fitamo-nos nos olhos. Solto-o imediatamente, e ele enche os pulmões de oxigénio. Baixa rapidamente o olhar.

Por um breve instante, esqueço-me dos meus filhos, de tudo o que ainda existe. Nos meus pensamentos só existe a Bianca. E tudo está perdido.

— Agora já consegues mentir — digo. — Mentiste quando disseste que não conseguias mentir.

— Lamento. Não vou mentir mais.

A Jacqueline chama-o da porta, mas o Fabian não ergue o olhar.

— Era eu que ia a conduzir — diz ele.

## MIKAEL

## ANTES DO ACIDENTE

*Outono de 2017*

Uma semana depois da festa dos vizinhos, as aulas recomeçaram. Estava diante da sala do 9.º ano a tirar fotocópias quando os alunos chegaram, bronzeados e exaustos depois de um longo verão.

Sempre gostei dessa altura, quando o outono é jovem e temos todo o ano letivo pela frente. De certa forma, é libertador, abraçar um recomeço, reiniciar e principiar de novo.

— Ouviste? — O Kenneth aproximou-se sorrateiramente por trás de mim. Olhou em redor e baixou o tom de voz. — Ouviste a do Selander?

— O que foi?

O Kenneth era o diretor de turma do Fabian.

— Não andas com a mãe dele? Pensei que soubesses.

O que se passa agora? Perdi a concentração, apercebendo-me tardiamente de que a fotocopiadora estava a cuspir papéis para o chão.

— O Fabian já não está na escola — disse o Kenneth. — Foi retirado.

Então a Jacqueline fizera a única coisa que sabia fazer. Reunir as suas coisas e fugir.

— A mãe está num centro de desintoxicação — disse o Kenneth. — Em Nämndemansgården.

Num centro de reabilitação?

Nunca teria imaginado.

— Parece-me sensato — disse eu. — Mas e o Fabian? Aonde é que ele foi parar?

O Kenneth pôs a mão na barriga e olhou novamente em redor.

— Ficou à responsabilidade dos serviços sociais.

Em breve, meia Köpinge ficou a saber do caso. Corria o boato de que o Fabian fora levado para uma comunidade terapêutica situada pelas florestas de Småland, enquanto a Jacqueline fazia o tratamento.

— Claro que ela bebe demasiado — afirmou a Gun-Britt. — Mas



aquela mulher tem problemas muito mais graves.

Ela e Åke tinham-se proposto descobrir o que acontecera depois da festa dos vizinhos.

— E o Ola parece ter desaparecido — acrescentou a Gun-Britt.

Nós também não soubéramos mais nada dele. Claro que não me importava. A Bianca cruzara-se com ele em frente ao banco, mas ele virara-se e fora-se embora.

— Podia ao menos pedir desculpa — disse o Åke.

— Vá lá — interveio a Gun-Britt. — Estava com os copos.

Mal viraram costas, sentei-me no sofá com o computador, entrei na Hemnet e comecei a procurar apartamentos em Lund.

— Olha para este: quatro quartos, ao lado do Sofiaparken.

A Bianca enterrou-se no sofá ao meu lado.

— Muito bom.

— Também tem um preço razoável.

Ela aproximou-se do ecrã e fez *zoom*. Parecia bastante satisfeita. Tínhamos deixado a pior crise atrás das costas, talvez pudéssemos reinventar-nos. Os serões no Rålbhovsparken, as noites na Sardenha...

— Ouvi falar bem dessa zona — disse ela.

Eu sorri.

— E os vizinhos?

Ela desatou a rir e enfiou as mãos debaixo dos meus braços.

Nessa noite, nós os quatro lemos juntos na cama grande. A Bella e o William no meio, eu e a Bianca de cada lado.

— Amo-vos tanto — disse eu a meio da leitura.

— Mas, papá, nós sabemos — exclamou a Bella. — Continua a ler.

Eu e a Bianca olhámos um para o outro por cima das cabeças dos nossos filhos.

Era impensável uma vida que não fosse aquela.

No final de setembro, eu e a Bianca passámos um fim de semana num *spa* em Ystad. Na marginal, ela beijou-me como fazia quando éramos jovens, enquanto um grande sol cor de laranja lançava os seus últimos raios no horizonte do mar Báltico.

Foi como regressar a casa, reencontrar o caminho de volta. Mais uma vez, era uma forte atração que guiava as minhas mãos para ela. Nunca me sentia saciado da sua pele, da sua proximidade, das suas palavras nos meus ouvidos.

No domingo, ficávamos enroscados no segundo andar, com champanhe num balde e o sabor dos morangos nas línguas. Uma lareira crepitava a um canto e do lado de fora das janelas panorâmicas o mundo estendia-se, azul e infinito. Era o futuro que nos aguardava.

JACQUELINE  
ANTES DO ACIDENTE

*Outono de 2017*

Após seis semanas em Nämndemansgården, saí precipitadamente, livre como um bezerro recém-nascido. O céu estava azul, a luz brilhava infinitamente, e o ar cheirava a outono.

Um automóvel dos serviços sociais acompanhou-me para ir buscar o Fabian. Cem quilómetros de floresta e um rádio sempre ligado. Não o via desde a terrível manhã em que o tinham ido buscar. Desde então, tivéramos apenas dois telefonemas breves do centro de reabilitação, os seus murmúrios e perguntas sem resposta. O meu maior receio era que ele se tivesse fechado para sempre. O Fabian era um mestre do ressentimento.

Estava parado na estrada de terra batida, à espera. Todos os seus pertences metidos numa mochila e num saco de papel da Ullared. Os ombros caídos, os olhos no chão, até que estacionámos, e eu corri para ele.

— Nunca mais quero voltar para lá — disse ele, com os olhos vidrados.

Só me apetecia abraçá-lo, apertá-lo com força e sussurrar-lhe ao ouvido que ia ficar tudo bem. A distância física era decididamente parte do nosso problema. O facto de eu nunca lhe poder tocar, nunca o poder abraçar como uma mãe deve fazer.

— Promete-me — disse ele. — Promete que nunca mais me mandas para aqui.

Claro que lhe prometi. E desta vez não o iria desiludir.

O Fabian passou os primeiros dias após o regresso a casa fechado no seu quarto. Recusou todas as minhas ofertas, nem sequer queria andar de bicicleta.

Não apareceu ninguém da escola e, quando chamaram os serviços sociais, disse-lhes que íamos mudar de casa.

Eu não podia ficar na rua Combinaguai. O Ola até conseguia gerir, já o fazia há muitos anos, mas ver a Bianca e o Micke todos os dias, não, era impossível.

A vontade de beber desaparecera. Já não sentia qualquer

necessidade de anestesiar a realidade. Até a solidão se tornara suportável, agora que sabia que estava a caminho de algum lugar.

É claro que nunca devia ter comprado aquele carro. Tudo teria sido diferente se tivesse ficado com o outro, mais pequeno, com menos potência. Eu, que sempre estranhei o facto de os pais tentarem comprar o amor dos filhos com presentes. Mas parecia-me a única maneira de tirar o Fabian de casa. Quando nos afastámos do concessionário, pela primeira vez em muito tempo, vi brilhar nos seus olhos uma ideia de futuro.

— Um *BMW 323*. É verdade, mãe? É nosso?

— Sim, é. Teu e meu.

Ele passou a mão pelo tabliê de madeira, admirando-o.

— É mesmo um sonho.

Em silêncio, regressámos a Köpinge, virámos na rotunda do Ica e seguimos a grande estrada ao longo do rio, por entre as manchas das árvores da cor do outono.

— Estás melhor agora? — perguntou o Fabian.

— Muito melhor.

— Deixaste de beber?

Ouvir isto do meu próprio filho. Quanto sofrimento eu lhe causara.

— Juro — disse eu.

Nunca mais.

Parei o *BMW* na rua Combinaguai. Desliguei o motor, mas deixei a música ligada. Inclinei-me para trás e fiquei ali, a respirar, até os vidros embaciarem. Era como estar dentro de um saco amniótico, protegido do mundo exterior.

— Mãe? — disse o Fabian.

— Humm.

— Foi por causa da Bianca que fui parar àquele sítio imundo, não foi? Foi ela que ligou para os serviços sociais?

Deixei o silêncio expandir-se. O que é que eu podia dizer? O Fabian nunca me teria perdoado se soubesse que fora eu a mandá-lo para a comunidade terapêutica.

— Não penses nisso — disse-lhe. — Não terás de voltar para lá. Nunca mais te deixarei — prometi.

A minha vida estava cheia de promessas não cumpridas.

Desta vez, porém, não tencionava desiludi-lo.

Mantive-me isolada. As luzes apagadas, as persianas corridas.

Não queria ver ninguém. Em Köpinge, seria sempre a alcoólica, a mãe degenerada. Ali não havia esperança para alguém como eu.

Das poucas vezes que saí de casa, esperei que escurecesse para não dar de caras com os vizinhos. Eles não iriam compreender.

Com o Micke, obviamente, era diferente. Compreendíamos-nos um

ao outro. Mas eu não o queria ver por uma razão diferente.

Uma noite, da janela, vi-o com o William a jogar hóquei no exterior. Durante as semanas em Nämndemansgården, pensara muito no Micke. Sonhara com ele. Falara sobre ele durante as sessões de terapia. Nessa altura, já tinha aceiteado o facto de que não podia haver nada entre nós.

Entrei em contacto com um agente imobiliário que fez uma avaliação preliminar. Garantiu-me que seria fácil vender a casa.

Os bairros «Astrid Lindgren» de Köpinge tinham muito boa reputação.

Dia após dia, o Fabian puxava o lustro ao *BMW*. Com uma paciência admirável, limpava até ao último componente do capô. E ao anoitecer entrávamos no carro e fazíamos rugir o motor nas intermináveis estradas rurais da planície da Escânia.

— Hoje é sexta-feira treze — disse o Fabian.

Íamos no *BMW*, a caminho do Ica.

— Não acreditas nesse disparate, pois não?

— Li que na sexta-feira treze acontecem mais acidentes.

Realizaram estatísticas.

Pouco depois, percorríamos as prateleiras dos supermercados. O Fabian ia riscando produto a produto da lista enquanto eu tentava esconder-me atrás do carrinho.

Paguei na caixa e à saída o Fabian quase esbarrou no Ola.

— Voltaste? — disse ele, virando-se para mim. — É bom ver-te. — Olhou para mim como se nunca me tivesse visto na vida. — Pareces estar bem.

— Estou bem.

O Ola não tinha qualquer necessidade de saber dos meus planos de deixar Köpinge. Eu e o Fabian iríamos desaparecer sem deixar rasto. Se alguém nos procurasse, encontraria apenas becos sem saída.

— Mãe.

O Fabian beliscou-me na anca.

— Temos de levar o gelado para casa.

— Está bem, está bem — disse o Ola.

Acompanhou-nos até ao parque de estacionamento e esperou enquanto o Fabian devolvia o carrinho.

— Foi o Peter que comprou o carro? — perguntou ele, admirando o *BMW* reluzente.

— O Peter? — perguntei. — Peter quem?

O Ola sorriu.

— Quem haveria de ser?

— O Peter agora faz parte da história.

*Como tu.*

Mas não o disse. O Ola era uma sanguessuga. Enquanto eu estivesse perto dele, tentaria agarrar-se. A única maneira de me livrar dele era desaparecer sem pré-aviso.

— É nosso — disse o Fabian com orgulho, acariciando o capô.

— Já o conduziste? — perguntou o Ola.

O Fabian riu-se.

Dei a volta ao carro para carregar os sacos e, quando destranquei as portas, o Ola sentou-se no lugar do condutor.

— Ainda não o deixaste experimentar, Jackie?

— Nem pensar.

— Vá lá — disse o Ola. — Ele já conduziu um M3.

— Mas não na estrada — retorquiu o Fabian. — Se fores apanhado, criam um cadastro na Direção de Viação e depois não te dão autorização para tirares a carta.

O Ola ligou o motor no botão de arranque. Não era preciso inserir a chave, bastava que esta estivesse por perto.

— O que estás a fazer? — perguntei, colocando-me em frente da porta aberta. — Sai, imediatamente.

Carregou no acelerador algumas vezes e apontou os pedais ao Fabian.

— Olha aqui: acelerador, travão, embraiagem.

O Fabian era como uma criança na noite de Natal.

Fazia parte da nova tática do Ola: cair nas boas graças do meu filho. Quando nos conhecemos, adotara a técnica oposta.

— Estou a falar a sério, Ola. Desanda daqui, já!

Desligou o motor e riu-se.

Quando saiu do carro, parou mesmo à minha frente. Recusei-me a recuar um milímetro sequer até, finalmente, ele desistir.

— Vamos, mãe.

O Fabian parecia irritado.

Ainda há pouco estava tão feliz...

— Anda cá — disse eu.

Mas que diabo. Eram apenas três minutos de carro, com sessenta como limite de velocidade.

— A sério? — disse o Fabian.

— Só desta vez — respondi, enquanto ele se sentava ao volante.

Fosse como fosse, não havia polícias nem radares de trânsito em Köpinge, e em menos de um ano o Fabian já poderia tirar a carta de condução. Afinal, o que poderia acontecer?

## MIKAEL

## DEPOIS DO ACIDENTE

*Terça-feira, 17 de outubro de 2017*

— Cala-te, Fabian. Não digas mais nada!

A Jacqueline ainda está no corredor. Há desespero na sua voz.

— É verdade? — pergunto-lhe.

Ela está extremamente pálida.

— Foi mesmo o Fabian que atropelou a Bianca?

Ela não diz nada, mas o silêncio também pode ser uma resposta.

— Deixaste-o conduzir o carro? És doida?

— Foi um acidente — gagueja o Fabian. — Vi a bicicleta pelo canto do olho e tentei travar. Devo ter carregado no pedal errado.

A Jacqueline vira-se, e eu corro atrás dela para a cozinha.

— Jacqueline? Merda! Porque não me disseste logo o que se passou?

Lentamente, ela encosta-se à bancada.

— Tinha medo de que mo tirassem de novo. Era melhor dizer que era eu quem ia a conduzir.

— A Bianca morreu! — exclamo.

— Não se passa um momento sem que pense nisso — diz a Jacqueline. — Aconteceu tudo tão depressa. Decidimos quando íamos a sair do carro.

As imagens enchem-me a cabeça. A Bianca no asfalto, de olhos fechados. As nossas noites na Sardenha. O seu riso. *Para sempre*. Junto à lareira, em Ystad, com o futuro a abrir-se como um mar diante de nós. O seu corpo em morte cerebral na cama do hospital.

A Jacqueline esmurra a mesa e depois deixa-se cair numa cadeira.

— Pensámos que ela estava apenas ferida — diz, escondendo-se atrás das mãos. — Não que estivesse...

— Mataram-na. Assassinate a Bianca.

Os olhos da Jacqueline arregalam-se.

— Estás doido? Foi um acidente.

Olhamos um para o outro. Já não tenho a certeza de nada.

— Pensavas que a Bianca tinha ligado para os serviços sociais, que a culpa era dela por te terem mandado para o centro de reabilitação e

levado o Fabian para a comunidade.

— Não — protesta Jacqueline.

— Eu nunca magoaria a Bianca de propósito — exclama o Fabian, ofegante, a caminho da cozinha. Tem o pescoço todo vermelho. Quase o estrangulei, ainda tenho as mãos a tremer. — Então agora vão mandar-me de volta para aquele lugar horrível?

É o retrato do desespero. As suas mãos agitam-se espasmodicamente, leva-as ao pescoço, ao queixo.

— Acalma-te, querido — diz a Jacqueline.

Está prestes a dar a volta à mesa, mas bloqueio-a com o braço.

— Pensaste que o Fabian tinha abusado da Bella — digo. — Mas não disseste nada à Bianca ou a mim. Sentaste-te comigo no sofá, nessa noite, a sentir pena de ti própria. Nem uma palavra sobre o que o Fabian tinha feito.

— Mas eu não fiz nada — diz ele.

Eu fixo os olhos na Jacqueline.

— Mas tu achavas que sim.

Ela pestaneja.

— Eu queria contar-te. Foi por isso que te pedi para vires ao jardim. Mas não consegui.

— Juro — exclama o Fabian. — Eu não fiz nada.

A Jacqueline abre os braços.

— Não sabia o que fazer. Só queria proteger o meu bebé. Tudo o que fiz foi pelo Fabian.

Os seus olhos brilham de vulnerabilidade, e, gota a gota, a minha raiva esvai-se. Do corpo saem, como se fossem ar, as emoções, e tudo o que resta é um invólucro vazio.

— Como é que o deixaste conduzir? — pergunto, com um nó na garganta. — Ele só tem quinze anos.

Jacqueline passa os dedos pelo cabelo, que cai sobre os seus ombros finos.

— Nunca me irei perdoar.

— A ideia não foi da minha mãe — interpõe o Fabian. — Foi o Ola que me mostrou como o fazer. A minha mãe não queria, mas o Ola insistiu. — As mãos dele contorcem-se, num vórtice. — Desculpa, desculpa — repete ele. — Não quero voltar para aquele lugar. Prefiro morrer!

Começa a bater com os punhos nas ancas e a hiperventilar.

— Fabian, pára com isso!

A Jacqueline tenta bloquear-lhe as mãos.

— Não quero, mãe! Não quero!

— Fabian, por favor.

A Jacqueline segura-lhe os braços até o corpo relaxar e, lentamente, ele descontraí um músculo após outro. Ela solta-o. Ficam

assim, transpirados e em choque, como a seguir a um combate de luta livre.

Uma fenda forma-se por baixo de mim. Uma saliência abre-se, e eu precipito-me para a abertura de uma cratera.

Nem sempre se pode culpar alguém.

A vida desagrega-se, as pessoas desaparecem. Tudo muda, e ninguém sabe porquê.

Continuo a cair.



## FABIAN

## DEPOIS DO ACIDENTE

*Inverno de 2017*

O agente imobiliário conduz um *Porsche 911 Carrera*. Irrita-me a forma como olha para mim. É um daqueles tipos que gostam demasiado de si próprios. Parece um cantor rasca e caminha como um futebolista.

Puxo o capuz e escondo-me enquanto ele crava uma placa laranja a dizer «Vende-se» no canteiro. Sempre de olho em mim.

Atravessa a praceta enquanto assobia.

— Olá, miúdo — diz.

Vem direito a mim, mas eu não respondo, não olho para ele.

— Vives aí, não vives? No 15?

— Humm — digo.

Está muito bronzado. É horrível.

— Combinámos a visita à propriedade no domingo. Agradecia que ficassem em casa — diz ele. — Algumas pessoas são sensíveis em relação aos vizinhos.

O sorriso parece estar colado ao rosto. Apesar de olhar para mim como se quisesse que eu desaparecesse para sempre, não consegue deixar de esboçar um sorriso. Tiro a mão do bolso e toco na chave de fendas. Não sei exatamente quanto custa pintar um *Porsche*, mas o idiota do agente imobiliário vai ter de gastar pelo menos tanto quanto o Ola gastou no *Mercedes*.

— Bom dia — despede-se o agente.

Enquanto caminha para o carro, levanta uma mão e acena na direção do número 14, de onde, atrás da janela, meio escondido por um grande vaso de plantas, o Ola retribui o cumprimento.

Durante algum tempo, pensar que os ladrões não o tinham magoado deixou-me zangado. Ele merecia. Mas no final correu tudo bem. Agora o Ola vai mudar de casa, e tenho a certeza de que não nos irá incomodar mais. Devia ter confiado nas minhas capacidades desde o início.

Não vale a pena acreditar em Deus e no *karma*. Se queres que algo aconteça, tens de ser tu a tratar disso.

Como com a história do *Hugin* e do *Munin*.

Depois do incidente com os gatos, não demorou muito até o Ola decidir ir-se embora daqui.

O agente imobiliário sacode um grão invisível de pó do ombro e entra no *Porsche*. No canteiro, ao lado da placa a dizer «Vende-se», está uma pequena cruz de madeira com duas placas douradas gravadas. Por baixo, o *Hugin* e o *Munin* repousam para sempre.

Noventa e nove dias. A minha mãe está sóbria há noventa e nove dias. Prometeu nunca mais beber, mas não acredito muito nisso. As pessoas prometem muitas coisas que não cumprem. É assim que se faz, é assim que se sobrevive. A prometer e a mentir.

A minha mãe mente muitas vezes, mas não o faz muito bem. Mentiu quando disse que foi a Bianca que ligou para os serviços sociais. Mas eu sei que foi ela. Não sou parvo. Mas acho que a posso perdoar. Mais cedo ou mais tarde, vou conseguir perdoar a minha mãe por me ter mandado para aquela prisão horrível.

Daqui a sete meses e duas semanas, vou poder começar a tirar a carta. Mas já esqueci a Califórnia. O que iria para lá fazer? Os Estados Unidos são um país de merda, com muita violência, armas, pobreza e porcarias. E o meu suposto pai é a porcaria de um falhado.

Mais importante: o *BMW* está ótimo. O seguro cobriu a maior parte das despesas e a oficina devolveu-nos o carro. Estou no acesso à garagem a lavá-lo, segurando a esponja, que faz espuma e pinga água nas minhas calças.

Diante da janela da cozinha, de pé em cima de um banco de madeira, está a minha mãe. Borrifa as janelas com o produto de limpeza e faz barulho enquanto lava os vidros. Enquanto a sujidade escorre, ela cantarola uma canção que reconheço. Há muito tempo que não a ouvia cantar.

De início, quando sai do portão, o Micke não me liga. Fica a observar a minha mãe, de braços esticados a lavar a janela com movimentos amplos. O seu olhar é inconfundível.

— Olá! — digo, acenando com a esponja e esguichando água por todo o lado.

Surpreendido, o Micke levanta-se e retribui a saudação. Depois desaparece dentro da garagem.

Tenho de ser paciente. Só se passaram alguns meses desde que a Bianca morreu. Tenho apenas de lhe dar um pouco mais de tempo, e depois tudo ficará bem.

Pelo menos irão continuar na rua Combinaguai. E nós também. Fiz a minha mãe mudar de ideias, e ela já comunicou ao agente imobiliário que preferíamos esperar.

Na primavera, o Micke deve regressar à escola. O diretor disse que

me tenho comportado estranhamente bem nas últimas semanas, e isso deixa-me um pouco nervoso. Não me posso tornar demasiado bom, senão tiram-me o meu mentor.

Aqueles que acreditam no destino e em tretas do género provavelmente diriam que foi isso que fez com que o Micke se mudasse para a antiga casa do Bengt, na rua Combinaguai.

O Micke é porreiro. Gosto dele.

Mas não é por isso que confio nele. Não confio em ninguém. Mas acho que o Micke é o melhor para nós. Para mim e para a minha mãe.

\*

Vejo um futuro brilhante. Tenho um sonho, algo a que me agarrar, e desta vez não o vou largar facilmente.

Durante muito tempo pensei que o Bengt seria a minha âncora. Ele era diferente. Tratava-me como se eu fosse igual a toda a gente, uma pessoa.

Mas o Bengt também me subestimava. Não compreendia que eu reparava em coisas que os outros não viam. Vi-os muitas vezes quando eles pensavam que estavam sozinhos. A minha mãe e o Bengt, a beijarem-se, a abraçarem-se e a tocarem-se.

Sentia uma canção ressoar por todo o corpo. A minha mãe e o Bengt. Talvez eu pudesse finalmente ter uma família *a sério*, um pai.

Mas quando disse ao Bengt que sabia tudo, que os tinha visto juntos, ele tornou-se uma sombra, uma concha vazia. Deu uma gargalhada maléfica quando lhe perguntei se eu e a minha mãe podíamos ir viver com ele.

*Querido. Que imaginação a tua.*

Mas o que me andava a passar pela cabeça? Estava a imaginar coisas. Ele não gostava da minha mãe *dessa maneira*.

O Bengt magoou a minha mãe. Despedaçou-lhe o coração sem mais nem menos.

E depois aconteceu aquela coisa com a Alice. Estávamos sentados na piscina, e eu perguntei-lhe se podia ver a passarinha dela. Estava curioso, só isso. Ela disse que podia, e não me pareceu que a estivesse a magoar. Só quando o Bengt desatou a gritar é que ela ficou assustada.

Depois desse dia, tudo mudou. O Bengt também. Ele nunca disse nada, mas percebia-se.

Mas não deixa de ser uma coincidência que as coisas tenham acontecido como aconteceram.

Era um daqueles belos dias de verão suecos. O céu estava azul-claro e os pássaros cantavam na sebe de tuia.

O Bengt encostara uma escada à parede da casa e estava lá em

cima, perto dos algerozes, a segurar a tinta e o pincel. Quando me viu, sorriu. Eu fiz-me de parvo. Bastou um empurrão na escada, rápido e firme.

Depois de acabar de lavar o carro, mudei de roupa e passei pela minha mãe, que se encontrava na cozinha. Agora mal se senta à mesa. As persianas estão abertas e a casa cheira a fresco.

Tem uma embalagem de *spray* numa mão e um pano na outra. Um sorriso chega-lhe aos olhos.

— Aonde vais? — pergunta.

— Andar de bicicleta.

Meto pela estrada que passa pelo Ica e pelo recreio da escola, desço pela passagem subterrânea e saio do outro lado. Há uma camada de neve no jardim público, e as copas das árvores nuas brilham como diamantes.

Ouço risos e gritos vindos do parque infantil.

Na rampa da tirolesa, vejo o William, pronto a saltar.

Ao lado dele, no baloiço, está a Bella, a abanar as pernas.

Largo a bicicleta e vou cumprimentá-los.

A Bella esboça-me um grande sorriso. Há muito tempo que não nos víamos.

— Podes dar-me um empurrão? — pergunta ela.

— Claro.

Olho de relance para a tirolesa. O William acabou de se lançar. Depois começo a empurrar o baloiço com toda a força, projetando a Bella diretamente para o céu cinzento.

— Até ao espaço! — grita ela.

O William senta-se então no baloiço ao nosso lado, de cabeça baixa.

Dá pontapés na areia, mas não diz nada.

Eu sei porque é que ele mijou em cima de mim. Não é por isso. Eu teria feito o mesmo. Às vezes temos de escolher: ou nós ou outra pessoa. E escolhemos sempre nós próprios. Todas as pessoas normais o fazem.

— Queres que te empurre também? — pergunto-lhe.

O William olha para mim, hesitante, por baixo do gorro de lã. Sorrio. Só um principiante atacaria à primeira oportunidade. É tudo uma questão de incutir confiança na presa. Só quando ela menos espera lhe enfiámos uma faca nas costas e rodamos a lâmina na ferida.

— Apanha-me, Fabian! — grita a Bella, afastando as mãos.

Dobro um pouco os joelhos e abro os braços. Quando a Bella salta, apanho-a em voo. Gosto de estar perto dela.

— Gostava que fosses o meu irmão mais velho — diz ela.

Dou-lhe a mão enquanto caminhamos em direção à tirolesa.

— Talvez possa ser.

— Siiim!

A cara da Bella está cheia de estrelinhas.

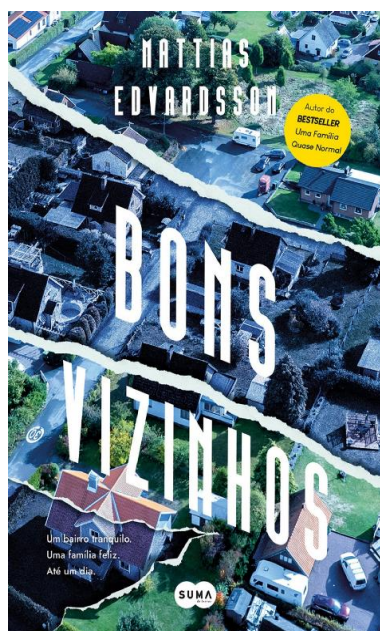
É tão parecida com a mãe.

Mas eu lembro-me da Bianca de outra forma. O terror nos seus olhos, a consciência, como se tivesse compreendido. Só trocámos olhares por uma fração de segundo, mas foi o suficiente. Ela sabia. Ela compreendeu. Uma fração de segundo, e carreguei no acelerador.

## AGRADECIMENTOS

Um enorme obrigado à Astri, à Matilda e a toda a Agência Ahlander. Obrigado à Teresa, ao John, à Lisa e a todos os colaboradores da Ester Bonnier. Sem vocês, não haveria livro. Obrigado também a Emma Lindström, Birgitta Ekstrand, Monika Wiesler e a todos os que contribuíram com a sua preciosa ajuda.

## SOBRE ESTE LIVRO



DEPOIS DO *BESTSELLER UMA FAMÍLIA QUASE NORMAL*, MATTIAS EDVARDSSON REGRESSA PARA DISSECAR A SOCIEDADE SUECA E OS FRACASSOS DE UMA PEQUENA COMUNIDADE COM UM SENTIDO DE SUSPENSE INIGUALÁVEL

O pequeno e pacato bairro residencial no sul da Suécia para onde Micke, Bianca e os seus dois filhos se mudam parece perfeito para um recomeço de vida. Mas essa percepção altera-se e uma sensação de insegurança vai-se instalando à medida que começam a conviver com os seus novos vizinhos: Jacqueline, uma ex-modelo que se debate para estabilizar a sua vida; Fabian, o seu filho, um jovem de quinze anos com um comportamento inquietante; Ola, um funcionário de um banco com um passado violento; Åke e Gun-Britt, um casal de reformados que tenta controlar todos os passos dos seus vizinhos. Em pouco tempo, Micke e Bianca descobrem que o seu bairro não é tão

idílico como esperavam.

Quando Bianca é atropelada à porta de casa, tudo aponta para que se tratou de um trágico acidente. Mas, à medida que ela luta pela vida numa cama de hospital, a tensão e o ressentimento começam a vir ao de cima, fazendo estalar o verniz reluzente daquele bairro imaculado, revelando o seu lado mais secreto, sombrio e violento, e mostrando que a linha que separa o certo do errado por vezes é demasiado ténue.



## SOBRE MATTIAS EDVARDSSON

Mattias Edvardsson é escritor e professor na Suécia.

O seu *thriller* psicológico *Uma Família Quase Normal* (Suma de Letras, 2020) foi publicado em mais de trinta línguas e é um grande sucesso de vendas e da crítica em todos os países onde foi publicado, tendo inspirado a série da Netflix com o mesmo nome. Esta obra consagrou Mattias Edvardsson como um dos principais escritores de *thrillers* nórdicos.

*Bons Vizinhos*, o segundo livro do autor publicado pela Suma de Letras, amplamente aclamado pela crítica e pelo público internacionais, está também a ser um sucesso.

Mattias Edvardsson vive com a família em Löddeköpinge, no sul da Suécia.

SAIBA MAIS SOBRE O AUTOR:

Instagram: [mattiasedvardssonforf](#)

Twitter: [Mattiasedvard](#)